

GASTON LEROUX

# O FANTASMA DA ÓPERA

EDIÇÃO COMENTADA



CLÁSSICOS  ZAHAR

Gaston Leroux

# O FANTASMA DA ÓPERA

edição comentada

Apresentação:  
Rodrigo Casarin

Tradução e notas:  
André Telles



## SUMÁRIO

Apresentação: Registros do subterrâneo, por Rodrigo Casarin

Prólogo: Em que o autor desta obra singular revela ao leitor como se convenceu de que o Fantasma da Ópera existiu de verdade

1. Será um fantasma?
2. A nova Margarida
3. Quando, pela primeira vez e sigilosamente, os srs. Debiegne e Poligny revelam aos novos diretores da Ópera, os srs. Armand Moncharmin e Firmin Richard, a verdadeira e misteriosa razão de sua saída da Academia Nacional de Música
4. O camarote nº5
5. O camarote nº5 (*Continuação*)
6. O violino encantado
7. Uma visita ao camarote nº5
8. No qual os srs. Firmin Richard e Armand Moncharmin têm a audácia de apresentar *Fausto* numa sala “amaldiçoada”, e o terrível episódio daí resultante
9. O misterioso cupê
10. No baile de máscaras
11. É preciso esquecer o nome da “voz de homem”
12. Acima dos alçapões
13. A lira de Apolo
14. Um golpe de mestre do mago dos alçapões
15. Singular atitude de um alfinete de fralda
16. “Christine! Christine!”
17. Espantosas revelações de Mame Giry, concernentes às suas

relações pessoais com o Fantasma da Ópera

18. Singular atitude de um alfinete de fralda (*Continuação*)

19. O comissário de polícia, o visconde e o Persa

20. O visconde e o Persa

21. Nos porões da Ópera

22. Interessantes e instrutivas tribulações de um persa nos porões da Ópera

23. No quarto dos suplícios

24. Começam os suplícios

25. “Barris! Barris! Alguém tem barris para vender?”

26. O que girar: o escorpião ou o gafanhoto?

27. O fim dos amores do Fantasma

Epílogo

Cronologia: Vida e obra de Gaston Leroux



# Apresentação

## REGISTROS DO SUBTERRÂNEO

SE TODA BOA HISTÓRIA conta, na verdade, ao menos duas histórias, a máxima também vale para os cantos fascinantes da Terra. As cidades mais interessantes do mundo são aquelas que carregam consigo não apenas uma, mas diversas boas histórias pelas suas ruas, monumentos e cantos obscuros. É o que acontece com Paris.

Começando pela deslumbrante Paris dos cartões-postais. A torre Eiffel é um ponto de partida óbvio para depois seguirmos pela orla do Sena, passarmos pela linda (ou cafona, a depender do seu gosto) ponte Alexandre III e chegarmos ao Museu d'Orsay, onde estão obras de artistas como Van Gogh, Cézanne, Degas, Delacroix, Gauguin, Matisse e Manet – mas, acredite, o prédio por si só, antigamente uma estação ferroviária, já vale a visita.

A Shakespeare and Company é parada obrigatória para quem ama livros. A Île de la Cité, para conhecer a famosa catedral de Notre-Dame, que serviu de cenário para a história do corcunda. Já do outro lado do rio, o Louvre e o belo jardim das Tulherias. Um metrô – e uma boa disposição para subir escadas e vielas inclinadas – leva até o bairro de Montmartre, onde está a basílica de Sacré-Coeur, outro ponto que costuma arrancar suspiros de turistas. Morro abaixo, uma passada rápida no Moulin Rouge, o cabaré mais famoso do mundo, e a esticada final até a Ópera Nacional de Paris, sediada no imponente palácio Garnier.

Antes de ir para o atual endereço, a Ópera de Paris ficava na rua le Peletier, a cerca de dez quadras no sentido nordeste. Em 14 de janeiro de 1858, um crime forçou a mudança. Napoleão III chegava à Ópera em sua carruagem quando foi atacado por anarquistas italianos. O imperador escapou com vida, mas as bombas detonadas mataram oito e feriram quase quinhentas pessoas. No dia seguinte, Napoleão decidiu que a Ópera deveria ser abrigada num lugar mas seguro.

Esse lugar só ficaria pronto quase dezessete anos depois do

atentado. O palácio Garnier – que leva o nome do arquiteto que o projetou, impressionando a todos ao propor uma construção para mais de dois mil espectadores – foi inaugurado no dia 5 de janeiro de 1875. Não bastasse ser uma das casas de espetáculo mais importantes do mundo, o palácio também foi transformado no cenário daquela que é provavelmente a mais emblemática história sobre a própria arte teatral e musical: *O Fantasma da Ópera*, do francês Gaston Leroux.

GASTON LOUIS ALFRED LEROUX nasceu no dia 6 de maio de 1868, em Paris. Filho de Dominique Alfred Leroux, empreiteiro que atuava no ramo de obras públicas, e Marie Bidault, filha de um oficial de justiça, foi o primeiro dos três rebentos do casal. Passou boa parte da infância em Sena Marítimo, departamento francês da região da Alta Normandia, mas foi em Caen, outra cidade da região, que se formou bacharel em Artes, em 1886, ano em que retornou a Paris, matriculou-se na faculdade de Direito e passou a escrever para jornais da capital.

Apesar de se tornar advogado em janeiro de 1890, Leroux dedicou poucos anos à profissão. Preferiu aliar o conhecimento do mundo jurídico com a sua verve jornalística, transformando-se em um dos principais colaboradores de jornais franceses para a cobertura de grandes crimes. Dessa forma, assinou reportagens sobre atentados diversos, como um ataque com bomba à Câmara dos Deputados e o assassinato do então presidente Sadi Carnot, em Lyon, em 1894. Escrevendo para o *Le Matin*, um dos maiores veículos franceses da época, seu prestígio cresceu a ponto de ser um dos jornalistas que acompanharam Felix Faure, o novo presidente, em viagem feita à Rússia em agosto de 1897, pouco depois de Leroux completar 29 anos.

Como repórter, impressionou leitores com a reconstrução de cenas de guerra, fincou sua posição contra a pena de morte após presenciar a decapitação de diversos criminosos, cujos julgamentos acompanhou, e foi nomeado cavaleiro da Legião de Honra por conta dos serviços prestados a jornais como o *Lutèce*, o *Paris* e o *L'Echo de Paris*, além do *Le Matin*. Ainda escreveu relatos de viagens a países como Itália, Rússia (viveu em São Petersburgo enquanto cobria o processo que levou à queda dos czares), Marrocos e Suíça.

Apesar do sucesso como jornalista, é graças ao trabalho como

artista que o nome de Gaston Leroux se mantém vivo. Em 1903, começou a publicar no *Le Matin* o *Le chercheur de trésors (La Double Vie de Téophraste Longuet)*, primeiro dos quinze romances seriados que escreveu para o periódico. Em 1907, terminou sua primeira peça de teatro, *La maison des juges*, e iniciou a publicação de *O mistério do quarto amarelo*, outro romance seriado, o primeiro a fazer grande sucesso, que viraria livro já no ano seguinte (pela editora Pierre Lafitte, casa de outros 25 títulos de Gaston) e no qual apresenta Joseph Rouletabille, jornalista e investigador, um de seus personagens mais famosos.

Gaston Leroux lançou dezenas de livros – inclusive um pela Gallimard, editora das mais reverenciadas em todo o mundo –, viu sua obra começar a ser adaptada para o cinema (a primeira adaptação foi assinada pelo diretor Victorin Jasset, que transformou em filme o livro *Balao*), escreveu roteiros e emplacou ao menos uma peça de grande sucesso: *L’Homme qui a vu le diable*, que estreou em 1911. Influenciado por nomes como Edgar Allan Poe e Arthur Conan Doyle, defendia firmemente a literatura policial, enquanto via sua obra ser comparada a clássicos como *20 mil léguas submarinas*, de Jules Verne, por conta do apuro técnico apresentado em seus enredos. Parece não haver espaço para magia ou milagres na literatura de Leroux, traço também presente em *O Fantasma da Ópera*, seu maior trabalho.

Leroux casou-se duas vezes: com Marie Lefranc, em 1899, e com Jeanne Cayatte, a quem conheceu e com quem começou a se relacionar em 1902, durante sua temporada suíça como repórter. Gaston e Jeanne viveriam em concubinato durante quinze anos – dado que Marie recusava-se a assinar a papelada do divórcio de um amor que durou tão pouco – e só conseguiriam oficializar sua união em 1917, quando já tinham dois filhos. Gaston Leroux morreu em Nice, onde vivia desde 1909, no dia 15 de abril de 1927.

*O Fantasma da Ópera* foi publicado primeiramente de forma seriada, no jornal *Le Gaulois*, entre setembro de 1909 e janeiro de 1910, e neste mesmo ano reunido em livro pela Lafitte. O romance apresenta um triângulo amoroso que envolve Christine Daaé e Raoul, dois amigos de infância distanciados pelo tempo, e Erik. Christine é uma



órfã que cresceu acolhida por funcionários da Ópera de Paris, onde aprendeu a cantar magnificamente, graças à ajuda de uma voz misteriosa, talvez um anjo, que sussurrava segredos e belas melodias em seu ouvido. Raoul, agraciado com o título de visconde de Chagny, fez carreira na Marinha e encontra-se num período de licença em Paris, e uma noite ouve Christine cantar, o que reaviva o amor que sentia pela moça na infância.

Erik, de sua parte, é um apaixonado por música que, devido a um segredo, vive nos bastidores da Ópera de Paris, conhecendo cada corredor, cada porta, cada passagem e cada um dos muitos mistérios que se escondem atrás ou abaixo do palco onde as apresentações acontecem. Enigmático, poucos sabem de sua existência e, quando o mencionam, normalmente são desacreditados. Os rumores aumentam quando Erik escreve uma carta ameaçadora, com algumas reivindicações para a nova diretoria: assegurar que o camarote nº5 seja destinado ao Fantasma da Ópera (que assina a carta) e receber um pagamento mensal, através de terceiros. Haveria um espírito afeito a coações escondido na principal casa de ópera de Paris?

A mensagem exige ainda que na apresentação de *Fausto*, marcada para dali a alguns dias, Margarida, a musa de Fausto, seja interpretada por Christine Daaé, e não pela principal soprano do elenco, a Carlotta. Erik quer apreciar a bela voz que tanto admira e aquilo que, justamente, fizera com que ele se apaixonasse por ela: o canto de Christine era tão belo quanto sua alma, o que não poderia ser dito da titular.

Sem que os gestores dessem bola para as ameaças, é a Carlotta quem sobe ao palco para protagonizar *Fausto*. Grande erro. Sua apresentação é um inaudito e fantástico fiasco, e a noite culmina em tragédia fatal quando o imenso lustre do teatro desaba sobre uma plateia lotada com as pessoas mais importantes de Paris.

No livro, o narrador de Leroux se mostra preocupado em, tal qual um jornalista, contar a história de forma objetiva, apostando até em esmiuçar pormenores em notas próprias de rodapé (recurso literário que, por volta de um século mais tarde, seria recuperado e radicalizado por autores como David Foster Wallace). A ideia é fazer com que o leitor acredite que tudo o que está no papel realmente aconteceu – e há certo êxito nesse sentido, afinal até hoje circulam

lendas sobre fantasmas que habitariam o Garnier. “O Fantasma da Ópera existiu”, crava o narrador na primeiríssima linha do romance.

Ajudam a dar uma tessitura mais complexa à história as diversas conexões que existem entre o texto e episódios factuais, o que transforma numa característica bastante interessante o desafio de saber onde terminam dados concretos e começa a ficção. No prólogo, por exemplo, o narrador menciona que um corpo tinha sido achado no subterrâneo da ópera enquanto discos com gravações de grandes cantores estavam sendo ali enterrados. O corpo nunca existiu, mas os áudios, sim: foram lacrados e “guardados” em 1907 para serem reabertos em 2007, dando origem ao álbum *Les Urnes de l’Opera*.

A cena do lustre caindo e matando uma pessoa durante a apresentação também é fato, infelizmente. Em 1896, 21 anos depois de o Garnier ter sido inaugurado, o imenso candelabro principal se desprende e levou à tragédia. O problema estrutural ocorreu no contrapeso; há quem desconfie de uma criminoso sabotagem. Na ficção, Erik, o Fantasma, aproveita o momento de caos provocado pela queda do lustre para raptar Christine e impedir que ela viva um amor com Raoul. É aí que chegamos a outra Paris, uma bem diferente daquela dos cartões-postais.

HÁ UMA PARIS SUBTERRÂNEA que passa longe da atenção de muitos que visitam a capital francesa – muitos que olham apenas para cima, para o topo da torre, para o alto da Sacré-Coeur, dificilmente se interessariam por vasculhar o que está abaixo de seus pés. O passeio por essas catacumbas, muitas vezes feito de maneira clandestina, atrai outros tantos visitantes, curiosos por entender a Cidade Luz por meio dos vestígios ocultos de seu passado. Sob as ruas parisienses há centenas de quilômetros de túneis construídos por mineradores que exploravam pedreiras da região, ossuários improvisados após a superlotação de cemitérios no século XVIII e galerias que ocasionalmente recebem até exposições artísticas.

Essa Paris oculta é uma das chaves para entendermos *O Fantasma da Ópera*. É nas catacumbas que a parte mais dramática do romance se desenrola. Graças ao conhecimento dos caminhos obscuros que lhe servem de moradia, Erik consegue desenvolver soluções cerebrais,

passagens entre espaços que, numa primeira análise, parecem dispositivos mágicos – sim, aqui está aquela engenhosidade que é uma das marcas de Leroux. E de onde vem todo esse domínio do terreno? Não bastasse a Ópera ter se tornado a casa de Erik, que se isola da sociedade por conta de seus mistérios, descobrimos também que ele foi um dos primeiros mestres de obra a trabalhar na construção do palácio Garnier e que, misteriosa e solitariamente, seguiu com as atividades quando as obras foram interrompidas, por ocasião de três episódios históricos que estão correlacionados, nos anos de 1870-71: a guerra franco-prussiana, o cerco à cidade e a Comuna de Paris.

As marcas da Comuna são exploradas por Leroux. Se visto da rua, o Garnier é um exuberante palácio onde as mais belas óperas são interpretadas, mas sob toda a sua imponência, ao menos segundo o romance, o que temos é a memória de uma das maiores carnificinas da Europa. Ali estão corredores secretos, abertos para permitir que carcereiros conduzissem prisioneiros a masmorras, e os ossos dos “desafortunados que, na época da Comuna, foram massacrados nos porões da Ópera”.

A Comuna de Paris foi uma insurreição que tentou implementar em parte da cidade um sistema comunitário de autogestão, numa época em que a França estava severamente abalada após a esmagadora derrota na guerra franco-prussiana. Era “um governo autônomo e progressista que trouxe liberdade para os parisienses, entre os quais muitos acreditavam ser ‘donos de suas próprias vidas’ pela primeira vez. Famílias de bairros proletários passeavam pelos *beaux quartiers* da capital, imaginando uma sociedade mais justa”, escreve o historiador John Merriman.<sup>1</sup>

O movimento durou apenas dois meses e terminou com um gigantesco massacre. Quando as forças do governo conseguiram se reorganizar e avançaram contra os *communards* – como eram chamados os membros da Comuna –, deixaram oficialmente 17 mil mortos, mas estimativas indicam que esse número pode ter chegado a 35 mil; além disso, outras dezenas de milhares de cidadãos precisaram se exilar, foram presos ou deportados para a Nova Caledônia.

Um dos últimos polos de resistência da Comuna foi o bairro de Montmartre, onde a matança provou-se mais intensa. Alguns anos depois do massacre, a Igreja Católica, aliada do governo, numa

espécie de revanche ou provocação aos rebeldes, ergueu no local a basílica do Sacré-Coeur, um dos mais belos lugares da cidade, esteticamente falando, porém uma das mais gritantes contradições entre a Paris dos cartões-postais e a Paris subterrânea.

O que nos leva de volta às catacumbas onde vive Erik.

Não são os túneis, salas e saguões que existem sob o Garnier que mais chamam atenção no subterrâneo do lugar. O que impressiona mesmo é a existência de um lago debaixo do imenso teatro. “Eu tinha certeza de que tudo aquilo existia, a visão daquele lago e daquela barca subterrâneos não tinha nada de sobrenatural. Mas pense nas condições excepcionais em que alcancei aquela margem. Mais medo não sentiam as almas dos mortos ao chegarem ao Estige. Caronte certamente não era mais lúgubre nem mais mudo do que a forma de homem que me transportou na barca”, surpreende-se Christine, ao começar a despertar nos subterrâneos, avistando o lago e lembrando o rio que dá acesso ao inferno, na mitologia grega, e do barqueiro que conduzia as almas até ele.

No romance, há quem diga conhecer o lago, apesar de não saber exatamente onde fica. Surpreendentemente, esse lago é um dos elementos presentes em *O Fantasma da Ópera* que encontram lastro na realidade. Em 1861, enquanto operários trabalhavam na fundação do prédio, notaram que numa parte do terreno pantanoso havia um fluxo de água que parecia nunca cessar. A solução, então, foi criar um grande tanque de pedra para contornar o problema. Uma visita de Leroux aos subterrâneos do Garnier e a surpresa que teve ao encontrar o lago, bem como seu espanto diante da complexidade dos túneis, pode ter sido um dos fatores que o levaram a escrever o romance.

Parte dessas informações também aparecem nas notas de rodapé desta edição da obra. Aliás, sugiro fortemente ao leitor que não ignore essas notas. Muitas proporcionam uma verdadeira aula sobre a cultura e a arte parisiense – só nesse trecho, por exemplo, são doze os ganchos para pequenas aulas sobre a história da música clássica: “Gounod regeira *A marcha fúnebre para uma marionete*; Reyer, sua bela abertura de *Sigurd*; Saint-Saëns, a *Dança macabra* e um *Devaneio oriental*; Massenet, uma *Marcha húngara* inédita; Guiraud, seu *Carnaval*; Delibes, *A valsa lenta de Sylvia* e os *pizzicati* de *Coppelia*; as srtas. Krauss e Denise Bloch haviam cantado: a primeira, o bolero das

*Véspers sicilianas*; a segunda o *brindisi* de *Lucrécia Bórgia*” –, além de, como já vimos, o autor desdobrar o próprio texto em algumas delas. Por meio de seu narrador, Leroux nos dá também algumas lições sobre o que é ser um morador de Paris: “Nunca será parisiense aquele que não aprender a pespegar uma máscara de alegria sobre seus desgostos e o véu da tristeza, do tédio ou da indiferença sobre sua alegria íntima. Ao saber que um de seus amigos está em dificuldade, não tente consolá-lo; ele lhe dirá que já está consolado; mas se lhe aconteceu alguma coisa boa, evite felicitá-lo: ele julga sua boa sorte tão natural que se espantará que comentem isso com ele. Em Paris, estamos sempre num baile de máscaras, e nunca seria no foyer do balé que personagens tão ‘esclarecidos’ como os srs. Debienné e Poligny cometeriam a gafe de mostrar sua aflição, que era real”, escreve em uma dada passagem, evidenciando o certo ar *blasé* que muitas vezes parece pairar sobre a capital francesa.

Em outro momento, soa a corneta para criticar uma certa permissividade da França, colocando no texto uma questão que permanece causando discussões entre os locais até hoje, e que se manifesta na obra de importantes escritores contemporâneos, como Michel Houellebecq: a relação com os estrangeiros que passam por Paris ou a escolhem como cidade para viver. “O Persa”, personagem responsável por levar o romance a uma interessante incursão pelo mundo árabe, “como Raoul, estava naturalmente de fraque. Só que, enquanto Raoul usava uma cartola, o Persa tinha na cabeça um barrete de astracã, já mencionado por mim. Aquilo era uma excrescência no código de elegância que regia as coxias, onde é exigida a cartola, mas ninguém ignora que na França permite-se tudo aos estrangeiros: o boné de viagem aos ingleses, o barrete de astracã aos persas”.

Ainda sobre o texto, surpreendem as generosas doses de humor que Leroux emprega ao longo da narrativa. Antes que a tragédia se consuma, o episódio do fiasco da principal soprano na noite do *Fausto* tem seus momentos de graça, com a Carlotta desafinando e *coaxando*. Mas as melhores risadas brotam, principalmente, durante alguns diálogos, como este:

– Senhorita! — declarei. — Foi o próprio monstro que a amarrou... É ele que irá desamarrá-la... Tem apenas de representar a cena necessária para isso...! Não

esqueça que ele a ama!

– Oh! – ouvimos. – Como eu poderia esquecê-lo?

Uma ironia inesperada, sobretudo no momento dramático em que esse diálogo acontece.

Ainda com resquícios do Romantismo, as relações amorosas de *O Fantasma da Ópera* são um tanto idealizadas. Raoul vislumbra em Christine a amada praticamente intocável, enquanto Erik projeta na cantora um amálgama do belo – uma junção de beleza física, beleza artística e beleza da alma, no caso. Christine ama mesmo Raoul, num flerte que proporciona frases como “beijou o pobre Raoul como uma irmã” e declarações como “Oh, Raoul, como seremos felizes...! Vamos brincar de futuro maridinho e futura mulherzinha...!”. No entanto, também tem uma parte de seu coração dedicada a Erik, com quem constrói um relacionamento que hoje não teríamos problemas em chamar de abusivo, marcado pela chantagem, pela violência emocional e até por um sequestro, vale lembrar.

Se Christine não se entrega logo a Raoul é porque “o gênio da música a proíbe de se casar”. Em uma relação que nasce nas catacumbas da Ópera e com direitas a imposições como “Christine, você tem que me amar!”, ao que a cantora responde “Como pode dizer isso? A mim, que canto unicamente para você!”, chega uma hora em que a própria personagem se sente fatigada. No entanto, também sente medo de que, ao desagradar o Fantasma, coisas horríveis aconteçam: “Se eu não for, será ele que virá me buscar com sua voz. Ele me arrastará para sua morada, debaixo da terra, e se porá de joelhos diante de mim, com sua caveira! E dirá que me ama! E cairá em prantos! Ah, essas lágrimas, Raoul! Essas lágrimas nos dois buracos da caveira. Não posso mais ver essas lágrimas correrem!”, desabafa Christine.

Erik não tem essa personalidade por mero acaso. Se a sua famosa máscara “evocava a máscara natural do Mouro de Veneza”, ou seja, Otelo, o ciumento e vingativo personagem de Shakespeare, o que está por trás dela o motiva em seus atos. A aparência grotesca de Erik fez com que fosse rejeitado por todos e procurasse por um abrigo distante da sociedade. O isolamento acabou por levar também sua alma em direção às trevas, sendo que a única luz que permaneceu acesa para guiá-lo em algum caminho belo era o da música – a música que saía

de suas cordas vocais, a música que encantava multidões no Garnier –, além do vinho, pois a adega com *crus* franceses evidencia seu bom gosto para a bebida. Ao se aproximar de Christine, busca de forma bruta alcançar aquela que, como já foi dito, incorpora tudo o que ele poderia vislumbrar de belo. Além disso, é uma tentativa de manter perto de si alguém que, enfim, dera-lhe atenção e o tratara como gente.

“Pobre e infeliz Erik? Devemos lastimá-lo? Amaldiçoá-lo? Ele só pedia para ser alguém como todo mundo! Mas era demasiado feio! E foi obrigado a esconder seu gênio ou usá-lo para executar truques, ao passo que, com um rosto comum, teria sido um dos mais nobres da raça humana! Possuía um coração no qual cabia o império do mundo e no fim viu-se obrigado a se contentar com um porão. Com efeito, é digno de pena o Fantasma da Ópera!” A série de questionamentos ecoa na voz da própria Christine já no final da saga: “Pobre Erik! Pobre Erik!”

AO FINAL DA SAGA escrita por Leroux, digo. *O Fantasma da Ópera* foi muito além do livro lançado pelo francês no começo do século XX. Apesar de a história seriada ter sido recebida com alguma empolgação pelo público, foram suas adaptações que garantiram a fama da obra e asseguraram que a trama se mantivesse vivíssima. A primeira versão no cinema chegou em 1925, numa produção norte-americana dirigida por Rupert Julian e estrelada por Lon Chaney. Vieram outras, inclusive uma estranhíssima mistura com *Fausto* na adaptação que Brian De Palma fez em *O fantasma do paraíso*, de 1974. A mais recente dessas transposições estreou em 2004, no Reino Unido, foi dirigida por Joel Schumacher, contou com Gerard Butler e Emmy Rossum no elenco e levou o mesmo nome do livro. É comum que a cada versão os diretores imprimam nuances diferentes à personalidade dos personagens, o que acaba interferindo, claro, na maneira como a trama se eterniza na mente do espectador.

Contudo, foi no teatro que a história ganhou uma proporção ímpar. É difícil estimar quantas foram as vezes que o texto de Leroux foi levado ao palco, e apenas uma dessas adaptações já seria suficiente para consagrar o nome do francês: a assinada pelo britânico Andrew

Lloyd Webber, que estreou em 1986, na Broadway, e se tornou a peça mais bem-sucedida de toda a história do teatro. Mais de 140 milhões de pessoas assistiram ao espetáculo, que já foi levado para 35 países – entre eles o Brasil. Em 2006, a montagem superou *Cats* e se tornou a produção mais longa na história da Broadway – onde segue em cartaz. A estimativa é que apenas essa adaptação de *O Fantasma da Ópera* já tenha rendido ao menos 6 bilhões de dólares. Não bastasse, gente como Paul Stanley, da banda Kiss, Paul Williams e o grupo finlandês Nightwish já emprestou seu talento para a saga de Erik, Christine e Raoul.

Se uma boa história conta, na verdade, ao menos duas histórias, e uma cidade interessante como Paris pode ser desdobrada em ao menos outras duas cidades, não é diferente com *O Fantasma da Ópera*. E não deixa de ser curioso que uma história que se passa sobretudo nas obscuras catacumbas do palácio Garnier tenha se transformado em uma das mais belas obras teatrais da história, aplaudida em palcos de todo o mundo.

RODRIGO CASARIN<sup>2</sup>

1. *A Comuna de Paris – 1871: Origens e massacre* (Rio de Janeiro, Anfiteatro, 2015).

↩

2. Rodrigo Casarin é jornalista e edita o blog de livros Página Cinco (Uol). Já colaborou com veículos como *Valor Econômico*, *Carta Capital*, *Suplemento Literário Pernambuco*, *Aventuras na História* e *Jornal Rascunho*, escrevendo principalmente sobre o universo literário. É autor de *Punk: O protesto não tem fim* (com Igor Antunes Penteado). Em 2018, integrou o júri do Oceanos – Prêmio de Literatura em Língua Portuguesa.↩



# O FANTASMA DA ÓPERA

AO MEU VELHO IRMÃO JO  
que, sem ter nada de um fantasma,  
não deixa de ser, como Erik,  
um Anjo da Música.  
Com toda a afeição,  
Gaston Leroux

## PRÓLOGO

*Em que o autor desta obra singular revela ao leitor como se convenceu de que o Fantasma da Ópera existiu de verdade*

O FANTASMA DA ÓPERA existiu. Não foi, como se julgou por muito tempo, inspiração de artistas, superstição de diretores nem criação grotesca das mentes exaltadas das *demoiselles* do corpo de baile,<sup>1</sup> de suas mães, das lanterninhas,<sup>2</sup> do pessoal dos camarins ou da zeladora.

Sim, embora tivesse o aspecto de um verdadeiro fantasma, isto é, de uma sombra, ele foi todo carne e osso.

Tão logo comecei a pesquisar nos arquivos da Academia Nacional de Música,<sup>3</sup> intrigou-me a surpreendente coincidência entre os fenômenos atribuídos ao *Fantasma* e um dos dramas mais misteriosos e rocambolescos, e não demorei a conjecturar a possibilidade de explicar racionalmente este por aquele. Os acontecimentos datam de apenas trinta anos e não seria nada difícil encontrar ainda hoje, no próprio foyer do balé,<sup>4</sup> velhinhos bastante respeitáveis, de cuja palavra não cogitaríamos duvidar, que se lembram como se fosse ontem das condições misteriosas e trágicas do rapto de Christine Daaé, do desaparecimento do visconde de Chagny e da morte de seu irmão primogênito, o conde Philippe, cujo corpo foi encontrado nas margens do lago que se estende sob a Ópera, para os lados da rua Scribe.<sup>5</sup> Até hoje, contudo, nenhuma dessas testemunhas julgara dever misturar a tais pavorosas peripécias o lendário personagem do Fantasma da Ópera.

A verdade impregnou lentamente meu intelecto, abalado por uma investigação que a todo instante se chocava com acontecimentos que, à primeira vista, podiam ser considerados sobrenaturais, e, mais de uma vez, estive perto de abandonar uma tarefa em que me extenuava, perseguindo – sem jamais agarrá-la – uma imagem vã. Por fim, tive a prova de que meus pressentimentos não me haviam enganado, e meus esforços foram plenamente recompensados no dia em que adquiri a certeza de que o Fantasma da Ópera havia sido mais do que uma

sombra.

Nesse dia, passei longas horas na companhia das *Memórias de um diretor*, obra ligeira de Moncharmin, cético radical que, durante sua passagem pela Ópera, não compreendeu nada do tenebroso comportamento do Fantasma, que pintou e bordou com ele, justamente no momento em que ele se tornava a primeira vítima da curiosa operação financeira realizada no “envelope mágico”.

Desesperado, eu acabava de sair da biblioteca quando encontrei o simpático administrador da nossa Academia Nacional, que proseava num corredor com um velhinho irrequieto e frajola, a quem me apresentou alegremente. O sr. administrador estava a par de minhas pesquisas e sabia da impaciência com que eu tentara descobrir o paradeiro do juiz de instrução do famoso caso Chagny, o sr. Faure. Ninguém sabia o que fora feito dele, se estava morto ou vivo; e eis que, de retorno do Canadá, onde passara quinze anos, seu primeiro ato em Paris fora pedir uma poltrona de favor à administração da Ópera. Aquele velhinho era nada mais nada menos que o sr. Faure.

Passamos boa parte da noite juntos e ele me contou todo o caso Chagny, segundo sua compreensão na época. Na falta de provas, fora obrigado a concluir pela loucura do visconde e pela morte acidental do irmão mais velho, mas continuava persuadido de que um drama terrível se dera entre os dois irmãos, tendo Christine Daaé como pivô. Não soube me dizer os paradesiros de Christine nem do visconde. Claro, quando me referi ao Fantasma, apenas riu. Estava igualmente informado das singulares manifestações que então pareciam atestar a existência de uma criatura excepcional, que elegera como domicílio um dos recantos mais misteriosos da Ópera, e tinha conhecimento da história do “envelope”, mas não vira em nada disso algo capaz de prender a atenção do magistrado encarregado de instruir o processo Chagny, e já foi muito ter reservado alguns minutos para colher o depoimento de uma testemunha que se apresentara espontaneamente, afirmando ter tido o ensejo de conhecer o Fantasma. Esse personagem – a testemunha – não era outro senão aquele que Paris inteira cognominava “o Persa”, figura conhecida de todos os assinantes da Ópera. O juiz tomara-o por um desmiolado.

Imaginem qual não foi meu interesse por essa história do Persa. Cogitei encontrar, se ainda fosse possível, aquela valiosa e original

testemunha. Bafejado pela sorte, consegui localizá-lo em seu pequeno apartamento da rua de Rivoli, que ele não deixara desde a época daqueles fatos e onde viria a morrer cinco meses após minha visita.

A princípio duvidei; mas quando, com uma candura infantil, o Persa me contou tudo o que sabia pessoalmente acerca do Fantasma e, com toda a propriedade, me apresentou as provas de sua existência, e sobretudo a estranha correspondência de Christine Daaé – correspondência que esclarecia com tanta clareza seu terrível destino –, então não me foi mais possível duvidar! Não! Não! O Fantasma não era um mito!

Sei perfeitamente que me replicaram que tal correspondência talvez não fosse autêntica, que poderia ter sido forjada de ponta a ponta por um homem com a imaginação decerto alimentada pelos contos de fadas mais sedutores, mas por sorte me foi possível encontrar a caligrafia de Christine fora do famigerado maço de cartas e, conseqüentemente, proceder a um estudo comparativo que varreu todas as minhas hesitações.

Da mesma forma, documentei-me sobre o Persa, vindo assim a apreciar um homem honesto, incapaz de tramar algo para burlar a Justiça.

Em suma, era essa a opinião das personalidades que, de perto ou de longe, viram-se envolvidas no caso Chagny, os amigos da família, aos quais expus todos os meus documentos e perante os quais desenvolvi todas as minhas deduções. Da parte deles recebi os mais nobres incentivos, e, a propósito, permito-me reproduzir algumas linhas a mim endereçadas pelo general D...

Cavalheiro,

Recomendo vivamente que publique os resultados de sua investigação. Lembro bem que, algumas semanas antes do desaparecimento da grande cantora Christine Daaé e da tragédia que enlutou todo o Faubourg Saint-Germain,<sup>7</sup> falava-se muito no Fantasma no foyer do balé, assunto que só foi abandonado, creio, depois desse episódio, que galvanizou a opinião pública. Mas, se for possível, como julgo ser após ouvi-lo, explicar a tragédia por meio do Fantasma, peço-lhe, cavalheiro, fale mais sobre ele. Por mais misterioso que a princípio ele possa parecer, será sempre mais razoável do que a história sinistra em que pessoas mal-intencionadas pretenderam ver se dilacerarem até a morte dois irmãos que se adoraram a vida inteira...

Creia-me etc.

Em suma, com meu dossiê nas mãos voltei a percorrer o vasto domínio do Fantasma, o formidável império que ele erigira, e tudo que meus olhos tinham visto, tudo que meu raciocínio descobrira, ia corroborando admiravelmente os documentos do Persa – quando um achado maravilhoso veio coroar de maneira definitiva meus trabalhos.

Todos lembram que, escavando recentemente o subsolo da Ópera para lá enterrar as vozes gravadas dos artistas,<sup>8</sup> a picareta dos operários descobriu um cadáver; ora, tive imediatamente a prova de que aquele cadáver era o do Fantasma da Ópera! Fiz com que o próprio administrador apalpassem aquela prova, sendo-me indiferente os jornais agora afirmarem tratar-se de uma vítima da Comuna.<sup>9</sup>

Os desafortunados que, na época da Comuna, foram massacrados nos porões da Ópera não foram enterrados daquele lado; direi onde é possível encontrar suas ossadas, bem longe dessa cripta imensa onde durante o cerco se acumulou todo tipo de gêneros alimentícios. Fui colocado nessa pista justamente quando procurava os restos mortais do Fantasma da Ópera, os quais não teria encontrado sem o acaso inaudito da inumação das vozes vivas!

Mas voltaremos a falar desse cadáver e do que convém fazer com ele: o que me interessa agora é terminar este imprescindível prólogo agradecendo aos modestíssimos colaboradores, que – tal como o sr. comissário de polícia Mifroid (convocado para realizar as primeiras apurações por ocasião do desaparecimento de Christine Daaé), ou ainda o sr. ex-secretário Rémy, o sr. ex-administrador Mercier, o sr. ex-mestre do coro Gabriel e, mais particularmente, a sra. baronesa de Castelot-Barbezac, ex-“pequena Meg” (que não ruborizou por isso), estrela mais encantadora do nosso admirável corpo de baile, filha mais velha da digníssima sra. Giry, esta ex-lanterninha do camarote do Fantasma, já falecida – me foram da mais valiosa ajuda, e graças a eles poderei reviver, junto com o leitor e em seus mais ínfimos detalhes, horas de puro amor e terror.<sup>10</sup>

1. Num balé, o corpo de baile é o grupo de bailarinos e bailarinas não solistas. ←

2. Funcionárias encarregadas de mostrar os lugares aos espectadores, também conhecidas como “vagalumes”. ←

3. A Academia Nacional de Música, fundada em 1669 como Academia Real de Música, instituição voltada para a difusão da ópera, veio a se tornar a atual Ópera de Paris (ou Palais Garnier; ver nota 61). ↵

4. Sala situada atrás do palco, com decoração opulenta e uma atmosfera de intimidade ambígua. No séc.XIX, os assinantes encontravam as bailarinas no foyer e lhes ofereciam dinheiro e proteção. Essa prática foi proibida a partir de 1930. ↵

5. A rua Scribe foi aberta em 29 de setembro de 1860. Fez parte da reforma da Chaussée d'Antin empreendida no séc.XIX e que culminou com as transformações de Paris sob o Segundo Império e a construção da Ópera Garnier. Seu nome é uma homenagem ao dramaturgo e libretista francês Eugène Scribe. Toda a fachada oeste da Ópera, que compreende a biblioteca-museu, estende-se ao longo da rua Scribe. ↵

6. Entre outras funções, durante o inquérito cabe a um juiz de instrução: realizar o primeiro interrogatório judicial do detido; autorizar perícias e exames, buscas domiciliares, apreensões de correspondência; interceptação, gravação ou registro de conversas ou comunicações. ↵

7. Bairro chique de Paris, hoje parte do 7º *arrondissement*. ↵

8. Em 24 de dezembro de 1907, três anos antes da publicação de *O Fantasma da Ópera*, 24 discos 78 rotações, doados por Alfred Clark (diretor da filial francesa da Gramophone), foram selados em duas urnas lacradas e enterrados no subsolo da Ópera Garnier. Esse acervo, incrementado em 1912, era composto essencialmente de gravações líricas dos maiores cantores do início do séc.XX, como Enrico Caruso, Emma Calvé, Nellie Melba e outros. Testemunho para as gerações futuras, “a fim de mostrar aos homens dessa época qual era a voz dos principais cantores do nosso tempo”, não deveria ser aberto antes de cem anos, por vontade expressa de Alfred Clark. Redescoberto por ocasião de obras em 1988, foi confiado à Biblioteca Nacional Francesa. Transcorridos os cem anos, as urnas foram oficialmente exumadas em 19 de dezembro de 2007: abertas em 2008, as gravações dessas “vozes sepultadas” saíram em CD nesse mesmo ano pela EMI, herdeira da Gramophone. ↵

9. Período de insurreição na história de Paris que durou pouco mais de dois meses, de 18 de março de 1871 até a “Semana Sangrenta” (21-28 de maio). Essa revolta contra o governo (oriundo da Assembleia Nacional que acabava de ser eleita pelo sufrágio universal masculino) procurou implantar na cidade uma organização próxima da autogestão ou de um sistema comunista. A Comuna é em parte uma reação à derrota francesa na guerra franco-prussiana de 1870 e ao cerco de Paris, bem como uma manifestação da oposição entre a Paris republicana, considerada “vermelha”, e uma Assembleia Nacional de maioria monarquista. ↵

10. Eu seria um ingrato se, nos umbrais dessa história terrível e baseada em fatos verídicos, não agradecesse também à atual direção da Ópera, que se prestou amavelmente a todas as minhas questões, em especial o sr. Messenger; também ao simpático administrador sr. Gabion e ao amabilíssimo arquiteto responsável pela boa conservação do monumento, que não hesitou em me emprestar os livros de Charles Garnier, mesmo tendo quase certeza de que eu não os devolveria. Resta-me, por fim, reconhecer publicamente a generosidade do meu amigo e ex-colaborador sr. J.L. Croze, que me permitiu ilustrar-me em sua admirável biblioteca teatral e ali

consultar edições únicas, que ele prezava muito. (Nota do autor) ↔



## SERÁ UM FANTASMA?

AQUELA NOITE, a noite em que os srs. Debiennie e Poligny, diretores demissionários da Ópera,<sup>11</sup> davam sua última festa de gala, por ocasião de sua partida, o camarim da Sorelli, um dos primeiros nomes da dança, foi subitamente invadido por meia dúzia de *demoiselles* do corpo de baile, que deixavam o palco após terem “dançado” *Polyeucte*.<sup>12</sup> Precipitaram-se ali tumultuosamente, algumas emitindo risadas exageradas e pouco naturais, outras, gritos de terror.

A Sorelli, querendo um momento de sossego para “repassar” o elogio que deveria pronunciar dentro de instantes no foyer perante os srs. Debiennie e Poligny, não gostara nada nada de ver aquela turba alvoroçada acorrer às suas saias. Preocupada com aquele frenesi, voltou-se às colegas. Foi a pequena Jammes – nariz apreciado por Grévin,<sup>13</sup> olhos de miosótis, faces de rosa, garganta de lírio – que, com uma voz trêmula que sufocava a angústia, explicou tudo aquilo em três palavras:

– É o Fantasma!

E passou a chave na porta. O camarim da Sorelli era de uma elegância oficial e banal. Uma penteadeira, um divã, uma toalete e armários compunham a mobília necessária. Algumas gravuras nas paredes, recordações da mãe, que conhecera os belos dias da antiga Ópera da rua Le Peletier.<sup>14</sup> Retratos de Vestris, Gardel, Dupont, Bigottini.<sup>15</sup> Aquele camarim era um palácio para as meninas do corpo de baile, que se acomodavam em espaços comuns, onde passavam o tempo cantando, batendo boca, desancando cabeleireiros e figurinistas e pagando uma a outra copos de cassis ou cerveja ou mesmo rum, até o toque do sino de chamada.

A Sorelli era muito supersticiosa. Ouvindo a pequena Jammes mencionar o Fantasma, arrepiou-se e repreendeu-a:

– Tolinha!

Mas como era a primeira a acreditar em fantasmas em geral, e no da Ópera em particular, logo quis saber das novidades.

– Vocês o viram? – interrogou.

– Como estou vendo você! – replicou a pequena Jammes, que, de pernas bambas, arriou numa cadeira.

Imediatamente a pequena Giry – olhos ameixa, cabelos retintos, tez de azeviche, a pele frágil sobre ossos frágeis – acrescentou:

– Se for ele, é muito feio!

– Oh, sim! – fez o coro das bailarinas.

Todas começaram a falar ao mesmo tempo. O Fantasma aparecera para elas sob a forma de um senhor de terno preto irrompendo subitamente à sua frente, no corredor, sem que se pudesse saber de onde vinha. Sua aparição fora tão repentina que ele pareceu sair da parede.

– Bah! – fez uma delas, que conservara um pouco de sangue-frio. – Vocês veem fantasmas em toda parte.

Verdade que, nos últimos meses, o único assunto na Ópera era aquele fantasma de terno preto que passeava feito uma sombra de cima a baixo do prédio, que não dirigia a palavra a ninguém, a quem ninguém ousava interpelar e que, entretanto, evaporava tão logo era visto, sem que se pudesse saber por onde nem como. Não fazia barulho ao se mover, como convém a um verdadeiro fantasma. No começo, riu-se e zombou-se daquele espectro, vestido como um cosmopolita ou um coveiro, mas a lenda do Fantasma não demorou a ganhar proporções colossais entre o corpo de baile. Todas declaravam ter esbarrado de uma maneira ou de outra com aquela criatura sobrenatural e sido vítimas de seus malefícios. As que riam mais alto não eram as mais tranquilas. Quando ele não se mostrava, assinalava sua presença ou passagem com peripécias pitorescas ou funestas, pelas quais a superstição quase unânime o responsabilizava. Um acidente lastimável, um trote numa das *demoiselles* do corpo de baile, uma almofadinha de pó de arroz perdida? Era tudo culpa do fantasma, do Fantasma da Ópera!

No fundo, quem o vira? Afinal, há inúmeros ternos pretos na Ópera que não são fantasmas. Mas esse terno tinha uma especificidade que nem todos os ternos pretos têm. Ele vestia um esqueleto.

Pelo menos era o que as *demoiselles* diziam.

E portava, naturalmente, uma caveira.

Tudo isso era a sério? A verdade é que a imagem do esqueleto nascera da descrição do Fantasma feita por Joseph Buquet, maquinista-chefe,<sup>16</sup> que por sua vez vira-o efetivamente. Viu-se cara a cara – não poderíamos dizer “nariz com nariz”, pois o Fantasma não possuía um – com o misterioso personagem na escadinha junto à ribalta que leva diretamente aos “porões”. Teve tempo de percebê-lo por um segundo – pois o Fantasma fugira – e conservara uma lembrança indelével de tal visão.

Eis o que Joseph Buquet dizia sobre o Fantasma a quem quisesse ouvi-lo:

– Ele é de uma magreza prodigiosa e seu terno preto esvoaça sobre um suporte esquelético. Seus olhos são tão profundos que não distinguimos direito as pupilas imóveis. Em suma, vemos apenas dois grandes buracos negros como numa caveira. Sua pele, esticada sobre a ossatura como uma pele de tambor, não é branca, mas horivelmente amarela; seu nariz é tão insignificante que é invisível de perfil, e a ausência desse nariz é uma coisa horrível de se ver. Três ou quatro longas mechas castanhas na testa e atrás das orelhas fazem as vezes de cabelo.

Em vão Joseph Buquet perseguira a estranha aparição. Ela sumira como que num passe de mágica e ele não conseguiu reencontrar seu rastro.

Esse maquinista-chefe era um homem sério, sistemático, pobre de imaginação e sóbrio. Sua palavra foi ouvida com assombro e interesse, e logo surgiu mais gente afirmando ter visto um terno preto encimado por uma caveira.

As pessoas sensatas que tiveram conhecimento dessa história declararam primeiramente que Joseph Buquet havia sido vítima de um trote de seus subordinados. Sobrevieram então incidentes tão curiosos e inexplicáveis que os mais espertos começaram a se atormentar.

Um tenente dos bombeiros é um bravo! Nada teme, principalmente o fogo! Pois bem, o tenente dos bombeiros em questão,<sup>17</sup> que tinha ido fazer uma vistoria de precaução nos porões e, parece, aventurara-se mais longe do que de costume, reaparecera subitamente no palco, pálido, assustado, trêmulo, os olhos fora das órbitas, e quase desmaiara nos braços da digníssima mãe da pequena Jammes. E por

quê? Porque vira avançar em sua direção, na altura de uma cabeça, mas sem corpo, uma cabeça de fogo! E repito, um tenente dos bombeiros não teme o fogo!

Esse tenente dos bombeiros chamava-se Papin.

O corpo de baile ficou consternado. A princípio, a tal cabeça de fogo estava longe de corresponder à descrição do Fantasma que Joseph Buquet fornecera. Interrogaram, naturalmente, o bombeiro, e mais uma vez o maquinista-chefe, o que fez com que aquelas *demoiselles* se convencessem de que o Fantasma tinha várias cabeças, as quais ele trocava ao seu bel-prazer. Naturalmente, logo imaginaram correr os maiores perigos. Se um tenente dos bombeiros não hesitava em desmaiar, corifeus e ratinhas<sup>18</sup> podiam invocar mil justificativas para o terror que os fazia debandarem com as suas sapatilhas quando passavam em frente a algum buraco escuro de um corredor mal-iluminado.

De modo que, para proteger na medida do possível o monumento fadado a tão horríveis malefícios, a própria Sorelli, acompanhada por todas as suas bailarinas e inclusive imitada por todo o bando das classes de principiantes, deixara – no dia seguinte à história do tenente dos bombeiros – sobre a mesa do cubículo da zeladora, ao lado do pátio da administração, uma ferradura, que qualquer um que entrasse na Ópera, não sendo um espectador, era obrigado a tocar antes de colocar o pé no primeiro degrau da escada. E isso sob pena de tornar-se vítima da força oculta que se apoderara do edifício, dos porões ao sótão!

Essa ferradura, como de resto toda essa história – ai de mim! –, não fui eu que inventei e ainda hoje é possível vê-la na mesa do cubículo, em frente à cabine do porteiro, quando se entra na Ópera pelo pátio da administração.

Isso é suficiente para dar uma ideia do estado de ânimo dessas *demoiselles*, na noite em que entramos com elas no camarim da Sorelli.

– É o Fantasma! – exclamou então a pequena Jammes.

A inquietação das bailarinas só fez aumentar. Agora, um angustiante silêncio reinava no camarim. Ouviam-se apenas as respirações ofegantes. Por fim, Jammes, arremetendo em direção ao canto mais recuado da parede com os sintomas de um sincero pavor,

murmurou esta única palavra:

– Escutem!

Com efeito, todos julgaram ouvir um farfalhar atrás da porta. Nenhum rumor de passos. Uma seda leve deslizando no batente, seria possível arriscar. Depois, mais nada. A Sorelli tentou mostrar-se menos pusilânime do que suas colegas. Avançou em direção à porta e perguntou com uma voz neutra:

– Quem é?

Mas ninguém lhe respondeu.

Então, sentindo todos os olhos examinando-lhe os menores gestos, obrigou-se a ser valente e perguntou bem alto:

– Tem alguém atrás da porta?

– Sim! Sim! Sim! Claro que tem alguém atrás da porta! – repetiu aquela pequena ameixa seca da Meg Giry, que segurou heroicamente a Sorelli pela sua saia de tule... – Não abra, de jeito nenhum! Por Deus, não abra!

Mas a Sorelli, armada com um estilete que ela nunca largava, ousou rodar a chave na fechadura e abrir a porta, enquanto as bailarinas recuavam até o banheiro e Meg Giry suspirava:

– Mamãe! Mamãe!

A Sorelli espiou corajosamente o corredor. Estava deserto; uma chama borboleteava em sua prisão de vidro, lançando uma luz vermelha e sinistra nas trevas ambientes, sem conseguir dissipá-las. A bailarina voltou a fechar a porta bruscamente, dando um grande suspiro.

– Não – disse. – Não há ninguém!

– Mas nós o vimos nitidamente! – afirmou ainda Jammes, voltando com passos medrosos ao seu lugar junto à Sorelli. – Ele deve estar por aí, rondando. Eu não volto para me vestir. Deveríamos descer todas juntas ao foyer, imediatamente, para o “elogio”, e voltaríamos juntas.

Nesse instante, a menina tocou devotamente na figa de coral destinada a conjurar a má sorte. E a Sorelli, furtivamente, com os sintomas de um sincero pavor, desenhcou, com a ponta da unha cor-de-rosa de seu polegar direito, uma cruz de santo André<sup>19</sup> no anel de madeira que cingia o anelar de sua mão esquerda.

“A Sorelli”, escreveu um célebre cronista, “é uma bailarina esguia, bonita, com o rosto grave e voluptuoso, cintura flexível como um ramo de salgueiro; costumam dizer a seu respeito que é uma ‘bela criatura’. Seus cabelos louros e puros como ouro coroam uma testa pálida sob a qual engastam-se dois olhos de esmeralda. Sua cabeça balança mansamente como um penacho sobre um pescoço esguio, elegante e altivo. Quando ela dança, faz um movimento indescritível com as cadeiras, que imprime em todo o seu corpo um frêmito de inefável langor. Quando ergue os braços e se curva para esboçar uma pirueta, realçando assim todo o desenho do corpete, e a inclinação do corpo delinea o quadril dessa deliciosa mulher, é uma cena de dar um nó nas ideias.”

Por falar em ideias, parece comprovado que ela não tinha nenhuma. Não era recriminada por isso.

Disse ainda às pequenas bailarinas:

– Meninas, postura...! Talvez ninguém nunca tenha visto esse Fantasma...!

– Sim! Sim! Vimos sim...! Acabamos de vê-lo! – repetiram as meninas. – Tinha uma caveira no lugar da cabeça e usava os mesmos trajes da noite em que apareceu para Joseph Buquet!

– E Gabriel também viu! – interveio Jammes. – Ontem mesmo! Ontem à tarde... em pleno dia...

– Gabriel, o chefe do coro?

– Claro que sim... Ora! Não sabia disso?

– E ele estava de terno, em pleno dia?

– Quem? Gabriel?

– Claro que não! O Fantasma.

– Claro que estava de terno! – afirmou Jammes. – Foi o próprio Gabriel que me contou... Foi inclusive por isso que ele o reconheceu. Eis como a coisa se deu. Gabriel estava na sala do contrarregre. De repente, a porta se abriu. Era o Persa entrando. Vocês sabem que o Persa carrega “mau-olhado”.

– Oh, sim! – responderam em coro as pequenas bailarinas, que, assim que evocaram a imagem do Persa, em sinal de esconjuro fizeram chifres com os indicadores e mínimos esticados, dobrando o médio e o

anelar sobre a palma e prendendo-os com o polegar.

– Embora supersticioso – continuou Jammes –, Gabriel é sempre muito educado, e quando vê o Persa contenta-se em meter discretamente a mão no bolso e tocar suas chaves... Pois bem, assim que a porta se abriu para o Persa, Gabriel simplesmente deu um pulo da poltrona onde estava sentado em direção à fechadura do armário para poder tocar em alguma coisa de ferro! Nesse movimento, rasgou num prego uma aba inteira de sua casaca. Correndo para a saída, bateu com a cabeça num cabide, virou um galo enorme; depois, recuando bruscamente, arranhou o braço no biombo junto ao piano; quis se apoiar no piano, mas tão desastradamente que a tampa caiu sobre suas mãos e triturou seus dedos; pulou feito um louco para sair dali e calculou mal o tempo de descer a escada, com o que caiu e quicou pelos degraus até o primeiro andar. Eu estava passando nesse exato instante com a mamãe. Corremos para levantá-lo. Estava todo machucado e com sangue no rosto, o que nos assustou. Mas ele logo sorriu e exclamou: “Obrigado, meu Deus, por me salvar na hora agá!” Então nós o interrogamos e ele nos explicou todo o seu medo. Resultava de que, atrás do Persa, ele percebera o Fantasma! O “fantasma da caveira”, como descreveu Joseph Buquet.

Um murmúrio de pavor saudou o desfecho dessa história, a cujo final Jammes chegou toda ofegante, pois fora uma narrativa tão precipitada como se ela estivesse sendo perseguida pelo Fantasma. Depois houve outro silêncio, interrompido a meia-voz pela pequena Giry, enquanto a Sorelli, abalada, lixava as unhas.

– Joseph Buquet faria melhor ficando calado – enunciou a ameixa.

– E por que ele se calaria? – perguntaram-lhe.

– É a opinião da mamãe – replicou Meg, dessa vez quase num sussurro, e olhando à sua volta como se temendo ser ouvida por outros ouvidos que não os ali presentes.

– E por que é essa a opinião da sua mãe?

– Shh! Mamãe diz que o Fantasma não gosta que o aborreçam!

– E por que sua mãe diz isso?

– Porque... Porque... nada...

Essa reticência estudada teve o dom de inflamar a curiosidade das *demoiselles*, que, aglomerando-se em volta da pequena Giry,

suplicaram-lhe que se explicasse. Espremendo-se, projetadas num mesmo movimento de prece e pavor, elas aguardavam. Comunicavam-se seus medos, sentindo um prazer tão intenso que as enregelava.

– Jurei não falar nada! – disse ainda Meg, num fio de voz.

Mas elas não lhe deram trégua e prometeram guardar tão bem o segredo que Meg, que ardia de vontade de contar o que sabia, começou, os olhos pregados na porta:

– Bom... foi por causa do camarote...

– Que camarote?

– O camarote do Fantasma!

– O Fantasma tem um camarote?

Ante essa ideia, as bailarinas não contiveram a alegria funesta de sua estupefação. Dando suspirinhos, diziam:

– Oh, meu Deus! Conte... conte...

– Mais baixo! – ordenou Meg. – É o primeiro camarote à esquerda do proscênio, vocês sabem, o de nº5.

– Não é possível!

– Podem acreditar... É minha mãe que é a lanterninha... Mas jurem não contar nada!

– Claro que juramos...!

– Pois bem, é o camarote do Fantasma... Faz mais de um mês que ninguém aparece por lá, exceto o Fantasma, naturalmente, e deram ordens para a administração nunca mais alugá-lo...

– É verdade que o Fantasma o frequenta?

– Claro que sim...

– Então alguém aparece?

– Não...! *O Fantasma vai lá e não há ninguém.*

As pequenas bailarinas entreolharam-se. Se o Fantasma frequentava o camarote, deveriam tê-lo visto, uma vez que ele usava um terno preto e levava uma caveira no lugar da cabeça. Foi o que sugeriram a Meg, mas esta replicou:

– Justamente! Ninguém vê o Fantasma! E ele não tem nem terno nem caveira...! Tudo que falaram sobre a caveira e a cabeça de fogo é conversa fiada! Ele não tem absolutamente nada... Ele só é ouvido



quando está no camarote. Mamãe nunca o viu, mas o ouviu. Mamãe sabe direitinho, pois é ela que lhe entrega o programa!

A Sorelli julgou dever intervir:

– Está caçoando de nós, pequena Giry!

Então a pequena Giry começou a chorar:

– Eu deveria ter me calado... se mamãe soubesse... mas é claro que Joseph Buquet está errado se metendo onde não é chamado... isso lhe trará azar... ontem mesmo mamãe dizia...

Nesse momento, ouviram-se passos ruidosos e apressados no corredor e uma voz ofegante gritando:

– Cécile! Cécile! Você está aí?

– É a voz da mamãe! – disse Jammes. – O que está acontecendo?

E abriu a porta. Uma digna senhora, com o talhe de granadeiro pomerano, entrou no camarim e, gemendo, deixou-se cair numa poltrona. Seus olhos revolviam-se, enlouquecidos, iluminando lugubrememente sua face cor de terracota.

– Que tragédia! – exclamava. – Que tragédia!

– O quê? O quê?

– Joseph Buquet...

– Muito bem, diga, Joseph Buquet...

– Joseph Buquet morreu!

O camarim foi tomado por exclamações, protestos perplexos, pedidos de explicação assustados...

– Sim... acabam de encontrá-lo enforcado no terceiro porão...! O mais terrível, no entanto – continuou, esbaforida, a pobre e digna senhora –, o mais terrível é que os maquinistas que encontraram seu corpo afirmam que ouviram em volta do cadáver uma espécie de barulho que lembrava um cântico fúnebre!

– É o Fantasma! – deixou escapar, involuntariamente, a pequena Giry, que logo recobrou-se, tapando a boca com as mãos. – Não...! Não...! Eu não disse nada...! Eu não disse nada...!

À sua volta, aterrorizadas, todas as suas colegas repetiam baixinho:

– Não resta dúvida! É o Fantasma...!

A Sorelli estava lívida...

– Não vou conseguir proferir o meu elogio – avisou.

A mãe de Jammes deu sua opinião, esvaziando um cálice de licor abandonado sobre uma mesa: o Fantasma devia estar metido naquilo...

Fato é que nunca se soube muito bem como Joseph Buquet morreu. O inquérito, sumário, não resultou em nada, apontando suicídio natural. Nas *Memórias de um diretor*, o sr. Moncharmin, que era um dos dois diretores que sucederam aos srs. Debienne e Poligny, conta assim a história do enforcado: “Um desagradável incidente veio perturbar a festinha que os srs. Debienne e Poligny ofereceram para marcar sua partida. Eu estava no escritório da direção quando de repente vi entrar Mercier, o administrador. Ele estava transtornado, dizendo ter achado, enforcado no terceiro porão do palco, entre um painel e um cenário do *Rei de Lahore*,<sup>20</sup> o corpo de um maquinista. Exclamei: ‘Vamos tirá-lo de lá!’ No tempo que levei voando escada abaixo e descendo do trainel,<sup>21</sup> o enforcado já não tinha mais sua corda!”

Eis então um incidente que o sr. Moncharmin considera normal. Um homem é enforcado, vamos soltá-lo, a corda sumiu. Oh, o sr. Moncharmin encontrou uma explicação muito simples para isso. Escute o que ele diz: *Era a hora da dança, e corifeus e ratinhas haviam tomado suas precauções contra o mau-olhado*. E ponto-final. Dá para ver daqui o corpo de baile descendo a escada do trainel e dividindo entre si a corda do enforcado em menos tempo do que o necessário para descrevê-lo. Isso não pode ser sério. Quando penso, em contrapartida, no local exato onde o corpo foi encontrado – no terceiro porão do palco –, imagino que, em algum lugar, uma vez feito o serviço, devia haver alguém interessado em dar sumiço a essa corda, e mais tarde veremos se estou errado ao imaginar uma coisa dessas.

A sinistra notícia se espalhou rapidamente por toda a Ópera, onde Joseph Buquet era muito benquisto. Os camarins se esvaziaram e as pequenas bailarinas, agrupadas em torno da Sorelli como carneiros medrosos em volta do pastor, tomaram o caminho do foyer, através dos corredores e escadas mal-iluminados, trotando a toda pressa com suas sapatilhazinhas cor-de-rosa.

11. Os estatutos da Ópera, desde a criação da Academia Real de Música pelo rei Luís XIV em 1669, conferem-lhe uma gestão artística e financeira inteiramente privada, uma espécie de “concessão” (*privilège*). O Estado, portanto, contribui apenas com uma verba relativamente pequena para a conservação do monumento, e não para seu funcionamento ou programação. ↔

12. Ópera de 1878 de Charles Gounod, baseada na peça homônima de Pierre Corneille. ↔

13. Alfred Grévin (1827-92), escultor, desenhista, caricaturista e figurinista francês, criou, junto com o jornalista Arthur Meyer, o museu de cera que leva seu nome. ↔

14. Após o atentado sofrido em 1858 por Napoleão III na rua Le Peletier (oito mortos, 142 feridos), onde ficava a sala de ópera na época, resolveu-se construir outra, num local mais seguro, na futura Place de l’Opéra (9º *arrondissement*), na ponta da avenida de l’Opéra e no cruzamento de diversas ruas, entre elas a rua Scribe. ↔

15. Sobrenomes de tradicionais famílias de bailarinos e artistas franceses e italianos do séc.XVIII. ↔

16. Entre outras atribuições, o maquinista de teatro constrói cenários, adereços e mobiliários, a partir de análise do projeto cenográfico e pesquisa de objetos e materiais; executa trabalhos de carpintaria, serralheria, costura, pintura, modelagem e escultura; opera maquinaria, como varas elétricas e cenográficas, cortinas, gruas, carrinhos sobre trilhos e dispositivos de efeitos especiais. ↔

17. Quem me contou esse episódio, absolutamente verídico, foi o próprio sr. Pedro Gailhard, ex-diretor da Ópera. (Nota do autor) ↔

18. Na terminologia do balé clássico, o bailarino ou bailarina corifeu (do grego, “chefe do coro”) é aquele ou aquela que dança no corpo de baile mas também pode executar papéis de solista. Já “*petits rats*” (“ratinhos” em francês) designa as bailarinas iniciantes, meninas de oito a dez anos. A explicação mais plausível para esse apelido vê sua origem no barulho produzido pelas pontas das sapatilhas no assoalho da sala de ensaios, situada no sótão da Ópera, barulho que lembraria o das patas de ratinhos. ↔

19. Cruz em forma de X, na qual santo André teria sido supliciado no ano 60 por ordens do imperador Nero. ↔

20. Ópera em cinco atos de Jules Massenet, com libreto de Louis Gallet, de temática hinduísta, estreada na Ópera em 1877. ↔

21. Chassi, móvel ou não, sobre o qual se monta um cenário. ↔

## A NOVA MARGARIDA

NO PRIMEIRO PATAMAR da escada, a Sorelli esbarrou no conde de Chagny, que subia. O conde, geralmente muito calmo, estava exaltadíssimo.

– Eu estava a caminho do seu camarim – disse ele, cumprimentando galantemente a moça. – Ah, Sorelli, que noite soberba! E Christine Daaé: que triunfo!

– Não é possível! – protestou Meg Giry. – Seis meses atrás ela cantava feito uma gralha! Mas deixe-nos passar, meu caro conde – disse a garota, com uma reverência rebelde –, estamos atrás de notícias de um pobre homem que foi encontrado enforcado.

Nesse momento, passava esbaforido o administrador, que parou abruptamente ao ouvir aquelas palavras.

– Como! Já sabem do ocorrido, senhoritas? – indagou num tom rude. – Pois bem, bico calado... e cuidem para que os srs. Debienne e Poligny não sejam informados! Seria um imenso desgosto para eles em seu último dia.

Todos se dirigiram para o foyer do balé, que já estava invadido.

O conde de Chagny tinha razão: nunca uma noite de gala se comparou àquela; os privilegiados presentes ainda falam dela, com uma lembrança comovida, para seus filhos e netos. Imaginem Gounod, Reyer, Saint-Saëns, Massenet, Guiraud, Delibes<sup>22</sup> alternando-se na estante do maestro e eles próprios regendo a execução de suas obras. Apresentaram-se, entre outros intérpretes, Faure e a Krauss,<sup>23</sup> e foi nessa noite que Christine Daaé, cujo misterioso destino eu desejo expor neste livro, revelou-se a um Tout-Paris estupefato e inebriado.

Gounod regea *A marcha fúnebre para uma marionete*;<sup>24</sup> Reyer, sua bela abertura de *Sigurd*;<sup>25</sup> Saint-Saëns, a *Dança macabra* e um *Devaneio oriental*;<sup>26</sup> Massenet, uma *Marcha húngara*;<sup>27</sup> inédita; Guiraud, seu *Carnaval*;<sup>28</sup> Delibes, *A valsa lenta de Sylvia* e os *pizzicati* de *Coppelia*;<sup>29</sup> as srtas. Krauss e Denise Bloch<sup>30</sup> haviam cantado: a primeira, o bolero das *Vésperas sicilianas*;<sup>31</sup> a segunda, o *brindisi* de *Lucrecia Bórgia*.<sup>32</sup>

Mas todo o triunfo coube mesmo a Christine Daaé, que se fizera ouvir antes em algumas passagens de *Romeu e Julieta*.<sup>33</sup> Era a primeira vez que a jovem artista cantava aquela obra de Gounod, que, de resto, ainda não havia migrado para a Ópera e que o Opéra-Comique acabava de montar muito tempo após ter sido criada no antigo Théâtre Lyrique por Mme. Carvalho.<sup>34</sup> Ah, devemos ter pena dos que não ouviram Christine Daaé no papel de Julieta e não conheceram sua graça ingênua, não estremeceram aos timbres de sua voz seráfica, não sentiram as próprias almas ascenderem com sua alma acima dos túmulos dos amantes de Verona: “*Senhor! Senhor! Senhor! Perdoai-nos!*”<sup>35</sup>

Pois bem, tudo isso ainda não era nada ao lado dos trinados sobre-humanos que ela emitiu no ato da prisão e no trio final de *Fausto*,<sup>36</sup> que ela cantou substituindo a Carlotta, indisposta. Nunca se ouvira ou vira coisa parecida!

A coisa era a “nova Margarida”,<sup>37</sup> que a Daaé revelava, uma Margarida com esplendor e brilho ainda insuspeitos.

Com os mil clamores de sua inexprimível comoção, a sala inteira saudara Christine, que soluçava “desmaiada” nos braços de suas colegas. Tiveram que transportá-la para o seu camarim. Parecia ter entregado a alma. O grande crítico P. de St.-V.<sup>38</sup> eternizou a lembrança inesquecível desse minuto maravilhoso numa crônica que intitulou justamente “A nova Margarida”. Como grande artista que era, ele percebera que, aquela noite, no palco da Ópera, a bela e doce criança oferecera um pouco mais que sua arte: oferecera seu coração. Nenhum dos amigos da Ópera ignorava que o coração de Christine permanecera casto como aos quinze anos, e P. de St.-V. declarava que, “para entender o que acabava de acontecer à Daaé, *faz-se forçoso imaginar que ela acabava de amar pela primeira vez!* Talvez eu esteja sendo indiscreto”, acrescentava, “mas só o amor é capaz de realizar tal milagre, tão fulminante transformação. Ouvimos, há dois anos, Christine Daaé em seu concurso do Conservatório, e ela nos dera uma esperança sedutora. *De onde vem o sublime de hoje? Se não desce do céu nas asas do amor, sou levado a crer que sobe dos infernos e que Christine, como o mestre-cantor Ofterdinger,*<sup>39</sup> *firmou um pacto com o Diabo!* Quem não ouviu Christine cantar o trio final do *Fausto* não conhece o *Fausto*: a exaltação da voz e a ebriedade sagrada de uma alma pura não

saberiam ir além!”

Entretanto, alguns assinantes protestavam. Como lhes haviam escondido aquele tesouro por tanto tempo? Até ali Christine Daaé fora um Siebel<sup>40</sup> correto junto àquela Margarida um tanto esplendidamente material demais que era a Carlotta. E fora preciso a ausência incompreensível e inexplicável da Carlotta, naquela noite da gala, para que, improvisadamente, a pequena Daaé pudesse mostrar todo o seu talento numa parte do programa reservada à diva espanhola! Afinal, privados da Carlotta, como os srs. Debienne e Poligny haviam chegado a Daaé? Conheciam então seu talento oculto? E se o conheciam, por que o escondiam? E ela, por que o escondia? Estranhamente, ninguém sabia quem era seu professor atual. Ela havia declarado que passaria a trabalhar sozinha. Tudo aquilo era deveras inexplicável.

Em pé em seu camarote, o conde de Chagny assistira àquele delírio e a ele se misturara com seus “bravos” explosivos.

O conde de Chagny (Philippe-Georges-Marie) tinha então exatamente quarenta e um anos. Era um fidalgo e um belo homem. De estatura acima da média, rosto agradável, apesar da fronte severa e os olhos um pouco frios, era de uma polidez refinada com as mulheres e um pouco arrogante com os homens, que nem sempre lhe perdoavam seus sucessos na sociedade. Tinha um coração excelente e a consciência limpa. Com a morte do velho conde Philibert, tornara-se o chefe de uma das mais ilustres e antigas famílias da França, cujos quartos de nobreza remontavam a Luís o Teimoso.<sup>41</sup> A fortuna dos Chagny era considerável e, quando o velho conde, que era viúvo, morreu, não foi uma decisão fácil para Philippe aceitar gerir tão vultoso patrimônio. Suas duas irmãs e seu irmão Raoul não quiseram ouvir falar em partilha, e com isso confiaram tudo a Philippe, como se o direito de primogenitura não houvesse se extinguido. Quando as duas irmãs se casaram – no mesmo dia –, requisitaram suas partes ao irmão não como um direito que lhes cabia, mas como um dote pelo qual lhe expressaram gratidão.

A condessa de Chagny – em solteira, Moerogis de La Martynière – morrera ao dar à luz Raoul, nascido vinte anos depois do irmão mais velho. Quando o velho conde morreu, Raoul tinha doze anos. Philippe zelou pela educação da criança. Foi assessorado nessa tarefa de modo

admirável pelas irmãs, em primeiro lugar, e depois por uma velha tia, viúva de um marujo, que morava em Brest e transmitiu ao jovem Raoul o gosto pelas coisas do mar. O rapaz ingressou no navio-escola *Borda*, sobressaiu e completou tranquilamente sua volta ao mundo. Graças a padrinhos poderosos, acabara de ser designado para integrar a expedição oficial do *Requin*, que tinha a missão de procurar, nas geleiras do polo, os sobreviventes da expedição do *D'Artois*, da qual não se tinha notícia havia três anos. Nesse ínterim, gozava de uma longa licença, que só deveria terminar dali a seis meses, e vendo aquele belo rapaz, que parecia tão frágil, as ricas viúvas do nobre Faubourg<sup>42</sup> já sentiam pena dele pelos trabalhos rudes que o esperavam.

A timidez desse marujo, sinto-me quase tentado a dizer sua inocência, era notável. Parecia ter saído das mãos das mulheres na véspera. De fato, mimado pelas duas irmãs e a velha tia, conservara dessa educação eminentemente feminina maneiras quase cândidas, eivadas de um encanto que, até ali, nada fora capaz de manchar. Nessa época, tinha um pouco mais de vinte e um anos e aparentava dezoito. Cultivava um bigodinho louro, tinha bonitos olhos azuis e uma pele de menina.

Philippe mimava Raoul. Antes de qualquer coisa, sentia um imenso orgulho do irmão e previa com alegria uma carreira gloriosa para o caçula naquela Marinha em que um de seus ancestrais, o famoso Chagny de La Roche, fora almirante. Aproveitava a licença do rapaz para lhe mostrar Paris, que este ignorava, exceto no que a cidade pode oferecer de divertimento refinado e prazer artístico.

O conde julgava que, na idade de Raoul, sensatez demais não é boa coisa. Era um caráter muito bem equilibrado, o de Philippe, ponderado tanto em seus trabalhos como em seus prazeres, sempre um comportamento perfeito, incapaz de dar um mau exemplo ao irmão. Levou-o a toda parte com ele. Mostrou-lhe inclusive o foyer do balé. Sei perfeitamente que diziam que o conde “se entendia bem” com a Sorelli. Ora! Como recriminar esse fidalgo, solteiro convicto, a quem portanto não faltavam distrações, sobretudo depois que as irmãs haviam se estabelecido, por vir passar uma ou duas horas após o jantar na companhia de uma bailarina, que evidentemente não era lá muito inteligente mas tinha os olhos mais lindos do mundo? Além

disso, há lugares onde um autêntico parisiense, quando é da estirpe do conde de Chagny, deve mostrar-se, e naquela época o foyer do balé da Ópera era um desses lugares.

Em suma, talvez Philippe não tivesse levado o irmão às coxias da Academia Nacional de Música se este, em mais de uma oportunidade, não tivesse sido o primeiro a pedir-lhe isso com uma doce obstinação, de que o conde deveria lembrar-se mais tarde.

Aquela noite, após aplaudir a Daaé, Philippe voltara-se para Raoul, cuja palidez o assustou.

– Então não está vendo que aquela mulher está passando mal? – inquiriu Raoul.

Com efeito, no palco, Christine Daaé tivera de ser amparada.

– É você que vai desmaiar – replicou o conde, inclinando-se na direção de Raoul. – O que há com você?

Mas Raoul já estava de pé.

– Vamos – disse, com uma voz trêmula.

– Aonde pretende ir, Raoul? – interrogou o conde, perplexo ante a emoção demonstrada pelo caçula.

– Ora, vamos ver! É a primeira vez que ela canta desse jeito!

O conde fitou curiosamente o irmão, e um leve sorriso veio instalar-se no canto do seu lábio maroto.

– Bah...! – E acrescentou imediatamente: – Vamos! Vamos!

Ele parecia enfeitiçado.

Logo estavam na entrada dos assinantes, atulhada de gente. Aguardando permissão para entrar no palco, Raoul esfiapava suas luvas num gesto inconsciente. Philippe, que era um bom sujeito, não zombou de sua impaciência. Mas agora fora informado. Sabia por que Raoul andava distraído quando falava com ele e também por que parecia desfrutar de prazer tão intenso ao dirigir todos os assuntos de conversa para a Ópera.

Adentraram o palco.

Uma multidão de ternos pretos desaguava no foyer do balé ou se dirigia aos camarins dos artistas. Aos gritos dos maquinistas misturavam-se as interpelações veementes dos chefes de cada equipe. Os figurantes do último quadro indo embora, as *marcheuses*<sup>43</sup>



trombando em você, um trainel passando, um pano de fundo descendo do urdimento,<sup>44</sup> um praticável domado à base de grandes marteladas, o eterno “*Place au théâtre!*”<sup>45</sup> que reverbera nos ouvidos como a ameaça de alguma nova catástrofe para nossa cartola ou de uma forte cotovelada nos flancos, eis o script habitual dos entreatos, que nunca deixa de perturbar um noviço como o moço de bigodinho louro, olhos azuis e pele de moça que, tão rápido quanto o congestionamento permitia, atravessava aquele palco no qual Christine Daaé acabava de triunfar e sob o qual Joseph Buquet acabava de morrer.

Nessa noite, a confusão era mais completa e Raoul menos tímido do que nunca. Afastava com o ombro robusto tudo que constituía obstáculo, sem atentar para o que falavam à sua volta ou buscar compreender as declarações assustadas dos maquinistas. Seu único foco era o desejo de ver aquela cuja voz mágica lhe arrancara o coração. Sim, sentia perfeitamente que seu pobre e tenro coração não lhe pertencia mais. Bem que tentara defendê-lo desde o dia em que Christine, a quem conhecera ainda pequena, ressurgira à sua frente. Quando a viu, sentiu uma emoção dulcíssima, que, após refletir, pretendia rechaçar, pois jurara, enquanto tivesse respeito por si mesmo e por sua fé, não amar senão aquela que viesse a ser sua mulher, e naturalmente não podia nem sequer sonhar casar-se com uma cantora. Mas eis que à emoção dulcíssima sucedera uma sensação atroz. Sensação? Sentimento? Um misto de físico e espiritual. Seu peito lhe doía, como se o tivessem aberto para lhe roubar o coração. Sentia um vazio terrível, um vácuo real que jamais seria preenchido pelo coração de outra! Estes são acontecimentos de uma psicologia especial, que, ao que parece, não podem ser compreendidos senão por aqueles que o amor golpeou com esse raio estranho vulgarmente denominado “paixão fulminante”.

O conde Philippe tinha dificuldade para acompanhá-lo. Continuava a sorrir.

No fundo do palco, depois de atravessar a porta dupla que se abre para os degraus que conduzem ao foyer e os que dão acesso aos camarotes da parte esquerda do rés do chão, Raoul foi obrigado a parar em frente ao pequeno grupo de ratinhas que, tendo descido havia pouco do sótão, obstruíam a passagem que ele queria atravessar. Mais de um gracejo lhe foi dirigido por singelas boquinhas pintadas,

aos quais ele não respondeu. Por fim, conseguiu passar e enveredou pela penumbra de um corredor que ecoava as exclamações emitidas por admiradores entusiastas. Um nome encobria todos os rumores: Daaé! Daaé! O conde, atrás de Raoul, ruminava: “O malando conhece o caminho!”, e perguntava-se como o aprendera. Nunca levava Raoul ao camarim de Christine. Tudo leva a crer que havia ido até lá por conta própria, enquanto o conde costumava ficar no foyer conversando com a Sorelli, que não raro lhe pedia que permanecesse ao seu lado até o momento de entrar em cena e às vezes tinha a mania tirânica de lhe dar para guardar as pequenas polainas que calçava para descer de seu camarim, garantindo o brilho de suas sapatilhas de seda e a pureza de sua malha cor de carne. A Sorelli tinha uma justificativa: perdera a mãe.

O conde, adiando em alguns minutos a visita que devia fazer à Sorelli, seguia então pela galeria que conduzia ao camarim da Daaé e constatava que aquele corredor nunca fora tão concorrido como naquela noite, quando todo o teatro parecia em estado de choque diante não só do êxito da artista, como de seu desmaio. Pois a bela criança ainda não voltara a si e tiveram de chamar o médico do teatro, que chegou nesse ínterim, esbarrando nos grupos e com Raoul na sua cola.

Assim, o médico e o apaixonado viram-se simultaneamente ao lado de Christine, que recebeu os primeiros socorros de um e abriu os olhos nos braços do outro. O conde, como muitos outros, permanecera na soleira da porta, diante da qual sufocava.

– Não acha, doutor, que esses cavalheiros deveriam “desobstruir” um pouco o camarim? – perguntou Raoul, com incrível audácia. – Impossível respirar aqui.

– E não é que o senhor tem absoluta razão? – concordou o médico, botando todo mundo porta afora, à exceção de Raoul e da camareira.

Esta fitava Raoul com os olhos arregalados pelo mais sincero pasmo. Nunca o tinha visto.

Não ousou, contudo, questioná-lo.

O médico, por sua vez, pensou que, se o rapaz agia daquela forma, era evidentemente porque estava no seu direito. De modo que, enquanto o visconde permanecia no camarim a contemplar a Daaé

renascendo para a vida, os dois diretores, os srs. Debieenne e Poligny em pessoa, que tinham vindo expressar sua admiração pela contratada, espremiavam-se no corredor com seus ternos pretos. O conde de Chagny, expulso como os demais para o corredor, ria às gargalhadas.

– Ah, o malandro! Ah, o malandro!

E acrescentava, *in petto*:<sup>46</sup> “Então vocês confiam nesses mancebos com cara de menina!”

Estava radiante. Concluiu: “É um Chagny!”, e dirigiu-se ao camarim da Sorelli. Esta, nesse ínterim, descia para o foyer com seu pequeno rebanho amedrontado, e o conde encontrou-a no caminho, como foi dito.

Christine Daaé, no camarim, deixara escapar um profundo suspiro, recebendo um gemido como resposta. Virou a cabeça, viu Raoul e estremeceu. Olhou para o médico, para o qual sorriu, depois para sua camareira, depois novamente para Raoul.

– Cavalheiro! – perguntou a este último, com uma voz que ainda não passava de um sopro. – Quem é o senhor?

– Senhorita – respondeu o moço, que apoiou um joelho no chão e depositou um ardoroso beijo na mão da diva –, senhorita, *sou o garotinho que foi pegar sua echarpe no mar*.

Christine olhou novamente para o médico e a camareira e os três desataram a rir. Raoul levantou-se, muito vermelho.

– Senhorita, uma vez que faz questão de não me reconhecer, eu gostaria de lhe dizer uma coisa em particular, uma coisa importantíssima.

– Quando eu estiver melhor, cavalheiro, pode ser...? – e sua voz tremia. – É muita gentileza sua...

– Mas precisa ir embora... – acrescentou o médico, com seu sorriso mais amável. – Permita-me cuidar da senhorita.

– Não estou doente – reagiu Christine, com uma energia tão estranha quanto inesperada. E levantou-se, passando fugazmente a mão sobre as pálpebras.

– Agradeço-lhe, doutor...! Preciso ficar a sós... Saíam todos! Por favor... deixem-me em paz... Estou muito nervosa esta noite...

O médico fez menção de protestar, mas, diante da agitação da jovem, estimou que o melhor remédio para aquele estado consistia em não contrariá-la. E foi embora com Raoul, que se viu completamente desamparado no corredor. O médico comentou com ele:

– Não a reconheci esta noite... logo ela, geralmente tão meiga...

E despediu-se.

Raoul ficou sozinho. Toda aquela parte do teatro estava deserta agora. Deviam estar todos assistindo à cerimônia de despedida no foyer do balé. Raoul, julgando que a Daaé fosse para lá, esperou-a na solidão e no silêncio. Refugiou-se inclusive na sombra propícia de um canto de porta. Continuava com aquela dor horrível no lado do coração; e era sobre isso que desejava falar com a Daaé, e sem demora. Subitamente o camarim se abriu e ele viu a camareira saindo, sozinha, carregando uns pacotes. Parou-a na passagem e pediu-lhe notícias da jovem. Ela lhe respondeu rindo que esta ia muito bem, mas que convinha não a importunar, pois ela queria ficar sozinha. E se foi. Uma ideia atravessou a mente inflamada de Raoul: evidentemente a Daaé queria ficar sozinha *para ele...*! Ele não lhe dissera que desejava falar com ela em particular, e não era esta a razão pela qual ela esvaziara o recinto? Respirando com dificuldade, ele se aproximou do camarim e, inclinando o ouvido para a porta a fim de escutar o que iam lhe responder, dispôs-se a bater. Mas sua mão tornou a pender. Acabava de perceber, no camarim, *uma voz de homem*, dizendo numa entonação singularmente autoritária:

– Christine, você tem que me amar!

E a voz de Christine, dolorosa, que se adivinhava acompanhada de lágrimas, uma voz trêmula, respondia:

– Como pode dizer isso? *A mim, que canto unicamente para você!*

Raoul amparou-se no batente da porta, de tal forma sofria. Seu coração, que ele julgava perdido para sempre, voltara-lhe ao peito e desfechava-lhe sonoros golpes. Todo o corredor reverberava, deixando Raoul ensurdecido. Seguramente, se o seu coração continuasse a fazer aquele escândalo iriam ouvi-lo, a porta se abriria e o rapaz seria vergonhosamente escorraçado. Que vexame para um Chagny! Escutar atrás de uma porta! Levou as duas mãos ao coração para fazê-lo calar-se. Mas um coração não é a boca de um cão, e mesmo quando

seguramos com as duas mãos a boca de um cão – um cão que late insuportavelmente –, continuamos a ouvir seus rosnados.

A voz de homem continuou:

– Deve estar cansada, não?

– Oh, esta noite dei-lhe minha alma e estou morta.

– Sua alma é magnífica, criança – prosseguiu a voz grave de homem –, e lhe agradeço. Nenhum imperador recebeu um presente como esse! *Os anjos choraram esta noite.*

Após estas palavras, “os anjos choraram esta noite”, o visconde não ouviu mais nada.

Mesmo assim não foi embora. Temendo ser surpreendido, contudo, mergulhou no seu canto de sombra, decidido a esperar que o homem saísse do camarim. Acabava de aprender simultaneamente sobre o amor e o ódio. Sabia a quem amava. Queria conhecer a quem odiava. Para sua grande estupefação, a porta se abriu e Christine Daaé, envolta em peles e com o rosto escondido sob uma renda, saiu sozinha. Ela fechou a porta, mas Raoul observou que não a trancara à chave. Passou por ele. Ele não a seguiu nem mesmo com os olhos, pois estes estavam na porta, que continuava fechada. Então, o corredor novamente deserto, Raoul o atravessou. Abriu a porta do camarim e fechou-a imediatamente atrás de si. Viu-se na mais densa escuridão. Havia apagado o gás.

– Há alguém aqui! – exclamou Raoul com uma voz vibrante. – Por que se esconde?

Permanecia colado à porta fechada.

A noite e o silêncio. Raoul não ouvia senão o arfar da própria respiração. Certamente não se dava conta de que a indiscrição de sua conduta ia além de todo o imaginável.

– Só sairá daqui quando eu permitir! – exclamou o rapaz. – Se não me responder, é um covarde! Mas fique certo de que saberei como desmascará-lo!

Riscou um fósforo. A chama iluminou o camarim. Não havia ninguém! Após tomar o cuidado de fechar a porta à chave, Raoul acendeu globos e lamparinas. Entrou no vestiário, abriu os armários, procurou, apalpou as paredes com suas mãos úmidas. Nada!

– E essa agora? – disse em voz alta. – Será que estou louco?

Assim permaneceu por dez minutos, escutando o assobio do gás na paz daquele camarim vazio: apaixonado, nem sequer pensou em roubar uma fita, que lhe teria trazido o perfume da amada. Saiu, não sabendo mais o que fazia nem aonde ia. Em dado momento de sua incoerente deambulação, um ar gelado bateu-lhe na face. Estava ao pé de uma escada estreita pela qual, atrás dele, descia um cortejo de funcionários, curvados sobre uma espécie de padiola coberta por um lençol branco.

– A saída, por favor? – indagou a um desses homens.

– Não está vendo à sua frente?! – responderam-lhe. – A porta está aberta. Mas deixe-nos passar.

Raoul perguntou mecanicamente, apontando para a padiola:

– O que é isso?

O funcionário respondeu:

– Isso é Joseph Buquet, que encontramos enforcado no terceiro porão, entre um trainel e um cenário do *Rei de Lahore*.

Raoul abriu passagem para o cortejo, cumprimentou e saiu.

22. Charles Gounod (1818-93); Ernest Reyer (1823-1909); Camille Saint-Saëns (1835-1921); Jules Massenet (1842-1912); Ernest Guiraud (1837-92) e Léo Delibes (1836-91), compositores franceses que incursionaram no gênero lírico e dominaram a cena francesa do séc.XIX. ↵

23. Jean-Baptiste Faure (1830-1914), barítono francês. Marie-Gabrielle Krauss (1842-1906), cantora lírica francesa de origem austríaca, um dos principais sopranos da Ópera de Paris durante treze anos; criou o papel-título da ópera *Fosca*, de Antonio Carlos Gomes (1836-96), em sua estreia no La Scala de Milão, em 16 de janeiro de 1873. ↵

24. Obra para piano composta por Gounod em 1872 e arranjada para orquestra sinfônica pelo próprio compositor em 1879. ↵

25. Ópera em quatro atos de Reyer, com libreto de Camille de Locle e Alfred Blau, apresentada na Ópera de Paris em 5 de junho de 1885. ↵

26. A *Dança macabra* é um poema sinfônico composto em 1874 e ainda hoje utilizado como trilha para filmes de terror ou mistério. *Devaneio oriental* é o 3º movimento da *Suíte argelina*, de Saint-Saëns, apresentado em Paris em 7 de junho de 1879. ↵

27. *Marcha húngara de Szabadi* (1879): nome dado por Franz Liszt para sua adaptação para piano da *Marcha heroica de Szabadi*, de Massenet. ↵

28. O *Carnaval* é a última parte da *Primeira suíte para orquestra* (1872), de Guiraud. ↵

29. Respectivamente valsa extraída do balé *Sylvia* (1876), de Léo Delibes, e trecho do balé *Coppelia* (1870), do mesmo compositor, com libreto de Charles Nuitter; o *pizzicati* é uma técnica de dedilhado dos instrumentos de corda. ↵

30. Provavelmente Rosine Bloch (1844-91), mezzo-soprano francesa que cantou em diversos palcos da França, bem como em Bruxelas e Londres. ↵

31. Ópera em cinco atos de Giuseppe Verdi, com libreto de Eugène Scribe e Charles Duveyrier, com estreia em 1855. ↵

32. Ópera em dois atos e um prólogo de Gaetano Donizetti, com libreto baseado na peça homônima de Victor Hugo, estreada em 1833. *Brindisi* são “canções de brinde”, exortando um grupo a tomar um trago; geralmente cantada solo, no final a companhia entra em cena para participar. ↵

33. Ópera em cinco atos de Gounod com libreto de Jules Barbier e Michel Carré baseada na peça homônima de William Shakespeare. Estreou em Paris em 1867. ↵

34. Marie-Caroline Miolan-Carvalho (1827-95), soprano francesa, criou diversos papéis de óperas famosas, entre eles a Julieta de *Romeu e Julieta* e a Margarida do *Fausto* (ver notas 33 e 35). ↵

35. As derradeiras palavras dos amantes de Gounod, cantadas em uníssono. ↵

36. Ópera em cinco atos, de Gounod, com libreto de Jules Barbier e Michel Carré, baseado na lenda e no drama homônimos de Goethe. Estreou em 1859. ↵

37. Heroína da ópera *Fausto*, de Gounod. Seduzida por Fausto e gerando um filho seu, Margarida mata a criança e é presa. Ao saber que Fausto tinha um pacto com o diabo (Mefistófeles), suplica proteção aos céus e sobe ao Paraíso, enquanto Fausto reza. ↵

38. Trata-se de Paul de Saint-Victor (1827-91), ensaísta e crítico literário e teatral francês, que colaborou para diversos periódicos e jornais ao longo do séc.XIX. ↵

39. Possivelmente um personagem mítico, citado numa crônica do séc.XX e resgatado por Novalis em sua obra-prima, o romance inacabado e póstumo *Heinrich von Ofterdingen* (1800). Os mestres-cantores eram uma espécie de menestréis ou trovadores. ↵

40. Personagem do *Fausto* de Gounod, é amigo do irmão de Margarida (Valentin) e apaixonado por ela. Geralmente é interpretado por um mezzo-soprano, como é o caso de Christine Daaé. ↵

41. No sistema nobiliário, a expressão “quarto de nobreza” denota a antiguidade dos títulos de nobreza de um indivíduo, de acordo com os títulos de seus ancestrais. Luís o Teimoso é Luís X (1289-1316), rei da França entre 1314 e 1316, décimo segundo da dinastia dos Capeto. ↵

42. Referência ao Faubourg Saint-Germain, ver nota 7. ↵

43. Figurantes de segunda ordem num balé, fazendo breves aparições. Segundo

Jacques Arago, em *Fisiologia dos foyers de todos os teatros de Paris* (1841), “as *marcheuses* são essas garotas altas e bonitas que você vê, no séquito dos corpos de baile ou das festas populares, mostrarem à multidão seus belos olhos escuros ou azuis, seus belos cabelos, delas próprias ou emprestados, suas panturrilhas esculpidas como as de Diana a caçadora, sua garganta e seus ombros iguais aos da Vênus de Milo, quase tão estragados embora menos antigos. As *marcheuses* da Ópera não são de se jogar fora, juro.” ↔

44. Parte superior da caixa de teatro, guarnecida de sólido madeiramento ao qual se fixam roldanas, polias, ganchos, cordas e outros dispositivos mecânicos que operam as manobras cênicas. Do urdimento fazem parte as varandas. Alguns autores reservam o nome de urdimento apenas para o conjunto das cordas e cordões de manobras etc. pendentes do teto da caixa, a que chamam teia. ↔

45. Francês, literalmente “lugar ao teatro!”. Ordem tradicional gritada pelo diretor técnico no fim de uma mudança de cenário, instruindo o pessoal a dar lugar aos atores, à representação. ↔

46. Em italiano no original: “secretamente”, “consigo mesmo”. ↔



QUANDO, PELA PRIMEIRA VEZ E SIGILOSAMENTE, OS SRS. DEBIENNE E POLIGNY REVELAM AOS NOVOS DIRETORES DA ÓPERA, OS SRS. ARMAND MONCHARMIN E FIRMIN RICHARD, A VERDADEIRA E MISTERIOSA RAZÃO DE SUA SAÍDA DA ACADEMIA NACIONAL DE MÚSICA

ENQUANTO ISSO, desenrolava-se a cerimônia de despedida.

Repito que essa festa magnífica foi oferecida, por ocasião de sua saída da Ópera, pelos srs. Debienne e Poligny, que haviam desejado morrer, como dizemos hoje, no auge.

Haviam sido ajudados na realização desse plano ideal e fúnebre por tudo que contava então em Paris na sociedade e nas artes.

Toda essa gente marcara encontro no foyer do balé, onde, com uma taça de champanhe na mão e um pequeno discurso preparado na ponta da língua, a Sorelli aguardava os diretores demissionários. Atrás dela espremiavam-se suas colegas do corpo de baile, jovens e velhas, umas comentando baixinho os acontecimentos do dia, outras dirigindo discretamente sinais codificados para seus namorados, multidão loquaz que já cercava o bufê, montado sobre o tablado, entre a *dança guerreira* e a *dança campestre* do sr. Boulenger.<sup>47</sup>

Algumas bailarinas já haviam trocado de roupa; a maioria ainda trajava suas saias de tule, mas todas julgaram conveniente fazer cara de circunstância. Só a pequena Jammes, a quem as quinze despreocupadas primaveras – idade venturosa – pareciam ter feito esquecer o fantasma e a morte de Joseph Buquet, não parava de cacarejar, tagarelar, saltitar, fazer palhaçada, de modo que, quando os srs. Debienne e Poligny apareceram nos degraus do foyer do balé, ela foi severamente chamada à ordem pela impaciente Sorelli.

Todo mundo notou que os srs. diretores demissionários aparentavam alegria, o que na província ninguém teria achado natural, mas em Paris foi considerado de muito bom gosto. Nunca será parisiense aquele que não aprender a pespegar uma máscara de alegria sobre seus desgostos e o véu da tristeza, do tédio ou da indiferença sobre sua alegria íntima. Ao saber que um de seus amigos

está em dificuldade, não tente consolá-lo: ele lhe dirá que já está consolado; mas se lhe aconteceu alguma coisa boa, evite felicitá-lo: ele julga sua boa sorte tão natural que se espantará que comentem isso com ele. Em Paris estamos sempre num baile de máscaras, e nunca seria no foyer do balé que personagens tão “esclarecidos” como os srs. Debienne e Poligny cometeriam a gafe de mostrar sua aflição, que era real. E já sorriam afetadamente para a Sorelli, que começava a proferir seu elogio, quando um grito da pestinha da Jammes veio quebrar o sorriso dos srs. diretores de uma forma tão brutal que a expressão de desolação e pavor subjacente ofereceu-se aos olhos de todos:

– O Fantasma da Ópera!

Jammes lançara essas palavras num tom de inexprimível terror, e seu dedo apontava, na multidão dos fraques escuros, para um rosto tão lívido, lúgubre e feio, com os buracos negros das arcadas superciliares tão profundos, que a caveira assim designada fez imediatamente um sucesso estrondoso.

– O Fantasma da Ópera! O Fantasma da Ópera!

E todos riam e se cutucavam e queriam oferecer uma bebida ao Fantasma da Ópera. Mas ele sumira! Tinha se esgueirado na multidão e o procuraram em vão, enquanto dois velhos senhores tentavam acalmar a pequena Jammes e a pequena Giry gritava feito um pavão.

A Sorelli estava furiosa, pois não conseguira terminar seu discurso. Os srs. Debienne e Poligny deram-lhe um beijo, agradeceram-lhe e evaporaram tão depressa quanto o próprio fantasma. Ninguém se surpreendeu com isso, pois sabia-se que deveriam passar pela mesma cerimônia no andar superior, no foyer do canto lírico, e que, para encerrar, seus amigos mais próximos seriam recebidos pela última vez por eles no grande vestíbulo do gabinete da direção, onde uma verdadeira ceia os esperava.

E é lá que iremos encontrá-los na companhia dos novos diretores, os srs. Armand Moncharmin e Firmin Richard. Aqueles mal conheciam estes, mas transbordaram em protestos de amizade, a que estes responderam com mil elogios, de maneira que os convidados, que haviam temido uma noite maçante, abriram prontamente um sorriso. A ceia foi quase alegre e, chegada a hora dos brindes, o sr. comissário do governo foi tão particularmente hábil no seu, misturando a glória do passado aos sucessos do futuro, que logo reinava a maior

cordialidade entre os comensais. A transmissão dos poderes da direção efetivara-se na véspera, na maior simplicidade possível, e as questões que faltavam acertar entre a antiga e a nova direção haviam sido resolvidas naquela oportunidade, sob a presidência do comissário do governo, num desejo tão grande de harmonia de ambas as partes que, na verdade, não espantava encontrar quatro risonhos rostos de diretores naquela noite memorável.

Os srs. Debiegne e Poligny já haviam entregado aos srs. Armand Moncharmin e Firmin Richard as duas chaves minúsculas, chaves-mestras, que abriam todas as portas da Academia Nacional de Música – alguns milhares. Na mesma hora essas chavinhas, objeto da curiosidade geral, foram passando de mão em mão, até que a atenção de alguns foi desviada pela descoberta que acabavam de fazer: na ponta da mesa, a estranha e lívida e fantástica figura de olhos cavados que já aparecera no foyer do balé e que fora saudada pela pequena Jammes com essa apóstrofe: “O Fantasma da Ópera!”

Ali estava ele, como o mais natural dos comensais, com a ressalva de que não comia nem bebia.

Os que haviam começado a olhar para ele sorrindo tinham acabado por desviar a cabeça, de tal forma aquela visão imediatamente levava o espírito aos pensamentos mais fúnebres. Ninguém repetiu a brincadeira do foyer, ninguém exclamou: “Vejam, o Fantasma da Ópera!”

Não tinha pronunciado uma palavra, e seus próprios vizinhos não puderam dizer em que momento preciso ele viera sentar-se ali, mas todos pensaram que, se os mortos às vezes voltavam para sentar-se à mesa dos vivos, não podiam mostrar rosto mais macabro. Os amigos dos srs. Firmin Richard e Armand Moncharmin pensaram que o comensal descarnado era um íntimo dos srs. Debiegne e Poligny, enquanto os amigos dos srs. Debiegne e Poligny acharam que aquele cadáver pertencia à turma dos srs. Richard e Moncharmin. Por conseguinte, nenhum pedido de explicação, nenhuma reflexão desagradável, nenhum gracejo de mau gosto aventurou-se a melindrar aquele conviva do além-túmulo. Alguns convidados que estavam a par da lenda do fantasma e conheciam a descrição feita pelo maquinista-chefe – eles ignoravam a morte de Joseph Buquet – julgavam *in petto* que o homem da ponta da mesa poderia muito bem passar pela

consumação viva do personagem criado, segundo eles, pela inveterada superstição do pessoal da Ópera; não obstante, conforme a lenda, o Fantasma não tinha nariz, enquanto esse personagem sim, mas em suas *Memórias* o sr. Moncharmin afirma que o nariz do convidado era transparente. “Seu nariz era comprido, fino e transparente”, assevera – e eu acrescentaria que poderia ser um falso nariz. O sr. Moncharmin pode ter tomado por transparente o que era apenas luzidio. Todo mundo sabe que a ciência fabrica admiráveis narizes falsos para aqueles privados de um pela natureza ou por alguma cirurgia. Francamente, teria o Fantasma vindo aquela noite ao banquete dos diretores sem ter sido convidado? E podemos ter certeza de que aquele rosto era mesmo o do Fantasma da Ópera? Quem ousaria afirmar uma coisa dessas? Se menciono tal incidente aqui, não é porque eu queira, por um segundo que seja, impingir ao leitor que o Fantasma teria sido capaz de tão soberba audácia, e sim porque, em suma, a coisa era muito possível.

Aqui está, suponho, uma razão suficiente para isso. O sr. Armand Moncharmin, ainda em suas *Memórias*, diz textualmente, no capítulo XI: “Quando penso naquela primeira *soirée*, não consigo separar a confiança que nos foi feita, em seu gabinete, pelos srs. Debiegne e Poligny, da presença em nossa ceia daquele *fantasmático* personagem que nenhum de nós conhecia.”

Eis exatamente o que aconteceu.

Os srs. Debiegne e Poligny, instalados no centro da mesa, ainda não haviam percebido o homem da caveira quando, inopinadamente, este começou a falar:

– As ratinhas têm razão – disse. – A morte desse pobre Buquet talvez não tenha sido tão natural quanto se crê.

Debiegne e Poligny quase caíram para trás.

– Buquet morreu? – exclamaram.

– Sim – replicou tranquilamente o homem, ou a sombra de homem. – Foi encontrado enforcado, esta noite, no terceiro porão, entre um trainel e um cenário do *Rei de Lahore*.

Os dois diretores, ou melhor, ex-diretores, levantaram-se no mesmo instante, fixando estranhamente seu interlocutor. Estavam mais agitados do que o normal, quer dizer, mais do que o normal

quando se tem notícia do enforcamento de um maquinista-chefe. Os dois entreolharam-se. Estavam mais lívidos do que a toalha de mesa. Por fim, Debieenne fez um sinal ao srs. Richard e Moncharmin; Poligny pronunciou algumas palavras de desculpas aos convidados e os quatro passaram ao gabinete da direção. Com a palavra o sr. Moncharmin:

“Os srs. Debieenne e Poligny pareciam cada vez mais agitados”, conta ele em suas *Memórias*, “e julgamos que tinham alguma coisa bastante embaraçosa a nos dizer. Primeiro, perguntaram se conhecíamos o indivíduo sentado na ponta da mesa, que lhes comunicara a morte de Joseph Buquet, e diante de nossa resposta negativa mostraram-se ainda mais perturbados. Tomaram as chaves-mestras de nossas mãos, consideraram-nas por um instante, balançaram a cabeça, depois nos aconselharam a mandar fazer novas fechaduras, no maior segredo, para os apartamentos, gabinetes e objetos cuja segurança absoluta quiséssemos garantir. Soaram tão hilários ao falarem isso que começamos a rir, perguntando-lhes se havia ladrões na Ópera. Eles responderam que havia coisa pior, que era o *Fantasma*. Rimos novamente, persuadidos de que estavam fazendo alguma piada para coroar aquela festinha íntima. Então, a pedido deles, recobramos nossa ‘seriedade’ e, para agradá-los, decidimos entrar naquela espécie de jogo. Eles nos disseram que nunca nos teriam falado do Fantasma se não tivessem recebido ordens categóricas do próprio para nos persuadirem a sermos amáveis com ele e conceder-lhe tudo que ele nos pedisse. Entretanto, felicíssimos por deixarem um terreno onde reinava soberana aquela sombra tirânica, e verem-se assim livres dela, haviam hesitado até o último instante em nos comunicar tão curiosa aventura, para a qual decerto nossos espíritos céticos não estavam preparados – quando o anúncio da morte de Joseph Buquet os fizera lembrar abruptamente que, todas as vezes que não tinham obedecido aos desejos do Fantasma, algum acontecimento mirabolante ou funesto logo os fizera constatar sua inferioridade.

“Durante esses discursos inesperados, pronunciados no tom da confiança mais secreta e significativa, eu observava Richard. Quando ainda era estudante, Richard tivera a reputação de farsista, isto é, não ignorava nenhuma das mil e uma maneiras que temos de caçar uns dos outros, e as zeladoras do bulevar Saint-Michel tiveram

um gostinho disso. Por exemplo, pareceu saborear exageradamente o prato que lhe foi servido. Não desperdiçou nada, embora o condimento tivesse um gosto um pouco macabro devido à morte de Buquet. Balançava a cabeça com tristeza e, à medida que os outros falavam, seu semblante anuviava-se como o de um homem que lamentava amargamente aquela complicação na Ópera, agora que sabia existir um fantasma ali dentro. Não me restava outra alternativa senão imitar servilmente aquela atitude de desespero. Entretanto, apesar de todos os nossos esforços, no fim não conseguimos nos abster de ‘morrer de rir’ nas barbas dos srs. Debienne e Poligny, que, ao nos verem passar sem transição do estado de espírito mais lúgubre à alacridade mais insolente, fingiram acreditar que tínhamos enlouquecido.

“A brincadeira já tinha durado demais. Com uma cara de esfinge, Richard perguntou:

“– Mas afinal o que deseja esse fantasma?

“O sr. Poligny dirigiu-se ao seu gabinete e voltou com uma cópia do caderno de encargos. O caderno de encargos começa com as seguintes palavras: ‘A direção da Ópera está incumbida de conferir às representações da Academia Nacional de Música o esplendor que convém à primeira cena lírica francesa’ e termina com o artigo 98, assim concebido: ‘A presente concessão poderá ser retirada: 1º Se o diretor infringir as disposições estipuladas no caderno dos encargos.’ Seguem as disposições.

“Essa cópia”, diz o sr. Moncharmin, “estava em tinta preta e em plena conformidade com a que possuíamos. Entretanto, vimos que o caderno de encargos que o sr. Poligny nos submetia comportava *in fine* uma alínea escrita com tinta vermelha – caligrafia bizarra e atormentada, como se traçada com a ponta de um palito de fósforo, caligrafia de criança que não saiu da garatuja e ainda não conseguia juntar as letras. E a alínea que estendia tão estranhamente o artigo 90 dizia textualmente: ‘5º *Se o diretor atrasar em mais de quinze dias a mensalidade que deve ao Fantasma da Ópera, mensalidade estipulada até nova ordem em 20.000 francos – 240.000 francos por ano.*’

“O sr. de Poligny, com um dedo hesitante, nos mostrava essa cláusula suprema, pela qual decerto não esperávamos.

“– Isso é tudo? Ele não quer mais nada? – perguntou Richard, com

o maior sangue-frio.

“– Sim – replicou Poligny.

“Voltando a folhear o caderno das normas, leu:

“Art.63. – O grande camarote à direita dos camarotes de primeira classe será reservado em todas as representações para o chefe de Estado.

“A frisa nº20, às segundas-feiras, e o camarote de primeira classe nº30, às quartas e sextas, serão colocadas à disposição do ministro.

“O camarote de segunda classe nº27 será reservado todos os dias para o governador do Sena e o chefe de polícia.’

“E no fim desse artigo o sr. Poligny nos mostrou uma linha acrescentada com tinta vermelha.

*“O camarote de primeira classe nº5 permanecerá, em todas as representações, à disposição do Fantasma da Ópera.’*

“Lendo esse último gracejo, só nos restou levantar e apertar calorosamente as mãos de nossos dois antecessores, parabenizando-os por terem imaginado aquele simpático trote, que provava que a velha gaiatice francesa continuava em forma. Richard julgou inclusive dever acrescentar que agora compreendia por que os srs. Debienne e Poligny deixavam a direção da Academia Nacional de Música. Os negócios tornavam-se inviáveis com fantasma tão exigente.

“– Evidentemente – replicou sem pestanejar o sr. Poligny –, ninguém acha 240.000 francos sob uma ferradura. E já calcularam o que pode nos custar a não locação do camarote nº5, reservado para o Fantasma em todas as representações? Sem falar que fomos obrigados a pagar a assinatura, é o fim da picada! Sério, não trabalhamos para sustentar fantasmas...! Preferimos debandar!

“– Sim – repetiu o sr. Debienne –, preferimos debandar! Vamos!

“E levantou-se.

“Richard ponderou:

“– Tudo indica que os senhores são muito generosos com esse fantasma. Se eu tivesse um fantasma tão inconveniente, não hesitaria em mandar prendê-lo...

“– Mas onde? Mas como? – exclamaram eles em coro. – Nós nunca o vimos!

“– Mas e quando ele ocupa o seu camarote?

“– *Nós nunca o vimos em seu camarote.*

“– Então alugue-o.

“– Alugar o camarote do Fantasma da Ópera! Muito bem, cavalheiros, tentem!

“Com o quê saímos os quatro do gabinete da diretoria. Eu e Richard nunca tínhamos rido tanto.”

47. Certamente Gustave Boulanger (1824-88), pintor orientalista francês, encarregado de vários painéis decorativos da Ópera de Paris, entre eles os do foyer do balé. ↵



## O CAMAROTE Nº5

ARMAND MONCHARMIN ESCREVEU memórias tão volumosas que, especialmente no que diz respeito ao período bastante longo de sua codireção, sentimo-nos no direito de nos perguntarmos se um dia encontrou tempo de cuidar da Ópera de outra forma que não contando o que lá acontecia. O sr. Moncharmin não conhecia uma nota musical, mas mostrava-se íntimo do ministro da Instrução Pública e das Belas-Artes, fizera um pouco de jornalismo de *boulevard*<sup>48</sup> e contava imensa fortuna. Em suma, era um rapaz encantador a quem não faltava inteligência, uma vez que, decidido a administrar a Ópera, soubera escolher aquele que seria seu eficiente sócio, indo direto a Firmin Richard.

Firmin Richard era um músico competente e um homem galante. Eis o perfil que a *Revue des Théâtres* lhe dedicou por ocasião de sua posse:

“O sr. Firmin Richard beira os cinquenta anos de idade, é alto, compleição forte, sem barriga. Tem nobreza e elegância, é pitoresco, seus cabelos são bastos e cortados à escovinha, a barba em uníssono com os cabelos, a fisionomia tem algo de um pouco triste que é imediatamente compensado por um olhar franco e direto aliado a um sorriso encantador.

“O sr. Firmin Richard é um músico muito qualificado. Harmonizador habilidoso, contrapontista exímio, a grandiosidade é o principal caráter de sua composição. Publicou música de câmara muito apreciada pelos melômanos, música para piano, sonatas ou peças de fuga transbordantes de originalidade, uma coletânea de melodias. Por fim, *A morte de Hércules*, executada nos concertos do Conservatório, respira um sopro épico que faz pensar em Gluck, um dos mestres venerados pelo sr. Firmin Richard. Todavia, se adora Gluck, não adora menos Piccini;<sup>49</sup> o sr. Richard sente prazer onde o encontra. Cheio de admiração por Piccini, inclina-se perante Meyerbeer,<sup>50</sup> deleita-se com Cimarosa<sup>51</sup> e ninguém aprecia melhor do

que ele o inimitável gênio de Weber.<sup>52</sup> Por fim, no que diz respeito a Wagner,<sup>53</sup> o sr. Richard não está longe de afirmar ser, ele, Richard, o primeiro na França e talvez o único a tê-lo compreendido.”

Interrompo aqui minha citação, da qual me parece resultar bastante claramente que, se o sr. Firmin Richard gostava de praticamente todos os gêneros de música e de todos os músicos, era do dever de todos os músicos gostar do sr. Firmin Richard. Para concluir este rápido perfil, digamos que o sr. Richard era o que convencionamos chamar um autoritário, isto é, alguém muito mal-humorado.

Os primeiros dias que os dois sócios passaram na Ópera foram vividos na alegria de sentirem-se os chefes daquela vasta e bela empresa, esquecidos da curiosa e bizarra história do Fantasma, até que se produziu um incidente que lhes provou que, se farsa havia, ela não terminara.

Aquela manhã, o sr. Firmin Richard chegou ao seu gabinete às onze horas. Seu secretário, o sr. Rémy, mostrou-lhe meia dúzia de cartas, que ele não abria por trazerem a menção “Pessoal”. Uma dessas cartas chamou imediatamente atenção de Richard, não só porque o sobrescrito do envelope estava em tinta vermelha, como porque lhe pareceu já ter visto aquela letra em algum lugar. Não precisou procurar muito: era a caligrafia vermelha que complementara de maneira tão bizarra o caderno de encargos. Reconheceu o garrancho e o aspecto infantil. Abriu e leu:

Prezado diretor, peço-lhe perdão por vir importuná-lo em momento tão delicado, quando o senhor decide a sorte dos melhores artistas da Ópera, renovando importantes compromissos e firmando novos; e isso com uma visão segura, uma comunhão com o teatro, um conhecimento do público e seus gostos, uma autoridade que esteve bem perto de estarrecer minha velha experiência. Estou a par do que acaba de fazer pela Carlotta, a Sorelli e a pequena Jammes, e por algumas outras, cujas admiráveis qualidades, dons ou gênio o senhor vislumbrou. (Decerto sabe de quem falo quando escrevo estas palavras; não é evidentemente da Carlotta, que canta feito um trombone e nunca deveria ter deixado o Ambassadeurs<sup>54</sup> nem o café Jacquin; nem da pequena Jammes, que dança como um bezerro no pasto. Tampouco é de Christine Daaé, cujo gênio é incontestável, mas que, por um cioso prurido, o senhor mantém afastada de toda criação importante.) Enfim, o senhor é livre para administrar seu pequeno negócio como bem lhe apetece, não é mesmo? Ainda assim, eu desejaria aproveitar que ainda não botou Christine Daaé na rua para ouvi-la esta noite no papel de Siebel, uma

vez que o de Margarida, desde seu triunfo do outro dia, lhe foi negado, e pediria que não dispusesse do meu camarote no dia de hoje, nem nos *seguintes*, pois não terminarei esta carta sem lhe confessar o quão desagradavelmente surpreso me sinto, nestes últimos tempos, ao chegar à Ópera e saber que meu camarote foi alugado – na bilheteria – *por ordens suas*.

Não protestei, em primeiro lugar porque sou inimigo do escândalo, depois porque não imaginava que, antes de partirem, seus antecessores, os srs. Debiegne e Poligny, sempre tão encantadores comigo, houvessem lhe omitido minhas pequenas manias. Ora, acabo de receber a resposta dos srs. Debiegne e Poligny ao meu pedido de explicação, resposta que me prova que o senhor está a par do meu caderno de encargos e, por conseguinte, zomba ultrajantemente de minha pessoa. *Se deseja um convívio pacífico, não deve começar por confiscar meu camarote!* Sob o benefício destas pequenas observações, queira me considerar, meu caro diretor, seu humílimo e obedientíssimo servo.

Assinado: F. da Ópera

Essa carta vinha acompanhada de um trecho da pequena correspondência da *Revue Théâtrale*, em que lemos isto: “*F. da Ópera: R. e M. não têm desculpa. Eles foram avisados e deixamos em suas mãos o caderno de encargos. Saudações!*”

Mal o sr. Firmin Richard terminara essa leitura, a porta do seu gabinete se abriu e o sr. Armand Moncharmin entrou com uma carta na mão, absolutamente idêntica à que seu colega recebera. Entreolharam-se e caíram na risada.

– A piada continua – comentou o sr. Richard. – Mas não tem a mínima graça!

– O que isso significa? – indagou o sr. Moncharmin. – Por acaso *eles* acham que só por terem sido diretores da Ópera lhes daremos um camarote vitalício?

Pois, tanto para o primeiro como para o segundo, não restava dúvida de que as missivas eram fruto da colaboração trocista de seus antecessores.

– Não estou com paciência para tolerar esses gracejos por muito tempo! – declarou Firmin Richard.

– É inofensivo! – observou Armand Moncharmin. – Afinal, o que eles querem? Um camarote para hoje à noite?

O sr. Firmin Richard deu ordens para o seu secretário passar aos srs. Debiegne e Poligny o camarote nº5, caso este não estivesse reservado.

Não estava. Foi-lhes expedido na mesma hora. Os srs. Debiegne e Poligny moravam: o primeiro, na esquina da rua Scribe com o bulevar des Capucines; o segundo, à rua Auber. As duas cartas do F. da Ópera foram postadas na agência do bulevar des Capucines. Foi Moncharmin quem notou isso, examinando os envelopes.

– Como você enxerga bem! – comentou Richard.

Eles deram de ombros e lamentaram que pessoas daquela idade ainda se divertissem com brincadeiras tão simplórias.

– Poderiam pelo menos ter sido mais educados! – observou Moncharmin. – Viu como nos tratam, a propósito da Carlotta, da Sorelli e da pequena Jammes?

– Quer saber, meu caro, essas pessoas estão doentes de inveja...! Quando penso que chegaram a publicar um aviso na correspondência da *Revue Théâtrale*...! Será que não têm mais o que fazer?

– A propósito – disse ainda Moncharmin –, parecem muito interessados na pequena Christine Daaé...

– Você sabe tão bem quanto eu que ela tem a reputação de ser uma moça ajuizada! – respondeu Richard.

– É tão comum não merecermos nossa reputação – replicou Moncharmin. – Por acaso não tenho a reputação de ser especialista em música, quando ignoro a diferença entre a clave de sol e a clave de fá?

– Não se preocupe, meu caro, você nunca teve essa reputação – declarou Richard.

Nesse momento, Firmin Richard deu ordens ao contínuo para introduzir os artistas que, havia duas horas, zanzavam no grande corredor da administração, esperando que a porta da diretoria se abrisse, porta atrás da qual os esperavam a glória e o dinheiro... ou a demissão.

O dia inteiro foi dedicado a discussões, confabulações, assinaturas ou rompimentos de contratos; portanto, peço-lhes que acreditem que naquela noite – a noite de 25 de janeiro – nossos dois diretores, cansados após uma jornada difícil de explosões de raiva, intrigas, recomendações, ameaças, declarações de amor ou ódio, deitaram-se cedo, sem terem sequer a curiosidade de dar uma espiada no camarote nº5 para saber se os srs. Debiegne e Poligny julgavam o espetáculo do seu gosto. A Ópera não descansara após a partida da antiga direção e

o sr. Richard empreendera algumas obras necessárias, mas sem interromper o curso das representações.

Na manhã seguinte, os srs. Richard e Moncharmin encontraram em sua correspondência uma carta de agradecimento do Fantasma, assim concebida:

Meu caro Diretor,

Obrigado. Noite encantadora. Daaé soberba. Cuide dos coros. A Carlotta, magnífico e banal instrumento. Escreva em breve para o assunto dos 240.000 francos – exatamente 233.424 fr. 70; os srs. Debienne e Poligny tendo feito chegar às minhas mãos 6.575 fr. 30, referentes aos primeiros dias de minha pensão deste ano –, sua concessão tendo terminado na noite do dia 10.

Servo

F. da Ópera

E também uma carta dos srs. Debienne e Poligny:

Senhores,

Agradecemos sua amável atenção, mas compreenderão facilmente que a perspectiva de ouvir novamente *Fausto*, por mais auspiciosa que seja para ex-diretores da Ópera, não nos faz esquecer que não temos direito algum a ocupar o camarote de primeira classe nº5, que pertence exclusivamente àquele a cujo respeito tivemos o ensejo de lhes falar, relendo com os senhores, uma última vez, o caderno de encargos – última alínea do artigo 63.

Queiram aceitar, cavalheiros, etc.

– Diabos, essa gente está começando a me irritar! – declarou com veemência Firmin Richard, esmigalhando a carta dos srs. Debienne e Poligny.

Aquela noite, o camarote nº5 foi alugado.

No dia seguinte, ao chegar ao seu gabinete, os srs. Richard e Moncharmin encontraram um relatório do superintendente, relativo aos fatos ocorridos no camarote nº5 na noite anterior. Eis a passagem essencial do relatório, que é breve:

“Esta noite”, o superintendente escrevera, “vi-me na necessidade de requerer um guarda municipal para mandar evacuar, por duas vezes, no começo e no meio do segundo ato, o camarote de primeira classe nº5. Os ocupantes, que haviam chegado no começo do segundo ato, faziam um verdadeiro escândalo com suas risadas e reflexões descabidas. De todos os lados à sua volta ouvia-se “shhh!”, e a plateia

começava a protestar quando a lanterninha veio me procurar; entrei no camarote e fiz as admoestações necessárias. Aquela gente parecia não gozar plenamente da razão e me respondeu com frases estúpidas. Adverti-os de que se aquele escândalo se repetisse eu me veria obrigado a mandar evacuar o camarote. Assim que parti, ouvi novamente suas risadas e os protestos da plateia. Voltei com um guarda municipal, que os fez sair. Eles reclamaram, sempre rindo, declarando que não iriam embora se não devolvêssemos seu dinheiro. No fim acalmaram-se e permiti que retornassem ao camarote; imediatamente as risadas recomeçaram, e dessa vez mandei-os expulsar definitivamente.”

– Vá chamar o superintendente! – gritou Richard para o seu secretário, que fora o primeiro a ler aquele relatório e já o anotara com lápis azul.

O secretário, o sr. Rémy – vinte e quatro anos, bigode fino, elegante, distinto, bem-vestido (nessa época, redingote obrigatório durante o dia), inteligente e tímido perante o diretor, 2.400 de honorários por ano pagos pelo diretor, compila os jornais, responde às cartas, distribui camarotes e ingressos de favor, agenda reuniões, conversa com os que tomam chá de cadeira, acorre à casa dos artistas doentes, contrata dublês, corresponde-se com os chefes de departamento, mas acima de tudo é o grande ferrolho do gabinete da direção, podendo ser posto na rua de um dia para o outro sem qualquer indenização, pois não é reconhecido pela administração –, o secretário, que já chamara o superintendente, deu ordens para que ele entrasse.

O superintendente entrou, um pouco inquieto.

– Conte-nos o que aconteceu – ordenou bruscamente Richard.

O superintendente gaguejou alguma coisa, fazendo alusão ao relatório.

– Afinal! Esses indivíduos, por que eles riam? – perguntou Moncharmin.

– Sr. diretor, eles deviam ter jantado bem e pareciam mais dispostos à chacota do que a escutar boa música. Ao chegarem, mal haviam entrado no camarote, saíram e chamaram a lanterninha, que lhes perguntou o que havia. Eles disseram à lanterninha: “Olhe dentro

do camarote, não tem ninguém, não é mesmo...?” “Não”, respondeu a lanterninha. “Muito bem”, eles afirmaram, “quando entramos ouvimos uma voz dizendo *que havia alguém*.”

O sr. Moncharmin não pôde olhar para o sr. Richard sem sorrir, mas o sr. Richard, por sua vez, não sorria. Em outros tempos, já “trabalhara” muito naquele gênero para não reconhecer, no relato que o superintendente lhe fazia o mais ingenuamente possível, todas as marcas de uma dessas brincadeiras de mau gosto que, se a princípio divertem aqueles que são suas vítimas, depois os deixam fulos da vida.

O sr. superintendente, para adular o sr. Moncharmin, que sorria, julgara dever sorrir também. Desafortunado sorriso! O olhar do sr. Richard fulminou o sócio, que tratou logo de compor um semblante terrivelmente consternado.

– E quando essas pessoas chegaram não havia ninguém no camarote?– perguntou, rosnando, o terrível Richard.

– Ninguém, sr. diretor! Ninguém! Nem no camarote da direita, nem no camarote da esquerda, ninguém, eu juro! Boto a minha mão no fogo! E é o que prova claramente que tudo isso não passa de um trote.

– E a lanterninha, o que disse?

– Oh, quanto à lanterninha, é muito simples, ela disse tratar-se do Fantasma da Ópera. Vê se pode!

E o superintendente riu. Mas novamente compreendeu que errou ao rir, pois tão logo pronunciara estas palavras, “disse tratar-se do Fantasma da Ópera”, a fisionomia do sr. Richard, de lúgubre, passou a feroz.

– Alguém vá procurar a lanterninha! – ordenou. – Imediatamente! E tragam-na aqui! E mandem todo mundo embora!

O superintendente quis protestar, mas Richard silenciou-o com um terrível “Cale-se!”. Então, quando os lábios do infeliz subordinado pareceram fechados para sempre, o sr. diretor ordenou que se abrissem novamente.

– O que é o “Fantasma da Ópera”? – decidiu perguntar, com um grunhido.

Mas o superintendente agora achava-se incapaz de dizer uma

palavra. Com uma mímica desesperada, indicou que não fazia ideia, ou melhor, que desejava ficar fora daquilo.

– O senhor viu o Fantasma da Ópera?

Com um gesto enérgico da cabeça, o superintendente negou tê-lo visto.

– Azar o seu! – declarou friamente o sr. Richard.

O superintendente arregalou os olhos, que lhe saíam das órbitas, para perguntar por que o sr. diretor pronunciara aquele sinistro “Azar o seu!”.

– Porque vou mandar fazer as contas de todos os que não o viram! – explicou o sr. diretor. – Uma vez que ele está em toda parte, não é admissível que não seja visto em parte alguma. Gosto que as pessoas cumpram suas funções!

48. Espécie de coluna social com mexericos. ↔

49. Christoph Willibald Gluck (1714-87), compositor alemão de ópera do período clássico, foi um dos polos da querela que opôs adeptos da ópera francesa (gluckistas) aos defensores da ópera italiana (piccinistas), representados por Niccolò Piccini (1728-1800), compositor lírico italiano, contrário à reforma proposta por Gluck. ↔

50. Giacomo Meyerbeer (1791-1864), judeu alemão compositor de óperas, caracterizado por seu ecletismo e internacionalismo, que faziam a síntese entre a técnica orquestral alemã, a arte do *bel canto* rossiniano e o esmero da declamação francesa. Foi duramente atacado por Richard Wagner (ver nota 53), que se tornou seu inimigo ferrenho. Autor, entre outras óperas, de *Robert le Diable*, *Os huguenotes* e *O profeta*, suas obras foram proibidas na Alemanha durante o período nazista. ↔

51. Domenico Cimarosa (1749-1801), compositor italiano. O enorme talento para a invenção melódica, o domínio da forma e uma utilização perfeita e sem exageros do instrumento vocal sustentado por uma orquestração rigorosa fazem de Cimarosa o exemplo ideal do músico clássico. Autor, entre outras obras, de *O matrimônio secreto*, também compôs 88 sonatas para cravo. ↔

52. Carl Maria Friedrich Ernest von Weber (1786-1826), compositor alemão, autor de duas das óperas mais conhecidas do repertório romântico alemão: *O franco-atirador* e *Euríante*. ↔

53. Richard Wagner (1813-83), compositor, diretor teatral, regente e polemista alemão, contribuiu mais do que qualquer outro compositor para transformar a música e até mesmo a própria arte e a forma de pensá-la. Sua vida e sua música despertaram paixões jamais suscitadas por nenhum outro compositor. Embora ninguém lhes negue a grandeza, suas obras são tão detestadas quanto idolatradas,



destacando-se: *O navio fantasma*, *Tristão e Isolda*, *O anel dos nibelungos*, *As valquírias* e *Parsifal*. ↵

54. Les Ambassadeurs, situado nos Champs-Élysées e aberto em 1740, foi um dos primeiros cafés a instalar um palco, no caso um quiosque, para a apresentação de artistas, instituindo a voga dos cafés-concertos. ↵

## O CAMAROTE Nº5

(Continuação)

APÓS AQUELAS PALAVRAS, o sr. Richard não se ocupou mais do superintendente e despachou diversos assuntos com seu administrador, que acabava de entrar. O superintendente julgara poder ir embora e, discretamente, muito discretamente, oh Deus!, tão discretamente...!, de marcha a ré, aproximara-se da porta, quando o sr. Richard, percebendo a manobra, pregou o homem no lugar com um tonitruante:

– Não se mova!

Graças aos préstimos do sr. Rémy, foram catar a lanterninha, que era zeladora à rua de Provence, a dois passos da Ópera. Dali a pouco, ela entrou.

– Como se chama?

– Mame Giry. O senhor me conhece bem, sr. diretor: sou mãe da pequena Giry, da pequena Meg, arre!

Isso foi dito num tom rude e solene, impressionando momentaneamente o sr. Richard. Ele fitou Mame Giry (xale desbotado, sapatos gastos, vestido surrado de tafetá, chapéu cor de sebo). Estava claro, pela atitude do sr. diretor, que este não conhecia em absoluto, ou não se lembrava de conhecer, Mame Giry, tampouco a pequena Giry, muito menos “a pequena Meg”! Mas o orgulho de Mame Giry era tamanho que essa célebre lanterninha (acredito inclusive que foi de seu nome que forjaram a palavra, corriqueira no jargão das coxias, *gíries*. Exemplo: uma artista critica uma colega por suas fofocas e mexericos; ela lhe dirá: “tudo isso são *gíries*”), que essa lanterninha, dizíamos, supunha-se conhecida de todo mundo.

– Não conheço! – decretou o sr. diretor. – Mas, Mame Giry, o que eu quero mesmo saber é o que lhe aconteceu ontem à noite para que a senhora e o sr. superintendente tenham sido obrigados a recorrer a um guarda municipal...

– Eu queria encontrá-lo para falar justamente sobre isso, sr. diretor, com o único objetivo de que os senhores não enfrentem as mesmas contrariedades vividas pelos srs. Debieenne e Poligny... No começo, eles também não queriam me escutar...

– Não estou lhe perguntando nada disso, e sim o que aconteceu ontem à noite!

Mame Giry ficou vermelha de indignação. Nunca lhe haviam falado naquele tom. Levantou-se, fazendo menção de ir embora, já recolhendo as pregas da sua saia e balançando com dignidade as plumas de seu chapéu cor de sebo. Contudo, mudando de ideia, sentou-se novamente e disse num tom desdenhoso:

– Aconteceu que voltamos a irritar o Fantasma!

A essas palavras, como o sr. Richard fez menção de explodir, o sr. Moncharmin interveio e conduziu o interrogatório, daí resultando que Mame Giry achava muito natural que uma voz soasse para proclamar que havia alguém num camarote onde não havia ninguém. Ela não conseguia explicar esse fenômeno, que não era nem um pouco inédito para ela, senão pela intervenção do Fantasma. Esse fantasma, ninguém o via no camarote, mas todo mundo podia ouvi-lo. Ela ouvira-o mais de uma vez, ela, pessoa digna de crédito, pois não mentia nunca. Eles podiam perguntar aos srs. Debieenne e Poligny e a todos os que a conheciam, e também ao sr. Isidore Saack, cuja perna o Fantasma havia quebrado!

– Ah, mas é claro! – interrompeu Moncharmin. – O Fantasma quebrou a perna do pobre Isidore Saack?

Mame Giry arregalou os olhos, nos quais se desenhou o espanto que ela experimentava face a tanta ignorância. Por fim, consentiu em instruir aqueles dois infelizes inocentes. A coisa acontecera na época dos srs. Debieenne e Poligny, sempre no camarote nº5 e igualmente durante uma apresentação do *Fausto*.

Mame Giry pigarreia, ajusta a voz... começa... parece preparar-se para cantar toda a partitura de Gounod.

– Foi assim, cavalheiro. Naquela noite, estavam, na primeira fila, o sr. Maniera e sua senhora, os joalheiros da rua Mogador e, atrás da sra. Maniera, o grande amigo deles, o sr. Isidore Saack. Mefistófeles cantava (*Mame Giry canta*): “Vós que fingis dormir”, e então o sr.

Maniera escuta no seu ouvido direito (a esposa estava à sua esquerda) uma voz lhe dizendo: “Ah! Ah! Não é Julie que finge dormir!” (sua senhora chama-se justamente Julie). O sr. Maniera vira-se para a direita para ver quem lhe falava assim. Ninguém! Coça a orelha e diz com seus botões: “Estarei sonhando?” Nesse instante, Mefistófeles continuava sua canção... Por acaso estou aborrecendo os srs. diretores?

– Não! Não! Continue...

– Os srs. diretores são uns amores! (*Careta de Mame Giry.*) Então, Mefistófeles continuava sua canção (*Mame Giry canta*): “Catarina adorada/ por que recusar/ ao amante que lhe implora/ tão doce beijo?” e simultaneamente o sr. Maniera ouve, sempre no seu ouvido direito, a voz lhe dizendo: “Ah! Ah! Será que Julie recusaria um beijo a Isidore?” Nesse instante ele se volta, mas, dessa vez, para o lado da sua senhora e de Isidore, e o que vê? Isidore pegando a mão da sua senhora por trás e cobrindo-a de beijos na nesga da luva... assim, meus bons senhores. (*Mame Giry cobre de beijos a porção de carne deixada à mostra pela sua luva de filosela.*) Ora, não pensem que a coisa se passou na maciota! Clic! Clac! O sr. Maniera, que é alto e forte como o senhor, sr. Richard, tascou um par de bofetadas no sr. Isidore Saack, que era magro e fraco como o sr. Moncharmin, com o devido respeito. Foi um escândalo. Na plateia gritavam: “Chega! Chega...! Ele vai matá-lo...!” No fim, o sr. Isidore Saack conseguiu escapar...

– O Fantasma então não lhe quebrou a perna? – questiona o sr. Moncharmin, um pouco envergonhado por sua compleição física ter causado impressão tão murcha em Mame Giry.

– Quebrou, senhor – replica Mame Giry com altivez (pois compreendeu a intenção ferina). – Quebrou-a simplesmente na grande escadaria, que ele desceu rápido demais, meu senhor! E, acredite, de um jeito que não a subirá novamente tão cedo...!

– Foi o Fantasma que lhe repetiu as frases que ele insinuou no ouvido direito do sr. Maniera? – continua a interrogar, com uma gravidade que julga engraçadíssima, o juiz de instrução Moncharmin.

– Não! Foi o próprio sr. Maniera. Assim...

– Mas e a senhora, a senhora já falou com o Fantasma, boa mulher?

- Como estou falando com o senhor, bom homem...
- Quando o Fantasma fala com a senhora, o que ele diz?
- Muito bem, diz para eu lhe trazer um banquinho!

A essas palavras, tão solenemente pronunciadas, o semblante de Mame Giry tornou-se de mármore, mármore amarelo estriado por veios vermelhos, como o das colunas que sustentam a grande escadaria e que se chama mármore sarrancolino.

Dessa vez, Richard começou a rir junto com Moncharmin e o secretário Rémy, enquanto, instruído pela experiência, o superintendente não ria mais. Recostado na parede, perguntava-se, remexendo freneticamente as chaves no bolso, como aquela história iria terminar. E quanto mais Mame Giry tomava aquilo num tom “desdenhoso”, mais ele temia a volta da cólera do sr. diretor! E então, eis que diante da hilaridade da direção, Mame Giry ousava proferir ameaças! Ameaças de verdade!

– Em vez de rirem do Fantasma – exclamou, indignada –, fariam melhor se fizessem como o sr. Poligny, que constatou por si mesmo...

– Constatou o quê? – interroga Moncharmin, que nunca se divertira tanto.

– O Fantasma...! Uma vez que estou lhes dizendo... Prestem atenção...! (*Ela se acalma subitamente, pois julga o momento grave.*) Prestem atenção...! Lembro como se fosse ontem. Dessa vez, encenavam *A judia*.<sup>55</sup> O sr. Poligny quis assistir sozinho, no camarote do Fantasma, à representação. A sra. Krauss fizera um sucesso estrondoso. Acabava de cantar, os senhores sabem perfeitamente, a passagem do segundo ato (*Mame Giry canta a meia-voz*):

Perto daquele que amo  
Quero viver e sucumbir  
Nem mesmo a morte  
É capaz de nos desunir.

– Está bem! Está bem! Já sei... – observa com um sorriso desencorajador o sr. Moncharmin.

Mas Mame Giry continua a meia-voz, agitando a pluma do seu chapéu cor de sebo:

Partamos! Partamos! Aqui, nos céus,

A mesma sorte agora nos espera.

– Sim! Sim! Já entendemos! – repete Richard, novamente impaciente. – E então? E então?

– E então é nesse momento que Leopoldo grita “Fujamos!”, não é?, e Eleazar os detém, perguntando: “Para onde correm assim?” Pois bem, nesse exato instante, o sr. Poligny, que eu observava do fundo de um camarote ao lado que permanecera desocupado, o sr. Poligny levantou-se reto feito uma régua e saiu duro feito uma estátua, e só tive tempo de lhe perguntar, como Eleazar: “Aonde vais?” Mas ele não me respondeu, estava mais pálido que um defunto! Observei-o descendo a escadaria, mas ele não quebrou a perna... No entanto, caminhava como num sonho, como num pesadelo, e não conseguia achar o caminho... ele que era pago para conhecer a Ópera de cor e salteado!

Assim se exprimiu Mame Giry, calando-se em seguida para julgar o efeito produzido. A história de Poligny fez Moncharmin balançar a cabeça.

– Tudo isso não me diz em que circunstâncias nem como o Fantasma da Ópera lhe pediu um banquinho! – ele insistiu, olhando fixamente para Mame Giry.

– Está bem, mas foi desde essa noite... pois, a partir dessa noite, eles deixaram o nosso Fantasma tranquilo... não tentaram mais disputar-lhe o camarote. Os srs. Debiene e Poligny deram ordens para que o reservassem para ele em todas as representações. Então, quando ele vinha, ele me pedia seu banquinho...

– Ei! Ei! Um fantasma que pede um banquinho? Então é uma mulher o seu fantasma? – interrogou Moncharmin.

– Não, o Fantasma é um homem.

– Como sabe?

– Ele tem voz de homem, oh!, uma deliciosa voz de homem! Eis como a coisa se dá: quando ele vem à Ópera, chega geralmente no meio do primeiro ato, dá três batidinhas secas na porta do camarote nº5. A primeira vez que ouvi as três batidinhas, quando sabia que ainda não havia ninguém no camarote, adivinhem se fiquei curiosa? Abro a porta, escuto, olho: ninguém! E depois não é que ouço uma voz

me dizendo: “Mame Jules” (é o nome do meu finado marido), um banquinho, por favor?” Com todo o respeito, sr. diretor, fiquei um pimentão... Mas a voz continuou: “Não se assuste, Mame Jules, sou eu, o Fantasma da Ópera!!!” Olhei para o lado de onde vinha a voz, que, de resto, era tão bondosa e “aconchegante” que quase não me dava mais medo. A voz, sr. diretor, *estava sentada na primeira poltrona da primeira fileira à direita*. Com a ressalva de que eu não via ninguém na poltrona, qualquer um juraria haver alguém ali, falando, e alguém bem-educado, garanto.

– O camarote à direita do camarote nº5 estava ocupado? – perguntou Moncharmin.

– Não, o camarote nº7, assim como o camarote nº3, à esquerda, não estavam ocupados. Ainda estávamos no início do espetáculo.

– E o que a senhora fez?

– Pois bem, eu trouxe o banquinho. Evidentemente, não era para ele que ele pedia um banquinho, era para sua dama! Mas ela, nunca a vi nem ouvi...

Hein? O quê? O Fantasma agora tinha uma mulher! De Mame Giry, o duplo olhar dos srs. Moncharmin e Richard subiu até o superintendente, que, por trás da lanterninha, agitava os braços no desígnio de chamar atenção de seus chefes. Batia na testa com um indicador desolado para indicar aos diretores que Mame Jules estava completamente louca, pantomima que terminou por decidir o sr. Richard a se desfazer de um superintendente que mantinha uma alucinada em sua equipe. A mulher prosseguia, entregue a seu fantasma, agora gabando sua generosidade.

– No fim do espetáculo, ele sempre me dá uma moeda de quarenta *sous*,<sup>56</sup> às vezes de cem, às vezes até mesmo dez francos, quando fica vários dias sem vir. Só que, depois que voltaram a importuná-lo, ele não me dá mais absolutamente nada.

– Perdão, boa mulher... (Nova revolta da pluma do chapéu cor de sebo face a tão persistente familiaridade), perdão...! Mas como o Fantasma faz para lhe entregar seus quarenta *sous*? – interroga Moncharmin, curioso de nascença.

– Ora! Ele os deixa na mesinha do camarote... Encontro-os ali, junto com o programa que levo sempre para ele; há noites em que

encontro inclusive flores no meu camarote, uma rosa que terá caído do espartilho de sua dama... pois, isto é certo, vez por outra ele vem com uma dama, porque um dia esqueceram um leque.

– Ah! Ah! O Fantasma esqueceu um leque? E o que a senhora fez com ele?

– Ora, levei para ele na vez seguinte.

Aqui, a voz do superintendente se fez ouvir:

– A senhora não observou o regulamento, Mame Giry, vai pagar uma multa.

– Cale-se, imbecil! (*Voz de baixo do sr. Firmin Richard.*)

– A senhora devolveu o leque! E aí?

– E aí eles o levaram, sr. diretor; não o encontrei mais no fim do espetáculo, prova disso, deixaram no lugar uma caixa de bombons ingleses pelos quais eu me pelo, seu diretor. Essa é uma das gentilezas do Fantasma...

– Está bem, Mame Giry... Pode se retirar.

Quando Mame Giry saudou respeitosamente, não sem certa dignidade que não a abandonava nunca, seus dois diretores, estes declararam ao sr. superintendente que estavam decididos a se privar dos serviços daquela velha louca. Despacharam o sr. superintendente.

Quando o sr. superintendente, após declarar seu devotamento à casa, retirou-se por sua vez, os srs. diretores mandaram o sr. administrador fazer as contas do sr. superintendente. Finalmente a sós, os srs. diretores transmitiram-se o mesmo pensamento, que lhes ocorrera a ambos ao mesmo tempo: ir dar uma volta para os lados do camarote nº5.

Daqui a pouco iremos atrás deles.

55. Ópera em cinco atos de Fromental Halévy, com libreto original de Eugène Scribe, estreou em 1835. ↵

56. 1 *sou* valia  $\frac{1}{20}$  de 1 franco. ↵



## O VIOLINO ENCANTADO

CHRISTINE DAAÉ, vítima de intrigas às quais voltaremos em breve, não repetiu tão cedo na Ópera o triunfo da famosa noite de gala. Desde então, contudo, tivera oportunidade de se apresentar na cidade, na casa da duquesa de Zurique, onde cantou os mais belos trechos de seu repertório. Eis como o grande crítico X.Y.Z., que se encontrava entre os convidados ilustres, exprime-se a seu respeito:

“Quando a ouvimos em *Hamlet*,<sup>57</sup> nos perguntamos se Shakespeare veio dos Campos Elíseos<sup>58</sup> fazê-la ensaiar Ofélia... Verdade que, quando ela coloca o diadema de estrelas da rainha da noite, Mozart,<sup>59</sup> por sua vez, deve deixar a morada eterna para vir ouvi-la. Mas não, ele não precisa se incomodar, pois a voz aguda e vibrante da intérprete encantada de sua *Flauta mágica* vai encontrá-lo no céu, que ela escala com facilidade, exatamente como, sem esforço, passou de sua choupana da aldeia de Skotelof<sup>60</sup> ao palácio de ouro e mármore construído pelo sr. Garnier.”<sup>61</sup>

Contudo, desde a reunião na casa da duquesa de Zurique, Christine não canta mais em sociedade. Fato é que, nessa época, recusa todo e qualquer convite, todo e qualquer cachê. Sem dar pretexto plausível, cancela uma apresentação numa festa de caridade à qual prometera comparecer. Age como se não fosse mais dona do seu destino, como se tivesse medo de um novo triunfo.

Ela soube que, para agradar ao irmão, o conde de Chagny a elogiara junto ao sr. Richard; ela lhe escreveu para agradecer e também para pedir que não a enaltecesse mais na presença dos diretores. Quais poderiam ser afinal as razões de tão estranha atitude? Uns afirmaram tratar-se de desmedido orgulho, outros apostaram na divina modéstia. Ninguém que trabalha no teatro é assim tão modesto; na verdade, não sei se não deveria escrever simplesmente esta palavra: pavor. Sim, acredito efetivamente que Christine Daaé sentia medo do que acabara de lhe acontecer e estava tão estupefata como todos à sua volta. Estupefata? Ora vamos! Tenho aqui uma carta de Christine

(coleção do Persa) que se refere aos acontecimentos dessa época. Pois bem, após tê-la relido, não escreverei que Christine estava estupefata ou mesmo assustada com seu triunfo, mas sim *apavorada*. Sim, sim... apavorada! “Não me reconheço mais quando canto!”, disse ela.

Pobre, pura, doce criança!

Não aparecia em lugar algum, e o visconde de Chagny tentou interferir. Escreveu-lhe, pedindo-lhe permissão para se apresentar em sua casa, e se desesperava ao não receber resposta quando, certa manhã, chegou-lhe às mãos o seguinte bilhete:

Senhor, não me esqueci do menino que foi apanhar minha echarpe no mar. Não posso deixar de lhe escrever isso, hoje que parto para Perros, conduzida por um dever sagrado. Amanhã é o aniversário da morte do meu pobre pai, que o senhor conheceu e que o apreciava bastante. Ele está enterrado lá, com seu violino, no cemitério que circunda a pequena igreja, ao pé da colina onde, crianças, tanto brincamos; na beira daquele caminho onde, já mais crescidos, nos dissemos adeus da última vez.

Tão logo recebeu esse bilhete de Christine Daaé, o visconde de Chagny se debruçou sobre um guia ferroviário, vestiu-se às pressas, escreveu umas linhas que seu criado de quarto deveria entregar ao seu irmão e se jogou dentro de um coche, o qual, aliás, deixou-o tarde demais na plataforma da estação de Montparnasse, e ele perdeu o trem matinal com o qual contava.

Raoul passou um dia enfadonho e só à noite, quando se viu instalado em seu vagão, recobrou o gosto pela vida. Ao longo de toda a viagem, releu o bilhete de Christine, respirou seu perfume; ressuscitou a doce imagem de seus tenros anos. Passou toda aquela abominável noite de ferrovia num sonho nervoso, que iniciava e terminava com Christine Daaé. O dia começava a nascer quando ele desembarcou em Lannion. Correu até a diligência de Perros-Guirec. Era o único passageiro. Interrogou o cocheiro. Soube que na noite da véspera uma jovem com jeito de parisiense tomara o coche para Perros e se hospedara no Albergue do Sol Poente. Só podia ser Christine. Tinha vindo sozinha. Raoul deixou escapar um profundo suspiro. Ia poder falar com ela calmamente, naquela solidão. Amava-a a ponto de sufocar. Esse menino grande, que dera a volta ao mundo, era puro como uma virgem que nunca deixou a casa da mãe.

À medida que se aproximava de Christine, lembrava-se

devotamente da história da cantora sueca. Muitos detalhes dessa história continuam ignorados pelo público.

Era uma vez, num pequeno povoado nos arredores de Upsalla, um camponês que morava com sua família, cultivando a terra durante a semana e cantando no púlpito aos domingos. Esse lavrador tinha uma filhinha, a quem, muito antes de ensinar a ler, ensinou a decifrar o alfabeto musical. O sr. Daaé era, e talvez nem desconfiasse disso, um grande músico. Tocava violino e era considerado o melhor menestrel de toda a Escandinávia. Sua reputação estendia-se aos arredores e ele era muito procurado para fazer os casais dançarem nas bodas e banquetes. A sra. Daaé, inválida, morreu quando Christine entrava em seu sexto ano de vida. Logo depois, o pai, que amava exclusivamente a filha e a música, vendeu sua gleba de terra e foi atrás da glória em Upsalla. Lá, só encontrou miséria.

Retornou então ao campo, indo de quermesse em quermesse, arranhando suas melodias escandinavas, enquanto sua filha, que nunca o largava, escutava-o em êxtase ou acompanhava-o cantando. Um dia, na quermesse de Limby, o professor Valérius ouviu os dois e levou-os para Gottemburg. Afirmou que o pai era o melhor violinista do mundo e que sua filha tinha o estofo de uma grande artista. Cuidou-se da educação e da instrução da criança. Em toda parte, ela encantava a todos com sua beleza, graça e vontade de aprender. Progredia rapidamente. O professor Valérius e sua mulher, nesse ínterim, foram obrigados a ir para a França. Levaram Daaé e Christine. A sra. Valérius tratava-a como se fosse sua filha. Quanto ao bom homem, começava a definhar, tomado pelas saudades. Em Paris, nunca saía. Vivia numa espécie de sonho, que ele alimentava com seu violino. Horas a fio, trancava-se no quarto com a filha e ouviam-se os dois, voz e violino, dulcíssimos, dulcíssimos. Às vezes, a sra. Valérius vinha escutá-los atrás da porta, dava um grande suspiro, enxugava uma lágrima e voltava-se na ponta dos pés. Também sentia saudades do seu céu escandinavo.

O sr. Daaé parecia só recobrar forças no verão, quando toda a família ia para Perros-Guirec, num canto da Bretanha que era então praticamente desconhecido dos parisienses. Gostava muito do mar dessa região, vendo nele, dizia, a cor do seu país, e muitas vezes, na praia, tocava para ele suas melodias mais dolentes, dizendo que o mar

se calava para escutá-las. E depois, insistira tanto junto à sra. Valérius que esta consentira numa nova mania do ex-menestrel.

Na época dos “Perdões”,<sup>62</sup> festas de aldeias, danças e “*dérobées*”,<sup>63</sup> ele partia como antigamente, com seu violino, e tinha o direito de levar a filha e ficar com ela durante uma semana. Ninguém se cansava de escutá-los. Instilavam harmonia nas menores aldeias, para o ano inteiro, e à noite dormiam nos celeiros, recusando a cama do albergue, aninhando-se na palha um contra o outro, como no tempo em que eram muito pobres na Suécia.

Ora, vestiam-se muito apropriadamente, recusavam os tostões que lhes ofereciam, não pediam esmola, e as pessoas à sua volta não entendiam aquele violinista deambulando com aquela bela menina, que cantava tão bem que todos julgavam ouvir um anjo do paraíso. Eram seguidos de aldeia em aldeia.

Um dia, um menino da cidade obrigou sua governanta a seguir por um trajeto mais longo, pois recusava-se a abandonar a garotinha cuja voz tão doce e pura parecia tê-lo acorrentado. Chegaram assim à beira de uma enseada, que ainda se chama Trestraou. Só havia céu e mar e a praia dourada. E, varrendo tudo, um vendaval, que carregou a echarpe de Christine para o mar. Ela deu um grito e estendeu os braços, mas o véu já ia longe nas águas. Christine ouviu uma voz reconfortante:

– Não se preocupe, senhorita, vou pegar sua echarpe no mar.

E ela viu um garotinho correndo, correndo, apesar dos gritos e protestos indignados de uma boa senhora, toda de preto. Ele entrou no mar de roupa e tudo e lhe trouxe a echarpe. O garotinho e a echarpe estavam num estado lastimável! A senhora de preto não conseguia se acalmar, mas Christine ria abertamente e deu um beijo no garotinho. Era o visconde Raoul de Chagny. Morava então com sua tia, em Lannion. Durante as férias, viram-se quase todos os dias e brincaram juntos. A pedido dessa tia, por intermédio do professor Valérius, o bondoso Daaé concordou em dar aulas de violino ao jovem conde. Assim, Raoul aprendera a amar as mesmas canções que haviam encantado a infância de Christine.

Tinham praticamente a mesma alminha sonhadora e serena. Adoravam as histórias, os velhos contos bretões, e sua principal brincadeira era ir recolhê-los na soleira das portas, como mendigos.

“Senhora ou meu bom senhor, porventura tem uma historinha para nos contar, por favor?!” Era raro não lhes “darem” alguma coisa. Qual foi a velha avó bretã que não viu, ao menos uma vez na vida, os korrigans<sup>64</sup> dançarem na charneca, ao luar?

Mas sua festa de gala era quando, ao crepúsculo, na grande paz da noite, depois que o sol se deitara sobre o mar, o sr. Daaé vinha sentar-se ao lado deles na beira do caminho e, em voz baixa, como se temesse amedrontar os fantasmas que evocava, contava-lhes as belas, plácidas ou terríveis lendas do país do Norte – ora elegantes como os contos de Andersen,<sup>65</sup> ora tristes como as histórias do grande poeta Runeberg.<sup>66</sup> Quando fazia uma pausa, as duas crianças pediam: “Mais uma!”

Uma delas começava assim: “Um rei sentou-se numa pequena canoa, numa dessas águas tranquilas e profundas que se abrem como um olho brilhante no meio dos montes da Noruega...” E outra: “A pequena Lotte pensava em tudo e não pensava em nada. Ave de verão, planava sob os raios dourados do sol, exibindo sua coroa reluzente sobre os cachos louros. Sua alma era tão clara, tão azul quanto seu olhar. Era boazinha com a mãe, fiel à boneca, cuidava com esmero do vestido, dos sapatos vermelhos e do violino, mas, acima de todas as coisas, apreciava, ao adormecer, ouvir o Anjo da Música.”

Enquanto o velho discorria, Raoul contemplava os olhos azuis e as mechas douradas de Christine. E Christine pensava que a pequena Lotte era abençoada por escutar o Anjo da Música ao dormir. Não havia história do sr. Daaé sem a presença do Anjo da Música, e as crianças não se cansavam de fazer perguntas sobre aquele anjo. O sr. Daaé afirmava que todos os grandes músicos e artistas recebem, pelo menos uma vez na vida, a visita do Anjo da Música. O Anjo se debruçou algumas vezes sobre seu berço, como aconteceu com a pequena Lotte, e isso explica as crianças-prodígio que, aos seis anos, tocam violino melhor do que homens de cinquenta, o que, havemos de convir, é absolutamente extraordinário. Outras vezes, o Anjo vem muito mais tarde, porque as crianças não são bem-comportadas, não querem aprender seu método e não praticam seus solfejos. Outras vezes ainda, o Anjo nunca vem, porque a criatura não tem o coração puro nem a consciência tranquila. Nunca vemos o Anjo, mas ele se faz ouvir para as almas predestinadas. Isso se dá, geralmente, nos

momentos em que elas menos esperam, quando estão tristes e abatidas. Então o ouvido subitamente percebe harmonias celestes, uma voz divina, e nunca mais se esquece disso. As pessoas que são visitadas pelo Anjo são como que inflamadas por ele. Vibram num arrepio desconhecido pelo resto dos mortais. E gozam do privilégio de não poderem mais tocar um instrumento ou abrir a boca para cantar sem emitir sons que, por sua beleza, fariam corar todos os outros sons humanos. Quem ignora que o Anjo visitou essas pessoas diz que elas têm talento.

A pequena Christine perguntava ao seu pai se ele ouvira o Anjo. O sr. Daaé sacudia a cabeça tristemente, seus olhos brilhavam ao contemplar a filha, e lhe dizia:

– Você, minha filha, irá ouvi-lo um dia! Quando eu estiver no céu, mandarei que ele a visite, prometo!

O sr. Daaé começara a tossir nessa época.

O outono chegou, separando Raoul e Christine.

Reencontraram-se três anos mais tarde, adolescentes. Também aconteceu em Perros, e Raoul conservou do episódio uma impressão tão forte que ela o perseguiu pelo resto da vida. O professor Valérius falecera, mas a sra. Valérius permanecera na França, onde seus interesses a prendiam, junto com o sr. Daaé e sua filha, estes sempre cantando e tocando violino, arrastando consigo, em seu sonho mavioso, sua querida protetora, que parecia não viver mais senão de música. O rapaz fora casualmente a Perros e, da mesma forma, entrou na casa onde sua amiguinha morava. Viu primeiro o velho Daaé, que se levantou de sua cadeira com lágrimas nos olhos e o beijou, asseverando-lhe que não o haviam esquecido. Na verdade, não se passara um dia sem que Christine mencionasse Raoul. O velho ainda falava quando a porta se abriu e, encantadora, arfante, a moça entrou, trazendo numa bandeja o chá fumegante. Ela reconheceu Raoul e pousou a bandeja. Uma tênue chama se espalhou em seu rosto encantador. Ela continuava hesitante, calada. Seu pai os fitava. Raoul aproximou-se da jovem e beijou-a com um beijo que ela não evitou. Ela lhe fez algumas perguntas, saindo-se muito bem em sua função de anfitriã, pegou de volta a bandeja e deixou o aposento. Foi então refugiar-se num banco, na solidão do jardim. Experimentava sentimentos que se agitavam pela primeira vez em seu coração

adolescente. Raoul veio juntar-se a ela e, num grande embaraço, conversaram até o anoitecer. Estavam completamente mudados, não reconheciam seus personagens, que pareciam ter adquirido uma importância considerável. Mostravam-se prudentes como diplomatas e conversavam assuntos que não tinham nada a ver com seus sentimentos germinais. Quando se despediram, na beira da estrada, Raoul disse a Christine, depositando um beijo correto em sua mão trêmula: “Senhorita, jamais a esquecerei!” E partiu, arrependendo-se daquelas palavras ousadas, pois sabia muito bem que Christine Daaé não podia ser esposa do visconde de Chagny.

Quanto a Christine, foi encontrar o pai e lhe disse: “Não acha que Raoul está menos amável do que antes? Não gosto mais dele!” E tentou não pensar mais no moço. Como isso era muito difícil, refugiou-se em sua arte, que ocupava todos os seus instantes. Seus progressos eram magníficos. Aqueles que a escutavam vaticinavam que seria a maior artista do mundo. Antes disso, porém, seu pai morreu, e com o golpe ela pareceu ter perdido a voz, a alma e o gênio. De tudo isso, sobrou-lhe o suficiente para ingressar no Conservatório, mas justo o suficiente. Não se distinguiu em nenhuma disciplina, fez as aulas sem entusiasmo e ganhou um prêmio para satisfazer a velha mãe Valérius, com quem continuava a morar. A primeira vez que Raoul vira Christine na Ópera, encantara-se com a beleza da jovem e a evocação das doces imagens de outrora, mas ficara ainda mais perplexo com o lado negativo de sua arte. Ela parecia desligada de tudo. Ele voltou para escutá-la. Seguia-a nas coxias. Esperou-a atrás de um trainel. Tentou chamar sua atenção. Mais de uma vez foi até a porta de seu camarim, mas ela não o via. Parecia, aliás, não ver ninguém. Era a indiferença que passava. Raoul sofreu com isso, pois ela era bela; tímido, não ousava confessar a si mesmo que a amava. Viera então o trovão da noite de gala: os céus rasgados, uma voz de anjo fazendo-se ouvir na terra para o deslumbramento dos homens e a consumição do seu coração...

E depois, e depois, veio aquela voz de homem atrás da porta: “Você tem que me amar!”, e ninguém no camarote...

Por que ela rira quando ele lhe dissera, no momento em que ela reabria os olhos, “Sou o garotinho que foi pegar sua echarpe no mar”? Por que não o reconhecera? E por que lhe escrevera?

Oh, como é extenso esse litoral...! Eis a cruz dos três caminhos... a terra deserta, a charneca congelada, a paisagem imóvel sob o céu branco. As janelas tilintam, estilhaçam suas vidraças dentro dos ouvidos de Raoul... Que diligência barulhenta e morosa! Ele reconhece os telhados de colmo... os cercados, os morros, as árvores do caminho... Eis o último desvio da estrada, em seguida descenderemos e surgirá o mar... a grande baía de Perros...

Quer dizer então que ela se hospedou no Albergue do Sol Poente. Ora! Não existe outro. A propósito, fica-se muito bem ali. Ele se lembra que, na época, contavam-se belas histórias do lugar! Como pulsa o seu coração! O que ela dirá ao vê-lo?

A primeira pessoa que ele percebe ao entrar na velha sala enfumaçada do albergue é a sra. Tricard. Ela o reconhece. Ele a cumprimenta. Ela lhe pergunta o que o traz ali. Ele ruboriza. Responde que, estando a negócios em Lannion, fez questão de “esticar até ali para cumprimentá-la”. Ela quer lhe servir um almoço, mas ele diz: “Daqui a pouco.” Ele parece esperar alguma coisa ou alguém. A porta se abre. Ele está de pé. Não se enganou: é ela! Ele quer falar, desiste. Ela permanece à sua frente, risonha, nem um pouco surpresa. Tem a face fresca e rósea como um morango nascido na sombra. Está visivelmente esbaforida. O colo, que encerra um coração sincero, arfa mansamente. Seus olhos, claros espelhos de suave azul, da cor dos lagos que sonham, imóveis, lá em cima no norte do mundo, seus olhos transmitem o sereno reflexo de sua alma cândida. O casaco de pele está entreaberto sobre uma cintura flexível, sobre a linha harmoniosa de seu jovem corpo cheio de graça. Raoul e Christine fitam-se longamente. A sra. Tricard sorri e, discreta, se esquia. Christine é a primeira a falar:

– Você veio, isso não me espanta. Eu tinha o pressentimento de que o encontraria aqui, neste albergue, voltando da missa. Alguém me disse isso, lá. Sim, alguém me anunciou sua chegada.

– Ora, mas quem? – pergunta Raoul, tomando nas suas a mãozinha de Christine, que esta não lhe retira.

– Bem... meu pobre pai que faleceu.

Houve um silêncio entre os dois.

Raoul então prossegue:



– Seu pai lhe disse que eu a amava, Christine, que não posso viver sem você?

Christine cora até a raiz dos cabelos e desvia a cabeça. Replica, com a voz trêmula:

– Sem mim? Você está louco, meu amigo.

E dá uma gargalhada para, como se diz, disfarçar.

– Não ria, Christine, é muito sério.

E ela replica, grave:

– Não o fiz vir até aqui para que me dissesse coisas desse tipo.

– Você me “fez vir”, Christine; pressentiu que sua carta não me deixaria indiferente e que eu acorreria a Perros. Como pôde pensar uma coisa dessas, se não pensou que eu a amava?

– Pensei que se lembraria das brincadeiras da nossa infância, às quais meu pai costumava se juntar. No fundo, não sei muito bem o que pensei... Talvez eu tenha errado ao lhe escrever... Sua aparição tão súbita no meu camarote na outra noite me levou longe, bem longe no passado, e lhe escrevi como a garotinha que eu era então, que, num momento de tristeza e solidão, ficaria feliz de rever seu amiguinho...

Mantêm-se calados por um instante. Há, na atitude de Christine, alguma coisa que Raoul não acha natural, sem que lhe seja possível dizer ao certo o que é. Não percebe hostilidade de sua parte; longe disso... a ternura melancólica de seus olhos se expressa com clareza. Mas por que essa ternura é melancólica...? Eis talvez o que convém saber e o que já o irrita...

– Quando me viu no seu camarim, era a primeira vez que me via, Christine?

Ela não sabe mentir. Responde:

– Não! Já o tinha visto várias vezes no camarote do seu irmão. E depois também no palco.

– Eu desconfiava! – reage Raoul, mordendo os lábios. – Mas por que então, quando me viu no seu camarim, aos seus pés, recordando-lhe que havia sido eu que pegara sua echarpe no mar, por que respondeu como se não me conhecesse, além de rir?

O tom dessas perguntas é tão rude que Christine observa Raoul, perplexa, e não lhe responde. O próprio rapaz fica estupefato ante

aquela súbita discussão, que ele ousa justo quando se prometera dirigir a Christine palavras de doçura, amor e submissão. Um marido, um amante com todos os direitos, não falaria de outra forma à mulher ou à amante que o tivesse ofendido. Mas ele próprio se irrita com seu descuido e, julgando-se estúpido, não vê outra saída para essa situação ridícula exceto na decisão feroz de mostrar-se odioso.

– Não me responde! – ele se exalta, raivoso e infeliz. – Pois bem, vou responder por você! É que havia alguém naquele camarim importunando-a, Christine! Alguém a quem você evitava mostrar que podia se interessar por outra pessoa que não ele...!

– Se alguém me importunava, meu amigo! – interrompeu Christine, num tom gelado. – Se alguém me importunava aquela noite era você, uma vez que foi você que eu expulsei...!

– Sim...! Para ficar com o outro...!

– O que está dizendo, cavalheiro? – reagiu a moça, arfante. – E de que outro se trata?

– Daquele a quem proclamou: “Canto unicamente para você! Esta noite dei-lhe minha alma e estou morta!”

Christine agarrou o braço de Raoul, apertando-o com uma força insuspeita naquela frágil criatura.

– Estava escutando atrás da porta?

– Sim! Porque a amo... E ouvi tudo...

– Ouviu o quê?

E a moça, de novo estranhamente calma, larga o braço de Raoul.

– Ele lhe disse: “Você tem que me amar!”

A essas palavras, uma palidez cadavérica se espalha pelo rosto de Christine, seus olhos se afundam... Ela vacila, vai cair. Raoul se precipita, estende os braços, mas Christine já superou aquela fraqueza passageira e, baixinho, quase num sopro:

– Fale! Fale mais! Fale tudo o que ouviu!

Raoul mira-a e hesita, sem entender o que se passa.

– Ora, vamos, fale! Não vê que está me matando...!

– Também ouvi o que ele respondeu, quando você lhe disse que lhe havia entregado sua alma: “Sua alma é magnífica, criança, e lhe

agradeço. Nenhum imperador recebeu um presente como esse! Os anjos choraram esta noite!”

Christine levou a mão ao coração. Fita Raoul numa emoção indescritível... Seu olhar é tão agudo, tão incisivo, que parece o de uma alienada. Raoul está estupefato. Mas eis que os olhos de Christine se umedecem e sobre suas faces de marfim deslizam duas pérolas, duas pesadas lágrimas...

– Christine...!

– Raoul...!

O moço quer enlaçá-la, mas ela escorrega por suas mãos e foge num grande desassossego.

Enquanto Christine permanecia trancada em seu quarto, Raoul fazia-se mil censuras por sua brutalidade. Por outro lado, contudo, o ciúme voltava a galopar em suas veias flamejantes. Para que a moça tivesse manifestado tamanha perturbação ao saber que haviam surpreendido seu segredo, este devia ser importante! A despeito do que ouvira, Raoul decerto não duvidava da pureza de Christine. Sabia que era considerada uma moça direita e ele não era tolo a ponto de não compreender a necessidade de uma artista, às vezes acuada, de ouvir declarações de amor. Ela de fato respondera a estas últimas, dizendo ter dado sua alma, mas evidentemente não se tratava em tudo isso senão de canto e música. Evidentemente? Então por que aquela perturbação de há pouco? Oh, como Raoul estava infeliz! Se tivesse agarrado o homem, *a voz de homem*, teria pedido explicações mais precisas.

Por que Christine fugira? Por que não descia?

Ele recusou o almoço. Estava completamente desolado e sofria ao ver escoarem-se, longe da jovem sueca, aquelas horas que ele esperara tão doces. Por que ela não vinha percorrer com ele a região da qual compartilhavam tantas recordações? E por que, uma vez que ela parecia não ter mais nada a fazer em Perros, e na verdade não fazia nada ali, não tomava imediatamente o caminho de volta para Paris? Ele ficara sabendo que, mais cedo, ela mandara officiar uma missa pelo descanso da alma do sr. Daaé e que passara longas horas rezando na igreja e no túmulo do menestrel.

Triste e abatido, Raoul enveredou pelo caminho do cemitério que

circundava a igreja. Empurrou o portão. Vagou solitário por entre os túmulos, decifrando as inscrições, mas, ao se aproximar da abside, notou imediatamente o odor chamativo das flores que suspiravam no granito tumular e brotavam até sobre a cal. Elas aromatizavam todo aquele canto gelado do inverno bretão. Eram milagrosas rosas vermelhas que pareciam desabrochadas de manhã, na neve. Era um pouco de vida na casa dos mortos, pois a morte, ali, estava em toda parte. Ela também transbordava da terra, que regurgitara o excesso de cadáveres. Centenas de esqueletos e crânios amontoavam-se contra o muro da igreja, contidos simplesmente por um leve aramado, que deixava a descoberto todo o macabro edifício. As caveiras, empilhadas, alinhadas como tijolos, consolidadas nos intervalos por ossos branquíssimos, pareciam formar a primeira base sobre a qual haviam erguido os muros da sacristia. A porta dessa sacristia se abria no centro desse ossuário, tal como costumamos ver nas velhas igrejas bretãs.

Raoul rezou por Daaé, depois, ridiculamente impressionado com aqueles sorrisos eternos das bocas das caveiras, saiu do cemitério, voltou a subir a colina e sentou-se na orla da charneca que domina o mar. O vento soprava cruelmente sobre as praias, ladrando atrás da débil e tímida claridade do dia. Esta cedeu, fugiu e não foi mais senão uma risca lívida no horizonte. O vento então se calou. O crepúsculo descera. Raoul estava envolto em sombras geladas, mas não sentia frio. Todo o seu pensamento, e suas recordações, vagava pela charneca deserta e desolada. Era ali, àquele lugar, que ele costumava vir ao cair da tarde com a pequena Christine, para ver os korrigans dançarem até a lua despontar. De sua parte, nunca vira um, e olha que enxergava bem. Christine, ao contrário, que era um pouco míope, afirmava ter visto muitos. Sorriu ao pensar nisso e então, de repente, estremeceu. Uma forma, uma forma definida, mas que surgira sem que ele soubesse como, sem que o menor ruído o houvesse advertido, uma forma em pé ao seu lado dizia:

– Acha que os korrigans virão esta noite?

Era Christine. Ele quis falar. Ela tapou-lhe a boca com a mão enluvada.

– Escute, Raoul, estou determinada a lhe dizer uma coisa grave, muito grave!

Sua voz tremia. Ele esperou.

Ela prosseguiu, opressa.

– Lembra-se, Raoul, da lenda do Anjo da Música?

– Se me lembro! – ele exclamou. – Acho inclusive que foi aqui que o seu pai nos contou essa história pela primeira vez.

– Foi aqui também que ele me disse: “Quando eu estiver no céu, mandarei que ele a visite.” Pois bem, Raoul, meu pai está no céu e recebi a visita do Anjo da Música.

– Não duvido – replicou o rapaz gravemente, pois julgava compreender que, num pensamento pio, sua amiga misturava a lembrança de seu pai com o brilho do seu último triunfo.

Christine pareceu ligeiramente surpresa com o sangue-frio do visconde de Chagny ao inteirar-se de que ela recebera a visita do Anjo da Música.

– Como interpreta isso, Raoul? – ela indagou, e seu rosto pálido fez-se tão próximo ao do rapaz que este quase acreditou que Christine lhe daria um beijo, mas ela só queria ler em seus olhos, em meio à escuridão.

– Penso – ele replicou – que nenhuma criatura humana canta como você cantou a outra noite sem que algum milagre intervenha, sem que o céu se manifeste. Não existe professor na terra capaz de ensinar aqueles gorjeios. Você ouviu o Anjo da Música, Christine.

– Sim – ela assentiu solenemente –, *no meu camarim*. É ali que ele vem me dar suas aulas diariamente.

O tom com que ela disse isso era tão penetrante e singular que Raoul fitou-a, inquieto, como fitamos uma pessoa que diz um absurdo ou afirma ter tido alguma visão estapafúrdia, na qual acredita com todas as forças de seu pobre cérebro doente. Mas ela recuara e, agora, imóvel, não passava de uma réstia de sombra na noite.

– No seu camarim? – ele repetiu como um eco estúpido.

– Sim, foi lá que o ouvi, e não fui a única a ouvi-lo...

– Quem mais o ouviu, Christine?

– Você, meu amigo.

– Eu? Eu ouvi o Anjo da Música?

– Sim, aquela noite, era ele quem falava quando você escutava atrás da porta do meu camarim. Foi ele que me disse: “Você tem que me amar.” Mas eu achava que era a única a perceber sua voz. Calcule então minha surpresa ao saber, hoje de manhã, que você também podia ouvi-lo...

Raoul deu uma gargalhada. E imediatamente a noite se dissipou sobre a charneca deserta e os primeiros raios de luar vieram envolver os jovens. Christine voltara-se, hostil, para Raoul. Seus olhos, geralmente tão meigos, chispavam.

– Por que ri? Porventura julga ter ouvido uma voz de homem?

– Com certeza absoluta! – respondeu o rapaz, cujas ideias começavam a se embaralhar face à reação beligerante de Christine.

– Você, Raoul! Você me diz isso! Meu amiguinho de infância! Amigo do meu pai! Não o reconheço mais. O que acha, afinal? Sou uma moça honesta, sr. visconde de Chagny, não me tranco com vozes de homens no meu camarim. Se você tivesse aberto a porta, teria visto que não havia ninguém.

– É verdade! Quando você saiu, abri a porta e não encontrei ninguém no camarim...

– Está vendo... e então?

O conde juntou toda a sua coragem.

– Então, Christine, acho que estão zombando de você!

Ela deu um grito e fugiu. Ele correu atrás dela, mas ela disparou, numa irritação feroz:

– Deixe-me! Deixe-me!

E desapareceu. Raoul retornou ao albergue, aonde chegou cansado, abatido e triste.

Soube que Christine acabava de subir para o seu quarto, tendo comunicado que não desceria para jantar. O rapaz perguntou se ela estava doente. A boa hospedeira deu-lhe uma resposta ambígua, que, se ela estivesse doente, não deveria ser nada muito grave, e, como acreditava ser uma rusga de dois apaixonados, afastou-se, dando de ombros e exprimindo furtivamente a piedade que sentia por jovens que desperdiçavam em brigas vãs as horas que o bom Deus lhes permitiu passar na terra. Raoul jantou sozinho, junto ao fogão, e,

como vocês imaginam, de forma bastante melancólica. Em seguida, no quarto, tentou ler; depois, na cama, dormir. Não se ouvia rumor algum nos aposentos ao lado. O que fazia Christine? Dormia? E se não estivesse dormindo, em que pensava? E ele, em que pensava? Seria ao menos capaz de dizer? A conversa estranha que tivera com Christine deixara-o profundamente abalado...! Seu pensamento estava menos em Christine do que *em torno* de Christine, e esse “em torno” era tão difuso, nebuloso e intangível que lhe causava um mal-estar deveras estranho e angustiante.

As horas então demoravam a passar; podiam ser onze e meia quando ele ouviu claramente alguém andando no quarto vizinho ao seu. Era um passo leve e furtivo. Christine então não se deitara? Sem raciocinar e cuidando para não fazer barulho, o rapaz se vestiu às pressas. Disposto a tudo, esperava. Disposto a quê? E ele sabia? Seu coração deu um pulo quando ouviu a porta de Christine ranger devagarinho. Aonde ela ia àquela hora, quando tudo descansava em Perros? Entreabriu sorrateiramente sua porta e pôde ver, ao luar, a forma branca de Christine esgueirando-se pelo corredor. Alcançou a escada, desceu; e ele, acima dela, debruçou-se no corrimão. De súbito, ouviu duas vozes interpelando-se apressadamente. Uma frase chegou até ele: “Não perca a chave.” Era a voz da hospedeira. Embaixo, a porta que dava para a enseada se abriu. Fecharam-na. E tudo voltou à calma. Raoul retornou imediatamente ao seu quarto e correu à janela, que abriu. A forma branca de Christine avultava no cais deserto.

Esse primeiro andar do Albergue do Sol Poente não era alto, e uma árvore que estendia seus galhos para os braços impacientes de Raoul permitiu que ele sáísse sem que a hospedeira pudesse suspeitar de sua ausência. Assim, qual não foi a estupefação da boa senhora na manhã seguinte quando lhe trouxeram o moço quase congelado, mais morto do que vivo, e ela soube que fora encontrado deitado nos degraus do altar-mor da igreja de Perros. Correu prontamente para dar a notícia a Christine, que desceu às pressas, e, com a ajuda da hospedeira, dispensou seus cuidados inquietos ao rapaz, que não demorou a abrir os olhos e voltar completamente a si, percebendo acima dele o rosto encantador de sua amiga.

O que acontecera então? O sr. comissário Mifroid teve a oportunidade, semanas depois, quando o drama da Ópera requereu a

intervenção do Ministério Público, de interrogar o visconde de Chagny sobre os acontecimentos da noite de Perros, e eis de que maneira estes foram transcritos nas folhas do inquérito (Cota<sup>67</sup> 150).

*Pergunta* – A srta. Daaé não o viu descer do seu quarto pelo singular caminho que escolheu?

*Resposta* – Não, senhor, não, não. No entanto, cheguei por trás sem me preocupar com o rumor dos meus passos. Eu só pedia uma coisa, que ela se voltasse, me visse e me reconhecesse. Com efeito, eu acabava de concluir que minha perseguição era completamente despropositada e que a forma de espionagem à qual eu me dedicava não era digna da minha pessoa. Mas ela pareceu não me ouvir e, de fato, agiu como se eu não estivesse presente. Deixou tranquilamente o cais e, de repente, voltou de modo intempestivo. O relógio da igreja acabava de dar quinze para a meia-noite e me pareceu que o toque do quarto de hora determinara a prontidão de sua carreira, pois ela pôs-se praticamente a correr. Chegou, assim, à porta do cemitério.

*P.* – A porta do cemitério estava aberta?

*R.* – Sim, senhor, e isso me surpreendeu, mas não pareceu de forma alguma espantar a srta. Daaé.

*P.* – Não havia ninguém no cemitério?

*R.* – Não vi ninguém. Se houvesse alguém, eu teria visto. O luar resplandecia e a neve que cobria a terra, refletindo seus raios, deixava a noite ainda mais clara.

*P.* – Não era possível alguém estar escondido atrás dos túmulos?

*R.* – Não, senhor. Eram lápides simples que desapareciam sob a camada de neve e enfileiravam suas cruzes à flor da terra. As únicas sombras eram as dessas cruzes e as nossas. A igreja cintilava. Nunca vi luz noturna igual. Estava muito bonito, límpido e frio. Eu nunca tinha ido a um cemitério à noite e ignorava que fosse possível encontrar uma luz assim, “uma luz imponderável”.

*P.* – O senhor é supersticioso?

*R.* – Não, senhor, sou religioso.

*P.* – Qual era o seu estado de espírito na hora?

*R.* – Normal e tranquilo, juro. Claro, a saída inesperada da srta. Daaé a princípio me perturbara profundamente, mas, assim que vi a



moça entrar no cemitério, ruminei que estava indo fazer alguma promessa diante do túmulo paterno e julguei a coisa tão natural que recobrei toda a minha calma. Só estranhava o fato de ela ainda não ter ouvido meus passos atrás dela, pois a neve estalava conforme eu avançava. Mas sem dúvida estava toda absorta em seu pensamento devoto. Resolvi, de resto, não a importunar e, quando ela chegou ao túmulo do pai, permaneci alguns passos atrás dela. Ela se ajoelhou na neve, fez o sinal da cruz e começou a rezar. Nesse momento, deu meia-noite. A décima segunda pancada ainda reverberava no meu ouvido quando, de repente, vi a moça levantar a cabeça; seu olhar fitou a abóbada celeste, seus braços se estenderam para o astro das noites; ela me pareceu em êxtase, e eu ainda me perguntava qual fora a razão súbita e determinante daquele êxtase quando eu mesmo ergui a cabeça, lancei à minha volta um olhar esgazeado e todo o meu ser se projetou para o Invisível, *o invisível que tocava música para nós*. E que música! Já a conhecíamos. Christine e eu já a havíamos escutado em nossa infância. Mas no violino do sr. Daaé ela jamais se exprimira com arte tão divina. Não me restou outra coisa, nesse instante, senão me lembrar de tudo o que Christine acabava de me dizer sobre o Anjo da Música e pensar naqueles sons inesquecíveis que, se não desciam do céu, não revelavam sua origem na terra. Não se viam instrumento nem mão para conduzir o arco. Oh, lembro-me da admirável melodia. Era a *Ressurreição de Lázaro*,<sup>68</sup> que o sr. Daaé tocava para nós em suas horas de tristeza e fé. Se o Anjo de Christine existisse, não teria tocado melhor essa noite com o violino do finado menestrel. A invocação de Jesus nos enlevava e, juro por Deus, quase esperei ver erguer-se a lápide do túmulo do pai de Christine. Ocorreu-me igualmente a ideia de que o sr. Daaé havia sido enterrado com seu violino e, na verdade, não sei até onde, naquele minuto fúnebre e radioso, no fundo daquele pequeno cemitério perdido de província, ao lado daquelas caveiras que riam para nós com todos os seus maxilares imóveis, não, não sei até onde foi minha imaginação nem onde ela parou. Mas a música se calara e voltei a mim. Pareceu-me ouvir um barulho para o lado das caveiras do ossuário.

P. – Ah, o senhor ouviu um barulho na direção do ossuário?

R. – Sim, pareceu-me que as caveiras riam e não pude evitar um calafrio.

P. – Não pensou na mesma hora que o músico celestial que acabava de enfeitá-lo poderia estar escondido justamente atrás do ossuário?

R. – Sim, não pensei em outra coisa, sr. comissário, e me esqueci de seguir a srta. Daaé, que acabava de se levantar e alcançava tranquilamente a porta do cemitério. Quanto a ela, estava de tal forma enlevada que não surpreende não ter me avistado. Não me mexi, os olhos pregados no ossuário, decidido a ir até o fim dessa incrível aventura e desvendar o mistério.

P. – Então o que aconteceu para ser encontrado de manhã, deitado semimorto, nos degraus do altar-mor?

R. – Oh! Foi tudo muito rápido... Uma caveira rolou aos meus pés... depois outra... depois outra... Eu parecia ser o alvo daquele fúnebre boliche. E pressenti que um movimento em falso poderia destruir a harmonia do arcabouço atrás do qual se dissimulava o nosso músico. Essa hipótese pareceu-me bastante razoável, na medida em que uma sombra deslizou de súbito pela reluzente parede da sacristia.

Precipitei-me. A sombra, empurrando a porta, já penetrara na igreja. Eu tinha asas, a sombra tinha um manto. Tive força suficiente para agarrar uma aba do manto da sombra. Nesse momento, estávamos, a sombra e eu, bem em frente ao altar-mor e, através do grande vitral da abside, os raios do luar caíam reto à nossa frente. A sombra se virou e, como não larguei o manto que a envolvia, ele se entreabriu, e eu vi, sr. juiz, como vejo o senhor, uma pavorosa caveira dardejando sobre mim um olhar em que ardiam os fogos do inferno. Julguei estar lidando com o próprio Satanás e, diante daquela aparição de além-túmulo, meu coração vacilou, apesar de toda a sua coragem, e não tenho mais lembrança de nada até o momento em que acordei no meu quatinho do Albergue do Sol Poente.

57. Ópera em cinco atos de Ambroise Thomas, com libreto de Michel Carré e Jules Barbier, baseada na peça homônima de William Shakespeare. Estreou em 9 de março de 1868. ↵

58. Na mitologia grega, os Campos Elíseos são o lugar onde os heróis virtuosos descansam em paz. ↵

59. Wolfgang Amadeus Mozart (1756-91), compositor austríaco. A despeito da vida breve, escreveu uma profusão de obras musicais em todos os gêneros: música sacra (missas, litânias, oratórios etc.), dramática (óperas), instrumental (sinfonias, concertos, música de câmara etc.). Sua ópera mais famosa, citada logo a seguir, é *A flauta mágica* (1791), em dois atos, com libreto de Emanuel Schikaneder. ↵

60. Nome inventado pelo autor para designar uma localidade na Suécia. ↵

61. Charles Garnier (1825-98), arquiteto francês que projetou a Ópera de Paris, hoje mais conhecida em Paris como Palais Garnier, cuja construção começou em 1860 e terminou em 1875. ↵

62. Festa e peregrinação, típicas da Bretanha, que mesclam aspectos cristãos e profanos, homenageando sempre o padroeiro de determinado lugar. Os *pardonneurs* adotam ritos e práticas remanescentes dos celtas, como a volta tripla em torno do santuário, o beijo nas estátuas, o abraço nos menires, oferendas, cantos e danças etc. ↵

63. Dança bretã originária da Itália e importada pelas tropas de Napoleão, muito popular durante todo o séc.XIX. ↵

64. Criaturas lendárias da Bretanha, espécie de duende ou gnomos. Bons ou maus conforme a circunstância, podem dar provas de extrema generosidade, mas são capazes de horribéis vinganças. ↵

65. Hans Christian Andersen (1805-75), escritor dinamarquês, conhecido por seus contos de fadas, como “A Pequena Sereia”, “O Patinho Feio” e “A pequena vendedora de fósforos”. ↵

66. Johan Ludvig Runeberg (1804-77), poeta nacional da Finlândia. Com sua obra, criou um ideal do povo finlandês e da natureza, contribuindo para a formação da identidade nacional. ↵

67. Em biblioteconomia, sinal alfabético ou numeral que serve para classificar as peças de um processo ou auto. ↵

68. Possivelmente o oratório de 1773 de Johann Christoph Friedrich Bach, compositor e cravista alemão, filho de Johann Sebastian Bach. ↵

## UMA VISITA AO CAMAROTE Nº5

ABANDONAMOS OS SRS. Firmin Richard e Armand Moncharmin no momento em que eles resolviam fazer uma visitinha ao camarote de primeira classe nº5.

Os dois deixaram para trás a ampla escadaria que conduz do saguão da administração ao palco e suas dependências; atravessaram o palco (o tablado), adentraram o teatro pela entrada dos assinantes, depois, na plateia, pelo primeiro corredor à esquerda. Esgueiraram-se então por entre as primeiras fileiras de poltronas da orquestra e olharam para o camarote nº5. Impossível enxergar direito, estava mergulhado numa semipenumbra e imensas capas cobriam o veludo vermelho dos *appuis-main*.<sup>69</sup>

Nesse momento, estavam praticamente sozinhos na imensa nave escura, e um grande silêncio rodeava-os. Era uma hora morta, quando os maquinistas vão tomar um trago.

A equipe esvaziara momentaneamente o tablado, deixando um cenário semipronto; alguns raios de luz (uma luz lívida, sinistra, que parecia roubada de um astro moribundo) haviam se insinuado por uma abertura qualquer até uma velha torre que projetava suas seteiras de papelão sobre o palco; as coisas, nessa noite artificial, ou melhor, nesse dia mentiroso, ganhavam formas estranhas. O pano que cobria as poltronas da orquestra tinha a aparência de um mar em fúria, cujas ondas glaucas tivessem sido instantaneamente imobilizadas por ordem secreta do gigante das tempestades, que, como todos sabem, chama-se Adamastor.<sup>70</sup> Os srs. Moncharmin e Richard eram os náufragos daquela procela imóvel de um mar em tela pintada. Avançavam em direção aos camarotes da esquerda, com grandes braçadas, como marujos que abandonaram seu barco e procuram alcançar a praia. As oito grandes colunas em mármore de *échaillon*<sup>71</sup> polido erigiam-se na sombra como prodigiosas palafitas destinadas a sustentar o penhasco ameaçador, decrépito e protuberante, cujas bases eram representadas pelas linhas circulares, paralelas e sinuosas das sacadas dos camarotes

de primeira, segunda e terceira classes. Lá no alto, no topo do penhasco, perdidos no céu de cobre do sr. Lenepveu,<sup>72</sup> rostos esgarçavam-se, riam, troçavam, zombavam da apreensão dos srs. Moncharmin e Richard. Eram, contudo, rostos geralmente muito sérios. Chamavam-se: Ísis, Anfitrite, Hebe, Flora, Pandora, Psiquê, Tétis, Pomona, Dafne, Clítia, Galateia, Aretusa.<sup>73</sup> Sim, Aretusa em pessoa e Pandora, que todo mundo conhece por causa da sua caixa, observavam os dois novos diretores da Ópera, que terminaram agarrando um destroço e que, dali, contemplavam em silêncio o camarote de primeira classe nº5. Eu disse que eles estavam apreensivos. Presumo. O sr. Moncharmin, em todo caso, admite que estava impressionado. Diz textualmente: “Essa ‘gangorra’ (que estilo!) do Fantasma da Ópera, na qual nos haviam feito tão educadamente subir, depois que assumimos a sucessão dos srs. Poligny e Debienne, terminara sem dúvida por perturbar o equilíbrio de minhas faculdades imaginativas, visuais, pois (teria sido o cenário excepcional no qual nos movíamos, no centro de um incrível silêncio que nos impressionava a esse ponto...? Teríamos sido o brinquedo de uma espécie de alucinação viabilizada pela escuridão quase total da sala e a penumbra que reinava no camarote nº5?), pois eu vi, e Richard também viu, ao mesmo tempo, uma forma no camarote nº5. Richard não disse nada; eu tampouco, de resto. Esperamos então alguns minutos assim, sem nos mexer, os olhos ainda pregados no mesmo ponto – mas a forma tinha desaparecido. Então saímos e, no corredor, trocamos impressões e falamos da *forma*. O desagradável é que a forma que eu vira não era em absoluto a forma que Richard vira. De minha parte, vi uma espécie de caveira pousada no balaústre do camarote, enquanto Richard percebera uma velha parecida com a sra. Giry. De modo que, constatando termos sido realmente brinquedos de uma ilusão, corremos sem demora, rindo como loucos, ao camarote de primeira classe nº5, entramos e não encontramos mais forma alguma.”

E agora aqui estamos nós no camarote nº5.

É como todos os outros camarotes de primeira classe. Na verdade, nada o distingue dos adjacentes.

Os srs. Moncharmin e Richard, exagerando na pilhéria e rindo um do outro, remexiam nos móveis do camarote, erguiam as capas e poltronas e examinavam em particular aquela na qual *a voz costumava*

*sentar*. Mas constataram ser uma poltrona honesta, sem nada de mágico. Em suma, era o mais comum dos camarotes, com seu reposteiro vermelho, suas poltronas, seu carpete e seu *appui-main* em veludo vermelho. Após apalpar com toda a gravidade possível o carpete e não descobrir nada de especial em parte alguma, eles desceram à frisa inferior, que correspondia ao camarote nº5. Na frisa nº5, que fica bem no canto da primeira saída à esquerda das poltronas de orquestra, tampouco encontraram alguma coisa digna de menção.

– Essa gente toda está rindo da nossa cara – concluiu Firmin Richard. – Sábado teremos *Fausto*, e nós dois assistiremos ao espetáculo no camarote nº5!

69. Termo francês para a peça de mobiliário que consiste numa espécie de haste em cujo topo é fixada uma bola de couro ou veludo para se descansar a mão. Era utilizado pelos pintores, que nele pousavam a mão desocupada. ↵

70. Gigante espírito do cabo das Tormentas, ou da Boa Esperança, eternizado por Camões em *Os Lusíadas*. ↵

71. Mármore procedente da montanha de mesmo nome, no departamento de Isère, no sudeste da França. Explorada desde a época romana, a pedreira esgotou-se em 1939. ↵

72. Jules Lenepveu (1819-98), pintor francês responsável pela pintura do teto da Ópera de Paris, *As musas e as horas do dia e da noite*. Em 1964 a pintura foi coberta por uma nova, dessa vez a cargo de Marc Chagall, obra muito criticada por “destoar” do estilo Segundo Império do teatro. ↵

73. Todas entidades da mitologia greco-romana. Ísis: deusa das práticas mágicas; vinda da mitologia egípcia, era identificada com Io e também com Deméter. Anfitrite: uma das nereidas e mulher de Posídon, e portanto rainha do mar. Hebe: deusa que personifica a juventude, filha de Zeus e Hera. Flora: ninfa da mitologia romana, equivalente à ninfa grega Clóris. Pandora: primeira forma humana feminina, modelada por Hefestos, deus do ferro, e animada por Atena, deusa da inteligência; carregava a famosa “caixa de Pandora”, que continha todos os males do mundo. Psiquê: princesa grega que desperta o ciúme de Afrodite, a qual ordena que Eros a faça apaixonar-se pela criatura mais vil da terra, mas ele próprio se apaixona por ela. Tétis: nereida, mãe de Aquiles. Pomona: ninfa de extraordinária beleza, deusa das frutas. Dafne: ninfa, por quem Apolo é apaixonado. Clítia: uma das oceânides (filhas de Oceano e Tétis), apaixonada por Apolo. Galateia: nereida, filha de Nereu e Dóris, andava numa carruagem puxada por golfinhos. Aretusa: ninfa que faz parte do cortejo de Ártemis e, como esta deusa, é avessa ao amor; filha de Nereu, é também uma nereida. ↵

NO QUAL OS SRS. FIRMIN RICHARD E ARMAND MONCHARMIN  
TÊM A AUDÁCIA DE APRESENTAR *FAUSTO* NUMA SALA  
“AMALDIÇOADA”, E O TERRÍVEL EPISÓDIO DAÍ RESULTANTE

SÁBADO DE MANHÃ, contudo, ao chegarem às suas salas, os diretores encontraram cada um uma carta do F. da Ópera, assim concebida:

Meus caros diretores,

Então é guerra?

Se ainda prezam a paz, eis meu ultimato.

Ele reside nas seguintes quatro condições:

1ª) A devolução do meu camarote – espero que esteja à minha completa disposição desde agora;

2ª) O papel de “Margarida” será cantado esta noite por Christine Daaé. Não se preocupem com a Carlotta, que estará doente;

3ª) Faço questão absoluta dos bons e leais serviços de Mame Giry, minha lanterninha, que os senhores reintegrarão imediatamente em suas funções;

4ª) Declarem, numa carta a ser entregue a Mame Giry, que a fará chegar às minhas mãos, que, como seus antecessores, os senhores aceitam as condições do caderno de encargos relativas ao meu salário mensal. Informarei posteriormente de que forma deverão me pagar.

Caso contrário, esta noite apresentarão *Fausto* numa sala amaldiçoada.

Para bom entendedor, saudações!

F. da Ópera

– Quer saber? Ele já está me enchendo...! Me enchendo! – berrou Richard, erguendo punhos vingadores e deixando-os cair com estrépito na mesa de seu gabinete.

Nesse momento, Mercier, o administrador, entrou.

– Lachenal gostaria de ver um dos senhores – anunciou. – Afirmar ser um assunto urgente, e o sujeito me parece completamente transtornado.

– Quem é esse Lachenal? – interrogou Richard.

– É seu cavaleiro-chefe.

– Como assim! Meu cavaleiro-chefe?

– Perfeitamente, senhor – explicou Mercier. – Na Ópera há diversos cavaleiros, e o sr. Lachenal é o chefe deles.

– E o que faz esse cavaleiro?

– Faz parte da alta direção da estrebaria.

– Que estrebaria?

– Ora, a sua, senhor, a estrebaria da Ópera.

– Há uma estrebaria na Ópera? Diabos, eu não fazia ideia! E onde fica?

– No porão, ao lado da Rotunda.<sup>74</sup> É um setor muito importante, temos doze cavalos.

– Doze cavalos! E para quê, santo Deus?

– Ora, para os cortejos de *A judia*, *O profeta*<sup>75</sup> etc. são necessários cavalos ensinados, que “conheçam os tacos”. Os cavaleiros são encarregados de amestrá-los. O sr. Lachenal é muito jeitoso. É ex-diretor das estrebarias de Franconi.<sup>76</sup>

– Está bem... O que ele quer comigo?

– Não faço ideia... nunca o vi nesse estado.

– Faça-o entrar!

O sr. Lachenal entra. Tem um rebenque na mão e com ele vergasta nervosamente uma de suas botas.

– Bom dia, sr. Lachenal – cumprimentou Richard, impressionado. – A que devemos a honra de sua visita?

– Sr. diretor, venho lhe pedir para colocar toda a estrebaria na rua.

– O quê! Quer despedir nossos cavalos?

– Não se trata dos cavalos, mas dos cavaleiros.

– Quantos cavaleiros o senhor tem, sr. Lachenal?

– Seis!

– Seis! Há no mínimo dois a mais!

– São “cargos” – interrompeu Mercier – criados e impostos a nós pelo subsecretário de Belas-Artes. São ocupados por protegidos do governo, e, se ousar me permitir...

– Estou me lixando para o governo...! – afirmou Richard com energia. – Não precisamos de mais do que quatro cavaleiros para



doze cavalos.

– Onze! – retificou o cavalariaço-chefe.

– Doze! – repetiu Richard.

– Onze! – repetiu Lachenal.

– Arre, o sr. administrador disse que o senhor tinha doze cavalos!

– Eu tinha doze, mas, depois que nos roubaram César, tenho apenas onze!

E o sr. Lachenal deu uma vergastada na bota.

– César foi roubado! – exclamou o sr. administrador. – César, o cavalo do *Profeta*?

– Não existem dois Césares! – declarou num tom seco o sr. cavalariaço-chefe. – Fiquei dez anos com Franconi e vi muitos cavalos! Pois bem, não existem dois Césares! E ele nos foi roubado.

– Como se deu isso?

– Não faço ideia! Ninguém faz ideia! Eis por que venho lhe requerer que despeça toda a estrebaria.

– O que dizem os seus cavalariaços?

– Despropósitos... Uns acusam os figurantes... outros afirmam ter sido o zelador da administração.

– O zelador? Respondo por ele com a minha pessoa! – protestou Mercier.

– Mas, enfim, sr. primeiro-cavalariaço – exclamou Richard –, o senhor deve ter uma hipótese...!

– Bem, bem, tenho uma! Tenho uma! – declarou de repente o sr. Lachenal. – E vou dizê-la. Para mim, não resta dúvida.

O sr. primeiro-cavalariaço aproximou-se dos srs. diretores e sussurrou-lhes ao ouvido: “*Foi o Fantasma que deu o golpe!*”

Richard teve um sobressalto.

– Ah, o senhor também! O senhor também!

– Como assim, *eu também*! É a coisa mais natural...

– Estou ouvindo direito, sr. Lachenal? Mas como então, sr. primeiro-cavalariaço...

– ...eu lhe dizer o que penso, depois do que vi...

– E o que foi que viu, sr. Lachenal?

– Vi, como vejo o senhor, uma sombra negra montando um cavalo branco que era o César escarrado!

– E não correu atrás desse cavalo branco e dessa sombra negra?

– Corri e chamei, sr. diretor, mas fugiram com uma rapidez desconcertante e desapareceram na noite da galeria...

O sr. Richard levantou-se.

– É o suficiente, sr. Lachenal. Pode ir... depositaremos queixa contra o *Fantasma*...

– E botarão minha estrebaria no olho da rua!

– Negócio fechado! Até mais ver, cavalheiro!

O sr. Lachenal cumprimentou e saiu.

Richard espumava.

– Faça as contas desse imbecil!

– É um amigo do sr. comissário do governo! – ousou Mercier.

– E toma seu aperitivo no Tortoni,<sup>77</sup> com Lagréné, Scholl e Pertuiset, o matador de leões<sup>78</sup> – acrescentou Moncharmin. – Vamos ter toda a imprensa nas nossas costas! Ele vai contar a história do Fantasma e todo mundo rirá à nossa custa! Se cairmos no ridículo, estaremos perdidos!

– Está bem, esqueçam... – concedeu Richard, que já pensava em outra coisa.

Nesse momento a porta se abriu, porta que sem dúvida não estava defendida pelo seu cêrbero<sup>79</sup> de praxe, pois viu-se Mame Giry entrar sem cerimônia, com uma carta na mão, e dizer precipitadamente:

– Com licença, cavalheiros, mas hoje de manhã recebi uma carta do Fantasma da Ópera. Ele me disse para procurá-los, que os senhores possivelmente teriam alguma coisa a me...

Ela não terminou a frase. Viu o semblante de Firmin Richard, e era terrível. O digníssimo diretor da Ópera estava à beira de um colapso. O furor que o revolvía ainda não se traduzia externamente, exceto pelo escarlate de sua face furibunda e o brilho de seus olhos fulminantes. Ele não disse nada. Não conseguia falar. De repente, contudo, seu gesto. Primeiro foi o braço esquerdo que agarrou a

gorducha pessoa de Mame Giry e a fez descrever um semicírculo tão inesperado, uma pirueta tão rápida que ela emitiu um clamor desesperado; depois foi o pé direito, o pé direito do mesmo digníssimo diretor que imprimiu sua sola no tafetá preto de uma saia que, certamente, naquela região, ainda não sofrera tal ultraje.

Fora uma reação tão precipitada que, quando se viu na galeria, Mame Giry continuava aturdida, parecendo não compreender. De repente, contudo, deu-lhe um estalo e a Ópera reverberou gritos indignados, protestos ferozes, ameaças de morte. Foram necessários três mocetões para descê-la até o pátio da administração e dois agentes para carregá-la para a rua.

Aproximadamente à mesma hora, a Carlotta, que morava num pequeno hotel na rua do Faubourg-Saint-Honoré,<sup>80</sup> chamava a camareira e lhe pedia que trouxesse a correspondência na cama. Nessa correspondência, encontrou uma carta anônima em que lhe diziam:

Se cantar esta noite, receie ser vítima de uma grande calamidade no exato momento em que se apresentar... uma calamidade pior do que a morte.

A ameaça vinha escrita a tinta vermelha, numa caligrafia vacilante e rasurada.

Após ler a carta, a Carlotta perdeu o apetite para o desjejum. Empurrou a bandeja em que a camareira lhe oferecia o chocolate fumegante. Sentou-se na cama e refletiu profundamente. Não era a primeira carta daquele gênero que recebia, mas jamais lera uma tão ameaçadora.

Nessa época, julgando-se às voltas com os mil ardis da inveja, gostava de dizer que tinha um inimigo secreto que jurara perdê-la. Afirmava tramar-se contra ela um horrível complô, uma conspiração que estaria prestes a passar à ação; mas, acrescentava, não era mulher de se deixar intimidar.

A verdade era que, se conspiração havia, esta era liderada pela própria Carlotta contra a pobre Christine, que nem desconfiava. A Carlotta não perdoara Christine pelo triunfo que esta conquistara ao substituí-la de repente.

Quando lhe falaram da extraordinária acolhida reservada à sua substituta, a Carlotta sentira-se instantaneamente curada de um

começo de bronquite e de um acesso de ranzinzeira contra a administração, não demonstrando a menor veleidade de deixar o seu posto. Dali em diante, trabalhara com todas as suas forças para “boicotar” a rival, acionando amigos poderosos junto aos diretores, instigando-os a não darem mais a Christine a oportunidade de um novo triunfo. Alguns jornais que haviam começado a enaltecer o talento de Christine passaram a falar apenas da glória da Carlotta. Aliás, no próprio teatro, a célebre diva fazia as mais ultrajantes declarações sobre Christine, tentando causar-lhe todo tipo de pequenas contrariedades.

A Carlotta não tinha nem coração nem alma. Era um mero instrumento! Instrumento maravilhoso, decerto. Seu repertório abrangia tudo capaz de despertar a ambição de uma grande artista, no que se refere tanto a mestres alemães quanto a italianos ou franceses. Nunca, até esse dia, ouvira-se a Carlotta desafinar ou faltar-lhe a extensão de voz necessária à tradução de qualquer passagem de seu imenso repertório. Em suma, o instrumento tinha alcance, força e uma correção admirável. Mas ninguém poderia dizer à Carlotta o que Rossini disse à Krauss, depois que esta cantou para ele em alemão “Florestas escuras...”: “Você canta com sua alma, minha filha, e sua alma é bela.”<sup>81</sup>

Onde estava sua alma, oh Carlotta, quando você dançava nos bordéis de Barcelona? Onde estava quando, mais tarde, em Paris, cantou, em tristes tablados, seus cínicos estribilhos de bacante de music-hall? Onde estava sua alma quando, diante dos mestres reunidos na casa de seus amantes, você fazia ressoar esse instrumento dócil, cujo prodígio consistia em cantar o sublime amor e a mais baixa orgia com a mesma e indiferente perfeição? Oh Carlotta, se um dia você tivesse tido e perdido uma alma, tê-la-ia encontrado quando foi Julieta, quando foi Elvira,<sup>82</sup> e Ofélia, e Margarida! Pois outras vieram de mais baixo que você, e a arte, amparada pelo amor, depurou-as!

Na verdade, quando penso em todas as baixezas e vilanias que Christine Daaé sofreu então da parte dessa Carlotta, não posso conter minha ira, e não me espanta nada o fato de minha indignação traduzir-se em apreciações um pouco extensas sobre a arte em geral, e o canto em particular, para as quais certamente os admiradores da Carlotta torcerão o nariz.

Quando a Carlotta terminou de refletir sobre a ameaça da estranha carta que acabava de receber, levantou-se:

– Veremos... – disse. E enunciou, em espanhol, alguns juramentos, com um semblante mais do que resoluto.

A primeira coisa que ela viu ao botar o nariz para fora da janela foi um rabecão. O rabecão e a carta persuadiram-na de que corria os mais sérios perigos aquela noite. Reuniu então em sua casa o amplo leque de seus amigos, contou-lhes que estava sendo ameaçada, no espetáculo da noite, por uma conspiração maquinada por Christine Daaé e afirmou a necessidade de darem uma rasteira naquela pequena, lotando a sala com seus próprios admiradores, dela, Carlotta. Isso era o que não faltava, certo? Contava com eles para se precaver contra qualquer eventualidade e fazer calar os arruaceiros, caso, como ela temia, o escândalo rebentasse.

O secretário particular do sr. Richard, após inteirar-se da saúde da diva, voltou com a garantia de que ela estava em plena forma e que, “mesmo que estivesse agonizante”, cantaria aquela noite o papel de Margarida. Como o secretário havia recomendado enfaticamente à diva, da parte de seu chefe, não cometer nenhuma imprudência, não sair de casa e evitar as correntes de ar, a Carlotta não pôde se abster, ao sair, de associar essas recomendações excepcionais e inesperadas às ameaças presentes na carta.

Eram cinco horas quando recebeu pelo correio uma nova carta anônima com a mesma letra da primeira. Era breve. Dizia simplesmente:

A senhorita está gripada; se for razoável, compreenderá que é loucura querer cantar esta noite.

A Carlotta riu, deu de ombros, que eram magníficos, e emitiu duas ou três notas que a tranquilizaram.

Os amigos foram fiéis à promessa. Estavam todos na Ópera aquela noite, mas foi em vão que procuraram à sua volta os ferozes conspiradores que tinham a missão de combater. À exceção de alguns novatos, alguns honestos burgueses cuja plácida fisionomia não refletia outro desígnio senão ouvir novamente uma música que, muito tempo atrás, já conquistara sua aprovação, só estavam ali os assíduos, cujos modos elegantes, pacatos e corretos afastavam qualquer ideia de

manifestação. A única coisa que parecia fugir à normalidade era a presença dos srs. Richard e Moncharmin no camarote nº5. Os amigos da Carlotta pensaram que os srs. diretores, cientes do escândalo planejado, haviam feito questão de comparecer para impedi-lo tão logo ele estourasse, mas esta era uma hipótese infundada, como vocês sabem: os srs. Richard e Moncharmin só pensavam em seu fantasma.

Nada...? Em vão interrogo em ardente vigília

A Natureza e o Criador.

Nenhuma voz sussurra ao meu ouvido

Uma palavra conciliadora...!

O célebre barítono Carolus Fonta acabava de lançar o primeiro clamor do doutor Fausto às potências do inferno quando o sr. Firmin Richard, que ocupava a cadeira do Fantasma – a cadeira da direita, na primeira fila – se debruçou, com o melhor humor do mundo, para o seu sócio e lhe disse:

– E você, porventura alguma voz já sussurrou uma palavra ao seu ouvido?

– Calma! Nada de pressa! – respondeu no mesmo tom de galhofa o sr. Armand Moncharmin. – O espetáculo está apenas começando e você sabe muito bem que o Fantasma geralmente só aparece no meio do primeiro ato.

O primeiro ato se desenrolou sem incidentes, o que não espantou os amigos da Carlotta, uma vez que, nesse ato, Margarida não canta. Quanto aos dois diretores, ao cair do pano, entreolharam-se sorrindo:

– Um já se foi! – exclamou Moncharmin.

– É, o Fantasma está atrasado – declarou Firmin Richard.

Moncharmin, sempre caçoando, continuou:

– Até que para “uma sala amaldiçoada” a plateia está bem sortida esta noite.

Richard concedeu um sorriso. Moncharmin apontou para o seu colaborador uma valente e obesa senhora, o sumo da vulgaridade, toda de preto, sentada numa poltrona no meio da plateia e ladeada por dois homens de aspecto rústico em seus redingotes de brim.

– Que “gente” é essa? – indagou Moncharmin.

– Essa gente, meu caro, é minha zeladora, seu irmão e seu marido.

– Reservou ingressos para eles?

– Exatamente... Minha zeladora nunca veio à Ópera... é a primeira vez... e como ela deve passar a vir todos os dias, eu quis que ela se situasse bem antes de se dedicar a situar os outros.

Moncharmin pediu explicações e Richard lhe respondeu que convencera sua zeladora, em quem depositava toda a confiança, a vir ocupar provisoriamente o lugar de Mame Giry.

– A respeito de Mame Giry – disse Moncharmin –, saiba que ela vai depositar queixa contra você.

– A quem? Ao Fantasma?

O Fantasma! Moncharmin quase o esquecera.

Mas também!, o misterioso personagem não fazia nada para ser lembrado pelos srs. diretores.

De repente, a porta do camarote se abriu bruscamente, revelando o contrarregra assustado.

– O que há? – perguntaram os dois, estupefatos ao deparar com este último naquela hora e naquele lugar.

– Há – explicou o contrarregra – que os amigos de Christine Daaé armaram um complô contra a Carlotta. Ela está furiosa.

– Que história é essa agora? – perguntou Richard, franzindo o sobrolho.

Mas o pano se erguia, descortinando a Quermesse,<sup>83</sup> e o diretor fez sinal para o contrarregra retirar-se.

Quando o contrarregra saiu, Moncharmin debruçou-se ao ouvido de Richard.

– Daaé então tem amigos? – perguntou.

– Sim! – respondeu Richard. – Tem.

– Quem?

Richard apontou com o olhar um camarote de primeira classe no qual havia apenas dois homens.

– O conde de Chagny?

– Sim, ele recomendou-a tão calorosamente que, se eu não o soubesse amigo da Sorelli...

– Entendo! Entendo...! – murmurou Moncharmin. – E quem é o moço tão pálido sentado ao seu lado?

– É seu irmão, o visconde.

– Ele faria melhor indo para a cama. Parece doente.

O palco ressoava cantos alegres. A ebriedade em música. Triunfo do copo.

Vinho ou cerveja,  
Cerveja ou vinho  
Meu copo eu desejo  
Cheinho!

Estudantes, burgueses, soldados, moças e matronas, corações em júbilo, rodopiavam em frente ao cabaré com a tabuleta do deus Baco. Siebel fez sua entrada.

Christine Daaé estava encantadora em travesti.<sup>84</sup> Sua juventude radiosa e sua graça melancólica seduziam à primeira vista. Imediatamente, os adeptos da Carlotta imaginaram que ela seria saudada com uma ovação que os informaria sobre as intenções de seus amigos. Essa ovação indiscreta, a propósito, teria sido totalmente inoportuna. E não aconteceu.

Ao contrário, quando Margarida atravessou o palco e cantou os dois únicos versos de seu papel nesse segundo ato –

Não, senhores, não sou senhorita nem bela,  
E não preciso que me deem a mão!

– bravos entusiasmados receberam a Carlotta. Foi tão inesperado e despropositado que aqueles alheios aos rumores se entreolhavam e perguntavam o que estava acontecendo, e o ato terminou igualmente sem nenhum incidente. Todos então ruminavam: “Será no próximo, é lógico.” Alguns, que, tudo indica, estavam mais bem-informados do que outros, afirmaram que o “bafafá” iria começar na “Taça do rei de Thule”,<sup>85</sup> e precipitaram-se para a entrada dos assinantes para avisar a Carlotta.

Os diretores deixaram o camarote durante esse entreato para informar-se sobre aquela história de conspiração referida pelo contrarregra, mas logo retornaram a seus lugares, dando de ombros e



considerando tudo aquilo uma frivolidade. A primeira coisa que viram ao entrar foi, na mesinha do *appui-main*, uma caixa de bombons ingleses. Quem a trouxera? Interrogaram as lanterninhas. Ninguém soube dizer. Voltando-se então novamente para o lado do *appui-main*, perceberam, dessa vez, ao lado da caixa de bombons ingleses, um pequeno binóculo. Entreolharam-se. Não tinham nenhuma vontade de rir. Tudo que Mame Giry lhes dissera voltava à sua memória... e, depois, pareciam sentir uma estranha corrente de ar à sua volta... Sentaram-se em silêncio, realmente impressionados.

A cena representava o jardim de Margarida...

Faça-lhe minhas confissões

Leve meus votos...

Quando cantava esses dois primeiros versos, com um buquê de rosas e lilases na mão, Christine, erguendo a cabeça, percebeu o visconde de Chagny em seu camarote e, a partir desse momento, a todos pareceu que sua voz estava menos firme, menos pura, menos cristalina do que de hábito. Alguma coisa desconhecida sufocava, endurecia o seu canto... Transpareciam tremor e medo.

– Menina estranha – observou quase em voz alta um amigo da Carlotta, sentado na orquestra. – Divina na outra noite, hoje emite balidos. Faltam-lhe experiência e método!

É em vós que tenho fé,

Falai por mim.

O visconde pousou a cabeça nas mãos. Chorava. O conde, atrás dele, mordida com vontade a ponta do bigode, sacudia os ombros e franzia as sobrancelhas. O conde, geralmente tão correto e frio, devia estar furioso, para traduzir com tantos gestos seus sentimentos íntimos. Estava. Vira seu irmão regressar de uma rápida e misteriosa viagem num estado de saúde alarmante. As explicações que vieram em seguida decerto não tiveram o dom de tranquilizar o conde, que, desejando saber onde pisava, solicitara um encontro com Christine Daaé. Esta tivera a audácia de responder que não podia recebê-lo, nem a ele nem a seu irmão. Ele acreditou numa abominável intriga. Não perdoava Christine por fazer Raoul sofrer, mas sobretudo não perdoava Raoul por sofrer por Christine. Ah, como errara ao se

interessar fugazmente por aquela pequena, cujo triunfo de uma noite permanecia incompreensível para todos.

Que a flor sobre sua boca  
Saiba ao menos depositar  
Um doce beijo.

– Manhosa – rosnou o conde.

E matutou o que ela queria, o que ela esperava... Era pura, diziam-na sem namorado, sem protetor de nenhuma espécie... Aquele Anjo do Norte devia ser esperto!

Raoul, por sua vez, por trás de suas mãos, cortina que escondia suas lágrimas de criança, só pensava na carta que recebera, assim que retornara a Paris, aonde Christine chegara antes dele, tendo fugido de Perros como uma ladra: “Meu querido amiguinho de infância, precisa ter a coragem de não me ver mais, de não falar mais comigo... se me ama um pouco, faça isso por mim, por mim que nunca o que esquecerei... querido Raoul. E por favor não entre nunca mais no meu camarim. Minha vida está em jogo. A sua também. Sua diletta Christine!”

Uma trovoadade aplausos... É a Carlotta fazendo sua entrada.

O ato do jardim desenrolava-se com suas conhecidas peripécias.

Quando Margarida terminou de cantar a ária do Rei de Thule, foi aclamada; e novamente quando terminou a ária das joias:

Ah, rio ao ver-me  
Tão bela nesse espelho...

Agora confiante, amparando-se nos amigos da plateia, segura de sua voz e de seu sucesso, não temendo mais nada, a Carlotta entregou-se por inteiro, com ardor, entusiasmo, embriaguez. Sua atuação abandonou qualquer tipo de contenção ou pudor... Não era mais Margarida, era Carmen.<sup>86</sup> Foi simplesmente mais aplaudida ainda, e seu dueto com Fausto parecia antecipar-lhe um novo sucesso quando, de repente, aconteceu... uma coisa terrível.

Fausto ajoelhara-se:

Deixe-me, deixe-me contemplar seu rosto

Sob a pálida claridade  
Com a qual o astro noturno, como se numa nuvem,  
Acaricia sua beleza.

E Margarida respondia:

Ó silêncio! Ó felicidade! Inefável mistério!  
Inebriante prostração!  
Escuto...! E compreendo essa voz solitária  
Que canta em meu coração!

Nesse momento então... exatamente nesse momento... aconteceu uma coisa... eu dizia, uma coisa terrível...

A plateia, num movimento sincrônico, pôs-se de pé... Em seu camarote, os dois diretores não conseguem conter uma exclamação de horror... Espectadores e espectadoras olham-se como se pedindo uns aos outros uma explicação para tão inesperado fenômeno... O semblante da Carlotta exprime a dor mais atroz, seus olhos parecem invadidos pela loucura. A pobre mulher se aprumou, a boca ainda entreaberta, após terminar de entoar “essa voz solitária que canta em seu coração...”, mas sua boca não cantava mais... *não ousava mais uma palavra, um som...*

Pois essa boca criada para a harmonia, instrumento vivaz que jamais falhara, órgão magnífico, fonte das mais belas sonoridades, dos mais difíceis acordes, das mais sutis modulações, dos ritmos mais ardentes, sublime mecânica humana à qual, para ser divina, não faltava senão o fogo do céu, único a produzir a verdadeira emoção e a soerguer as almas... essa boca expelira... dessa boca escapara...

*...Um sapo!*

Ah, um medonho, hediondo, escamoso, venenoso, espumante, coaxante sapo...!

Por onde entrara? Como acorara-se sobre a língua? Com as patas traseiras dobradas, para pular mais alto e longe, saíra sorrateiramente da laringe e... croac!

Croac! Croac...! Ah, terrível croac!

Vocês decerto pensam que estamos falando de sapo somente no sentido figurado. Ninguém o via, diabos!, mas todos o ouviam. Croac!

A plateia sentiu como que uns respingos. Nunca um batráquio, à beira dos reverberantes pântanos, rasgara a noite com “croac” mais terrível.

Uma coisa é certa: ninguém esperava por aquilo! A Carlotta continuava sem acreditar nem em sua garganta, nem em seus ouvidos. Um raio caindo a seus pés a teria espantado menos do que aquele sapo coaxante que acabava de sair de sua boca...

E não a teria desonrado. Ao passo que, naturalmente, um sapo encoscorado na língua sempre desonra uma cantora. Houve quem morresse disso.

Meu Deus! Quem teria acreditado...? Ela cantava tão tranquilamente: “E compreendo a voz solitária que canta em meu coração!” Cantava sem esforço, como sempre, com a mesma facilidade com que a gente diz “Bom dia, como está passando, senhora?”.

É inegável que existem cantoras presunçosas, que cometem o grande erro de não poupar suas forças e que, em seu orgulho, pretendem alcançar efeitos excepcionais com a débil voz que o céu lhes dispensou e emitir a nota que lhes foi proibida quando elas vieram ao mundo. É então que, para castigá-las, o céu lhes introduz, sem que elas o saibam, um sapo dentro da boca, um sapo, um sapo que faz croac! Todo mundo sabe disso. Mas ninguém podia aceitar que uma Carlotta, que tinha pelo menos duas oitavas na voz, tivesse nela igualmente um sapo.

Impossível esquecer seus estridentes fá5,<sup>87</sup> seus *staccati*<sup>88</sup> inauditos em *A flauta mágica*. Todos se lembravam de *Don Giovanni*, quando ela foi Elvira e obteve o mais estrondoso triunfo, certa noite, dando ela mesma o si bemol que sua colega Donna Anna não conseguia dar.<sup>89</sup> Então, francamente, o que significava aquele croac, ao fim da tranquila, pacífica, pequenina “voz solitária que cantava em seu coração”?

Aquilo não era natural. Sortilégio, com certeza. Aquele sapo cheirava a queimado. Pobre, miserável, desesperada, aniquilada Carlotta...!

Na sala, o rumor crescia. Fosse outra que não a Carlotta a vítima de tal peripécia, teria sido vaiada! Mas com ela, cuja capacidade todos conheciam, ninguém demonstrava cólera, e sim consternação e pavor.

Os homens devem ter sofrido essa espécie de terror, se assistiram à catástrofe que amputou os braços da Vênus de Milo...! e ainda puderam ver o golpe desfechado... e compreender...

Mas ali? Aquele sapo era incompreensível...!

De maneira que, após alguns segundos se perguntando se era verdade que ela própria ouvira sair de sua boca aquela nota – era uma nota, era um som? Podia-se chamar aquilo um som? Um som ainda é música –, aquele barulho infernal, ela quis se persuadir de que nada daquilo acontecera; que ali se produzira, fugazmente, uma ilusão auditiva, e não uma criminosa traição do órgão vocal.

Perdida, olhou ao redor, como se buscando um refúgio, uma proteção, ou melhor, a segurança espontânea da inocência de sua voz. Seus dedos crispados foram até sua garganta num gesto de defesa e protesto! Não! Não! Aquele croac não era dela! E, de fato, parecia que o próprio Carolus Fonta era dessa opinião, pois observava-a com uma expressão inenarrável de estupefação infantil e desmesurada. Pois, afinal, ele estava perto dela. Não a abandonara. Talvez pudesse lhe revelar como se produzira aquele fenômeno! Não, não podia! Seus olhos estavam estupidamente pregados na boca da Carlotta, como os olhos de um guri na inesgotável cartola do mágico. Como boquinha tão pequena pudera conter croac tão grande?

Tudo isso, sapo, croac, emoção, pavor-burburinho da plateia, confusão no palco, nas coxias – alguns colegas tinham semblantes assustados –, tudo isso que descrevo no detalhe durou poucos segundos.

Segundos terríveis, que pareceram especialmente intermináveis para os dois diretores lá no alto, no camarote nº5. Moncharmin e Richard estavam brancos feito cera. Aquele episódio insólito e que permanecia inexplicável enchia-os de uma angústia ainda mais misteriosa na medida em que, nos últimos instantes, eles estavam sob a influência direta do Fantasma.

Haviam sentido sua respiração. Alguns fios de cabelo de Moncharmin haviam se eriçado sob essa respiração... E Richard passara o lenço na testa suada... sim, ele estava ali... em volta deles... atrás deles... ao lado deles... sentiam-no sem vê-lo...! Ouviam sua respiração... e tão perto, tão perto...! *Sabemos quando alguém está presente...* Pois bem, agora eles sabiam...! Tinham certeza de serem

três no camarote... Tremiam... Cogitavam fugir... Não ousavam... Não ousavam fazer um movimento, trocar uma palavra que pudesse revelar ao Fantasma que sabiam que ele estava ali...! O que iria acontecer? O que iria se produzir?

Produziu-se o croac! Cobrindo todo o rumorejo da sala, ecoou sua dupla exclamação de horror. *Eles se sentiam sob a ação do Fantasma.* Debruçados no balaústre, olhavam a Carlotta como se não a reconhecessem mais. Aquela filha do inferno certamente disparara o sinal de alguma catástrofe com o seu croac. Ah, esperavam pela catástrofe! O Fantasma lhes prometera! A sala estava amaldiçoada! Os peitos diretoriais já arfavam sob o peso da catástrofe. Ouviu-se a voz embargada de Richard, gritando para a Carlotta:

– E então! Adiante!

Não! A Carlotta não foi adiante... Recomeçou brava, heroicamente, o verso fatal ao fim do qual aparecera o sapo.

Um silêncio terrível sucede a todos os rumores. Só a voz da Carlotta volta a encher a nave sonora:

Escuto...!

A sala também escuta.

...E compreendo essa voz solitária (croac!)

Croac...! que canta em meu... croac!

O sapo também recomeçou.

A plateia explode num prodigioso tumulto. Desmoronados em seus assentos, os dois diretores não ousam sequer voltar-se; não têm força para isso. O Fantasma ri na cara deles! E no fim eles ouvem distintamente no ouvido direito sua voz, a impossível voz, a voz sem boca, a voz que diz:

– *Do jeito que ela está cantando, o lustre vai despencar!*

Num movimento coordenado, ergueram a cabeça para o teto e emitiram um grito terrível. Ao chamado da voz satânica, o lustre, a imensa massa do lustre, escorregava, vindo em sua direção. Solto, o lustre mergulhava das alturas da sala e, entre mil clamores, despencava no meio da plateia. Foi um horror, um salve-se quem puder generalizado. Meu intuito aqui não é ressuscitar uma hora

histórica. Os curiosos só precisam abrir os jornais da época. Houve inúmeros feridos e uma morta.

O lustre desabara na cabeça da infeliz que ia pela primeira vez na vida à Ópera, aquela que o sr. Richard designara como substituta de Mme Giry em suas funções de lanterninha. O golpe foi fatal e, no dia seguinte, um jornal saía com esta manchete: “Duzentas toneladas sobre a cabeça de uma zeladora!” Foi toda a sua oração fúnebre.

74. Saguão circular, situado abaixo da plateia, por onde chegavam os espectadores que vinham de coche. ↵

75. Ópera em cinco atos de Giacomo Meyerbeer, com libreto de Eugène Scribe e Émile Deschamps, baseado no *Ensaio sobre os costumes e o espírito das nações*, de Voltaire. Estreou em 1849. ↵

76. Adolphe Franconi (1801-55), artista circense francês, exímio adestrador de cavalos. ↵

77. O Café Tortoni, pertencente à família de sorveteiros italianos de mesmo nome, era um estabelecimento situado na esquina do bulevar des Italiens com a rua Taitbout, e ponto de encontro, no séc.XIX, de intelectuais, financistas, dândis, mulheres da sociedade e cocotes. ↵

78. Edmond de Lagréné (1842-1909): aristocrata e diplomata francês nascido em Atenas. Aurélien Scholl (1833-1902): jornalista, dramaturgo e romancista francês, casado com a filha de um rico cervejeiro de Londres. Eugène Pertuiset (1833-1909): viajante (participa de caçadas na África), escritor e pintor francês, foi retratado por Édouard Manet na tela *Eugène Pertuiset, o caçador de leões*. ↵

79. Na mitologia grega, Cérbero é o mastim de três cabeças que guardava os portões do Hades (inferno). ↵

80. Rua chique, no 8º *arrondissement*, endereço do palácio do Élysée, atual residência do presidente da República francês. ↵

81. O episódio é verídico e aconteceu, numa noite de 1868, na casa de Gioachino Rossini, quando Gabrielle Krauss (ver nota 23) cantou para ele, além de alguns *lieder* de Schubert, a ária para soprano “Florestas escuras”, da ópera *Guilherme Tell*, do próprio Rossini. ↵

82. No caso, personagem de *Don Giovanni* (ver nota 89). ↵

83. Título do segundo ato do *Fausto* de Gounod. ↵

84. Como dito acima, o papel de Siebel era tradicionalmente atribuído a uma mezzo-soprano. ↵

85. Ária do terceiro ato, com letra baseada no poema original de Goethe. ↵

86. Protagonista da ópera homônima de Georges Bizet, Carmen é uma cigana que

trabalha numa fábrica de charutos. Baseada no conto de Prosper Mérimée, a ópera estreou em 1875. ↵

87. Nota mais aguda da ária da Rainha da Noite em *A flauta mágica*, de Mozart. ↵

88. O *staccato* (it.) consiste numa nota separada de suas vizinhas por um perceptível silêncio de articulação, recebendo certa ênfase. ↵

89. Ópera em dois atos de Mozart com libreto de Lorenzo da Ponte, *Don Giovanni* estreou em 1787. Encena a conhecida lenda de Don Juan (ver nota 120), sendo Donna Elvira uma nobre seduzida e abandonada por ele e Donna Anna um “alvo” que ele erra, atraindo a morte. ↵



## O MISTERIOSO CUPÊ

ESSA NOITE TRÁGICA foi nefasta para todo mundo. A Carlotta caíra doente. Quanto a Christine Daaé, desaparecera após o espetáculo. Durante quinze dias não foi vista nem no teatro nem fora dele.

Não devemos confundir esse primeiro desaparecimento, que se passou sem escândalo, com o malfadado rapto que deveria ocorrer em breve em condições deveras inexplicáveis e trágicas.

Raoul, naturalmente, foi o primeiro a intrigar-se com a ausência da diva. Escrevera-lhe para o endereço da sra. Valérius e não recebera resposta. A princípio, conhecendo seu estado de espírito e a resolução que ela tomara de romper toda e qualquer relação com ele, não se espantara mais do que antes, ainda que sem conhecer suas razões.

Assim, sua dor só fizera crescer e ele ficou seriamente preocupado ao não ver a cantora em nenhum programa. Montaram *Fausto* sem ela. Uma tarde, por volta das cinco horas, ele foi se informar junto à direção sobre as causas do desaparecimento de Christine Daaé. Encontrou os diretores inquietos. Seus próprios amigos não os reconheciam mais; haviam perdido toda a alegria e o entusiasmo. Eram vistos atravessando o teatro, cabisbaixos, fronte preocupadas, as faces pálidas como se perseguidos por algum abominável pensamento, ou como se estivessem às voltas com alguma malícia do destino que escolhe sua presa e não a larga mais.

A queda do lustre acarretou diversas punições, mas era difícil fazer os srs. diretores se explicarem a respeito.

O inquérito concluiu por um acidente, sobrevivendo devido ao desgaste das correntes de sustentação, mas ainda assim teria sido da responsabilidade dos ex-diretores, bem como dos novos, constatar esse desgaste e repará-lo antes que ele determinasse a catástrofe.

Cumpre-me revelar que os srs. Richard e Moncharmin pareciam nessa época tão mudados, tão distantes... tão misteriosos... tão incompreensíveis, que houve muitos assinantes imaginando que algum acontecimento ainda mais trágico que a queda do lustre houvesse

mexido com o juízo dos srs. diretores.

Em suas relações cotidianas, mostravam-se por demais impacientes, exceto, todavia, com Mame Giry, que fora reintegrada em suas funções. Desnecessário dizer a maneira como receberam o visconde de Chagny quando este lhes veio pedir notícias de Christine. Limitaram-se a responder que ela estava de licença. Ele perguntou quanto tempo deveria durar aquela licença; foi-lhe replicado bastante secamente que era ilimitada, Christine Daaé tendo-a solicitado por motivos de saúde.

– Quer dizer que ela está doente! – ele exclamou. – O que ela tem?

– Não fazemos ideia!

– Não lhe enviaram então o médico do teatro?

– Não! Ela não solicitou e, como confiamos nela, acreditamos em sua palavra.

Aquela história não convenceu Raoul, que deixou a Ópera às voltas com os mais funestos pensamentos. Resolveu, por via das dúvidas, ir à cata de notícias na casa da sra. Valérius. Certamente lembrava-se dos termos enérgicos da carta de Christine, que lhe proibia tentar o que quer que fosse para encontrá-la. Mas o que ele vira em Perros, o que ouvira atrás da porta do camarim, a conversa que tivera com Christine na orla da charneca, tudo o fazia pressentir alguma maquinação, que, sendo em parte diabólica, nem por isso deixava de ser humana. A imaginação exaltada da moça, sua alma delicada e crédula, a educação primitiva que recheara seus tenros anos com um ciclo de lendas, a imagem indelével do pai morto e, sobretudo, o estado de sublime êxtase em que a música a mergulhava, bastando para isso que se manifestasse em determinadas condições excepcionais – não fora o que assistira durante a cena do cemitério? –, tudo isso lhe parecia constituir um terreno moral propício às manobras maléficas de algum personagem misterioso e sem escrúpulos. De quem Christine Daaé era vítima? Eis a pergunta mais do que sensata que Raoul se fazia ao se dirigir a toda a pressa à casa da sra. Valérius.

Pois o visconde era um espírito aberto. Poeta, amava a música no que ela tinha de mais etéreo, além de ser um grande aficionado dos velhos contos bretões, nos quais dançam os korrigans, mas acima de tudo estava apaixonado por aquela fadinha do Norte que era Christine

Daaé; por outro lado, só acreditava no sobrenatural em matéria de religião, e a história mais fantástica do mundo não era capaz de fazê-lo esquecer que dois e dois são quatro.

Que notícias lhe dariam na casa da sra. Valérius? Tremia ao bater à porta do pequeno apartamento da rua Notre Dame des Victoires.

A camareira que uma noite ele vira saindo do camarim de Christine veio abrir. Ele perguntou se a sra. Valérius poderia recebê-lo. Responderam-lhe que estava doente, de cama, e impossibilitada de “receber”.

– Entregue-lhe meu cartão – ele pediu.

Não esperou muito tempo. A camareira voltou e introduziu-o numa saleta escura e sumariamente mobiliada, onde os retratos do professor Valérius e do sr. Daaé se encaravam.

– A patroa pede desculpas ao sr. visconde – disse a criada – por recebê-lo em seu quarto, pois suas pernas não a sustentam mais.

Cinco minutos mais tarde, Raoul era introduzido num quarto quase às escuras, onde distinguiu imediatamente, na penumbra de uma alcova, o semblante bondoso da benfeitora de Christine. A sra. Valérius havia encanecido, mas seus olhos não tinham envelhecido: ao contrário, seu olhar nunca fora tão claro, tão puro, tão infantil.

– Sr. de Chagny! – saudou-o alegremente, estendendo as duas mãos à visita. – Ah, é o céu que o envia...! Vamos falar *dela*!

Esta última frase soou bastante lúgubre aos ouvidos do rapaz, que de pronto perguntou:

– Senhora... onde está Christine?

E a velha respondeu tranquilamente:

– Ora, está com seu “gênio bom”!

– Que gênio bom? – exasperou-se o pobre Raoul.

– Ora, o *Anjo da Música*!

O visconde de Chagny, consternado, deixou-se cair numa cadeira. Christine estava com o “Anjo da Música”! E a sra. Valérius, em seu leito, sorria para ele, colocando um dedo sobre a própria boca, para lhe recomendar silêncio. Acrescentou:

– Não espalhe!

– Pode contar comigo – replicou Raoul, sem saber direito o que dizia, pois suas ideias sobre Christine, já bastante confusas, embaralhavam-se cada vez mais e tudo parecia começar a rodar em volta do quarto, em volta daquela extraordinária e bondosa senhora de cabelos brancos, olhos celestiais azul-claros. – Pode contar comigo...

– Eu sei! Eu sei! – ela disse, com uma risada espontânea e feliz. – Mas chegue mais perto, como no seu tempo de criança. Dê-me suas mãos como fazia quando recontava a história da pequena Lotte que o sr. Daaé lhe contara. Gosto muito do senhor, sr. Raoul, o senhor sabe. E Christine também gosta muito do senhor!

– Gosta muito de mim... – suspirou o rapaz, cujo pensamento se contorcia para juntar o *gênio* da sra. Valérius, o *Anjo* a que Christine se referira tão estranhamente, a *caveira* que ele entrevira numa espécie de pesadelo nos degraus do altar-mor de Perros e o *Fantasma da Ópera*, cujo renome chegou aos seus ouvidos certa noite em que ele se demorara no palco, a dois passos de um grupo de maquinistas que recordavam a descrição cadavérica que, antes de seu misterioso fim, Joseph Buquet fizera dele...

Perguntou baixinho:

– O que a faz acreditar, senhora, que Christine goste muito de mim?

– Ela me falava do senhor todos os dias!

– Sério...? E o que ela dizia?

– Disse que o senhor lhe fez uma declaração...!

E a boa velha pôs-se a rir com estridência, mostrando todos os dentes, que ela zelosamente conservava. Raoul levantou-se, a testa ardendo, sofrendo de maneira atroz.

– Ei, aonde vai...? Queira sentar-se, por favor... Pensa que vai me deixar assim...? Zangou-se porque eu ri, peço-lhe perdão... Afinal de contas, o que aconteceu não é culpa sua... O senhor não sabia... O senhor é jovem... e acreditava que Christine estava livre...

– Christine está noiva? – perguntou com uma voz embargada o infeliz Raoul.

– Claro que não! Claro que não...! O senhor sabe muito bem que,

mesmo querendo, Christine não pode se casar...!

– O quê! Mas eu não sei de nada...! E por que Christine não pode se casar?

– Ora, por causa do *gênio da música*...!

– De novo...

– Sim, ele a proíbe...!

– Ele a proíbe...! O *gênio da música* a proíbe de se casar...!

Raoul debruçava-se sobre a sra. Valérius, o maxilar projetado, como se fosse mordê-la. Se quisesse devorá-la, seria com aqueles olhos ferozes que a olharia. Há momentos em que a candura é tão monstruosa que se torna odiosa. Raoul julgava a sra. Valérius o suprasumo da candura.

Ela nem desconfiava do olhar terrível que a mirava. Continuou com o semblante mais natural:

– Oh, ele proíbe... sem proibir... Diz simplesmente que, se ela se casasse, não o ouviria mais! Só isso...! E que ele partiria para sempre...! Então, o senhor compreende, ela não quer deixar o *gênio da música* partir. É mais que natural.

– Sim, sim – obtemperou Raoul, num sopro –, é mais que natural.

– Em todo caso, eu achava que Christine havia lhe contado tudo isso quando o encontrou em Perros, aonde ela foi com seu “*gênio bom*”.

– Ah! Ela foi a Perros com o “*gênio bom*”?

– Quer dizer, ele tinha marcado um encontro com ela no cemitério de Perros, no túmulo do sr. Daaé! Prometera-lhe tocar a *Ressurreição de Lázaro* no violino do pai de Christine!

Raoul de Chagny levantou-se e pronunciou estas palavras decisivas com grande autoridade:

– A senhora vai me dizer onde esse *gênio* mora!

A velha não pareceu muito surpresa com essa pergunta indiscreta. Ergueu os olhos e respondeu:

– No céu!

Tanta candura derrotou-o. Alguém acreditar piamente que, todas as noites, um *gênio* descia do céu para frequentar os camarins dos

artistas na Ópera era de fazer cair o queixo de qualquer um.

Agora ele se dava conta do estado de espírito que ameaçava uma moça criada entre um menestrel supersticioso e uma boa senhora “pancada”, e estremeceu pensando nas consequências de tudo aquilo.

– Christine sempre foi uma moça honesta? – ele perguntou de repente, sem se conter.

– Pelo meu lugar no paraíso, eu juro! – exclamou a velha, que dessa vez pareceu ofendida. – Se duvida disso, cavalheiro, não sei o que veio fazer aqui...!

Raoul arrancava as luvas.

– Há quanto tempo ela conhece esse “gênio”?

– Cerca de três meses...! É, faz uns três meses que ele começou a lhe dar aulas!

O visconde estendeu os braços num gesto imenso e desesperado para, com desânimo, voltar a arriá-los.

– O gênio lhe dá aulas...! E onde isso?

– Agora que ela partiu com ele, eu não poderia lhe dizer, mas, há quinze dias, era no camarim de Christine. Aqui seria impossível, é um apartamento exíguo. O prédio inteiro ouviria. Enquanto na Ópera, às oito da manhã, não há ninguém. Ninguém os perturba...! Compreende...?

– Compreendo! Compreendo...! – exclamou o visconde, despedindo-se com precipitação da velha senhora, que se perguntava com seus botões se o visconde não estava um pouco desnortado.

Atravessando a sala, Raoul deparou com a camareira e, por um instante, cogitou interrogá-la, mas julgou surpreender um leve sorriso trocista em seus lábios. Fugiu. Já não sabia o suficiente...? Tinha ido à cata de informações, o que mais poderia desejar...? Voltou a pé para a casa do irmão, num estado que dava pena...

Quis castigar-se, arrebentar a cabeça contra as paredes! Ter acreditado em tanta inocência, tanta pureza! Ter, por um instante, procurado explicar tudo com ingenuidade, candura imaculada! O gênio da música! Agora ele o conhecia! Via-o. Era, sem sombra de dúvida, algum tenor detestável, moçoilo formoso, que cantava com a boca em forma de coração! Achava-se ridículo e infeliz! “Ah, como era

miserável, pequeno, insignificante e tolo o sr. visconde de Chagny!”, pensava Raoul com raiva. E ela, que criatura audaciosa e satanicamente depravada!

De toda forma, aquela saída às ruas fizera-lhe bem, esfriara um pouco a chama de seu cérebro. Quando entrou em seu quarto, só pensava em atirar-se na cama e sufocar seus soluços. Mas seu irmão estava em casa e Raoul caiu em seus braços como um bebê. O conde, paternalmente, consolou-o sem pedir explicações; de todo modo, Raoul teria hesitado em lhe contar a história do “gênio da música”. Se há coisas de que não nos gabamos, há outras pelas quais é humilhação demais ser lastimado.

O conde levou o irmão para jantar num cabaré. Ainda arrasado, é provável que Raoul tivesse recusado qualquer convite para essa noite, se para decidi-lo o conde não lhe houvesse contado que, na noite da véspera, a dama de seus pensamentos fora encontrada em galante companhia numa aleia do Bois.<sup>90</sup> A princípio o visconde não quis acreditar, mas os detalhes eram tão precisos que ele não protestou mais. Afinal, não era uma aventura das mais banais? Fora vista num cupê de vidro arriado. Parecia aspirar profundamente o ar gelado da noite. Fazia um luar soberbo. Haviam-na reconhecido perfeitamente. Quanto ao seu companheiro, só haviam distinguido um vulto difuso na penumbra. O coche ia “a passo” por uma aleia deserta, atrás das tribunas de Longchamp.<sup>91</sup>

Raoul vestiu-se freneticamente, já disposto, para esquecer sua angústia, a mergulhar no “turbilhão do prazer”, como se diz. Coitado! Foi um triste comensal e, tendo se despedido cedo do conde, viu-se por volta das dez da noite num coche de aluguel, atrás das tribunas de Longchamp.

Fazia um frio de rachar. A rua estava deserta e clara ao luar. Ele deu ordens ao cocheiro para esperá-lo na esquina de uma pequena aleia adjacente e, dissimulando-se o máximo possível, pôs-se a bater perna.

Não fazia meia hora que se entregava a esse higiênico exercício, quando um coche, vindo de Paris, virou na esquina da rua e, tranquilamente, no passo de seu cavalo, dirigiu-se para o seu lado.

Ele pensou imediatamente: é ela! E seu coração começou a dar grandes estocadas surdas, como as que ele já ouvira no peito quando

escutou a voz de homem atrás da porta do camarim... Meu Deus, como a amava!

O coche continuava avançando. Quanto a ele, não se mexera. Esperava...! Se fosse ela, estava determinado a pular na cabeça dos cavalos...! Custasse o que custasse, tomaria satisfações com o Anjo da Música...!

Mais alguns passos e o cupê estaria ao seu alcance. Não tinha a menor dúvida de que era ela... Uma mulher, com efeito, tinha a cabeça para fora da portinhola.

Subitamente, a lua iluminou-a com uma pálida auréola.

– Christine!

O nome sagrado do seu amor brotou-lhe dos lábios e do coração. Ele foi incapaz de represá-lo...! Deu um salto para alcançá-lo, pois aquele nome lançado na cara da noite havia soado como o sinal esperado para uma debandada furiosa da carruagem, que passou à sua frente sem lhe dar tempo de executar seu plano. O vidro da portinhola fora erguido. O rosto da jovem mulher desaparecera. E o cupê, atrás do qual ele corria, já não passava de um ponto preto na estrada branca.

Chamou mais uma vez: Christine...! Ninguém lhe respondeu. Parou, em meio ao silêncio.

Lançou um olhar desesperado para o céu, para as estrelas; desferiu socos no seu peito em chamas; amava e não era amado!

Com um olhar melancólico, contemplou aquela aleia desolada e fria, a noite pálida e morta. Não existia nada mais frio, mais morto, que o seu coração: amara um anjo e desprezava uma mulher!

Como a fadinha do Norte zombou de você, Raoul! De que adianta, não é mesmo?, ter rosto tão gracioso, fronte tão tímida e sempre à beira de cobrir-se com o véu cor-de-rosa do pudor, se é para passear na noite solitária, ao fundo de um cupê de luxo, na companhia de um misterioso amante? Não deveria haver limites sagrados para a hipocrisia e a mentira...? E não deveria ser proibido ter os olhos claros da infância quando se tem alma de cortesã?

Ela passara sem responder ao seu chamado...

Afinal, por que ele atravessara o seu caminho?



Com que direito irrompera subitamente à frente dela, ela que só lhe pede que a esqueça, que rejeita sua presença...?

“Vá...! Suma daqui...! Você é irrelevante...!”

Pensava em morrer e tinha vinte anos...! Seu criado o surpreendeu, de manhã, sentado na cama. Ele não se despira e, ao vê-lo com cara de enterro, o criado receou alguma desgraça. Raoul arrancou-lhe das mãos a correspondência que ele trazia. Reconhecera uma carta, um papel, uma caligrafia. Christine lhe dizia:

Amigo, esteja depois de amanhã no baile de máscaras da Ópera, à meia-noite, no pequeno salão que fica atrás da lareira do grande foyer; fique em pé junto à porta que leva à Rotunda. Não fale desse encontro com ninguém no mundo. Vá de dominó branco, bem mascarado. Pela minha vida, que não o reconheçam. Christine.

90. Trata-se do Bois de Boulogne, parque arborizado com 846 hectares (duas vezes e meia o Central Park), situado no oeste de Paris, no 16<sup>o</sup> *arrondissement*. É considerado um dos “pulmões” da capital francesa. ↔

91. O hipódromo de Longchamp foi construído entre 1855 e 1858, ocupando 57 hectares entre o Bois de Boulogne e o rio Sena. ↔



## NO BAILE DE MÁSCARAS

O ENVELOPE, todo salpicado de lama, não trazia nenhum selo. “Para ser entregue ao sr. visconde Raoul de Chagny” e o endereço a lápis. Fora certamente jogado a esmo, na esperança de que um passante o recolhesse e levasse ao seu domicílio, o que aconteceu. O bilhete havia sido encontrado numa calçada da praça da Ópera. Raoul releu-o, afogueado.

Aquilo foi o suficiente para devolver-lhe a esperança. A triste e fugaz imagem que ele compusera de uma Christine infratora de seus deveres para consigo mesma deu lugar à primeira impressão que tivera, a de uma infeliz e inocente criança, vítima de uma imprudência e de uma sensibilidade extrema. Até que ponto, naquele estágio, era realmente vítima? De quem era prisioneira? Para que abismo haviam-na arrastado? Ele se fazia tais perguntas com uma cruelíssima angústia. Mas essa própria dor lhe parecia suportável, comparada com o que o arrebatava ao imaginar uma Christine hipócrita e mentirosa! O que acontecera? Que influência ela sofrera? Que monstro a sequestrara e com que armas...?

...com que armas então, senão as da música? Sim, sim, quanto mais pensava nisso, mais se persuadia de que era por esse caminho que descobriria a verdade. Esquecera-se do tom com que, em Perros, ela lhe contara que recebera a visita do enviado celeste? E a própria história recente de Christine não devia ajudá-lo a iluminar as trevas em que se debatia? Ignorava o desespero que se apoderara dela após a morte de seu pai e a aversão que sentira por todas as coisas da vida, inclusive pela sua arte? Passara pelo Conservatório como uma pobre máquina cantante, desprovida de alma. E, subitamente, sob o sopro de uma intervenção divina, despertara. O Anjo da Música viera! Ela canta a Margarida de *Fausto* e triunfa...! O Anjo da Música...! Quem, então, quem se fizera passar por esse maravilhoso gênio...? Quem então, informado sobre a lenda cara ao velho Daaé, faz uso dela a tal ponto que, em suas mãos, a moça não é senão um instrumento indefeso que ele faz vibrar ao seu bel-prazer?

E Raoul refletia que aquela aventura não era excepcional.

Lembrava-se do que acontecera com a princesa Belmonte, que ficara viúva e cujo desespero tornara-se estupor... Já fazia um mês que a princesa não conseguia falar nem chorar. Essa inércia física e moral ia se agravando dia a dia e o enfraquecimento da razão resultou gradativamente no aniquilamento da vida. Doente, era levada todas as tardes para seus jardins, mas parecia nem sequer saber onde estava. Raff, o maior cantor da Alemanha, que passava por Nápoles, quis visitar esses jardins, renomados por sua beleza. Uma das criadas da princesa pediu ao grande artista que cantasse, sem se mostrar, próximo ao arvoredor onde ela estava recostada. Raff assentiu e cantou uma ária simples, que a princesa ouvira na boca de seu marido nos primeiros dias de sua união. Era uma ária expressiva e comovente. A melodia, as palavras, a voz admirável do artista, tudo contribuiu para afetar profundamente a alma da princesa. Lágrimas brotaram-lhe dos olhos... ela chorou, foi salva e continuou persuadida de que seu esposo, naquela tarde, descera do céu para lhe cantar a ária de outros tempos!<sup>92</sup>

“Sim... aquela noite...! Uma noite”, pensa agora Raoul, “uma única noite... Mas essa bela imaginação não resistiria diante de uma experiência reiterada...” Se tivesse voltado lá todas as noites, durante três meses, a ideal e langorosa princesa de Belmonte teria terminado por descobrir Raff atrás de seu arvoredor...

O Anjo da Música, durante três meses, dera aula a Christine... ah! era um professor pontual...! E agora levava-a para passear no Bois...!

Com seus dedos crispados cravados no peito, onde batia seu coração ciumento, Raoul rasgava a própria carne. Inexperiente, perguntava-se agora aterrado com que intuito a moça convidava-o para um baile de máscaras. E até que ponto uma garota da Ópera pode zombar de um bom rapaz noviço no amor? Que miséria...!

Assim, o pensamento de Raoul ia aos extremos. Ele não sabia mais se devia ter pena de Christine ou maldizê-la, e, alternadamente, compadecia-se dela e a amaldiçoava. Por via das dúvidas, contudo, adquiriu um dominó branco.

Afinal, a hora do encontro chegou. Rosto coberto por uma máscara com um babado comprido e espesso, trajando branco e todo emperequetado, o visconde julgou-se ridículo naquela fantasia de mascarada romântica. Um homem da alta sociedade não se disfarçava

para ir ao baile da Ópera. Teria provocado risos. Um pensamento consolava o visconde: decerto não o reconheceriam! E depois, aquela fantasia e o rosto coberto tinham outra vantagem: Raoul poderia passear lá dentro “como em sua casa”, sozinho, com o desassossego de sua alma e a tristeza de seu coração. Não precisaria fingir; seria supérfluo compor uma máscara para seu rosto: já a tinha!

Aquele baile era uma festa excepcional, promovida antes dos dias gordos,<sup>93</sup> em homenagem ao aniversário de nascimento de um ilustre desenhista das folias de antigamente, de um êmulo de Gavarni,<sup>94</sup> cujo lápis havia immortalizado os “*chicards*”<sup>95</sup> e a descida de Courtille.<sup>96</sup> Devia, portanto, ter um espírito mais alegre, ruidoso e boêmio do que os bailes de máscaras comuns. Numerosos artistas haviam confirmado presença, seguidos por toda uma clientela de modelos e pintores iniciantes que, por volta da meia-noite, começavam a fazer arruaça.

Raoul subiu a grande escadaria quando faltavam cinco minutos para a meia-noite. Não se deteve para considerar à sua volta o espetáculo das fantasias multicoloridas esparramando-se ao longo dos degraus de mármore, num dos mais suntuosos cenários do mundo; não se deixou seduzir por nenhuma máscara espirituosa, não respondeu a nenhuma piada e se livrou da familiaridade audaciosa de vários casais já alegrinhos. Tendo atravessado o grande foyer e escapado de uma farândola<sup>97</sup> que, por um momento, o aprisionara, adentrou finalmente o salão indicado no bilhete de Christine. Ali, naquele pequeno espaço, havia uma multidão ensandecida; pois era a encruzilhada onde se esbarravam todos os que iam cear na Rotunda ou que vinham pegar uma taça de champanhe. Era um tumulto quente e alegre. Raoul pensou que, para seu misterioso encontro, Christine tinha preferido aquela balbúrdia a um canto isolado: ali todos se sentiam, atrás das máscaras, mais anônimos.

Ficou ao lado da porta e esperou. E não por muito tempo. Um dominó preto passou e lhe beliscou a ponta dos dedos. Compreendeu que era ela.

Seguiu-a.

– É você, Christine? – perguntou, entredentes.

O dominó voltou-se bruscamente e ergueu o dedo até a altura dos lábios, sem dúvida para lhe recomendar que não repetisse mais o seu nome.

Raoul continuou a segui-la em silêncio.

Tinha medo de perdê-la, após tê-la encontrado de modo tão estranho. Não sentia mais ódio por ela. Deixara inclusive de duvidar que ela “tivesse algo a se censurar”, tão bizarro e inexplicável pareceu-lhe seu comportamento. Estava disposto a todas as mansuetudes, a todos os perdões, a todas as covardias. Amava. E, por certo, naturalmente, dali a pouco iriam lhe explicar a razão de ausência tão singular...

De tempos em tempos, o dominó preto voltava-se para verificar se continuava sendo seguido pelo dominó branco.

Quando atravessava assim, atrás de seu guia, o grande foyer do público, Raoul não teve como não notar, entre todos os pandemônios, um pandemônio... e, entre todos os grupos que se entregavam às mais loucas extravagâncias, um grupo que se comprimia em torno de um personagem cuja fantasia, estilo original e aspecto macabro causavam sensação...

Esse personagem vestia escarlate da cabeça aos pés, com um imenso chapéu de plumas sobre uma caveira. Ah, que bela imitação de caveira! Os pintores aprendizes adulavam-no, felicitavam-no... perguntavam-lhe que mestre, em que ateliê, frequentado por Plutão,<sup>98</sup> haviam desenhado e maquiado tão bela caveira! A própria “Camarde”<sup>99</sup> devia ter posado.

O homem da caveira, do chapéu de plumas e da roupa escarlate arrastava atrás de si um comprido manto de veludo vermelho, cuja cauda se estendia principescamente sobre o assoalho; e sobre esse manto haviam bordado em letras de ouro uma frase que todos liam e repetiam em voz alta: “Não me toque! Sou a Morte Vermelha que passa...!”

Quando alguém quis tocá-lo... uma mão de esqueleto, saída de uma manga púrpura, agarrou abruptamente o pulso do imprudente, e este, sentindo a robustez dos ossos, o abraço implacável da Morte, que parecia fadado a não o largar nunca mais, lançou um grito de dor e pavor. Finalmente liberado pela Morte Vermelha, fugiu feito um louco em meio às zombarias. Foi nesse momento que Raoul cruzou com o fúnebre personagem, o qual, justamente, acabava de voltar-se para o seu lado. E quase deixou escapar um grito: “A caveira de Perros-Guirec!” Reconhecera-a...! Quis precipitar-se, esquecendo Christine,

mas o dominó negro, que parecia igualmente às voltas com uma estranha perturbação, agarrara-lhe o braço e puxava-o... puxava-o para longe do foyer, daquela multidão demoníaca por onde passava a Morte Vermelha...

A todo instante o dominó preto se voltava e, por duas vezes, pareceu perceber alguma coisa que o apavorava, pois apertou mais ainda o passo e o de Raoul como se estivessem sendo perseguidos.

Subiram assim dois andares. Ali, escadarias e corredores estavam praticamente desertos. O dominó preto empurrou a porta de um camarim e fez sinal ao dominó branco para entrar. Christine (pois era de fato ela, ele a reconheceu pela voz), Christine fechou imediatamente a porta do camarim atrás dele, recomendando-lhe baixinho que ficasse na parte de trás e não se mostrasse. Raoul retirou a máscara. Christine conservou a sua. E quando ele ia pedir à cantora para tirá-la, qual não foi seu espanto ao vê-la recostar-se na divisória e escutar atentamente o que acontecia ao lado! Ela então entreabriu a porta e espiou no corredor, dizendo baixinho: “Ele deve ter subido mais, para o ‘camarote dos cegos’...!”<sup>100</sup> Subitamente, exclamou: “Está descendo de novo!”

Quis fechar a porta, mas Raoul opôs-se, pois no degrau mais alto da escada que levava ao andar superior vira pousar *um pé vermelho*, depois outro... e lentamente, majestosamente, toda a indumentária escarlate da Morte Vermelha desceu. E ele deparou novamente com a caveira de Perros-Guirec.

– É ele! – exclamou. – Dessa vez, não me escapa...!

Mas Christine fechara a porta no momento em que Raoul se arrojava. Ele quis afastá-la....

– Ele quem? – ela perguntou com uma voz toda alterada. – Quem não escapará...?

Abruptamente, Raoul tentou vencer a resistência da moça, mas ela o repelia com uma força inesperada... Ele compreendeu, ou julgou compreender, e ficou furioso.

– “Ele quem”? – disse com raiva. – Ora, ele! O homem que se dissimula sob essa hedionda imagem mortuária...! O gênio maléfico do cemitério de Perros...! A Morte Vermelha...! Em suma, seu amigo, senhora... *Seu Anjo da Música!* Mas vou arrancar-lhe a máscara do

rosto, como arrancarei a minha, para nos mirarmos, dessa vez face a face, sem véu e sem mentira, e saberei a quem ama e por quem é amada!

Deu uma gargalhada alucinada, enquanto Christine, atrás de sua máscara, deixava escapar um doloroso gemido.

Num gesto trágico, ela estendeu os dois braços, criando uma nívela barreira na porta.

– Em nome do nosso amor, Raoul, você não passará...!

Ele estacou! O que ela dissera? “Em nome do nosso amor”...? Mas ela jamais, jamais, lhe dissera que o amava. E não fora por falta de oportunidade...! Ela já o vira infelicíssimo, em lágrimas, diante dela, implorando por uma boa-nova que não viera...! Vira-o doente, morrendo de terror e frio após a noite do cemitério de Perros! Porventura ficara ao seu lado no momento em que ele mais precisava de seus cuidados? Não! Fugira...! E dizia que o amava! Falava “em nome do nosso amor”. Ora, vamos! Seu único objetivo era retardá-lo alguns segundos... Precisava dar tempo à Morte Vermelha de escapar... Nosso amor? Mentia...

E replicou-lhe, num tom de ódio infantil:

– Está mentindo, senhora! Pois não me ama e nunca me amou! Só um pobre e infeliz rapazola como eu para deixar-se enganar, para deixar-se iludir! Por que então, com sua atitude, a alegria do seu olhar, seu silêncio mesmo, durante nossa primeira entrevista em Perros, ter-me permitido todas as esperanças? Todas as honestas esperanças, senhora, pois sou um homem honesto e julgava-a uma mulher honesta, quando só tinha a intenção de me ridicularizar! Ai de mim! A senhora zombou de todo mundo! Abusou vergonhosamente do coração cândido de sua própria benfeitora, que não obstante continua a acreditar em sua sinceridade enquanto a senhora circula pelo baile da Ópera com a Morte Vermelha...! Desprezo-a...!

E chorou. Ela deixava que ele a injuriasse. Só pensava numa coisa: retê-lo.

– Um dia você me pedirá desculpas por todas essas palavras vis, Raoul, e eu o perdorei...!

Ele balançou a cabeça.

– Não! Não! Você me fez enlouquecer...! Quando penso que eu...



que só tinha um objetivo na vida: dar meu sobrenome a uma garota da Ópera...!

– Raoul...! Infeliz...!

– Morrerei de vergonha!

– Viva, meu amigo – disse a voz grave e alterada de Christine –, e adeus!

– Adeus, Christine...!

– Adeus, Raoul...!

O rapaz avançou num passo vacilante. Ainda ousou um sarcasmo:

– Oh! Permita-me continuar a vir aplaudi-la de quando em quando.

– Não cantarei mais, Raoul...!

– Compreendo... – ele acrescentou com mais ironia ainda. – Outros passatempos divertidos. Saudações...! Mas nos vemos no Bois uma noite dessas!

– Não voltará a me ver nem no Bois nem em qualquer outro lugar, Raoul...

– Poderíamos pelo menos saber para que trevas irá retornar...? Para que inferno regressa a misteriosa madame...? Ou para que paraíso...?

– Eu tinha vindo para lhe dizer... meu amigo... mas não posso lhe dizer mais nada... Não acreditaria em mim! Perdeu a fé em mim, Raoul, terminou...!

Ela disse esse “Terminou!” num tom tão desesperado que o rapaz estremeceu e o remorso por sua crueldade começou a lhe confundir a alma.

– Mas afinal... – exclamou. – Pode me dizer o que significa tudo isso...? É livre, sem grilhões... Passeia pela cidade... veste um dominó para correr o baile... Por que não volta para casa...? O que fez nos últimos quinze dias...? Que história é essa de Anjo da Música que contou à sra. Valérius? Alguém deve tê-la enganado, abusado de sua credulidade... Eu mesmo fui testemunha disso em Perros... mas agora sabe com que está lidando...! Julgo-a bastante sensata, Christine... Sabe o que faz...! E contudo a sra. Valérius continua a esperá-la, invocando seu “gênio bom”... Explique-se, Christine, por favor...! Outros serão ludibriados...! Afinal, que comédia é essa...?

Christine simplesmente tirou sua máscara e disse:

– É uma tragédia, meu amigo...!

Raoul viu então seu rosto – e não pôde conter uma exclamação de surpresa e pavor. As cores viçosas de outrora haviam desaparecido. Uma palidez mortal se estendia sobre aquelas feições que ele conhecera tão encantadoras e doces, reflexos da graça serena e da consciência limpa. Como estavam atormentadas agora! O sulco da dor escavara-as impiedosamente e os bonitos olhos claros de Christine, antes límpidos como os lagos dos olhos da pequena Lotte, aquela noite pareciam de uma profundidade escura, misteriosa e insondável, cingidos por uma sombra pavorosamente triste.

– Querida! Querida! – ele gemeu, estendendo os braços. – Você prometeu me perdoar...

– Talvez...! Talvez um dia... – ela respondeu, recolocando sua máscara, e se foi, repelindo-o com um gesto e proibindo-o de segui-la...

Ele fez menção de ir atrás dela, mas ela se voltou e repetiu com tamanha autoridade soberana seu gesto de adeus que ele não ousou dar um passo a mais.

Observou-a afastar-se... Em seguida, desceu por sua vez para a multidão, sem saber exatamente o que fazia, as têmporas latejando, o coração partido, e perguntou, na sala que atravessava, se alguém tinha visto a Morte Vermelha passar. Indagavam-lhe: “Quem é a Morte Vermelha?” Ele respondia: “É um cavalheiro fantasiado com uma caveira e um grande manto vermelho.” Disseram-lhe em toda parte que ela, a Morte Vermelha, acabava de passar, arrastando seu manto real, mas ele não a encontrou em parte alguma, e, por volta das duas da manhã, retornou ao corredor que, atrás do palco, dava acesso ao camarim de Christine Daaé.

Seus passos haviam-no conduzido ao lugar onde começara a sofrer. Bateu à porta. Não lhe responderam. Entrou como entrara quando procurava freneticamente “a voz de homem”. O camarim estava deserto. Um bico de gás gerava uma luz mortiça. Sobre uma escrivaninha, havia papel de carta. Ele pensou em escrever para Christine, mas passos ressoaram no corredor... Só teve tempo de se esconder na alcova, que uma simples cortina separava do camarim.

Uma mão empurrava a porta. Era Christine!

Ele prendeu a respiração. Queria ver! Queria saber...! Alguma coisa lhe dizia que estava prestes a desvendar parte do mistério e talvez começar a compreender...

Christine entrou, retirou sua máscara com um gesto cansado e atirou-a sobre a mesa. Suspirou, deixou sua bela cabeça cair entre as mãos... Em que pensava...? Em Raoul...? Não! Pois Raoul ouviu-a murmurar: “Pobre Erik!”

A princípio, julgou não ouvir direito. Estava persuadido a priori de que, se alguém merecia compaixão, era ele, Raoul. Nada mais natural que, depois do que acabava de se passar entre eles, ela dissesse num suspiro: “Pobre Raoul!” Mas ela repetiu, balançando a cabeça: “Pobre Erik!” O que esse Erik vinha fazer nos suspiros de Christine e por que a fadinha do Norte compadecia-se de Erik quando Raoul estava tão infeliz?

Christine pôs-se a escrever, tranquila, serena, tão sossegada que deixou Raoul, ainda trêmulo do drama que os separava, singular e desagradavelmente impressionado. “Que sangue-frio!”, ruminou... E ela escreveu, enchendo duas, três, quatro folhas. De repente, ergueu a cabeça e escondeu as folhas em seu espartilho... Parecia escutar... Raoul também escutou... De onde vinha aquele rumor bizarro, aquele ritmo distante...? Um canto surdo que parecia sair das paredes... Sim, as paredes pareciam cantar...! O canto tornava-se mais claro... as palavras eram cristalinas... distinguiu-se uma voz.. Uma belíssima, maviosa e arrebatadora voz... mas aquela doçura toda permanecia viril, dando assim a entender que não pertencia a uma mulher... A voz continuava a aproximar-se... transpôs a parede... chegou... e agora *estava no recinto*, diante de Christine. Ela se levantou e falou no tom de quem falava com alguém ao seu lado.

– Aqui estou, Erik – disse. – Estou pronta. Você é que se atrasou, meu amigo.

Raoul, que observava prudentemente atrás de sua cortina, não podia acreditar em seus olhos, que não lhe mostravam nada.

A fisionomia de Christine se iluminou. Um sorriso bom veio instalar-se em seus lábios exangues, um sorriso como o dos convalescentes quando começam a esperar que o mal que os acometeu

não os carregará para o além.

A voz sem corpo voltou a cantar, e Raoul nunca ouvira nada no mundo – voz unindo ao mesmo tempo respiração e alcance – mais suave e heroico, mais vitoriosamente insidioso, mais delicado na força, mais forte na delicadeza, em suma, mais triunfante e irresistível. Havia nela trinados definitivos que reinavam soberanos e que decerto deviam, exclusivamente em virtude de sua audição, gerar trinados sublimes nos mortais que sentem, amam e traduzem a música. Havia nela uma fonte tranquila e pura de harmonia na qual os fiéis podiam devotamente beber, certos de que nela bebiam a graça musical. E sua arte, assim, tendo tocado o divino, transfigurara-se. Raoul, extasiado, escutava aquela voz e começava a compreender como Christine Daaé pudera se apresentar aquela noite para um público estupefato, com gorjeios de uma beleza desconhecida, de uma exaltação sobre-humana, sem dúvida ainda sob a influência do misterioso e invisível mestre! E compreendia mais ainda aquele prodígio, escutando a voz excepcional, que, por sua vez, justamente não cantava nada de excepcional: do barro, fazia ouro. A banalidade do verso e a simplicidade da quase vulgaridade popular da melodia surgiam transformadas em beleza por um sopro que as elevava e carregava pelos céus sobre as asas da paixão. Pois aquela voz angelical glorificava um hino pagão.

Aquela voz cantava “A noite do himeneu”<sup>101</sup> de *Romeu e Julieta*.

Raoul viu Christine estender os braços para a voz, como fizera no cemitério de Perros para o violino invisível que tocava *A Ressurreição de Lázaro*.

Nada poderia reproduzir a paixão com que a voz enunciou:

O destino te acorrenta inexoravelmente a mim...!

Isso trespassou o coração de Raoul, que, lutando contra o encanto que parecia lhe sugar toda a vontade e energia, e quase toda a lucidez no momento em que mais precisava dela, conseguiu puxar a cortina que o escondia e caminhou até Christine. Esta, deslocando-se para o fundo do camarim, cuja parede era inteiramente ocupada por um grande espelho que lhe devolvia sua imagem, não podia vê-lo, pois ele estava atrás dela e completamente ocultado por ela.

O destino te acorrenta inexoravelmente a mim...!

Christine continuava a andar em direção à sua imagem, e sua imagem descia até ela. As duas Christines – o corpo e a imagem – terminaram por se tocar e se confundir e Raoul estendeu o braço para agarrar as duas ao mesmo tempo.

Contudo, por uma espécie de milagre fulgurante que o fez vacilar, Raoul foi bruscamente empurrado para trás, enquanto um vento gelado lhe varria o rosto; viu não mais dois, mas quatro, oito, vinte Christines, que giraram à sua volta com tal ligeireza, rindo e fugindo tão velozmente, que sua mão não conseguiu tocar nenhuma delas. Por fim, tudo voltou a ficar imóvel e ele deparou com a própria imagem no espelho. Mas Christine desaparecera.

Ele correu para o espelho. Investiu contra as paredes. Ninguém! No entanto, o camarim ainda ressoava, num ritmo distante, apaixonado:

O destino te acorrenta inexoravelmente a mim...!

Suas mãos pressionaram a testa suada, tatearam sua carne em alerta, apalpam a penumbra, restituíram toda a força à chama do bico de gás. Tinha certeza de não estar sonhando. Encontrava-se no centro de um jogo formidável, físico e moral, do qual não tinha a chave e que talvez fosse esmagá-lo. Via-se vagamente como um príncipe temerário que transpôs o limite proibido de um conto de fadas e que não tem mais por que se espantar por estar às voltas com fenômenos mágicos que ele irrefletidamente, por amor, desafiou e desencadeou...

Por onde? Por onde Christine partira...?

Por onde voltaria...?

Voltaria...? Ai! Ela não lhe dissera que estava tudo terminado...! E a parede não repetia: “O destino te acorrenta inexoravelmente a mim”? A mim? A quem?

Então, extenuado, vencido, o cérebro enevoado, ele se sentou no mesmo lugar que Christine ocupava um pouco antes. Como ela, deixou a cabeça cair em suas mãos. Quando a levantou, lágrimas corriam abundantes por seu jovem rosto, verdadeiras e pesadas lágrimas, como têm as crianças ciumentas; lágrimas que choravam um infortúnio nada extraordinário, mas comum a todos os amantes da terra e que ele expressou em voz alta:

92. O alemão Anton Raaf (1714-97) foi o maior tenor operístico em Nápoles e Florença nos anos 1760, tendo mais tarde servido às cortes de Mannheim e Munique e cantado na estreia do *Idomeneo*, de Mozart, de quem era próximo. A viúva é provavelmente Anna Francesca Pinelli di Sangro (1702-79), princesa de Belmonte-Pignatelli e protetora do poeta e libretista Metastasio. ↔

93. Isto é, a semana que antecede a quarta-feira de cinzas. ↔

94. Pseudônimo de Sulpice-Guillaume Chevalier (1804-66), desenhista, aquarelista e litógrafo francês, que retratou brilhantemente o carnaval de Paris em sua série *Les Débardeurs*. ↔

95. Foliões típicos do carnaval de Paris na segunda metade do séc.XIX, vestiam fantasias extravagantes, geralmente um boné com um imenso penacho, calções e camisas bufantes e botas altas. ↔

96. Um dos três grandes corsos do carnaval de Paris. ↔

97. Dança característica da Provence, geralmente acompanhada por pífaros e pandeiros. ↔

98. Na mitologia romana, o equivalente de Hades, o deus dos infernos. ↔

99. Figura alegórica da morte representada por um esqueleto. Seu nome vem do adjetivo *camarde*, que em francês significa “de nariz achatado”, sem nariz, como uma caveira. ↔

100. Chamava-se “camarote dos cegos”, na Ópera Garnier, um camarote bastante amplo, situado no último andar da sala de espetáculos, do qual não se via nada e que era reservado para uso exclusivo das casas de cegos, que levavam gratuitamente seus pensionistas melômanos à Ópera. ↔

101. Ária do ato IV da ópera, encena a noite em que Julieta e Romeu encontram-se e juram amor, até serem interrompidos pelo raiar do dia e o célebre canto de uma cotovia. ↔



## É PRECISO ESQUECER O NOME DA “VOZ DE HOMEM”

NO DIA SEGUINTE àquele em que Christine desaparecera à sua frente numa espécie de fulgurância que ainda o fazia duvidar de seus sentidos, o sr. visconde de Chagny foi buscar notícias na casa da sra. Valérius. Deparou com um quadro encantador.

À cabeceira da velha senhora, que, sentada em sua cama, tricotava, Christine fazia crochê. Nunca se viu camafeu mais encantador, nunca se viu fronte mais pura, nunca se viu olhar mais doce debruçar sobre uma costura de virgem. As faces da jovem haviam recuperado suas cores viçosas. As olheiras azuladas sob seus olhos claros haviam desaparecido. Raoul não reconheceu mais o semblante trágico da véspera. Se o véu da melancolia espalhado sobre aquelas feições adoráveis não tivesse refletido para o rapaz o último vestígio do drama inaudito em que se debatia aquela misteriosa criança, ele poderia ter pensado que Christine não era sua incompreensível heroína.

Quando ele se aproximou, ela se levantou, sem emoção aparente, e estendeu-lhe a mão. Mas a estupefação de Raoul era tamanha que ele permaneceu estático, aniquilado, sem um gesto ou palavra.

– E então, sr. de Chagny! – exclamou a sra. Valérius. – Não conhece mais a nossa Christine? Seu “gênio bom” devolveu-a para nós.

– Mamãe! – interrompeu a moça laconicamente, enquanto um vivo rubor subia-lhe até os olhos. – Mamãe, achei que esse assunto tinha morrido...! Sabe muito bem que não existe gênio da música!

– Minha filha, mas ele lhe deu aula durante três meses!

– Mamãe, prometi lhe explicar tudo em breve; assim espero... mas, até esse dia, a senhora me prometeu silêncio e nada de perguntas!

– Se promettesse não me abandonar mais! Mas você prometeu, não foi, Christine?

– Mamãe, nada disso interessa ao sr. de Chagny...

– É aí que se engana, senhorita – interrompeu o rapaz, com uma voz que ele queria fazer soar firme e severa mas que por enquanto



soava apenas trêmula. – Tudo que lhe toca me interessa a um ponto que a senhorita um dia talvez possa compreender. Não escondo: meu espanto iguala minha alegria por encontrá-la ao lado de sua mãe adotiva; o que se passou entre nós, o que a senhorita disse e o que pude pressentir, nada me fazia prever tão pronto retorno. Serei o primeiro a me regozijar com esse gesto, se não teimar em conservar sobre tudo isso um segredo que pode lhe ser fatal, e sou seu amigo há tempo demais para, junto com a sra. Valérius, não me preocupar com essa funesta aventura, que permanecerá perigosa enquanto não tivermos desembranhado sua trama, da qual terminará sendo a vítima, Christine.

A essas palavras, a sra. Valérius se agitou em sua cama.

– O que significa isso? – exclamou. – Então Christine está em perigo?

– Sim, senhora... – declarou corajosamente Raoul, apesar dos sinais de Christine.

– Meu Deus! – assustou-se, arfante, a boa e ingênua velha. – Precisa me contar tudo, Christine! Por que me tranquilizava? E de que perigo se trata, sr. de Chagny?

– Um impostor está abusando de sua boa-fé!

– O Anjo da Música é um impostor?

– Ela mesma lhe disse que não existe Anjo da Música!

– Um instante, por favor! O que está havendo, em nome do céu? – suplicou a inválida. – Assim o senhor me mata!

– Há, senhora, pairando sobre nós, sobre a senhora, sobre Christine, um mistério terreno muito mais atemorizante do que todos os fantasmas e gênios!

A sra. Valérius voltou para Christine um semblante aterrado, mas esta já se precipitara para sua mãe adotiva e apertava-a nos braços.

– Não acredite nele, mãezinha... não acredite nele – repetia, e, com suas carícias, tentava consolá-la, pois a velha senhora dava suspiros de partir a alma.

– Então prometa que não me abandonará – implorou a viúva do professor.

Christine se calava e Raoul continuou:

– Eis o que deve prometer, Christine... É a única coisa que pode nos tranquilizar, a sua mãe e a mim! Comprometemo-nos a não lhe fazer mais qualquer pergunta sobre o passado, se prometer ficar sob nossa salvaguarda no futuro...

– É um compromisso que não lhe peço e é uma promessa que não lhe farei! – pronunciou a moça com altivez. – Sou livre para agir conforme queira, sr. de Chagny; não tem direito algum de controlar minhas ações e peço que doravante se exima disso... Quanto ao que fiz nos últimos quinze dias, só um homem no mundo teria direito a exigir um relatório de minha parte: meu marido! Ora, não tenho marido e jamais me casarei!

Dizendo isso energicamente, ela estendeu a mão na direção de Raoul, como se para tornar suas palavras mais solenes, e Raoul empalideceu, não só em virtude das palavras que acabava de ouvir, mas porque percebeu, no dedo de Christine, um anel de ouro.

– A senhorita não tem marido, mas usa uma “aliança”.

E quis pegar sua mão, mas Christine retirou-a bruscamente.

– É um presente! – disse, ruborizando ainda mais e se esforçando em vão para esconder seu embaraço.

– Christine! Uma vez que não tem marido, esse anel só pode lhe ter sido dado por aquele que espera vir a sê-lo! Por que continuar nos enganando? Por que continuar a me torturar? Esse anel é uma promessa! E a promessa foi aceita!

– Foi o que eu lhe disse! – exclamou a velha senhora.

– E o que ela lhe respondeu, senhora?

– O que eu quis – exclamou Christine, exasperada. – Não acha, cavalheiro, que esse interrogatório já durou demais...? De minha parte...

Raoul, perturbadíssimo, temeu pronunciar as palavras de um rompimento definitivo. Interrompeu-a:

– Perdão por ter falado dessa forma, senhorita... Sabe muito bem o honesto sentimento que me faz imiscuir-me no que, sem dúvida, não é da minha conta! Mas permita-me lhe dizer o que vi... e vi mais do que pensa, Christine... ou o que julguei ver, pois, na verdade, numa aventura como essa, duvidamos do testemunho dos próprios olhos...

– O que viu, cavalheiro, ou julgou ver?

– Vi seu êxtase *ao som da voz*, Christine! Da voz que saía da parede, ou de um camarim, ou de um aposento ao lado... sim, seu êxtase...! É isso que me apavora...! Você se encontra sob o mais perigoso sortilégio...! E parece ter se dado conta da impostura, uma vez que afirmou hoje que *não existe gênio da música*... Então, Christine, por que voltou a segui-lo? Por que se levantou, expressão radiante, como se ouvisse realmente os anjos...? Ah, essa voz é muito perigosa, Christine, eu mesmo, enquanto a ouvia, fiquei tão seduzido que você desapareceu aos meus olhos sem que eu pudesse dizer por onde passou...! Christine! Christine! Em nome do céu, em nome do seu pai que está no céu e que tanto a amou, e que me amou, Christine, você vai nos dizer, à sua benfeitora e a mim, a quem pertence essa voz! E, ainda que não queira, nós a salvaremos...! Vamos! O nome desse homem, Christine...? Desse homem que tem a audácia de enfiar um anel de ouro no seu dedo!

– Sr. de Chagny – declarou friamente a moça –, o senhor nunca o saberá...!

Nesse instante, ouviu-se a voz azeda da sra. Valérius, que subitamente tomava o partido de Christine, vendo a hostilidade com que sua pupila acabava de se dirigir ao visconde.

– E se ela ama esse homem, sr. visconde, isso também não é da sua conta!

– Ai de mim, senhora! – continuou humildemente Raoul, que não conseguiu represar as lágrimas. – Ai de mim! Creio, com efeito, que Christine o ama... Tudo me prova isso, mas não é só isso que constitui meu desespero, pois, do que não estou certo, senhora, é se aquele que é amado por Christine é digno do seu amor!

– Isso, cavalheiro, só a mim cabe julgar! – replicou Christine, encarando Raoul com o semblante tomado por uma irritação soberana.

– Quando se usam meios tão românticos para seduzir uma moça... – continuou Raoul, que sentia suas forças o abandonarem.

– ...é porque ou o homem é um miserável, ou a moça uma estúpida?

– Christine!

– Raoul, por que condena assim um homem que nunca viu, que ninguém conhece e a cujo respeito você mesmo não sabe nada...?

– Sim, Christine... Sim... Sei pelo menos esse nome que pretende esconder para sempre... Seu Anjo da Música, senhorita, chama-se Erik...!

Christine entregou-se. Fez-se pálida feito uma toalha de altar. Balbuciou:

– Quem lhe disse isso?

– Você mesma!

– E como?

– Compadecendo-se, na outra noite, na noite do baile de máscaras. Ao chegar ao seu camarim, não exclamou “Pobre Erik!”? Pois bem, Christine, havia, em algum lugar, um pobre Raoul que a ouviu.

– É a segunda vez que o senhor escuta atrás das portas, sr. de Chagny!

– Eu não estava atrás da porta...! Estava dentro do camarim...! Em sua alcova, senhorita.

– Infeliz! – gemeu a moça, estampando todos os sinais de um pavor indescritível. – Infeliz! Quer que o matem?

– Talvez!

Raoul pronunciou esse “talvez” com tanto amor e desespero que Christine não conseguiu reprimir um soluço.

Ela então lhe tomou as mãos e o fitou com toda a ternura de que era capaz, e o jovem, sob aquele olhar, sentiu que sua dor já arrefecia.

– Raoul, é preciso esquecer a “voz de homem” – disse ela –, não recordar sequer o seu nome... e não tentar jamais penetrar seu mistério.

– Esse mistério é assim tão terrível?

– Não existe mais atroz sobre a terra!

Um silêncio separou os dois jovens. Raoul estava arrasado.

– Jure que não fará nada para “saber”... – ela insistiu. – Jure que não entrará mais no camarim se eu não o chamar.

– Promete me chamar de vez em quando, Christine?

– Prometo.

– Quando?

– Amanhã.

– Então juro!

Foram suas últimas palavras naquele dia.

Ele lhe beijou as mãos e partiu, amaldiçoando Erik e prometendo ser paciente.



## ACIMA DOS ALÇAPÕES

NO DIA SEGUINTE, estive com ela na Ópera. Continuava a usar o anel de ouro no dedo. Foi meiga e bondosa. Conversaram sobre os planos que ele cultivava, seu futuro, sua carreira.

Ele lhe contou que a partida da expedição polar havia sido antecipada e que, em três semanas, um mês no mais tardar, deixaria a França.

Ela intimou-o quase alegremente a considerar aquela viagem com entusiasmo, como uma etapa de sua glória futura. Tendo ele respondido que a glória sem amor não o seduzia, ela o tratou como uma criança manhosa.

Ele interpelou-a:

– Como pode, Christine, falar tão levemente de coisas tão graves? Talvez nunca mais nos vejamos...! Posso morrer nessa expedição...!

– E eu também – ela replicou, apenas.

Ela não sorria, não gracejava. Parecia pensar numa coisa nova que lhe vinha à mente pela primeira vez. Seu olhar se acendera.

– Em que está pensando, Christine?

– Que não nos veremos mais.

– É isso que a faz tão radiante?

– E que, dentro de um mês, teremos de nos dizer adeus... para sempre...!

– A menos, Christine, que tenhamos fé e esperemos um ao outro para sempre.

Ela tapou-lhe a boca com a mão:

– Cale-se, Raoul...! Não se trata disso, sabe muito bem...! E não nos casaremos nunca! Isso está decidido!

Bruscamente, ela mal parecia conter uma alegria transbordante. Bateu as mãos com uma alegria infantil... Raoul observava-a, inquieto, sem compreender.

– Mas... mas... – ela continuou, estendendo as duas mãos para o rapaz, ou melhor, entregando-as, como se, de repente, tivesse resolvido presentear-lo com elas. – Mas se não podemos casar, podemos, podemos ficar noivos...! Ninguém saberá, só nós, Raoul...! Existem casamentos secretos...! Pode muito bem existir um noivado secreto...! Somos noivos, querido, por um mês...! Dentro de um mês você partirá e poderei ser feliz com a lembrança desse mês pelo resto da vida!

Estava fascinada com sua ideia... Voltou a ficar grave.

– Esta é uma felicidade que não fará mal a ninguém – disse.

Raoul compreendera. Abraçou aquela inspiração. Quis transformá-la imediatamente em realidade. Inclinou-se diante de Christine com uma humildade singular e disse:

– Senhorita, tenho a honra de pedir sua mão!

– Mas já tem as duas, querido noivo...! Oh, Raoul, como seremos felizes...! Vamos brincar de futuro maridinho e futura mulherzinha...!

Raoul ruminava: “Imprudente! Dentro de um mês, terei tido tempo de fazê-la esquecer ‘o mistério da voz de homem’, ou de desvendá-lo e destruí-lo, e dentro de um mês Christine consentirá tornar-se minha mulher. Enquanto isso, brinquemos!”

Foi a brincadeira mais deliciosa do mundo, a qual eles desfrutaram como puras crianças que eram. Ah, quantas coisas maravilhosas se disseram. E quantas juras eternas trocaram! A ideia de que, transcorrido aquele mês, não haveria mais ninguém para fazer tais promessas deixava-os numa perturbação que eles saboreavam com terríveis delícias, entre risadas e lágrimas. “Jogavam coração” assim como outros jogam bola; só que, como eram seus corações que arremessavam um para o outro, precisavam ser muito, muito habilidosos para agarrá-los sem se machucarem. Um dia – era o oitavo do jogo –, o coração de Raoul sofreu muito e o rapaz interrompeu a partida com estas palavras extravagantes:

– Não vou mais para o polo Norte!

Christine, que, em sua inocência, não pensara em tal possibilidade, descobriu de repente o perigo da brincadeira e censurou-se amargamente por isso. Não respondeu uma palavra a Raoul e voltou para casa.



Isso aconteceu à tarde, no camarim da cantora, onde ela marcava todos os seus encontros e onde eles se divertiam com lanches frugais, três biscoitos e dois cálices de vinho do porto, e um buquê de violetas.

À noite, ela não cantava. E ele não recebeu a carta costumeira, embora houvessem se autorizado a se escrever todos os dias daquele mês. Na manhã seguinte, ele correu à casa da sra. Valérius, que lhe informou que Christine estaria ausente por dois dias. Partira na tarde da véspera, às cinco horas, dizendo que não voltaria antes daquele prazo. Raoul ficou transtornado. Detestou a sra. Valérius, que lhe dava aquela notícia com uma estarrecedora tranquilidade. Tentou “extrair alguma coisa” daquilo, mas a boa senhora não sabia de nada. Consentiu simplesmente em responder às perguntas nervosas do rapaz:

– É o segredo de Christine!

E erguia o dedo, dizendo isso com um gesto tocante que recomendava discrição e, ao mesmo tempo, tinha a pretensão de reconfortar.

“Ah, que ótimo!” exclamava ranzinzamente Raoul, descendo a escada feito um louco. “Ah, que ótimo! As mocinhas ficam bem guardadas com essa mamãe Valérius...!”

Onde Christine poderia estar...? Dois dias... Dois dias a menos em sua tão curta felicidade! E tudo culpa sua...! Não estava combinado que ele deveria partir...? Se sua firme intenção fosse não partir, por que falara tão cedo? Acusava-se de falta de traquejo e foi o mais infeliz dos homens durante quarenta e oito horas, ao fim das quais Christine reapareceu.

Reapareceu num triunfo. Reencontrou finalmente o estrondoso sucesso da noite de gala. Desde a aventura do “sapo”, a Carlotta não conseguira mais se apresentar em cena. O pavor de um novo “croac” se enraizara em seu coração e lhe tirara todos os recursos; e os lugares que testemunharam sua incompreensível derrota haviam se tornado odiosos para ela. Arranjou uma forma de romper o contratado. Daaé foi momentaneamente requisitada para cobrir sua ausência. Um verdadeiro delírio coroou sua atuação em *A judia*.

O visconde, presente aquela noite, naturalmente, foi o único a sofrer com os mil ecos do novo triunfo; pois constatou que Christine continuava a usar seu anel de ouro. Uma voz distante murmurava ao

ouvido do rapaz: “Ela continua com o anel de ouro e o presente não partiu de você. Esta noite, ela entregou novamente sua alma, e não foi para você.”

E a voz continuava a persegui-lo: “Se ela se recusa a lhe dizer o que fez nos últimos dois dias... se ela esconde o local de seu refúgio, só lhe resta perguntar a Erik!”

Ele correu para o palco. Barrou-lhe o caminho. Ela viu, pois seus olhos procuravam por ele. Ordenou-lhe:

– Depressa! Depressa! Venha!

E arrastou-o para o seu camarim, sem se preocupar com todos os cortesãos de sua recente glória, que, diante de sua porta fechada, murmuravam: “Isso é um escândalo!”

Raoul caiu imediatamente aos seus pés. Jurou que partiria e suplicou-lhe não roubar mais nenhuma hora da felicidade ideal que lhe prometera. Ela não conteve as lágrimas. Beijavam-se como um irmão e uma irmã desesperados que acabam de ser golpeados por um luto comum e se encontram para chorar um morto.

Subitamente, ela se desvencilhou dos doces e tímidos abraços do rapaz, pareceu escutar alguma coisa estranha... e, com um gesto sumário, apontou a porta para Raoul. Quando ele chegou ao umbral, ela lhe disse, tão baixinho que o visconde mais adivinhou do que ouviu suas palavras:

– Amanhã então, querido noivo! E seja feliz, Raoul... foi para você que cantei esta noite...!

Ele então voltou.

Mas, coitado! Aqueles dois dias de ausência haviam quebrado o encanto de sua adorável mentira. Olhavam-se, no camarim, sem trocarem palavra, com olhos tristes. Raoul continha-se para não gritar: “Estou com ciúme! Estou com ciúme! Estou com ciúme!” Mas, de toda forma, ela o ouvia.

Então ela falou:

– Vamos passear, meu amigo, o ar puro nos fará bem.

Raoul julgou que ela iria lhe propor algum programa fora dali, longe daquele monumento, que ele detestava como uma prisão, onde sentia raivosamente o carcereiro passear dentro de seus muros... o

carcereiro Erik... Mas ela o levou até o palco e o fez sentar numa beirada de madeira de uma fonte, na paz e no frescor duvidoso de um primeiro cenário instalado para o próximo espetáculo; no dia seguinte, passeou com ele, de mãos dadas, pelas aleias abandonadas de um jardim cujas plantas trepadeiras tinham sido podadas pelas mãos hábeis de um cenarista, como se os verdadeiros céus, as verdadeiras flores e a verdadeira terra estivessem para sempre proibidos para ela e ela estivesse condenada a não respirar mais outra atmosfera que não a do teatro! O rapaz hesitava em lhe fazer qualquer pergunta, pois, percebendo que ela não podia respondê-las, receava fazê-la sofrer inutilmente. De quando em quando passava um bombeiro, velando de longe aquele idílio melancólico. Às vezes, ela tentava corajosamente enganar-se e enganá-lo quanto à beleza mentirosa daquele quadro inventado para a ilusão dos homens. Sua imaginação sempre fértil ornava-o com cores exuberantes e tais, dizia ela, que a natureza não podia lhes fornecer comparação. Exaltava-se, enquanto Raoul, suavemente, apertava sua mão nervosa. Ela dizia:

– Veja, Raoul, essas muralhas, esses bosques, esse verdor, essas imagens pintadas no pano, tudo isso assistiu aos mais sublimes amores, pois aqui elas foram inventadas pelos poetas, que ultrapassam em cem côvados<sup>102</sup> a estatura dos homens. Diga-me então que o nosso amor se encontra de fato aqui, meu Raoul, uma vez que ele também foi inventado e não passa, ai de mim!, de uma ilusão!

Desolado, ele não respondia. Ela então prosseguia:

– Nosso amor é muito triste na terra, vamos passeá-lo no céu...! Veja como isso é fácil aqui!

E o arrastava mais alto que as nuvens, na desordem magnífica da grelha,<sup>103</sup> deleitando-se com sua vertigem, correndo à sua frente sobre as frágeis pontes dos urdimentos, entre os milhares de cordames presos nas polias, nas gruas, nos tambores, em meio a uma verdadeira floresta aérea de vergas e mastros. Quando ele hesitava, ela lhe dizia com uma carinha adorável:

– Você, um marujo!

E voltavam a descer em terra firme, isto é, em algum corredor bem sólido que os conduzia a risadas, a danças, à juventude repreendida por uma voz severa: “Relaxem, senhoritas... Cuidem das pontas...” Era a classe das meninas, das que acabavam de completar seis anos indo

até nove ou dez... e já usam a malha decotada, o tutu leve, a meia-calça branca e as meias cor-de-rosa, e trabalham, trabalham com todos os seus pezinhos doloridos na esperança de virem a ser alunas das *quadrilles*,<sup>104</sup> corifeus, primeiros papéis, primeiras bailarinas, com muitos diamantes em volta... Enquanto isso, Christine lhes distribuiu bombons.

Num outro dia, ela o fez entrar num vasto salão de seu palácio, exuberante em ouropéis, trajes de cavaleiros, lanças, escudos e penachos, passando em revista todos os fantasmas de guerreiros imóveis e empoeirados. Dirigia-lhes palavras bondosas, prometendo-lhes que eles voltariam a ver as noites reluzentes e os cortejos musicais diante da ribalta reverberante.

Conduziu-o assim por todo o seu império, artificial porém imenso, estendendo-se por dezessete andares, do rés do chão às cumeeiras, e habitado por um exército de súditos. Passava em meio a eles como uma rainha popular, incentivando o trabalho, dando conselhos sensatos às operárias, cujas mãos hesitavam cortar os tecidos luxuosos que deviam vestir os heróis. Os habitantes desse país exerciam todas as profissões. Havia de sapateiros a ourives. Todos tinham aprendido a amá-la, pois ela se interessava pelos sofrimentos e pequenas manias de cada um. Ela conhecia recantos obscuros habitados secretamente por velhos casais.

Ela batia às suas portas e lhes apresentava Raoul como um príncipe encantado que pedira sua mão e então, sentados em algum acessório decrépito, escutavam as lendas da Ópera, como antigamente em sua infância tinham escutado os velhos contos bretões. Aqueles anciãos só conversavam sobre a Ópera. Moravam lá há muitos e muitos anos. As administrações passadas os haviam esquecido; as revoluções palacianas os haviam ignorado; do lado de fora, a história da França passara sem que eles a percebessem, e ninguém mais se lembrava deles.

Assim, dias preciosos escoavam e, com o interesse exagerado que pareciam demonstrar pelas aparências, Raoul e Christine procuravam desajeitadamente esconder um do outro o único pensamento de seus corações. Fato é que Christine, que se mostrara a mais forte até ali, ficou subitamente nervosa, e muito nervosa. Em suas expedições, punha-se a correr sem razão ou então parava bruscamente e sua mão,

momentaneamente glacial, continha o rapaz. Seus olhos pareciam às vezes perseguir sombras imaginárias. Ela gritava: “Por aqui”, depois “por aqui”, depois “por aqui”, rindo uma risada arfante que frequentemente terminava em lágrimas. Raoul então queria falar, interrogar, apesar de suas promessas, seus compromissos. Mas, antes mesmo de formular qualquer pergunta, ela respondia febrilmente: “Nada...! Juro que não foi nada.”

Uma vez, quando passavam em frente a um alçapão entreaberto no palco, Raoul se debruçou sobre o vazio escuro e disse:

– Você me fez visitar os sótãos do seu império, Christine... mas contam estranhas histórias sobre os porões... Não quer descer?

Ouvindo isso, ela segurou seu braço, como se receasse vê-lo desaparecer no buraco negro, e lhe disse baixinho, tremendo:

– Nunca...! Proíbo-o de ir até lá...! E depois, não me pertence...! *Tudo que está sob a terra pertence a ele!*

Raoul mergulhou seus olhos nos de Christine e indagou num tom rude:

– *Ele* então mora lá embaixo?

– Eu não disse isso...! Quem disse tal coisa? Vamos! Venha! Há momentos, Raoul, em que me pergunto se você não é louco... Você sempre ouve coisas impossíveis...! Venha! Venha!

E literalmente o arrastava, pois ele teimava em permanecer junto ao alçapão: aquele buraco o atraía.

O alçapão fechou-se de repente, tão de repente que, sem perceberem a mão que o acionava, os dois ficaram absolutamente aturdidos.

– Seria *ele* que está aqui? – ele terminou perguntando.

Ela deu de ombros, mas não parecia de forma alguma resserenada.

– Não! Não! São os “fechadores de alçapões”. Afinal, os “fechadores de alçapões” precisam fazer alguma coisa... Eles abrem e fecham os alçapões sem razão... São como os “fechadores de portas”; afinal, eles precisam “passar o tempo”.

– E se fosse *ele*, Christine?

– Claro que não! Claro que não! *Ele* se trancou! *Ele* trabalha.

– Ah, sério, *ele* trabalha?

– Sim, *ele* não pode abrir e fechar os alçapões e trabalhar. Podemos ficar tranquilos.

Dizendo isso, ela sentiu um arrepio.

– Em que então *ele* trabalha?

– Oh! Em alguma coisa de terrível...! Portanto, podemos ficar tranquilos...! Quando *ele* trabalha nisso, *ele* não vê nada; *ele* não come, nem bebe, nem respira... dias e noites a fio... é um morto-vivo e não tem tempo para brincar com alçapões!

Ela sentiu outro arrepio, debruçou-se para ouvir do lado do alçapão... Raoul deixou-a agir e falar. Calou-se. Temia agora que o som de sua voz a fizesse subitamente refletir, detendo-a no curso ainda tão frágil de suas confidências.

Ela não o deixara... conservava-o em seus braços... suspirou por sua vez:

– Se fosse *ele*!

Raoul, tímido, perguntou:

– Tem medo *dele*?

Ela respondeu:

– Não! Não!

O rapaz, bastante involuntariamente, afetou compadecer-se dela, como fazemos com uma criatura impressionável ainda às voltas com um sonho recente. Ele parecia dizer: “Porque você sabe, eu estou aqui!” E seu gesto foi, quase à sua revelia, ameaçador; Christine então observou-o com espanto, como um fenômeno de coragem e virtude, parecendo, em seu pensamento, calcular em seu justo valor aquele inútil e audacioso cavalheirismo. Beijou o pobre Raoul como uma irmã que, num acesso de ternura, recompensava-o por ter cerrado seu pequeno punho fraterno para defendê-la contra os perigos sempre possíveis da vida.

Raoul compreendeu e corou de vergonha. Via-se tão fraco quanto ela. Ruminava: “Ela afirma que não tem medo, mas treme quando nos afasta do alçapão.” Era verdade. No dia seguinte e nos subseqüentes, foram alojar seus curiosos e castos amores quase nas cumeeiras, bem longe dos alçapões. A agitação de Christine só fazia aumentar à medida que as horas transcorriam. Por fim, certa tarde, ela chegou

muito atrasada, o rosto tão pálido e os olhos tão vermelhos, fruto do desespero, que Raoul decidiu pelos extremos, exprimindo sem rodeios que “*só partiria para o polo Norte se ela lhe confiasse o segredo da Voz de homem*”.

– Cale-se! Em nome dos céus, cale-se. Se *ele* ouvisse, infeliz Raoul!

E os olhos arregalados da jovem pareciam procurar alguma coisa ao redor.

– Vou tirá-la de *seu* poder, Christine, juro! E não pensará mais *nele*, o que é necessário.

– Isso é possível?

Ela se permitiu essa dúvida, que era um encorajamento, arrastando o rapaz até o último andar do teatro, “até os píncaros”, longe, muito longe dos alçapões.

– Vou escondê-la num canto desconhecido do mundo, onde ele não virá procurá-la. Ficará a salvo, e então partirei, uma vez que você jurou nunca se casar.

Christine precipitou-se para as mãos de Raoul e apertou-as efusivamente. Porém, novamente inquieta, voltou a cabeça.

– Mais alto! – disse apenas. – Ainda mais alto...!

E puxou-o para cima.

Ele tinha dificuldade para segui-la. Dali a pouco estavam nas cumeeiras, no labirinto do madeirame. Esgueiraram-se por entre os arcobotantes, as empenas, as terças, as tesouras, as diagonais; corriam de viga em viga, como, numa floresta, teriam corrido de árvore em árvore, por entre troncos formidáveis...

E, apesar da precaução que tinha de observar atrás de si a cada instante, ela não percebeu uma sombra que a seguia como sua sombra, que parava junto com ela, que partia novamente quando ela partia e que não fazia mais barulho do que uma sombra deve fazer. Raoul, por sua vez, não viu nada, pois, quando tinha Christine à sua frente, nada do que acontecia atrás o interessava.

cotovelo). ↵

103. Ampla grade horizontal no alto da caixa de cena, de onde pendem mecanismos e cordões de sustentação do cenário, das cortinas etc. Também chamada de teia. ↵

104. O mais baixo dos cinco escalões na hierarquia do corpo de baile da Escola de Dança da Ópera de Paris: *quadrille*, *corifeu*, *sujet*, *premier danseur* ou *danseuse* e *étoile*.

↵





## A LIRA DE APOLO

ASSIM, chegaram aos telhados. Ela deslizava sobre eles, leve e experiente, como uma andorinha. O olhar de ambos percorreu o espaço deserto, entre os três domos e o frontão triangular. Acima de Paris, cujo vale se descortinava inteiro em laboriosa atividade, ela respirou intensamente. Olhou para Raoul com confiança. Chamou-o para bem perto dela e, lado a lado, no topo do mundo, caminharam pelas ruas de zinco e avenidas de ferro; miraram suas formas gêmeas nos vastos reservatórios cheios de uma água estagnada, onde, no verão, os pequenos bailarinos, uns vinte garotinhos, mergulham e aprendem a nadar. Sempre fiel a seus passos, a sombra atrás deles surgira, achatando-se sobre os telhados, alongando-se com movimentos de asas negras nas encruzilhadas dos becos de ferro, rodopiando ao redor dos tanques, contornando, silenciosa, os domos. Os dois infelizes, que nem desconfiavam de sua presença, finalmente se sentaram, confiantes, sob a alta proteção de Apolo,<sup>105</sup> que num gesto de bronze erguia sua prodigiosa lira no coração de um céu em fogo.

Uma noite quente de primavera os cercava. Nuvens que acabavam de receber do poente sua leve túnica de ouro e púrpura passavam lentamente, deixando-a arrastar-se acima dos dois jovens. Christine disse a Raoul:

– Logo estaremos indo mais longe e depressa do que as nuvens, até o fim do mundo, e então você me abandonará, Raoul. Mas, quando chegar o momento de você me raptar, se eu não consentir mais em segui-lo, pois bem, Raoul, carregue-me com você!

Com que força, que parecia dirigida contra si mesma, ela disse isso, enquanto se aconchegava nervosamente contra ele. Impressionado, o rapaz indagou:

– Receia mudar de opinião, Christine?

– Não sei – ela disse, sacudindo estranhamente a cabeça. – É um demônio!

E foi percorrida por um calafrio. Encolheu-se nos braços dele com

um gemido.

– Agora tenho medo de voltar a morar com ele... dentro da terra!

– O que a obriga a voltar para lá, Christine?

– Se eu não voltar para junto dele, grandes tragédias podem sobrevir...! Mas não aguento mais...! Não aguento mais...! Sei perfeitamente que devemos ter pena das pessoas que moram “embaixo da terra”... Mas este é horrível demais! O momento, contudo, se aproxima; só tenho mais um dia! E se eu não for, será ele que virá me buscar com sua voz. Ele me arrastará para sua morada, debaixo da terra, e se porá de joelhos diante de mim, com sua caveira! E dirá que me ama! E cairá em prantos! Ah, essas lágrimas, Raoul! Essas lágrimas nos dois buracos da caveira. Não posso mais ver essas lágrimas correrem!

Contorceu as mãos horripelantemente, enquanto Raoul, igualmente prisioneiro daquele desespero contagioso, apertava-a contra seu coração:

– Não! Não! Você não ouvirá mais ele dizer que a ama! Não verá mais suas lágrimas correrem! Fugamos...! Imediatamente, Christine, fugamos!

E já queria arrastá-la.

Ela o deteve.

– Não, não – disse, balançando dolorosamente a cabeça –, agora não...! Seria tarde demais... Permita que ele me ouça cantar, amanhã à noite, pela última vez... depois iremos. À meia-noite, venha me pegar no meu camarim; à meia-noite em ponto. A essa hora ele estará me esperando na sala de jantar do lago... estaremos à vontade e poderá me levar...! Mesmo que eu recuse, terá que me jurar isso, Raoul... pois sinto claramente que, dessa vez, se voltar lá, talvez eu nunca mais retorne...

Acrescentou:

– Você não pode compreender...!

Deu um suspiro, que lhe pareceu respondido por outro, atrás dela.

– Você não ouviu?

Ela batia os dentes.

– Não – asseverou Raoul –, não ouvi nada.

– É horrível – ela confessou – tremer o tempo todo assim...! Aqui, contudo, não corremos nenhum perigo; estamos em nossa casa, na minha casa, no céu, ao ar livre, em pleno dia. O sol está em chamas e as aves noturnas não gostam de olhar o sol! Nunca o vi à luz do dia... Deve ser medonho...! – ela balbuciava, voltando para Raoul os olhos esgazeados. – A primeira vez que o vi....! Achei que *ele* ia morrer!

– Por quê? – perguntou Raoul, realmente assustado com o tom que aquela estranha e assombrosa confiança assumia. – Por que achou que ele ia morrer?

– PORQUE EU O TINHA VISTO!!!

.....

Dessa vez, Raoul e Christine voltaram-se ao mesmo tempo.

– Há alguém sofrendo aqui! – exclamou Raoul. – Talvez um ferido... Você ouviu?

– Eu não saberia dizer – confessou Christine –, *mesmo quando ele não está presente, meus ouvidos ecoam seus suspiros...* Mas se você ouviu...

Levantaram-se, olharam ao redor... Estavam efetivamente sozinhos no imenso telhado de chumbo. Sentaram-se. Raoul perguntou:

– Como o viu pela primeira vez?

– Fazia três meses que eu o ouvia sem vê-lo. A primeira vez que “o ouvi”, acreditei, como você, que aquela voz adorável que se pusera subitamente a cantar *ao meu lado* cantava num camarim próximo. Saí, procurei-a em toda parte; mas como sabe, Raoul, meu camarim é muito isolado, e não consegui encontrar a voz fora dele, quando ela permanecia fielmente ali. E não só cantava como falava, respondia às minhas perguntas como uma verdadeira voz de homem, com a diferença de que era bela como a voz de um anjo. Como explicar tão incrível fenômeno? Eu nunca tinha esquecido o “Anjo da Música”, que meu pobre pai prometera me enviar quando morresse. Ouso referir-me a tamanha infantilidade, Raoul, porque você conheceu meu pai, ele lhe quis bem e você acreditou junto comigo, quando era menino, no “Anjo da Música”. Portanto, tenho certeza de que não sorrirá e tampouco zombará. Eu tinha conservado, querido, a alma delicada e crédula da pequena Lotte, e não teria sido a companhia da sra. Valérius que a extinguiria. Carreguei essa alminha branca em minhas

mãos ingênuas e ingenuamente a estendi, oferecendo-a à voz de homem, que julguei ser o anjo. A culpa, de certa maneira, foi da minha mãe adotiva, a quem eu não escondia nada do inexplicável fenômeno. Ela foi a primeira a dizer: “Deve ser o anjo; em todo caso, pergunte a ele.” Foi o que fiz e a voz de homem me respondeu que, com efeito, ela era a voz de anjo que eu esperava e que meu pai moribundo me prometera. A partir desse momento, uma grande intimidade se estabeleceu entre mim e a voz, e depusitei nela uma confiança absoluta. Ela me disse que descera à terra para me fazer desfrutar das alegrias supremas da arte eterna, e me pediu permissão para me dar aulas de música diariamente. Consenti, com um ardor fervoroso, e não faltei a nenhum desses encontros, que, desde o primeiro momento, davam-se no meu camarim, quando esse setor da Ópera estava completamente deserto. Contar-lhe como foram essas aulas! Nem você, que ouviu a voz, pode fazer ideia.

– Claro que não! Não faço ideia – declarou o rapaz. – Que música os acompanhava?

– Uma música desconhecida para mim, que soava atrás da parede e era de uma correção incomparável. Como se não bastasse, amigo, parecia que a Voz sabia exatamente em que ponto meu pai me deixara em meus estudos, ao morrer, e o método simples que ele usava; assim, lembrando-me, ou melhor, minha voz rememorando todas as lições passadas e, junto com as presentes, delas se beneficiando instantaneamente, fiz progressos rápidos e prodigiosos, que, em outras condições, teriam exigido anos! Não se esqueça de que sou muito frágil, querido, e que no princípio minha voz era pouco definida; suas cordas graves achavam-se pouco desenvolvidas, os agudos eram duros demais e o registro médio, velado. Foram essas deficiências que meu pai combatera e vencera temporariamente; foram essas deficiências que a Voz venceu definitivamente. Pouco a pouco fui aumentando o volume sonoro em proporções que minha antiga fraqueza não me permitia esperar: aprendi a estender amplamente minha respiração. Mas, sobretudo, a Voz me revelou o segredo de desenvolver os sons de peito numa voz de soprano. No fim, envolveu tudo isso no fogo sagrado da inspiração, despertando em mim uma vida ardente, devoradora, sublime. A Voz possuía a virtude, ao ressoar, de me elevar até ela. Colocava-me em uníssono com seu soberbo voo. A alma da

Voz habitava minha boca e nela insuflava harmonia!

“Ao fim de algumas semanas, eu não me reconhecia mais quando cantava...! Estava inclusive assustada... receei, por um instante, estar lidando com algum sortilégio; mas mamãe Valérius me tranquilizou. Ela sabia que eu era ingênua demais, dizia, para me expor ao demônio.

“Por ordens expressas da Voz, meus progressos constituíam um segredo entre ela, mamãe Valérius e eu. Coisa curiosa, fora do camarim eu cantava com a minha voz de todos os dias e ninguém notava nada. Eu fazia tudo que a Voz queria. Ela dizia: ‘Espere e verá...! Assombraremos Paris!’ E eu esperava. Vivía numa espécie de sonho encantado, comandado pela Voz. Nesse ínterim, Raoul, vi você, uma noite, na plateia. Minha alegria foi tão grande que nem sequer pensei em escondê-la quando retornei ao camarim. Para nosso infortúnio, a Voz já estava lá e percebeu claramente, pelo meu semblante, que havia alguma novidade. Perguntou-me o que eu tinha e não vi nenhum inconveniente em lhe contar nossa doce história, sem lhe dissimular o lugar que você ocupava no meu coração. A Voz então se calou: interpelei-a, ela não me respondeu; supliquei, em vão. Morri de medo que ela tivesse partido para sempre! Antes tivesse ido, meu amigo...! Voltei para casa aquela noite completamente desesperada. Atirei-me no pescoço de mamãe Valérius: ‘Sabia? A Voz foi embora! Talvez não volte nunca mais!’ Ela ficou tão assustada quanto eu e me pediu explicações. Conte-lhe tudo. Ela disse: ‘Óbvio, a Voz está com ciúme!’ Isso, meu querido, me fez ver que eu o amava...”

Aqui, Christine deteve-se por um instante. Aninhou a cabeça no peito de Raoul e eles permaneceram por um momento calados nos braços um do outro. A emoção que experimentavam era tão intensa que não viram, ou melhor, não sentiram, a poucos passos de onde estavam, deslocar-se a sombra rastejante de duas grandes asas negras, que se aproximava, rente aos telhados, tão perto, tão perto deles quanto possível, fechando-se sobre eles, sufocando-os...

– No dia seguinte – prosseguiu Christine com um profundo suspiro –, foi bastante pensativa que me dirigi ao meu camarim. A Voz me esperava. Oh, meu amigo! Falou-me com uma grande tristeza. Declarou literalmente que, se eu viesse a dar meu coração a alguém na terra, não lhe restava, a ela Voz, senão retornar ao céu. Enunciou isso

com uma ênfase de dor *humana*, da qual, desde esse dia, eu deveria ter desconfiado, e compreendido ter sido vítima de meus sentidos iludidos. Mas minha crença naquele espectro de Voz, ao qual se misturava tão intimamente o pensamento de meu pai, permanecia absoluta. Nada me apavorava mais do que deixar de ouvi-la; por outro lado, refleti sobre o sentimento que me impelia para você, Raoul; avaliei todo o inútil perigo de tal sentimento; ignorava inclusive se você se recordava de mim. Seja como for, sua posição na sociedade me proibia para sempre cogitar em nossa união; jurei à Voz que você era apenas um irmão para mim e nunca seria outra coisa, e que meu coração não cultivava nenhum amor terreno... Eis a razão, meu amigo, pela qual eu desviava os olhos quando, no palco ou nos corredores, você procurava atrair minha atenção; a razão pela qual eu não o reconhecia... pela qual eu não o via...! Nesse período, as horas das aulas que a Voz me dava passavam-se num divino delírio. Nunca a beleza dos sons me possuía a tal ponto; um dia a Voz me disse: ‘Vai agora, Christine Daaé, levar aos homens um pouco da música do céu.’ Como, justo aquela noite, que era a noite de gala, a Carlotta não compareceu ao teatro? Como fui chamada para substituí-la? Não sei. Mas cantei... cantei num enlevo indescritível. Sentia-me leve como se tivesse asas. Por um instante acreditei que minha alma em fogo deixara meu corpo!

– Oh, Christine! – disse Raoul, cujos olhos umedeceram a essa lembrança. – Aquela noite meu coração vibrou a cada trinado de sua voz. Vi suas lágrimas escorrerem por suas faces pálidas e chorei com você. Como podia cantar, cantar chorando?

– Minhas forças me abandonaram – disse Christine –, fechei os olhos... Quando os abri, você estava ao meu lado! Mas a Voz também estava lá, Raoul...! Receei por você e mais uma vez não quis reconhecê-lo, rindo quando você me lembrou que havia pegado minha echarpe no mar...! Ai de mim! Ninguém engana a Voz...! Ela o reconheceu, ela...! E estava com ciúme...! Nos dois dias subsequentes, me fez cenas atroztes... Dizia: “Você o ama! Se não o amasse, não fugiria dele! Seria um ex-namorado cuja mão você apertaria, como a de qualquer outro... Se não o amasse, não temeria ficar a sós, com ele e comigo, no seu camarim...! Se não o amasse, não o expulsaria...!”

“‘Basta!’, eu disse à Voz, irritada. ‘Amanhã irei a Perros, visitar o

túmulo do meu pai. Pedirei ao sr. Raoul de Chagny que me faça companhia.’ E ela respondeu: ‘Fique à vontade, mas saiba que eu também estarei em Perros, pois estou sempre onde você está, Christine, e se continua digna de mim, se não mentiu, executarei, quando soar meia-noite, no túmulo do seu pai, a *Ressurreição de Lázaro*, ao violino do defunto.’

“Assim fui levada, querido, a lhe escrever a carta que o fez ir a Perros. Como pude ser enganada a esse ponto? Como, diante da suscetibilidade da Voz, não duvidei de alguma impostura? Ai de mim! Eu não me pertencia mais: eu era sua coisa...! E os recursos de que a Voz dispunha deviam facilmente iludir uma criança como eu!”

– Ora...! – exclamou Raoul nesse ponto da história de Christine, em que ela parecia deplorar com lágrimas a perfeita inocência de um espírito muito pouco prudente. – Ora, mas você logo veio a saber a verdade...! Como não saiu imediatamente desse abominável pesadelo?

– Saber a verdade...! Raoul...! Sair desse pesadelo...! Mas eu só entrei nele, infeliz, nesse pesadelo, no dia em que conheci essa verdade...! Cale-se...! Cale-se...! Eu não lhe disse nada... e agora que vamos descer do céu para a terra, tenha compaixão de mim, Raoul...! Tenha compaixão...! Uma noite, noite fatal... é curioso... noite em que tantas desgraças viriam a acontecer... noite em que a Carlotta julgou-se transformada num horrível sapo e pôs-se a coaxar como se tivesse morado a vida inteira à beira de um pântano... noite em que a sala viu-se subitamente mergulhada na escuridão, sob o estrondo do lustre que se espatifou no assoalho... Houve mortos e feridos essa noite, o teatro inteiro reverberava os mais tristes clamores.

“Meu primeiro pensamento, Raoul, com a deflagração da catástrofe, foi ao mesmo tempo para você e para a Voz, pois nessa época vocês eram as duas metades do meu coração. Fiquei imediatamente tranquilizada quanto a você, pois o tinha visto no camarote do seu irmão e sabia que não corria perigo. Quanto à Voz, ela me comunicou que assistiria à representação e temi por ela; sim, medo real, como se ela fosse ‘uma pessoa comum, viva, que pudesse morrer’. Dizia comigo: ‘Meu Deus! O lustre talvez tenha esmagado a Voz.’ Via-me então no palco e tão transtornada que já me preparava para atravessar a plateia atrás da Voz, quando me ocorreu que, se não lhe tivesse acontecido nada de ruim, ela deveria estar no meu



camarim, para onde teria se dirigido a fim de me tranquilizar. Corri para lá. A Voz não estava. Tranquei-me e, com lágrimas nos olhos, supliquei-lhe que, se ainda estivesse viva, se manifestasse. A Voz não me respondeu, mas, subitamente, ouvi um longo e admirável gemido que eu conhecia bem. Era o lamento de Lázaro, quando, ouvindo a voz de Jesus, começa a erguer as pálpebras e a ver novamente a luz do dia. Eram as plangências do violino do meu pai, eu reconhecia sua arcada, a mesma, Raoul, que antigamente nos paralisava nos caminhos de Perros, a mesma que ‘enfeitiçara’ a noite do cemitério. E então, no instrumento invisível e triunfante, ressurgiu o grito de alegria da Vida, e a Voz, fazendo-se finalmente ouvir, pôs-se a entoar a frase dominadora e soberana: ‘Vem! E crê em mim! Aquele que crê em mim ressuscitará! Anda! Aquele que crê em mim não morrerá.’<sup>106</sup> Eu não saberia lhe dizer a impressão que recebi dessa música, que cantava a vida eterna quando, bem ao nosso lado, pobres infelizes, esmagados por aquele lustre fatal, rendiam a alma... Pareceu-me que ela me ordenava, a mim também, que viesse, me levantasse, caminhasse para ela. Ela se afastou, eu a segui. ‘Vem! E crê em mim!’ Eu cria, e a seguia... seguia, e, coisa extraordinária, meu camarim, conforme eu andava, parecia se expandir... expandir... Havia ali, evidentemente, um jogo de espelhos... pois eu tinha o espelho à minha frente... e, de repente, sem saber como, vi-me fora do meu camarim!”

Nesse ponto, Raoul interrompeu bruscamente a moça:

– O quê! Sem saber como? Christine, Christine! Deveria ter procurado parar de sonhar!

– Oh, pobre amigo, eu não estava sonhando! Vi-me fora do meu camarim sem saber como! Você, que uma noite me viu desaparecer dali, meu amigo, talvez pudesse me explicar, mas eu não posso...! Só posso lhe dizer uma coisa: é que, vendo-me diante do meu espelho, de repente não o vi mais à minha frente e o procurei atrás... mas não havia mais espelho, não havia mais camarim... Eu estava num corredor escuro... com medo, gritei...!

“Estava um breu à minha volta; ao longe, uma tênue luminosidade vermelha clareava um ângulo de parede, um canto de uma encruzilhada. Gritei. Só a minha voz enchia as paredes, pois o canto e os violinos haviam se calado. E eis que subitamente, na escuridão, uma mão pousou sobre a minha... ou, melhor, alguma coisa óssea e

gelada cingiu meu pulso e não me largou mais. Gritei. Um braço me enlaçou pela cintura e me ergueu... Debati-me por um instante, aterrorizada; meus dedos escorregaram ao longo das pedras úmidas, sem conseguirem se agarrar. Parei então de me mexer, achando que morreria de pavor. Arrastavam-me para a luzinha vermelha; entramos naquela luz e então vi que estava nas mãos de um homem envolto num grande manto preto, que usava uma máscara que lhe ocultava o rosto inteiro... Fiz um esforço supremo; meus membros se enrijeceram, minha boca se abriu novamente para berrar meu pavor, mas uma mão a fechou, mão que senti sobre meus lábios, sobre minha carne... e que cheirava a morte! Desmaiei.

“Quanto tempo permaneci sem sentidos? Eu não saberia dizer. Quando abri os olhos, continuávamos, o homem de preto e eu, em meio às trevas. Uma lamparina largada no chão iluminava uma nascente de água, que, rumorejando, saía da parede e desaparecia quase imediatamente sob o chão no qual eu estava deitada; minha cabeça repousava no joelho do homem do manto e da máscara negros, e meu lacônico companheiro refrescava minhas têmporas com um cuidado, uma atenção e uma delicadeza que me pareceram mais horríveis de suportar do que a brutalidade do rapto a que me submetera pouco antes. Suas mãos, por mais delicadas que fossem, nem por isso deixavam de cheirar a morte. Repeli-as, mas sem força. Perguntei num sopro: ‘Quem é o senhor? Onde está a Voz?’ A resposta foi um simples suspiro. Subitamente, um bafejo quente passou pelo meu rosto e, vagamente, nas trevas, ao lado da forma escura do homem, distingui uma forma branca. A forma negra me soergueu e me depositou sobre a forma branca. E imediatamente um alegre relincho alcançou meus ouvidos estupefatos... ‘César!’, murmurei. O animal estremeceu. Meu amigo, eu estava quase deitada sobre uma sela e reconheceu o cavalo branco do *Profeta*, que eu tanto mimara com gulodices. Ora, uma noite no teatro correu o rumor de que esse animal desaparecera, tendo sido roubado pelo Fantasma da Ópera. Eu acreditava na Voz. Nunca tinha acreditado no Fantasma e, contudo, sentindo um calafrio, me perguntava se não era prisioneira dele! Chamei, do fundo do meu coração, a Voz em meu socorro, pois nunca teria imaginado que a Voz e o Fantasma fossem um só! Já ouviu falar no Fantasma da Ópera, Raoul?”

– Sim... – respondeu o rapaz. – Mas continue, Christine, o que lhe aconteceu quando estava no cavalo branco do *Profeta*?

– Não fiz nenhum movimento e me deixei levar... Pouco a pouco, um estranho torpor sucedeu ao estado de angústia e terror em que me lançara aquela aventura infernal. A forma negra me amparava e eu não fazia mais nada para lhe escapar. Uma paz singular tomara conta de mim, achei que estava sob a influência benfazeja de algum elixir. Tinha a plena faculdade dos sentidos. Meus olhos se acostumavam com as trevas, que, de resto, davam lugar, aqui e ali, a breves clarões. Julguei estarmos numa exígua galeria circular e presumi que aquela galeria contornava a Ópera, que possui vastos porões. Uma vez, meu amigo, uma única vez, desci a esses porões prodigiosos, mas parei no terceiro, não ousando avançar mais. Mesmo assim, outros dois andares, quase uma cidade, abriam-se sob meus pés. Mas as figuras que surgiram à minha frente me afugentaram. Lá há demônios negros diante de caldeirões, e eles agitam pás e forcados, atijam braseiros, acendem labaredas, ameaçam qualquer um que se aproximar, abrindo bruscamente a goela vermelha dos fornos...! Ora, enquanto César, naquela noite de pesadelo, me carregava em seu dorso, percebi de repente ao longe, muito longe, e pequenos, minúsculos, como na ponta de uma luneta invertida, os demônios negros diante dos braseiros vermelhos de seus aquecedores... Iam e vinham... Reapareciam ao sabor aleatório de nossa caminhada... Por fim, desapareceram completamente. A forma de homem continuava a me amparar, e César caminhava sem guia e com passo firme... Eu não saberia lhe dizer, nem de forma aproximada, quanto tempo essa viagem noturna durou; tinha apenas a ideia de que rodávamos, rodávamos, descíamos numa inflexível espiral até o próprio coração dos abismos da terra; e contudo, não era minha cabeça que rodava...! Não penso assim, sério. Não! Eu estava incrivelmente lúcida. César, por um instante, ergueu as narinas, aspirou a atmosfera e acelerou um pouco sua marcha. Senti o ar úmido e então César parou. A noite clareara. Uma luz azulada nos cercava. Verifiquei onde estávamos: à beira de um lago cujas águas de chumbo se perdiam ao longe, no breu... mas a luz azul clareava essa margem, onde, no cais, avistei uma pequena barca presa numa argola de ferro!

“Eu tinha certeza de que tudo aquilo existia, a visão daquele lago e

daquela barca subterrâneos não tinha nada de sobrenatural. Mas pense nas condições excepcionais em que alcancei aquela margem. Mais medo não sentiam as almas dos mortos ao chegarem ao Estige.<sup>107</sup> Caronte<sup>108</sup> certamente não era mais lúgubre nem mais mudo do que a forma de homem que me transportou na barca. O elixir esgotara seu efeito? O frescor daquelas paragens era suficiente para me devolver completamente a mim mesma? Mas meu torpor deu uma trégua e esbocei alguns movimentos que assinalavam a volta do meu terror. Meu sinistro companheiro deve ter percebido isso, pois, com um gesto rápido, despachou César, que fugiu pelas trevas da galeria e cujas quatro ferraduras eu ouvi retinindo nos degraus sonoros de uma escada. Então o homem saltou para dentro da barca, soltou seus cabos de ferro; apoderou-se dos remos e remou com força e presteza. Seus olhos, sob a máscara, não despregavam de mim; eu sentia no corpo o peso de suas retinas imóveis. A água à nossa volta não fazia nenhum barulho. Deslizávamos dentro da luz azulada a que me referi, reimmergimos completamente na noite e atracamos. A barca colidiu num corpo sólido. E fui novamente carregada nos braços. Recobrei então forças para gritar. Gritei. Em seguida, bruscamente, calei-me, agredida pela luz. Sim, uma luz ofuscante, sob cujo foco me haviam depositado. Levantei-me de um pulo. Dispunha de todas as minhas forças. No centro de um salão que não me parecia ornado, decorado, mobiliado senão por flores magníficas e estúpidas, por causa das fitas de seda que as prendiam em corbelhas como se vendem nas lojas dos bulevares, flores exageradamente civilizadas como as que eu tinha o costume de encontrar em meu camarim após cada estreia; em meio àquela impregnação tipicamente parisiense, a forma negra do homem da máscara mantinha-se de pé, braços cruzados... e falou:

“Acalme-se, Christine. Você não corre perigo algum.”

*“Era a Voz!*

“Meu furor igualou minha estupefação. Investi contra aquela máscara e quis arrancá-la, para conhecer o rosto da Voz. A forma de homem me disse:

“Você não corre perigo algum, se não tocar na máscara!”

“E, imobilizando delicadamente meus pulsos, fez-me sentar. Em seguida, pôs-se de joelhos à minha frente e não disse mais nada! A humildade daquele gesto devolveu-me um pouco de coragem; a luz,

delineando todas as coisas à minha volta, restituiu-me à realidade da vida. Por mais extraordinária que pudesse parecer, agora a aventura cercava-se de coisas mortais que eu podia ver e tocar. As tapeçarias das paredes, os móveis, os archotes, os vasos e até as flores, que eu poderia dizer de onde vinham, em seus cestos dourados, e quanto haviam custado, confinavam fatalmente minha imaginação nos limites de um salão tão banal como muitos outros, que, pelo menos, tinham a desculpa de não se situarem nos porões da Ópera. Sem dúvida eu estava às voltas com algum terrível excêntrico que, misteriosamente, se alojara nos porões, como outros, por necessidade e com a muda cumplicidade da administração, encontraram abrigo definitivo no alto daquela torre de Babel<sup>109</sup> moderna, onde se armavam intrigas, onde se cantava em todas as línguas, onde se amava em todos os dialetos.

“E então *a Voz, a Voz*, que eu reconhecera sob a máscara, que não fora capaz de escondê-la de mim, *era aquilo que estava diante de meus olhos à minha frente: um homem!*

“Deixei de pensar na situação em que me encontrava, nem sequer me perguntei o que seria de mim e qual era o desígnio obscuro e friamente tirânico que me conduzira àquele salão como quem encarcera um prisioneiro numa masmorra, uma escrava no harém. Não! Não! Não! Eu ruminava: ‘A Voz é isto: um homem!’ E comecei a chorar. O homem, sempre de joelhos, sem dúvida compreendeu o sentido de minhas lágrimas, pois disse:

“‘É verdade, Christine...! Não sou nem anjo, nem gênio, nem fantasma... Sou Erik!’”

Neste ponto, o relato de Christine foi mais uma vez interrompido. Pareceu aos dois que o eco repetira atrás deles: Erik...! Que eco...? Voltaram-se e perceberam que a noite se instalara. Raoul fez um movimento como se fosse se erguer, mas Christine prendeu-o junto a si:

– Fique! Precisa saber tudo *aqui!*

– Por que, Christine? Não quero que pegue a friagem da noite.

– Só devemos temer os alçapões, meu amigo, e aqui estamos na outra ponta do mundo dos alçapões... Além disso, não tenho o direito de vê-lo fora do teatro... Não é o momento de contrariá-lo... Não despertemos suas suspeitas...

– Christine! Christine! Alguma coisa me diz que erramos em esperar até amanhã à noite e que deveríamos fugir imediatamente!

– Estou lhe dizendo que, se ele não me escutar cantar amanhã à noite, ele sofrerá infinitamente por isso.

– Difícil não causar sofrimento a Erik e escapar dele para sempre...

– Nesse ponto você tem razão, Raoul... pois certamente, com a minha fuga, ele morrerá....

A jovem acrescentou, com uma voz cava:

– Mas empatamos... pois corremos o risco de que ele nos mate.

– Então ele a ama de verdade?

– A ponto de cometer um crime!

– Mas sabemos onde mora... Podemos procurá-lo lá. A partir do momento em que Erik não é um fantasma, podemos falar com ele e inclusive obrigá-lo a responder!

Christine balançou a cabeça:

– Não! Não! Não podemos nada contra Erik...! Só podemos fugir!

– E como, podendo fugir, você voltou para junto dele?

– Porque era preciso... Compreenderá isso quando souber como saí de sua morada...

– Ah, que ódio tenho dele...! – exclamou Raoul. – E você, Christine, responda... preciso que me responda para escutar com mais calma a continuação dessa extraordinária história de amor... e você, odeia-o?

– Não! – disse Christine simplesmente.

– Ai! Por que tantas palavras...! Certamente o ama! Seu medo, seus terrores, tudo isso também é amor, e do mais delicioso! O inconfessável – ruminou Raoul com amargura. – Aquele que, quando pensamos nele, dá calafrios... Imagine, um homem que mora num palácio subterrâneo!

E riu...

– Quer então que eu volte para lá! – interrompeu bruscamente a moça. – Preste atenção, Raoul, não voltarei mais de lá!

Houve um silêncio terrível entre os três... os dois que falavam e a sombra que escutava, atrás...

– Antes de responder – disse finalmente Raoul com uma voz lenta –, eu desejaria saber que sentimento ele lhe inspira, uma vez que não o odeia.

– Horror! – ela disse. E lançou esta palavra com tamanha força que elas cobriram os suspiros da noite. – É o que há de mais terrível, sinto horror por ele e não o odeio – ela continuou, numa agitação crescente. – Como odiá-lo, Raoul? Visualize Erik aos meus pés, na morada do lago, nos porões. Ele se acusa, se amaldiçoa, implora meu perdão...! Confessa sua impostura. Ele me ama! Deposita aos meus pés um imenso e trágico amor...! Ele me raptou por amor...! Confinou-me com ele, nas entranhas da terra, por amor... mas me respeita, rasteja, geme, chora...! E quando me levanto, Raoul, quando lhe digo que não posso senão desprezá-lo caso não me devolva prontamente a liberdade que ele me roubou, coisa inacreditável... ele concorda... só me resta partir... Ele está pronto a me mostrar o misterioso caminho... contudo... contudo ele também se levantou e vejo-me obrigada a lembrar que, se ele não é nem fantasma nem anjo nem gênio, não deixa de ser a Voz, pois canta...!

“E escuto-a... e fico! Aquela noite, não trocamos mais nenhuma palavra. Ele tomara uma harpa e começou a cantar para mim, ele, voz de homem, voz de anjo, a romança de Desdêmona.<sup>110</sup> A lembrança que eu tinha de havê-la eu mesma cantado me envergonhava. Meu amigo, há uma virtude na música que faz com que não exista mais nada do mundo exterior afora os sons que vêm bater em nosso coração. Minha extravagante aventura foi esquecida. Somente a Voz revivia e eu a seguia inebriada em sua viagem harmoniosa; eu fazia parte do rebanho de Orfeu!<sup>111</sup> Ela me levou para passear na dor, na alegria, no martírio, no desespero, no júbilo, na morte e no triunfante himeneu... Eu escutava... Ela cantava... Cantou para mim, canções desconhecidas... e me fez ouvir uma música nova, que me causou uma estranha impressão de doçura, langor, repouso... uma música que, após efervescer minha alma, apaziguou-a gradativamente, conduzindo-a ao limiar do sonho. Adormeci.

“Quando despertei, estava sozinha num divã, num quarto simples, mobiliado com uma banal cama de mogno, as paredes forradas com estampados de Jouy<sup>112</sup> e iluminado por uma lamparina pousada no mármore de uma velha cômoda Luís Filipe.<sup>113</sup> Que

decoração nova era aquela...? Eu passava a mão na testa, como se expulsando um mau sonho... Ai de mim! Não demorei muito a perceber que não tinha sonhado! Estava prisioneira e não podia sair do meu quarto senão para entrar numa toalete das mais confortáveis, com água quente e fria à vontade. De volta ao quarto, percebi sobre a minha cômoda um bilhete escrito com tinta vermelha me informando sobre a minha triste situação e que, se ainda fosse necessário, teria tirado todas as minhas dúvidas sobre a realidade dos fatos: ‘Minha querida Christine’, dizia o papel, ‘fique absolutamente tranquila quanto à sua sorte. Você não tem no mundo amigo melhor nem mais respeitoso do que eu. Está sozinha por um momento, nessa morada que lhe pertence. Saí brevemente para fazer algumas compras e lhe trazer toda a roupa-branca e de cama de que pode precisar.’

“‘Francamente!’, exclamei. ‘Caí nas mãos de um louco! O que será de mim! E quanto tempo esse miserável pensa me manter confinada numa prisão subterrânea?’

“Vasculhei meu pequeno apartamento feito uma insensata, procurando uma saída que não encontrei. Acusava-me amargamente pela minha estúpida superstição e senti um prazer terrível em zombar da total inocência com que recebi, através das paredes, a Voz do gênio da música... Quando se é assim tão tola, deve-se esperar pelas catástrofes mais terríveis e todas elas são merecidas! Minha vontade era me açoitara, e comecei a rir de mim e a chorar por mim ao mesmo tempo. Foi nesse estado que Erik me encontrou.

“Após dar três batidinhas secas na parede, ele entrou tranquilamente por uma porta que eu não detectara e que ele deixou aberta. Carregava caixas e pacotes e os depositou sem pressa em minha cama, enquanto eu o xingava de todos os nomes e o intimava a tirar aquela máscara, se com ela tinha a pretensão de dissimular um rosto honesto. Ele me respondeu com grande serenidade:

“‘Você nunca verá o rosto de Erik.’

“E me criticou por ainda não ter feito minha toalete àquela hora do dia. Dignou-se a me instruir que eram duas da tarde. Deu meia hora para que eu me arrumasse. Dizendo isso, tomou o cuidado de acertar meu relógio. Convidou-me a depois passar à sala de jantar, onde um excelente desjejum, ele me anunciou, nos esperava. Faminta, bati a porta na cara dele e entrei no gabinete de toalete. Tomei um banho,



após colocar ao meu lado uma magnífica tesoura, com a qual estava firmemente decidida a me suicidar se Erik, após ter agido feito um louco, deixasse de agir como um homem direito. O frescor da água me fez muito bem e, quando reapareci diante de Erik, tinha tomado a sensata resolução de não confrontá-lo nem melindrá-lo no que quer que fosse; de, se necessário, adulá-lo para obter minha pronta liberdade. Foi ele o primeiro a falar de seus planos para mim, e, segundo ele, a fim de me tranquilizar, fez sua exposição da situação. Sentia grande prazer com a minha companhia para privar-se dela imediatamente, como, em certo momento, havia consentido na véspera, diante da expressão indignada do meu pavor. Eu devia compreender que agora não tinha motivos para ficar assustada ao vê-lo ao meu lado. Ele me amava, mas só se declararia se eu o permitisse e o resto do tempo se resumiria a música.

“O que entende por resto do tempo?’, perguntei.

“Ele me respondeu com firmeza:

“‘Cinco dias.’

“‘E depois, estarei livre?’

“Sim, Christine, pois, transcorridos esses cinco dias, você terá aprendido a não ter mais medo de mim; e então, de tempos em tempos, voltará para visitar o pobre Erik...!’

“O tom com que ele pronunciou estas últimas palavras me comoveu profundamente. Pareceu-me descobrir nelas um desespero tão real e digno de pena que ergui para a máscara uma expressão enternecida. Não podia ver os olhos atrás dela, o que não diminuía em nada o estranho mal-estar que eu sentia ao interrogar aquele misterioso quadrado de seda preta; mas, sob o pano, na ponta da barba da máscara, surgiram uma, duas, três, quatro lágrimas.

“Silenciosamente, ele me apontou um lugar à sua frente, um pequeno banquinho que ocupava o centro do aposento onde, na véspera, ele tocara harpa para mim, e sentei-me, perturbadíssima. Comi com apetite alguns lagostins, uma asa de frango regada com um pouco de vinho de Tokay<sup>114</sup> que ele mesmo trouxera, afirmava, das adegas de Königsberg, antigamente frequentadas por Falstaff.<sup>115</sup> Quanto a ele, não comia nem bebia. Perguntei sua nacionalidade e se aquele nome, ‘Erik’, não revelava uma origem escandinava. Ele me

respondeu que não tinha nome nem pátria e que adotara ‘Erik’ *por acaso*. Perguntei-lhe por que, uma vez que me amava, não usara de outro meio para me comunicar isso sem ser me raptando e me confinando nas entranhas da terra.

“‘É muito difícil’, eu disse, ‘ser amada dentro de uma tumba.’

“‘Cada um tem o *encontro* que pode’, ele respondeu, num tom singular.

“Em seguida, levantou-se e estendeu-me a mão, pois queria, dizia, fazer-me as honras de seu apartamento, mas retirei bruscamente minha mão da sua, dando um grito. O que eu tocara era ao mesmo tempo macio e ósseo, e lembrei que suas mãos cheiravam a morte.

“‘Oh, perdão!’, ele gemeu. E abriu uma porta à minha frente. ‘Eis o meu quarto. É bastante curioso de visitar... Quer vê-lo?’

“Não hesitei. Suas maneiras, suas palavras, tudo em seu aspecto me dizia para ter confiança... e depois eu sentia que não precisava ter medo.

“Entrei. Pareceu-me penetrar numa câmara mortuária. As paredes eram todas forradas de preto, mas, em lugar das lágrimas brancas que costumam complementar esse fúnebre ornamento, viam-se, sobre uma enorme partitura musical, as notas repetidas do *Dies irae*.<sup>116</sup> No centro do quarto, havia um pátio do qual pendiam cortinas de brocado vermelhas e, sob esse pátio, um caixão aberto. Ao ver aquilo, recuei.

“‘É aí dentro que durmo’, disse Erik. ‘Convém habituar-se a tudo na vida, mesmo na eternidade.’

“Desviei a cabeça, tão sinistra era a impressão daquele espetáculo. Meus olhos toparam então com o teclado de um órgão que ocupava uma parede inteira. Sobre a estante havia um caderno, todo rabiscado com notas vermelhas. Pedi permissão para dar uma espiada e li na primeira página: *Don Juan triunfante*.<sup>117</sup>

“‘Sim’, ele explicou, ‘às vezes componho. Faz vinte anos que comecei esse trabalho. Quando estiver pronto, me acompanhará neste caixão e não despertarei mais.’

“‘Deve trabalhar o mínimo possível’, comentei.

“‘Trabalho às vezes quinze dias e quinze noites seguidos, durante os quais vivo apenas de música, e depois descanso anos.’

“Quer tocar alguma coisa para mim do seu *Don Juan triunfante*?”, perguntei, julgando lhe dar prazer e superando a repugnância que sentia permanecendo naquele receptáculo da morte.

“Nunca me peça isso”, ele respondeu com uma voz trágica. ‘Esse *Don Juan* não foi escrito com as palavras de um Lorenzo D’Aponte,<sup>118</sup> inspirado pelo vinho, os amores vis e o vício, finalmente castigado por Deus. Se for sua vontade tocarei Mozart, que fará suas belas lágrimas correrem e lhe inspirará honestas reflexões. Mas o meu *Don Juan* arde, Christine, e, mesmo assim, não é fulminado pelo fogo do céu...!’

“Nesse momento, voltamos para o salão que acabávamos de deixar. Observei que não havia espelhos em nenhum cômodo daquele apartamento. Ia comentar com ele, mas Erik acabava de sentar-se ao piano. Disse:

“Preste atenção, Christine, existe uma música tão terrível que consome todos os que se aproximam dela. Felizmente você ainda não alcançou essa música, pois perderia suas cores vívidas e não seria mais reconhecida em seu retorno a Paris. Cantemos a Ópera, Christine Daaé.’

“Repetiu:

“Cantemos a Ópera, Christine Daaé”, como se me lançasse uma injúria.

“Mas não tive tempo de me deter no tom que dera às suas palavras. Começamos imediatamente o dueto de *Otelo*,<sup>119</sup> e a catástrofe já se abatia sobre nossas cabeças. Dessa vez, ele me reservara o papel de Desdêmona, que cantei com um desespero e pavor reais que nunca atingira até aquele dia. A proximidade daquele parceiro, em vez de me aniquilar, me inspirava um terror magnífico. Os acontecimentos de que eu era vítima me aproximavam singularmente do pensamento do poeta, e alcancei trinados que deslumbraram o músico. Quanto a ele, sua voz era trovejante, sua alma vingadora acentuava cada nota e aumentava terrivelmente sua potência. O amor, o ciúme e o ódio explodiam à nossa volta em gritos dilacerantes. A máscara negra de Erik evocava a máscara natural do Mouro de Veneza. Era o próprio Otelo. Julguei que ele iria me golpear, que eu cairia sob seus golpes... não obstante, não fazia qualquer movimento para fugir dele, para evitar seu furor como a tímida Desdêmona. Ao contrário, aproximava-me dele, atraída, fascinada, enfeitiçada pela morte no centro daquela

paixão; contudo, antes de morrer eu quis conhecer aqueles traços desconhecidos que o fogo da arte eterna devia transfigurar, para carregar sua imagem sublime no meu último olhar. Quis ver o *rosto* da Voz e, instintivamente, com um gesto do qual não fui soberana, pois não me controlava mais, meus dedos ágeis arrancaram a máscara. Oh, horror...! horror...! horror...!”

Christine fez uma pausa diante daquela visão, que ela ainda parecia afastar com suas duas mãos trêmulas, enquanto os ecos da noite, assim como tinham repetido o nome Erik, repetiam três vezes o clamor: “Horror! Horror! Horror!” Raoul e Christine, mais estreitamente unidos ainda pela ignomínia da história, ergueram os olhos para as estrelas que brilhavam num céu sereno e límpido.

Raoul diz:

– É estranho, Christine, como esta noite tão doce e calma é sublinhada por gemidos. Parece que ela se lamenta junto com nós dois.

Ela responde:

– Agora que vai conhecer o segredo, seus ouvidos, como os meus, vão captar todas as lamentações.

Ela aprisiona as mãos protetoras de Raoul nas suas e, estremecida por um longo calafrio, continua:

– Oh, sim, vivesse eu cem anos, continuaria a ouvir o clamor sobre-humano que ele emitia, o grito de sua dor e sua raiva infernais, enquanto a coisa aparecia aos meus olhos imensos de horror, assim como minha boca, que não se fechava e, contudo, deixara de gritar. Oh, a coisa, Raoul! Como não ver mais a coisa! Se meus ouvidos estão para sempre habitados pelos seus gritos, meus olhos estão para sempre assombrados pelo seu rosto! Que imagem! Como deixar de vê-la e como fazê-lo ver...? Raoul, você viu as caveiras quando crestadas pelos séculos, e talvez, se não foi vítima de um terrível pesadelo, tenha visto a caveira dele na noite de Perros. Também viu ‘a Morte Vermelha’ no último baile de máscaras. Mas todas essas caveiras eram imóveis, e seu horror silencioso não vivia! Agora imagine, se for capaz, a máscara da Morte pondo-se a viver de repente e, com os quatro buracos negros de seus olhos, nariz e boca, exprimir a cólera em seu mais alto grau, a fúria soberana de um demônio, e *não havia*

*olhar nos buracos dos olhos*, pois, como eu soube mais tarde, nunca se percebem seus olhos incandescentes exceto na noite profunda... Colada à parede, eu devia parecer a própria imagem do Pavor, como ele a da Hediondez.

“Então ele aproximou de mim o ranger medonho de seus dentes sem lábios e, enquanto eu caía de joelhos, sibilou odiosamente coisas insensatas, palavras sem nexos, maldições, delírio... E eu sei...! E eu sei...? Debruçado sobre mim:

“Veja’, ele exclamava. ‘Você quis ver! Veja! Delicie seus olhos, embriague sua alma com a minha maldita feiura! Mire o rosto de Erik! Agora conhece o rosto da Voz! Não lhe bastava, vamos, me ouvir? Quis saber como eu era feito. Vocês, mulheres, são muito curiosas!’ E punha-se a rir, repetindo: ‘Vocês, mulheres, são muito curiosas...!’, com um riso estrepitoso, rouco, espumante, formidável. Dizia ainda coisas assim: ‘Está satisfeita? Sou ou não sou bonito...? Quando uma mulher me vê, como você, ela é minha. Ela me ama para sempre! Faço um pouco o gênero Don Juan.’<sup>120</sup> E aprumando-se com toda a sua envergadura, as mãos na cintura, pavoneando sobre seu ombro a coisa medonha que era sua cabeça, tonitruava: ‘Olhe para mim! Sou o Don Juan triunfante!’ Como eu me desviava, pedindo misericórdia, ele me puxou até ele pela cabeça, pelos cabelos, nos quais seus dedos de morte haviam penetrado.”

– Basta! Basta! – interrompeu Raoul. – Vou matá-lo. Vou matá-lo! Em nome do céu, Christine, diga onde fica a *sala de jantar do lago*! Preciso matá-lo!

– Se quer saber, cale-se, Raoul!

– Sim, quero saber como e por que você voltou para lá! Eis o segredo, Christine, cuidado! Não existe outro! Mas, seja como for, vou matá-lo!

– Oh, Raoul! Escute, por favor! Uma vez que pretende saber, escute! Ele me arrastava pelos cabelos e então... e então... Oh, isso é ainda mais horrível!

– Muito bem, fale, agora...! – exclamou Raoul, feroz. – Fale!

– Então ele silvou: ‘O quê? Tem medo de mim? Isso é possível...! Acha porventura que continuo de máscara, hein? E que isto... isto!, minha cabeça, é uma máscara?’ Começou a berrar: ‘Arranque-a então

como a outra! Vamos, vamos! Mais! Mais! Eu quero! Suas mãos! Suas mãos! Dê-me suas mãos... se elas não forem suficientes, empresto-lhe as minhas... e seremos dois a arrancar a máscara.' Rolei aos seus pés, mas ele agarrou minhas mãos, Raoul... e enfiou-as no horror de sua face... Com as minhas unhas, arranhou as carnes, suas horríveis carnes mortas!

“Aprenda! Aprenda!”, ele clamava do fundo de sua garganta, que resfolegava feito uma forja. ‘Aprenda que sou todo feito de morte...! Da cabeça aos pés...! E que é um cadáver que a ama e jamais irá abandoná-la! Jamais...! Vou mandar ampliarem o caixão, Christine, para mais tarde, quando consumarmos nossos amores...! Veja! Parei de rir, está vendo, choro... choro por você, Christine, que me arrancou a máscara e, por causa disso, nunca mais poderá me deixar...! Enquanto podia me julgar belo, Christine, você podia voltar...! Sei que teria voltado... mas agora que conhece minha fealdade, fugiria para sempre... Conservo-a então comigo!!! Diabos, por que quis me ver? Insensata! Treloucada Christine, quis me ver...! Quando nem sequer meu pai me viu, e minha mãe, para não me ver mais, me abandonou, chorando, com a minha primeira máscara!’

“Ele finalmente me largara e agora se arrastava no assoalho, emitindo soluços horríveis. Em seguida, feito um réptil, rastejou, deslizou para fora do cômodo, penetrou em seu quarto, cuja porta se fechou, e fiquei sozinha, entregue ao meu horror e às minhas reflexões, porém livre da visão da coisa. Um prodigioso silêncio, o silêncio do túmulo, sucedera essa tempestade, e pude refletir nas terríveis consequências do gesto que arrancara a máscara. As últimas palavras do Monstro haviam sido bem claras. Eu estava aprisionada para sempre e minha curiosidade seria a causa de todas as minhas desgraças. Ele não se cansara de me advertir... Repetira que eu não corria nenhum perigo enquanto não tocasse na máscara, e eu fizera isso. Amaldiçoei minha imprudência, mas, num arrepio, constatei que o raciocínio do Monstro era lógico. Sim, eu teria voltado se não tivesse visto seu rosto... Ele já me comovera, interessara, inspirara compaixão, mesmo com suas lágrimas mascaradas, o suficiente para que eu não me mostrasse insensível ao seu pedido. Em suma, eu não era uma ingrata, e sua proibição não podia me fazer esquecer que ele era a Voz e que me reconfortara com seu gênio. Eu teria voltado! E

agora, fora daquelas catacumbas, certamente não voltaria! Ninguém volta para se fechar num túmulo com um cadáver que a ama!

“Sua maneira desvairada de me olhar, durante a cena, ou melhor, de aproximar de mim os dois buracos negros de seus olhos invisíveis, me deu uma noção da selvageria de sua paixão. Para não ter me tomado em seus braços, quando eu não lhe oferecia nenhuma resistência, aquele monstro tinha de ser anjo também e, talvez, no fim das contas, fosse um pouco o Anjo da Música, tendo-o sido integralmente se Deus o houvesse vestido com a beleza em vez de trajá-lo com a podridão! Atônita só de pensar na sorte a mim reservada, às voltas com o terror de notar a porta do quarto do caixão abrir-se novamente e rever o rosto do monstro sem máscara, eu me esgueirara no meu aposento e me apoderara da tesoura, com a qual poderia pôr um termo ao meu terrível destino... quando os sons do órgão ressoaram...

“Foi então, meu amigo, que comecei a compreender as palavras de Erik sobre o que ele chamava, com um desprezo que me estarrecera, de ‘a música de ópera’. O que eu ouvia não tinha mais nada a ver com o que me seduzira até aquele dia. Seu *Don Juan triunfante* (pois eu não tinha a menor dúvida de que ele mergulhara em sua obra-prima para esquecer o horror do minuto presente), seu *Don Juan triunfante* não me pareceu a princípio senão um longo, horrível e magnífico soluço em que o pobre Erik encerrara toda a sua miséria maldita.

“Eu revia o caderno com as notas vermelhas e imaginava facilmente que aquela música havia sido escrita com sangue. Ela me fazia passear por todos os detalhes do martírio; fazia-me entrar em todos os recantos do abismo, o abismo habitado pelo *homem feio*; ela me mostrava Erik batendo atrozmente sua pobre e medonha cabeça contra as paredes fúnebres daquele inferno, e para lá fugindo, para não assustar os olhares dos homens. Eu assistia, aniquilada, arfante, destroçada e vencida, à eclosão daqueles acordes gigantescos em que a Dor era divinizada, quando os sons que subiam do abismo se agruparam de repente num voo prodigioso e ameaçador, um bando rodopiante que pareceu escalar o céu como a águia ascende ao sol, e aquela sinfonia triunfal como que incendiou o mundo. Compreendi então que a obra estava finalmente realizada e que a Fealdade, carregada nas asas do Amor, ousara encarar a Beleza! Eu estava como

que embriagada; a porta que me separava de Erik cedeu aos meus esforços. Ele se levantara ao me ouvir, *mas não ousou se voltar*.

“Erik’, exclamei, ‘mostre-me seu rosto, sem medo. Juro que você é o mais sofrido e sublime dos homens, e se agora Christine Daaé sentir um calafrio ao vê-lo, é porque estará pensando no esplendor do seu gênio!’

“Então Erik se voltou, pois acreditou em mim, e eu também, desgraçadamente...! Eu acreditava em mim... Ele ergueu para o Destino suas mãos frenéticas e caiu aos meus pés com palavras de amor... com palavras de amor em sua boca de morto... e a música se calara... Ele beijava a barra do meu vestido; não percebeu que eu fechava os olhos.

“O que mais lhe direi, amigo? Agora você conhece o enredo... Durante quinze dias, ele se repetiu... quinze dias que passei mentindo para ele. Minha mentira era tão terrível quanto o monstro que me inspirava, e a esse preço conquistei minha liberdade. Queimei a sua máscara. E o fiz tão bem que, mesmo quando não cantava mais, ele ousava buscar um de meus olhares, como um cão medroso rondando as pernas do seu dono. Agia como uma espécie de escravo fiel, cercando-me de todas as atenções. Pouco a pouco, inspirei-lhe tamanha confiança que ele ousou me levar para passear nas margens do lago Averno e me conduziu de barca por suas águas de chumbo; nos últimos dias do meu cativeiro, à noite, ele me fazia transpor os portões que fechavam os subterrâneos da rua Scribe. Ali, uma carruagem nos esperava e levava para as solidões do Bois.

“A noite em que nós o encontramos foi quase trágica para mim, pois ele sente um ciúme terrível de você, que só dobrei revelando-lhe sua partida próxima... Enfim, após quinze dias desse abominável cativeiro em que ardi alternadamente de piedade, entusiasmo, desespero e horror, ele acreditou em mim quando eu lhe disse: *eu voltarei!*”

– E você voltou, Christine – gemeu Raoul.

– É verdade, amigo, e devo dizer que não foram as terríveis ameaças com que ele sublinhou minha libertação que me ajudaram a cumprir minha palavra, mas o soluço dilacerante que ele emitiu no umbral de sua tumba! Sim, aquele soluço – repetiu Christine, sacudindo dolorosamente a cabeça – me acorrentou ao infeliz mais do



que eu mesma supus no momento das despedidas. Pobre Erik! Pobre Erik!

– Christine – disse Raoul, levantando-se –, você se declarou para mim, mas, poucas horas depois de recuperar a liberdade, já voltava para junto de Erik...! Lembre-se do baile de máscaras!

– As coisas estavam combinadas assim... além disso, não se esqueça de que passei essas poucas horas com você, Raoul... sob grande perigo para nós dois...

– Durante essas poucas horas, duvidei que me amasse.

– E ainda duvida? Saiba que cada uma de minhas viagens para junto de Erik só fez aumentar meu horror por ele, pois cada uma dessas viagens, em vez de acalmá-lo, como eu esperava, deixava-o louco de amor...! E tenho medo! Medo...! Medo...!

– Está com medo... mas me ama...? Se Erik fosse bonito, você me amaria, Christine?

– Infeliz! Por que desafiar o destino...? Por que me perguntar coisas que escondendo no fundo de minha consciência como se esconde o pecado?

Ela se levantou por sua vez, cingiu a cabeça do rapaz com seus formosos braços trêmulos e disse:

– Oh, meu noivo por mais um dia, se eu não o amasse, não lhe daria meus lábios. Pela primeira e última vez, ei-los.

Ele os aceitou, mas a noite que os rodeava rasgou-se com tamanho estrondo que eles fugiram como se diante da aproximação de uma tempestade. Antes que desaparecessem na floresta das cumeeiras, seus olhos, onde morava o horror a Erik, mostraram-lhes bem no alto, acima deles, uma imensa ave noturna, que os fitava com seus olhos de brasa e parecendo agarrada nas cordas da lira de Apolo!

105. Na mitologia grega, deus das artes, da música e da poesia, patrono do oráculo de Delfos. ↔

106. Evangelho segundo São João 11:25. ↔

107. Na mitologia grega, o rio que dá acesso ao Hades, o inferno. ↔

108. O barqueiro que, na mitologia grega, conduzia os mortos ao Hades. ↔

109. Mito bíblico narrado no Gênesis (11:1-9), conta que a humanidade deu início à construção de uma cidade e uma torre alta o bastante para chegar ao céu. Deus, ciente do poder desse projeto, estabeleceu a confusão (ideia que estaria na etimologia do nome “Babel”) ao fazer com que as pessoas passassem a falar idiomas diferentes, deixando assim de se entender, e dispersou-as pelo mundo. ↔

110. “A romança de Desdêmona” é uma ária da ópera *Otelo* (ver nota 119). ↔

111. Na mitologia grega, Orfeu, filho de Apolo e da musa Calíope, é um herói, poeta e músico exímio. Com sua lira, atraía animais selvagens que o seguiam num grande cortejo. Usando desse mesmo dom, tentou, em vão, resgatar do Hades sua mulher, Eurídice. ↔

112. Tecido criado em ateliês da comuna de Jouy-en-Josa (atual Yvelines), na região de Île-de-France. Sua padronagem estampa personagens em diversas cenas ou paisagens, marcadamente campestres. ↔

113. Mobiliário e estilo em voga sob o reinado de Luís Filipe (1830-48). Seus aficionados eram burgueses ricos, divididos entre a vontade de conforto e a de ostentação. ↔

114. Considerado um dos melhores vinhos doces do mundo, é produzido há mais de dez séculos na região de Tokay, na Hungria. ↔

115. Personagem de *Henrique IV* e das *Alegres comadres de Windsor*, de William Shakespeare, representa o fidalgo arruinado e depravado. ↔

116. O *Dies irae* (“dia de cólera”, em latim) é uma sequência medieval cantada sob a forma de hino litúrgico. De inspiração em parte apocalíptica, foi criado no séc.XI, sendo integrado ao *corpus* gregoriano, com alterações, no séc.XIII. Foi cantado durante séculos nas missas de Réquiem. ↔

117. Obra fictícia, seu título sugere um desfecho positivo para o conhecido personagem, de hábito castigado. Ver notas 89 e 120. ↔

118. Lorenzo da Ponte (1749-1838), poeta italiano, é mais conhecido por ser o autor dos libretos das óperas *As bodas de Fígaro*, *Don Giovanni* e *Così fan tutte*, de Mozart. ↔

119. Ópera em três atos de Gioachino Rossini, estreada em 1816, com libreto de Francesco Maria Berio di Salsi, baseado na tragédia *Otelo*, o *Mouro de Veneza*, de William Shakespeare. Casado em segredo com Desdêmona, Otelo é levado a desconfiar da fidelidade da esposa e termina por matá-la. ↔

120. Personagem fictício, arquétipo do sedutor e libertino. Com origem em lendas populares, foi imortalizado e recriado em diversas obras da literatura – a começar por *O burlador de Sevilha* (1630), de Tirso de Molina – e de outras artes, como a ópera *Don Giovanni*, de Mozart. ↔



## UM GOLPE DE MESTRE DO MAGO DOS ALÇAPÕES

RAOUL E CHRISTINE CORRERAM, correram... Fugiam do telhado onde estavam os olhos de brasa perceptíveis apenas na noite profunda; e só foram parar no oitavo andar, descendo em direção à terra. Aquela noite não havia espetáculo e os corredores da Ópera estavam desertos.

Subitamente, um vulto bizarro surgiu diante deles, barrando-lhes o caminho:

– Não! Por aqui, não!

E o vulto indicou-lhes outro corredor, pelo qual deviam alcançar as coxias.

Raoul queria parar, pedir explicações.

– Vão! Depressa...! – ordenou aquela forma vaga, dissimulada numa espécie de opalanda<sup>121</sup> e com um barrete de ponta na cabeça.

Christine já arrastava Raoul, obrigando-o a correr mais ainda.

– Mas quem é? Quem é esse? – perguntou o moço.

Christine respondeu:

– É o Persa...!

– O que ele trama por aqui...?

– Não faço ideia...! Ele está sempre na Ópera!

– O que está me obrigando a fazer é covarde, Christine – disse Raoul, transtornado. – Está me obrigando a fugir, é a primeira vez na minha vida.

– Bah! – replicou Christine, começando a se acalmar. – Na verdade, acho que fugimos da sombra da nossa imaginação.

– Se realmente avistamos Erik, eu deveria tê-lo deixado preso na lira de Apolo como as corujas nas paredes de nossas fazendas bretãs, e ele seria carta fora do baralho.

– Meu bom Raoul, para isso teria primeiro de subir até a lira de Apolo; não é uma escalada fácil.

– Os olhos de brasa estavam lá.

– Ah! Ei-lo agora como eu, inclinado a vê-lo em toda parte; mas

depois refletimos e concluímos: o que tomei pelos olhos de brasa não passavam sem dúvida de duas estrelas que olhavam a cidade através das cordas da lira.

E Christine desceu mais um andar. Raoul a seguia. Disse:

– Uma vez que está decidida a partir, Christine, torno a assegurar que é preferível ir imediatamente. Por que esperar amanhã? Talvez ele tenha nos escutado esta noite...!

– Não! Não! Ele está trabalhando no seu *Don Juan triunfante*, repito, não está preocupado conosco.

– Você tem tanta certeza que não para de olhar para trás.

– Vamos ao meu camarim.

– Em vez disso, encontremo-nos fora da Ópera.

– Nunca, até o instante da nossa fuga! Faltar com a minha palavra nos traria azar. Prometi a ele que só nos encontraríamos aqui.

– Sorte a minha ele ter permitido isso também – disse amargamente Raoul. – Saiba que foi muito temerária ao nos propor o jogo do noivado.

– Mas, meu querido, ele está ciente. Ele me disse: “Confio em você, Christine. O sr. Raoul de Chagny está apaixonado por você e deve partir. Antes de partir, que seja tão infeliz quanto eu...!”

– E o que significa isso, por favor?

– Eu é que deveria lhe perguntar, meu amigo. Então somos infelizes quando amamos?

– Sim, Christine, quando amamos e não temos certeza de ser amados.

– Diz isso por causa de Erik?

– De Erik e de mim – respondeu o rapaz, balançando a cabeça com um ar pensativo e desolado.

Chegaram ao camarim de Christine.

– Como pode se sentir mais segura neste camarim do que no teatro? – perguntou Raoul. – Assim como você o escuta através das paredes, ele pode nos escutar.

– Não! Ele me deu sua palavra que não ficaria mais atrás das paredes do meu camarim, e acredito na palavra de Erik. Meu camarim

e meu quarto, no apartamento do lago, são meus, exclusivamente meus, e sagrados para ele.

– Como conseguiu deixar esse camarim e ser transportada para o corredor escuro, Christine? E se tentássemos repetir os seus gestos, o que acha?

– É perigoso, meu amigo, pois o espelho poderia me transportar de novo e, em vez de fugir, eu seria obrigada a atravessar a passagem secreta que conduz às margens do lago e lá chamar Erik.

– Ele a ouviria?

– Em qualquer lugar que eu chamar Erik, em qualquer lugar ele me ouvirá... Foi ele que me disse isso, é um gênio curioso. Você não deve pensar que foi simplesmente um homem a quem deu na veneta morar debaixo da terra, Raoul. Ele faz coisas que nenhum outro homem seria capaz de fazer: ele sabe coisas que o mundo vivo ignora.

– Cuidado, Christine, você vai reconvertê-lo num fantasma.

– Não, não é um fantasma; é um homem do céu e da terra, só isso.

– Um homem do céu e da terra... só isso...! Que jeito de falar...! E continua determinada a fugir?

– Sim, amanhã.

– Quer que eu lhe diga por que gostaria de vê-la fugir esta noite?

– Diga, meu amigo.

– Porque amanhã você terá desistido!

– Nesse caso, Raoul, você me levará à minha revelia... não foi o combinado?

– Então aqui amanhã à noite! À meia-noite estarei no seu camarim – disse o rapaz, taciturno. – Aconteça o que acontecer, cumprirei minha promessa. Você não disse que, após assistir ao espetáculo, ele deve esperá-la na sala de jantar do lago?

– Com efeito, foi lá que ele marcou comigo.

– E como iria chegar à sua morada, Christine, se não sabe sair do seu camarim “através do espelho”?

– Ora, indo diretamente para a beira do lago.

– Atravessando todos os subterrâneos? Pelas escadas e corredores onde passam os maquinistas e o pessoal do serviço? Como guardaria

segredo de uma empreitada como essa? Todo mundo seguiria Christine Daaé e ela chegaria com uma multidão às margens do lago.

Christine tirou uma chave enorme de dentro de um baú e mostrou-a a Raoul.

– O que é isso?

– É a chave do gradeado para o porão da rua Scribe.

– Compreendo, Christine. Dá acesso ao lago. Dê-me essa chave, por favor!

– Jamais! – ela respondeu energicamente. – Seria uma traição!

Subitamente, Raoul viu Christine mudar de cor. Uma palidez mortal se espalhou em suas feições.

– Oh, meu Deus! – ela exclamou. – Erik! Erik! Tenha piedade de mim!

– Cale-se! – ordenou o rapaz. – Não me disse que ele pode ouvi-la?

Mas a atitude da cantora tornava-se cada vez mais inexplicável. Ela entrelaçava os dedos, repetindo, com o semblante alterado:

– Oh, meu Deus! Oh, meu Deus!

– O que há? O que há? – implorou Raoul.

– O anel.

– O que tem o anel? Por favor, Christine, volte a si!

– O anel de ouro que ele me deu.

– Ah? Foi Erik quem lhe deu o anel de ouro!

– Você sabe disso perfeitamente, Raoul! O que não sabe é o que ele falou ao entregá-lo a mim: “Devolvo-lhe a liberdade, Christine, com a condição de que esse anel esteja sempre no seu dedo. Enquanto conservá-lo, estará a salvo de todo perigo e Erik permanecerá seu amigo. Mas, caso um dia venha a separar-se dele, será amaldiçoada, Christine, pois Erik se vingará...” Meu amigo, meu amigo! O anel não está mais no meu dedo...! Estamos amaldiçoados!

Foi em vão que procuraram o anel à sua volta. Não o encontraram. A moça não se acalmava.

– Foi quando o beijei, lá no alto, sob a lira de Apolo – tentou explicar, tremendo. – O anel deve ter escorregado do meu dedo e se perdido na cidade! Como encontrá-lo agora? E de que maldição

estamos ameaçados, Raoul? Ah, fugir, fugir!

– Fugir imediatamente! – insistiu novamente Raoul.

Ela hesitou. Ele pensou que ela fosse concordar... E então suas pupilas claras se embaçaram e ela disse:

– Não! Amanhã!

E deixou-o precipitadamente, numa perplexidade absoluta, continuando a entrelaçar os dedos, sem dúvida na esperança de que o anel assim reaparecesse.

Quanto a Raoul, voltou para casa, preocupadíssimo com o que ouvira.

– Se eu não tirá-la das mãos desse charlatão – disse em voz alta em seu quarto, ao se deitar – ela estará perdida. Mas eu a salvarei.

Apagou sua vela e, nas trevas, sentiu necessidade de insultar Erik. Berrou três vezes:

– Charlatão! Charlatão! Charlatão!

De repente, soergueu-se num cotovelo; um suor frio correu por suas têmporas. Dois olhos, incandescentes como fornalhas, acabavam de se acender ao pé da sua cama. Olhavam-no fixamente, terrivelmente, na escuridão.

Embora valente, Raoul mesmo assim tremia. Avançou a mão, tateante, hesitante, incerta, sobre a mesa de cabeceira. Tendo encontrado a caixa de fósforos, acendeu. Os olhos desapareceram.

Pensou, inquieto: “Ela me disse que seus olhos só eram percebidos no escuro. Desapareceram com a luz, mas talvez *ele* ainda esteja aqui.”

Levantou-se, procurou, inspecionou. Olhou debaixo da cama, feito uma criança. Achou-se ridículo. Disse em voz alta:

– Em que acreditar, em que não acreditar nesse conto de fadas? Onde termina o real, onde começa o fantástico? O que ela viu? O que imaginou ver? – acrescentou, fremente: – E eu mesmo, o que vi? Vi realmente os olhos incandescentes ainda há pouco? Ou eles só reluziram em minha imaginação? Eis que já não tenho mais certeza de nada! E não juraria nada quanto a esses olhos.

Voltou para a cama. Mais uma vez, apagou a luz.

Os olhos reapareceram.



– Oh! – suspirou Raoul.

Sentado na cama, encarou-os também, o mais valentemente que podia. Após um silêncio, que ele ocupou juntando coragem, gritou de repente:

– É você, Erik? Homem, gênio ou fantasma, é você?!

Refletiu: “Se for ele, está na sacada!”

Então correu, de pijama até um pequeno móvel, no qual, às apalpadelas, pegou um revólver. Armado, abriu a porta-janela. A noite estava um gelo. Raoul só teve tempo de espiar na sacada deserta e voltar, fechando a porta. Deitou-se novamente, arrepiado, com o revólver na mesa de cabeceira, ao seu alcance.

Mais uma vez, soprou a vela.

Os olhos continuavam ali, ao pé da cama. Estavam entre a cama e a vidraça da janela ou atrás da vidraça da janela, isto é, na sacada? Eis o que Raoul queria saber. Também queria saber se aqueles olhos pertenciam a um ser humano... queria saber tudo...

Então, com paciência e frieza, *sem perturbar a noite circundante*, o rapaz pegou seu revólver e apontou.

Mirou nas duas estrelas de ouro, que continuavam a observá-lo com um brilho singular e imóvel.

Mirou um pouco acima das duas estrelas. Claro! Se aquelas estrelas fossem olhos, se acima daqueles olhos houvesse uma testa, e se Raoul não fosse muito inepto...

A detonação deflagrou-se com um estrépito terrível na paz da casa adormecida... E enquanto passos se precipitavam nos corredores, Raoul, em sua cama, o braço estendido, pronto para atirar de novo, observava...

Dessa vez, as duas estrelas haviam desaparecido.

Luz, gente, o conde Philippe, terrivelmente ansioso.

– O que há, Raoul?

– Acho que sonhei – respondeu o rapaz. – Atirei em duas estrelas que me impediam de dormir.

– Está delirando...? Está doente...! Vamos, Raoul, o que aconteceu...? – e o conde tomou-lhe o revólver.

– Não, não, não estou delirando...! De toda forma, logo saberemos...

Levantou-se, enfiou um robe de chambre, calçou seus chinelos, pegou uma vela das mãos de um criado e, abrindo a porta, voltou à sacada.

O conde constatou que a janela fora atravessada por uma bala na altura de um homem. Raoul debruçava-se na sacada com sua vela.

– Oh! oh! – exclamou. – Sangue... sangue...! Aqui... ali... mais sangue! Melhor assim...! Um fantasma que sangra... é menos perigoso! – riu.

– Raoul! Raoul! Raoul!

O conde o sacudia como se quisesse arrancar um sonâmbulo de seu perigoso sono.

– Não estou dormindo, meu irmão! – protestou Raoul, impaciente. – Pode ver esse sangue, como qualquer um. Julguei estar sonhando e atirando em duas estrelas. Eram os olhos de Erik e este é o sangue dele...!

Acrescentou, subitamente inquieto:

– No fim, talvez eu tenha errado em atirar, e Christine é bem capaz de não me perdoar por esse gesto...! Tudo isso não teria acontecido se eu tivesse tido a precaução de fechar as cortinas da janela ao me deitar.

– Raoul! Enlouqueceu de repente? Acorde!

– Insiste! Faria melhor, meu irmão, me ajudando a procurar Erik... pois, enfim, um fantasma que sangra deve poder ser encontrado...

O criado do conde falou:

– É verdade, senhor, há sangue na sacada.

Um criado trouxe uma lamparina, e à sua luz foi possível examinar o ambiente. Os vestígios de sangue seguiam o balaústre da sacada e iam juntar-se a uma calha, subindo então ao longo desta.

– Você atirou num gato, meu velho – concluiu o conde Philippe.

– A maldição! – disse Raoul, com uma nova risada, que soou dolorosamente nos ouvidos do conde. – Isso não é nada impossível. Com Erik, nunca se sabe. Será Erik? Será o gato? Será o Fantasma? Será carne ou sombra? Não, não! Com Erik, nunca se sabe.

Raoul começava a dar esse tipo de declarações bizarras que, íntima e logicamente, correspondiam às preocupações do seu espírito, e que faziam tão bem após as confidências estranhas e ao mesmo tempo reais e aparentemente sobrenaturais de Christine Daaé; e essas declarações contribuíram sobremaneira para convencer muita gente de que o cérebro do rapaz estava destrambelhado. O próprio conde se persuadiu disso e, mais tarde, no relatório do comissário de polícia, o juiz de instrução não teve dificuldade em concluir pela mesma coisa.

– Quem é Erik? – perguntou o conde, apertando a mão do irmão.

– É meu rival! E se não está morto, azar o dele!

Com um gesto, expulsou os criados.

A porta do quarto se fechou, deixando os dois Chagny a sós. Mas as pessoas não se afastaram tão rápido que o camareiro do conde não pudesse ouvir Raoul pronunciar clara e energicamente:

– Hoje à noite raptarei Christine Daaé!

Essa frase foi repetida mais tarde ao juiz de instrução Faure. Mas nunca se soube exatamente o que foi falado entre os dois irmãos durante essa entrevista. Os criados contaram que aquela não era a primeira desavença que os levava a se trancar.

Ouviam-se gritos através da parede, não paravam de mencionar uma artista chamada Christine Daaé.

No desjejum, que o conde tomava em seu gabinete de trabalho, Philippe deu ordens para chamarem seu irmão. Raoul chegou, lúgubre e mudo. A cena foi bem curta.

*O conde:* – Leia isto!

*Philippe estende um jornal ao seu irmão: L'Époque. Com o dedo, aponta a nota abaixo.*

*O visconde, a contragosto, lendo:* “Uma grande notícia no Faubourg: há promessa de casamento entre a srta. Christine Daaé, artista lírica, e o sr. visconde Raoul de Chagny. Se devemos crer nos mexericos de bastidores, o conde Philippe jurou que, pela primeira vez na vida, os Chagny não cumpririam uma promessa. Tendo em vista que, na Ópera e em qualquer outro lugar, o amor é todo-poderoso, perguntamo-nos de que meios dispõe o conde Philippe para impedir seu irmão, o visconde, de conduzir ao altar a ‘nova Margarida’. Dizem que os dois

irmãos se adoram, mas o conde engana-se terrivelmente se espera que o amor fraterno vença o puro amor!”

*O conde (triste):* – Veja, Raoul, está nos ridicularizando...! Essa pequena virou sua cabeça com essas histórias de assombração.

*(O visconde então reproduziu o relato de Christine para o irmão.)*

*O visconde:* – Adeus, meu irmão!

*O conde:* – Está tudo combinado? Parte esta noite? *(O visconde não reage.)* Com ela? Não cometeria essa tolice! *(Silêncio do visconde.)* Saberei como impedi-lo!

*O visconde:* – Adeus, meu irmão!

*(Sai.)*

Essa cena foi narrada ao juiz de instrução pelo próprio conde, que só voltaria a topiar com seu irmão Raoul, àquela mesma noite, na Ópera, poucos minutos antes do desaparecimento de Christine.

O dia inteiro, com efeito, foi dedicado por Raoul aos preparativos do rapto.

Os cavalos, o coche, o cocheiro, as provisões, as bagagens, o dinheiro necessário, o itinerário (a fim de desorientar o Fantasma, não seguiriam pela ferrovia) – tudo isso ocupou-o até as nove da noite.

Às nove horas, uma espécie de berlinda<sup>122</sup> com as cortinas puxadas sobre as portinholas fechadas entrou na fila para os lados da Rotunda. Estava atrelada a dois jovens e vigorosos cavalos e conduzida por um cocheiro cujo rosto era difícil de distinguir, tão embrulhado se achava nas dobras de um cachecol. À frente dessa berlinda, havia três coches. O inquérito estabeleceu mais tarde que eram os cupês da Carlotta, que voltara subitamente a Paris, da Sorelli e, encabeçando a fila, do conde de Chagny. Da berlinda, ninguém desceu. O cocheiro permaneceu em seu assento. Os outros três cocheiros permaneceram igualmente nos seus.

Uma sombra, envolta num grande manto negro e usando um chapéu de feltro preto, passou pela calçada entre a Rotunda e as equipagens. Parecia considerar mais atentamente a berlinda. Aproximou-se dos cavalos, depois do cocheiro, afastando-se em seguida sem pronunciar uma palavra. Mais tarde o inquérito apontou que essa sombra era a do visconde Raoul de Chagny; pessoalmente,

não acredito nisso, visto que naquela noite, como nas outras, o visconde de Chagny usava uma cartola, que, de resto, foi encontrada. Penso antes que se tratava da sombra do Fantasma, que estava a par de tudo, como veremos logo adiante.

Por uma estranha coincidência, representava-se *Fausto*. A plateia era das mais ilustres. O Faubourg estava magnificamente representado. Nessa época, os assinantes não cediam, nem alugavam, nem sublocavam, nem dividiam seus camarotes com a finança, o comércio ou o estrangeiro. Hoje, no camarote do marquês fulano, uma vez que o marquês é, por contrato, seu titular, nesse camarote, dizíamos, refestela-se tal comerciante de embutidos e sua família – o que é direito do comerciante de embutidos, uma vez que ele paga o camarote do marquês. Antigamente esses costumes ainda eram desconhecidos. Os camarotes da Ópera eram salões onde se podia ter certeza de conhecer ou encontrar pessoas da sociedade que, eventualmente, amavam a música.

Toda essa alta sociedade se conhecia, sem que necessariamente se frequentasse. Mas sabia-se o nome de todo mundo e a fisionomia do conde de Chagny não era ignorada por ninguém.

A nota publicada pela manhã no *L'Époque* certamente já produzira seu efeito, pois todos os olhos voltavam-se para o camarote onde o conde Philippe, aparentemente indiferente e com o semblante despreocupado, estava sozinho. O elemento feminino desse público brilhante parecia singularmente intrigado, e a ausência do visconde despertava mil sussurros por trás dos leques. Christine Daaé foi acolhida com grande frieza. Esse público especial não lhe perdoava ter mirado tão alto.

A diva constatou a má disposição de parte da plateia e tremeu nas bases.

Os frequentadores assíduos, que se pretendiam cientes dos amores do visconde, não se privaram de sorrir ao ouvir certos trechos do papel de Margarida. Por exemplo, voltaram-se ostensivamente para o camarote de Philippe de Chagny quando Christine cantou a frase “Eu gostaria muito de saber quem é esse rapaz, se é um fidalgo como se intitula”.

Com o queixo apoiado na mão, o conde não parecia dar-se conta dessas manifestações. Fitava o palco; mas olhava para lá? Parecia

longe de tudo...

Christine ia perdendo toda a segurança. Tremia. Caminhava para uma catástrofe... Carolus Fonta perguntou-se se ela não estava doente, se conseguiria resistir em cena até o fim daquele ato, que era o do jardim. Na plateia, lembravam-se da calamidade ocorrida, no fim desse ato, com a Carlotta e o “croac” histórico que interrompera momentaneamente sua carreira em Paris.

Foi quando a Carlotta fez sua entrada num camarote de frente, entrada sensacional. A pobre Christine ergueu os olhos para aquele novo objeto de comoção. Reconheceu a rival. Julgou tê-la visto rindo. Isso a salvou. Esqueceu-se de tudo para, mais uma vez, triunfar.

A partir desse momento, cantou com toda a sua alma. Tentou superar o que fizera até ali e conseguiu. No último ato, quando começou a invocar os anjos e a elevar-se do chão, conquistou num novo arroubo toda a plateia fremente, e todos acreditaram que tinha asas.

Diante desse apelo sobre-humano, no centro do anfiteatro, um homem se levantara e permanecera de pé, face à atriz, como se, no mesmo movimento, deixasse a terra... Era Raoul.

Anjos puros! Anjos radiantes!

Anjos puros! Anjos radiantes!

E Christine, com os braços estendidos, a garganta em brasa, envolta na glória de sua cabeleira solta sobre os ombros desnudos, lançava o clamor divino:

Leve minha alma ao colo dos céus!

.....

Foi então que, subitamente, uma brusca escuridão desceu sobre o teatro. Foi tão rápido que os espectadores mal tiveram tempo de esboçar um grito de estupor, pois a luz voltou quase imediatamente ao palco.

Mas Christine Daaé não estava mais lá...! Aonde teria ido...? Que milagre era aquele...? Todos se entreolhavam sem compreender, e a emoção atingiu seu auge. A perplexidade não era menor no palco. Das coxias, muitos precipitavam-se para o lugar onde, naquele instante

mesmo, Christine cantava. O espetáculo foi interrompido em meio a grande balbúrdia.

Onde então? Onde se metera Christine? Que sortilégio a arrebatara de milhares de espectadores entusiasmados e até mesmo dos braços de Carolus Fonta? A propósito, não era descabido perguntar se, atendendo à sua prece inflamada, os anjos não a tinham realmente carregado, corpo e alma, para “o colo dos céus”.

Raoul, ainda de pé no anfiteatro, deu um grito. Em seu camarote, o conde Philippe levantou-se. Voltando-se para o palco, para o conde, para Raoul, todos se perguntavam se aquele curioso acontecimento não tinha ligação com a nota publicada em certo jornal naquela mesma manhã. Mas Raoul deixou apressadamente o local, o conde desapareceu do seu camarote e, enquanto o pano descia, os assinantes precipitaram-se para a entrada das coxias. Numa zoeira inenarrável, o público esperava um comunicado. Todo mundo falava ao mesmo tempo. Todo mundo pretendia explicar como as coisas haviam se passado. Uns diziam: “Ela caiu dentro de um alçapão”; outros: “Ela foi carregada para as frisas; a infeliz talvez tenha sido vítima de um novo efeito especial inaugurado pela nova direção”; outros ainda: “Foi uma emboscada. A coincidência do desaparecimento e da escuridão prova isso cabalmente.”

Por fim, o pano ergueu-se lentamente e, avançando até a estante do maestro, Carolus Fonta anunciou com uma voz grave e triste:

– Senhoras e senhores, um fato insólito, que nos deixa numa profunda inquietude, acaba de ocorrer. Nossa colega, Christine Daaé, desapareceu incompreensivelmente diante de nossos olhos!

121. Túnica, ampla, comprida e pomposa, com mangas amplas. ↵

122. Pequena carruagem de quatro rodas e vidros laterais, com quatro ou seis lugares, suspensa por molas. ↵





## SINGULAR ATITUDE DE UM ALFINETE DE FRALDA

NO PALCO, um pandemônio indescritível. Artistas, maquinistas, bailarinas, *marcheuses*, figurantes, coristas, assinantes, todo mundo interroga, grita, se esbarra. “O que aconteceu com ela?” “Foi sequestrada!” “Foi o visconde de Chagny que a raptou!” “Não, foi o conde!” “Ah! E a Carlotta? Foi a Carlotta que arquitetou tudo!” “Não, foi o Fantasma!”

Alguns riam, sobretudo depois que o exame atento dos alçapões e assoalhos descartou a ideia de um acidente.

Nessa multidão ruidosa, observamos um grupo de três personagens conversando em voz baixa e fazendo gestos desesperados. São eles: Gabriel, o chefe do coro; Mercier, o administrador; e o secretário Rémy. Retiraram-se para um canto de uma passagem que faz a comunicação entre o palco e a ampla galeria do foyer do balé. Ali, atrás de imensos acessórios, eles parlamentam:

– Bati! Eles não responderam! Talvez não estejam mais no escritório. Em todo caso, impossível saber, pois levaram as chaves.

Assim se exprime o secretário Rémy e não resta dúvida de que, com essas palavras, designa os srs. diretores. Estes deram ordens no último entreato para não serem interrompidos sob nenhum pretexto. “Não estão para ninguém.”

– De toda forma – exclama Gabriel –, não é todo dia que uma cantora é sequestrada no meio do palco...!

– Você gritou isso para eles? – interroga-o Mercier.

– Vou até lá de novo – diz Rémy, e, correndo, desaparece.

Nesse ponto, chega o contrarregra.

– E então, sr. Mercier, o senhor vem? O que fazem aqui todos os dois? Precisamos do senhor, sr. administrador.

– Não quero fazer nem saber nada antes da chegada do comissário – declara Mercier. – Mandei chamarem Mifroid. Veremos quando ele estiver aqui.

– E eu lhe digo que precisamos descer imediatamente até os tubos

do “órgão”.

– Não antes da chegada do comissário...

– Pois eu já desci até os tubos do “órgão”.

– Ah, é? E o que viu lá?

– Quer saber? Não vi ninguém! Ouviu o que eu disse? Ninguém!

– O que quer que eu faça?

– Evidentemente – replica o contrarregra, passando freneticamente as mãos no cabelo rebelde. – Evidentemente! Mas, talvez, se houvesse alguém nos tubos do “órgão”, esse alguém poderia nos explicar como o palco ficou repentinamente todo escuro. Ora, Mauclair não está em parte alguma, compreende?

Mauclair era o iluminador-chefe que, ao seu bel-prazer, criava o dia e a noite no palco da Ópera.

– Mauclair não está em parte alguma – repete Mercier, abalado. – E seus auxiliares?

– Nem Mauclair nem seus auxiliares! Ninguém da iluminação, estou dizendo! O senhor está certo em pensar que essa pequena não foi sequestrada assim ao léu! – berra o contrarregra. – Há nisso um “golpe armado” que precisamos descobrir... E os diretores, não estão aqui...? Interditei o acesso à iluminação, coloquei um bombeiro no nicho dos tubos do “órgão”. Fiz bem?

– Sim, sim, fez bem... Agora, esperemos o comissário.

O contrarregra se afasta, sacudindo os ombros, irritado, ruminando injúrias contra aqueles “titicas” que se encolhem todos num canto quando o teatro está “de pernas pro ar”.

Tranquilos Gabriel e Mercier não estavam nem um pouco. Contudo, haviam recebido uma ordem que os paralisava: não deviam perturbar os diretores em hipótese alguma. Rémy infringira a ordem e não fora bem-sucedido.

Justamente, ei-lo de volta de sua nova expedição. Seu semblante está curiosamente assustado.

– Então, falou com eles? – interroga Mercier.

Rémy responde:

– Moncharmin terminou abrindo a porta para mim. Seus olhos

saltavam da cabeça. Achei que ia me bater. Não pude dizer uma palavra, e fique sabendo que ele me gritou: “Tem um alfinete de fralda? Não? Então deixe-me em paz...!” Quero replicar que está acontecendo um fato inusitado no teatro... Ele implora: “Um alfinete de fralda! Dê-me imediatamente um alfinete de fralda!” Um contínuo que o ouvira – ele gritava feito um surdo – correu com um alfinete de fralda e o entregou a Moncharmin, que, ato contínuo, bateu a porta no meu nariz! Foi isso!

– E não conseguiu lhe dizer: “Christine Daaé...”?

– Oh, precisava ter visto...! Ele espumava... Só pensava em seu alfinete de fralda... Se não tivessem providenciado um naquele instante, acho que ele teria sucumbido a um ataque! Obviamente, nada disso é normal e nossos diretores enlouqueceram de vez...!

O sr. secretário Rémy não está satisfeito. Não esconde o fato:

– Isso não pode continuar assim! Não tenho o hábito de ser tratado dessa maneira!

Do nada, Gabriel sussurra:

– Outro golpe do *F. da Ópera*.

Rémy ri. Mercier suspira, parece disposto a fazer uma confidência... mas, olhando na direção de Gabriel, que lhe faz sinal para calar-se, permanece mudo.

Mercier, contudo, que sente sua responsabilidade aumentar à medida que os minutos passam e os diretores não aparecem, não se aguenta mais:

– Ah, então eu mesmo vou insistir com eles – decide.

Gabriel, subitamente taciturno e grave, o detém.

– Pense no que está fazendo, Mercier! Se eles continuam em seu gabinete, talvez seja porque é necessário! O *F. da Ópera* tem mais de um truque em sua cartola!

Mas Mercier balança a cabeça.

– Azar! Vou até lá! Se me houvessem escutado, já teríamos contado tudo à polícia há muito tempo!

E parte.

– *Tudo o quê?* – pergunta imediatamente Rémy. – O que teríamos contado à polícia? Ah, você se cala, Gabriel... Também está por

dentro do segredo! Pois bem, não faria mal em me contar também, se não quiser que eu grite que todos vocês estão loucos...! Sim, loucos de verdade!

Gabriel revolve olhos estúpidos e afeta não entender nada daquela “cena” inconveniente do sr. secretário particular.

– Que segredo? – murmura. – Não sei do que está falando.

Rémy se exaspera.

– Esta noite, aqui mesmo, Richard e Moncharmin comportavam-se como alienados durante os entreatos!

– Não notei – grunhiu Gabriel, amuado.

– Foi o único...! Por acaso pensam que não os vi...! E que o sr. Parabise, diretor do Crédit Central, não percebeu nada...? E que o sr. embaixador de La Borderie tem os olhos dentro do bolso...? Ora, sr. chefe do coro, todos os assinantes entreolhavam-se e apontavam o dedo para os nossos diretores!

– Que diabos então faziam nossos diretores? – pergunta Gabriel com seu ar mais simplório.

– O que faziam? Mas vocês sabem melhor do que ninguém o que eles faziam...! Vocês estavam lá...! E vocês e Mercier olhavam para eles...! E eram os únicos a não rir...

– Não compreendo!

Frio, “fechado”, Gabriel abre os braços e deixa-os cair de novo, gesto que significa evidentemente que se desinteressou da questão... Rémy continua:

– Mas que mania nova é essa agora? *Agora não querem que ninguém se aproxime deles?*

– Como assim? *Eles não querem que ninguém se aproxime?*

– *Eles não querem ser tocados?*

– Sério, vocês notaram que *eles não querem ser tocados*? Eis o que é deveras bizarro!

– Concordam, então! Já não era sem tempo! *E eles andam de marcha a ré!*

– De marcha a ré! Vocês notaram que nossos diretores andam *de marcha a ré!* Eu achava que eram os caranguejos que andavam de

costas.

– Não, ria, Gabriel! Não ria!

– Não estou rindo – protesta Gabriel, que se põe sério “como um papa”.

– Por favor, Gabriel, você que é amigo íntimo da direção, poderia me explicar por que, no entreato do “jardim”, quando eu avançava com a mão estendida para o sr. Richard em frente ao foyer, ouvi o sr. Moncharmin me dizer precipitadamente em voz baixa: “Afastese! Afastese! Sobretudo não toque no sr. diretor!”? Sou um agente da peste?

– Inacreditável!

– E instantes mais tarde, quando o sr. embaixador de La Borderie dirigiu-se por sua vez ao sr. Richard, não viu o sr. Moncharmin lançar-se entre eles e não o ouviu exclamar: “Sr. embaixador, eu o intimo, não toque no sr. diretor!”?

– Assombroso...! E o que fazia o sr. Richard enquanto isso?

– O que ele fazia? Você viu perfeitamente! Ele fazia meia-volta e *cumprimentava à sua frente, quando não havia ninguém à sua frente!* E se retirava “*de marcha a ré*”.

– De marcha a ré?

– E Moncharmin, atrás de Richard, também fizera meia-volta, isto é, descrevera um rápido semicírculo atrás de Richard e também se retirava “de marcha a ré”... E ambos foram *assim* até a escada da administração, de marcha a ré...! De marcha a ré...! Enfim, se eles não estão loucos, pode me explicar o que isso significa?

– Talvez estivessem ensaiando – sugere Gabriel, sem convicção – um passo de balé!

O sr. secretário Rémy sente-se ultrajado por piada tão vulgar em momento tão dramático. Seus olhos se franzem, seus lábios se contorcem. Ele se debruça ao ouvido de Gabriel:

– Não banque o esperto, Gabriel. Estão acontecendo coisas aqui pelas quais você e Mercier poderiam assumir parte da responsabilidade.

– O quê, por exemplo?

– Christine Daaé não foi a única a desaparecer subitamente esta

noite.

– Ah, está bem!

– Não tem “ah, está bem!”. Poderia me dizer por que, quando Mme Gyry desceu ainda há pouco ao foyer, Mercier agarrou sua mão e a levou prontamente com ele?

– Puxa! – exclamou Gabriel. – Eu não tinha notado.

– Tanto notou, Gabriel, que você seguiu Mme Gyry até a sala de Mercier. Depois disso, você e Mercier foram vistos, mas ninguém mais viu Mme Gyry...

– Acha então que a comemos?

– Não! Mas a trancaram no escritório e, quando passamos junto à porta do escritório, sabe o que ouvimos? Ouvimos estas palavras: “Ah, os bandidos! Ah, os bandidos!”

Nesse momento de tão singular conversa, chega Mercier, esbaforido.

– Ouçam! – diz com uma voz desanimada. – É mais escandaloso do que parece... gritei para eles: “É muito grave! Abram! Sou eu, Mercier.” Ouvi passos. A porta se abriu e Moncharmin apareceu. Estava muito pálido. Perguntou: “O que deseja?” Respondi: “Raptaram Christine Daaé.” Sabem o que ele me respondeu? “Melhor para ela!” E fechou a porta, colocando isto em minha mão.

Mercier abre a mão; Remy e Gabriel olham.

– O alfinete de fralda! – exclama Rémy.

– Estranho! Muito estranho! – pronuncia baixinho Gabriel, sem conseguir reprimir um arrepio.

Subitamente, uma voz faz com que todo mundo volte os olhos.

– Com licença, cavalheiros, poderiam me dizer onde está Christine Daaé?

A despeito da gravidade das circunstâncias, aquela pergunta decerto os teria feito gargalhar, não tivessem deparado com figura tão sofrida e digna de pena. Era o visconde Raoul de Chagny.



## “CHRISTINE! CHRISTINE!”

O PRIMEIRO PENSAMENTO de Raoul após o sumiço fantástico de Christine Daaé tinha sido para acusar Erik. Não duvidava mais do poder quase sobrenatural do Anjo da Música naqueles domínios da Ópera, onde ele diabolicamente estabelecera seu império.

E, numa loucura de desespero e amor, Raoul correria para o palco. “Christine! Christine!”, gemia, transtornado, chamando-a, como ela devia chamá-lo do fundo daquele abismo escuro para onde o monstro a carregara feito uma presa, ainda toda fremente de sua exaltação divina, vestindo a branca mortalha na qual já se oferecia aos anjos do paraíso!

“Christine! Christine!”, repetia Raoul... e parecia-lhe ouvir os gritos da moça através daquelas tábuas frágeis que o separavam dela! Debruçava-se, escutava... Vagava pela palco como um insensato. Ah! Descer! Descer! Descer naquele poço de trevas, cujas portas estavam todas fechadas para ele!

Ah, aquele obstáculo frágil, que geralmente desliza com facilidade sobre si mesmo para revelar o abismo para onde todo o seu desejo tende... Aquelas tábuas que seu passo faz estalar e que sob seu peso ressoam o prodigioso vazio do “porão”... estão mais do que imóveis aquela noite: parecem imutáveis... Exibem o aspecto sólido de nunca terem se mexido... e as escadarias que permitem descer sob o palco estão interditadas...!

– Christine! Christine... – é repellido em meio a uma gargalhada. Zombam dele. Julgam-no um desmiolado, pobre noivo!

Que carreira alucinada não deve ter sido a de Erik, por corredores de noite e mistério que só ele conhecia, arrastando a pura criança até aquele antro medonho do quarto Luís Filipe, cuja porta dá para o lago do Inferno...!

– Christine! Christine! Responda! Pelo menos ainda está viva, Christine? Não deu seu último suspiro num minuto de sobre-humano horror, sob o bafejo inflamado do monstro?

Pensamentos horríveis atravessam como fulgurantes clarões o



cérebro turbilhonado de Raoul.

Evidentemente, Erik deve ter surpreendido seu segredo, sabendo-se agora traído por Christine! Que vingança será a sua! O que não ousaria o Anjo da Música, precipitado do alto de seu orgulho? Christine está perdida nos braços onipotentes do monstro!

Raoul ainda pensa nas estrelas de ouro que na última noite vieram vagar em sua sacada. Por que não as fulminou com sua arma impotente!

Claro! Há olhos de homem extraordinários que se dilatam nas trevas e brilham como estrelas ou olhos de gatos. (Alguns homens albinos, que parecem ter olhos de coelho de dia, à noite têm olhos de gato, todo mundo sabe disso!)

Sim, sim, era efetivamente em Erik que Raoul tinha atirado! Por que não o matara? O monstro fugira como os gatos ou detentos que – todo mundo também sabe disso – escalariam o céu a prumo agarrando-se numa calha.

Sem dúvida, Erik meditava então alguma ação decisiva contra o rapaz, mas, ferido, escapara para voltar-se contra a pobre Christine.

Assim pensa cruelmente o pobre Raoul correndo ao camarim da cantora...

– Christine...! Christine...!

Lágrimas amargas queimam suas pálpebras, e ele percebe, espalhadas sobre os móveis, as roupas destinadas a vestir sua bela noiva na hora da fuga...! Ah, por que ela não quisera partir mais cedo! Por que ter demorado tanto...! Por que ter brincado com a catástrofe ameaçadora...? Com o coração do monstro...? Por que ter insistido, piedade suprema!, em lançar aquele cântico celestial como dádiva derradeira a essa alma de demônio...

Anjos puros! Anjos radiantes!

Levem minha alma ao colo dos céus...!

Raoul, em meio a soluços, injúrias e imprecações, apalpa desajeitadamente o grande espelho que uma noite se abriu à sua frente para deixar Christine descer à tenebrosa morada. Aperta, empurra, tateia... mas o espelho parece obedecer exclusivamente a Erik... Será que gestos são inúteis com um espelho desse tipo...? Será que bastaria

pronunciar determinadas palavras...? Quando ele era pequeno contavam-lhe que havia objetos que obedeciam à fala!

De repente, Raoul se lembra... de “um gradeado dando para a rua Scribe...” Sim, Christine lhe falou sobre isso...! E após constatar, desgraçado!, que a pesada chave não estava mais no baú, nem por isso deixa de correr à rua Scribe.

Ei-lo do lado de fora, passeia suas mãos trêmulas sobre as pedras, procura saídas... encontra barras... são essas...? ou essas... ou ainda não é este respiradouro...? Mergulha olhares impotentes através das barras... que noite profunda lá dentro...! Escuta...! Que silêncio...! Contorna o monumento...! Ah, barras intransponíveis! Grades prodigiosas...! É o portão do pátio da administração!

Raoul corre até a cabine da zeladora:

– Perdão, senhora, não poderia me indicar um gradeado, sim, uma porta feita com barras, de barras... de ferro... que dá para a rua Scribe... e que conduz ao lago! Conhece o lago? Sim, o lago, oras! O lago subterrâneo... que fica embaixo da Ópera.

– Senhor, sei muito bem que há um lago embaixo da Ópera, mas não sei que porta lhe dá acesso... nunca fui lá...!

– E a rua Scribe, senhora? A rua Scribe? Nunca foi à rua Scribe?

Ela ri! Dá uma gargalhada! Raoul foge, bramindo, corre, sobe escadas, desce outras, atravessa toda a administração, vê-se na luz do “tablado”.

Ele para, o coração martela o seu peito arfante: e se tivessem encontrado Christine Daaé? Eis um grupo. Ele pergunta:

– Com licença, senhores, por acaso viram Christine Daaé?

Eles riem.

No mesmo instante, o tablado faz um barulho e, em meio a uma multidão de vestes negras que o cercam com inúmeros movimentos de braços explicativos, surge um homem que, por sua vez, parece bastante calmo e estampa um semblante amável, todo rosado e bochechudo, emoldurado por cabelos cacheados, iluminado por dois olhos azuis de uma serenidade maravilhosa. O administrador Mercier aponta o recém-chegado para o visconde de Chagny, dizendo-lhe:

– Eis o homem, cavalheiro, a quem terá de fazer sua pergunta

agora. Apresento-lhe o sr. comissário de polícia Mifroid.

– Ah, sr. visconde de Chagny! É um prazer, cavalheiro – cumprimenta o comissário. – Se fizer a gentileza de me acompanhar... E onde estão os diretores...? Onde estão os diretores...?

Como o administrador se cala, o secretário Rémy se dá ao trabalho de informar ao sr. comissário que os srs. diretores estão trancados em seu gabinete e que ainda não sabem nada sobre a ocorrência.

– Será possível...?! Vamos ao seu gabinete!

E o sr. Mifroid, seguido por um cortejo cada vez maior, dirige-se à administração. Mercier aproveita a balbúrdia para esgueirar uma chave na mão de Gabriel:

– Isso não vai dar certo – ele murmura. – Vá então arejar Mame Giry...

E Gabriel se afasta.

Logo chegam diante da porta da direção. É em vão que Mercier profere suas censuras, a porta não se abre.

– Abram em nome da lei! – ordena a voz clara e um pouco inquieta do sr. Mifroid.

Finalmente a porta se abre. Todos se precipitam, nos calcanhares do comissário.

Raoul é o último a entrar. Quando se dispõe a seguir o grupo dentro do aposento, uma mão pousa em seu ombro e ele ouve essas palavras pronunciadas ao seu ouvido:

– *Os segredos de Erik não dizem respeito a ninguém!*

Ele se volta, abafando um grito. A mão que pousara em seu ombro está agora sobre os lábios de um personagem com a tez de ébano, olhos de jade e usando um barrete de astracã... O Persa!

O desconhecido prolonga o gesto que recomenda discrição e, no momento em que o visconde, estupefato, vai lhe perguntar a razão de sua misteriosa intervenção, ele faz uma saudação e desaparece.



## ESPANTOSAS REVELAÇÕES DE MAME GIRY, CONCERNENTES ÀS SUAS RELAÇÕES PESSOAIS COM O FANTASMA DA ÓPERA

ANTES DE SEGUIR o sr. comissário de polícia Mifroid onde se encontram os srs. diretores, o leitor me permitirá entretê-lo com certos acontecimentos extraordinários que acabavam de se desenrolar nesse gabinete em que o secretário Rémy e o administrador Mercier haviam em vão tentado penetrar e no qual os srs. Richard e Moncharmin haviam tão hermeticamente se trancado num desígnio que o leitor ainda ignora, mas que é meu dever histórico – quer dizer, meu dever de historiador – não lhe ocultar por mais tempo.

Tive a oportunidade de dizer a que ponto o humor dos srs. diretores havia se alterado desagradavelmente nos últimos tempos, e sugeri que essa transformação não teria como causa única a queda do lustre nas condições supracitadas.

Informemos então ao leitor – malgrado todo o desejo que teriam os srs. diretores de que tal acontecimento permanecesse oculto para sempre – que o Fantasma chegara a receber tranquilamente seus primeiros vinte mil francos! Ah, houve choro e ranger de dentes! A coisa, no entanto, se desenrolara da maneira mais simples do mundo.

Certa manhã, os srs. diretores haviam encontrado um envelope todo preparado em sua mesa. Esse envelope estampava como destinatário: *Ao sr. F. da Ópera (em mãos)* e era acompanhado de um bilhete do próprio *F. da Ópera*:

Chegou o momento de cumprir as cláusulas do caderno de encargos: coloquem vinte cédulas de mil francos neste envelope, fechem com seu lacre pessoal e o entreguem a Mame Giry, que fará o necessário.

Os srs. diretores não precisaram ler duas vezes. Sem perderem tempo perguntando-se novamente como aquelas missões diabólicas podiam penetrar num gabinete que eles tomavam o maior cuidado de trancar à chave, julgaram aquela uma boa oportunidade de botar a mão no misterioso mestre cantor. E após revelarem tudo, sob o selo do maior segredo, a Gabriel e a Mercier, colocaram os vinte mil francos no envelope e o entregaram sem pedir explicações a Mame Giry,

reintegrada em suas funções. A lanterninha não manifestou qualquer espanto. Desnecessário dizer que foi vigiada! Dirigiu-se imediatamente ao camarote do Fantasma e depositou o valioso envelope sobre a mesinha do *appui-main*. Os dois diretores, bem como Gabriel e Mercier, estavam escondidos de maneira a não perderem de vista esse envelope nem por um segundo durante todo o curso da representação e mesmo depois, uma vez que, como o envelope não se mexera, aqueles que o vigiavam também não se mexeram e o teatro se esvaziou e Mame Giry foi embora, enquanto os srs. diretores, Gabriel e Mercier lá permaneciam. No fim, eles se cansaram e abriram o envelope, após constatarem que os lacres não haviam sido rompidos.

À primeira vista, Richard e Moncharmin pensaram que as cédulas continuavam ali, mas logo perceberam que não eram as mesmas. As vinte cédulas verdadeiras haviam sumido, substituídas por vinte cédulas falsas! Veio a raiva e depois, também, o pavor!

– É mais sensacional do que Robert-Houdin!<sup>123</sup> – exclamou Gabriel.

– É – replicou Richard –, e custa mais caro!

Moncharmin queria chamar imediatamente o comissário; Richard opôs-se. Sem dúvida tinha seu plano. Disse:

– Não sejamos ridículos! Paris inteira riria de nós. O “F. da Ópera” ganhou a primeira rodada, venceremos a segunda.

Pensava, evidentemente, na mensalidade seguinte.

De toda forma, haviam sido tão bem tapeados que, durante as semanas seguintes, não conseguiram superar certa depressão. O que, havemos de convir, era bastante compreensível. Se o comissário não foi prontamente chamado, era porque, não devemos esquecer, os srs. diretores ainda acreditavam que aventura tão bizarra só poderia ser um odioso trote, sem dúvida armado pelos seus antecessores e sobre o qual convinha não divulgar nada antes de conhecer a verdade verdadeira. Em Moncharmin, contudo, esse pensamento era por instantes anuviado por uma suspeita que ele alimentava com relação ao próprio Richard, o qual tinha veleidades farsescas. Assim, preparados para todas as eventualidades, eles aguardaram os acontecimentos, vigiando e mandando vigiar Mame Giry, com quem Richard fez questão de não comentar nada.

– Se ela é cúmplice – dizia – as cédulas já estão longe há muito

tempo. Mas, para mim, não passa de uma imbecil!

– Há muitos imbecis nesse caso! – replicara Moncharmin, pensativo.

– Como poderíamos desconfiar...? – gemeu Richard. – Mas não receie nada... da próxima vez tomarei todas as precauções...

E foi assim que chegou a próxima vez... que caiu justamente no dia que viria a assistir ao desaparecimento de Christine Daaé.

Pela manhã, uma missiva do Fantasma lembrando-lhes o prazo. “Façam como da última vez”, instruía amavelmente o “F. da Ópera”. “*Funcionou muito bem*. Entreguem o envelope, no qual terão colocado os vinte mil francos, à excelente Mame Giry.”

E o bilhete vinha acompanhado do envelope de praxe. Só faltava o conteúdo.

A operação deveria ser executada naquela mesma noite, cerca de meia hora antes do espetáculo. É então meia hora antes de o pano subir para aquela famigerada representação do *Fausto* que penetramos no covil da direção.

Richard mostra o envelope a Moncharmin e, diante dele, conta os vinte mil francos e os coloca no envelope, porém sem fechá-lo.

– Agora – disse –, que chamem Mame Giry.

Foram buscar a velha, que entrou fazendo uma bela reverência. A senhorinha vestia seu vestido de tafetá preto de sempre, cuja tonalidade descambava para a ferrugem e o lilás, e seu chapéu de plumas cor de sebo. Parecia de bom humor. Disse sem rodeios:

– Bom dia, senhores! É para o envelope?

– Sim, sra. Giry – respondeu Richard com grande amabilidade. – É para o envelope... E para outra coisa também.

– Às suas ordens, sr. diretor! Às suas ordens...! E que outra coisa é essa, por favor?

– Primeiramente, sra. Giry, tenho uma perguntinha a lhe fazer.

– Faça, sr. diretor, Mame Giry está aqui para responder.

– Continua às boas com o Fantasma?

– Não poderia estar melhor, sr. diretor, não poderia estar melhor.

– Ah, ficamos encantados com isso...! Responda-me então, sra.

Giry – pronunciou Richard, assumindo o tom de uma importante confiança. – Cá entre nós, não vejo por que não lhe contarmos... A senhora não é nenhuma tola.

– Ora, sr. diretor...! – exclamou a lanterninha, interrompendo o balanço simpático das duas plumas negras do seu chapéu cor de sebo.  
– Peço que acredite que isso nunca foi dúvida para ninguém!

– Estamos de acordo e vamos nos entender. A história do Fantasma é uma boa piada, não é mesmo...? Pois bem, igualmente cá entre nós... ela já durou o suficiente.

Mame Giry olhou para os diretores como se eles tivessem falado chinês. Aproximou-se da mesa de Richard e, atarantada, indagou:

– O que querem dizer com isso...? Não entendo.

– Ah, entende muito bem. Seja como for, terá de entender... E, para começar, vai nos dizer como ele se chama.

– Ora, mas quem?

– Aquele de quem é cúmplice, Mame Giry!

– Sou cúmplice do Fantasma? Eu...? Cúmplice de quê...?

– A senhora faz tudo que ele quer.

– Oh... ele não me atrapalha muito, fiquem sabendo.

– E ele sempre lhe dá gorjetas!

– Não me queixo!

– Quanto ele lhe paga para levar o envelope?

– Dez francos.

– Incrível! Não é caro!

– Por que seria?

– Eu lhe direi daqui a pouco, Mame Giry. Neste momento, gostaríamos de saber por que razão, extraordinária..., a senhora se entregou de corpo e alma a esse fantasma e não a um outro... Não são alguns tostões ou dez francos que comprem a amizade e a lealdade de Mame Giry.

– Isso é verdade...! E, diacho, essa razão eu posso lhe contar, sr. diretor! Certamente não há nada desonroso nisso! Ao contrário.

– Não duvidamos disso, Mame Giry.

– Pois bem, é o seguinte... o Fantasma não gosta que eu conte suas



histórias.

– Haha! – riu Richard.

– Mas esta só diz respeito a mim...! – continuou a velha. – Uma noite, no camarote nº5, encontro uma carta para mim... uma espécie de bilhete escrito com tinta vermelha... Esse bilhete, sr. diretor, eu nem preciso lê-lo para o senhor... sei de cor... e não o esquecerei nem que eu viva cem anos...!

Mame Girý, toda empertigada, recita a carta com uma eloquência tocante:

Senhora. – 1825, srta. Ménétrier, corifeu, tornou-se marquesa de Cussy. – 1832, srta. Marie Gaglioni, bailarina, é feita condessa Gilbert des Voisins. – 1846, a Sota, bailarina, casa-se com um irmão do rei de Espanha. – 1847, Lola Montès, bailarina, casa-se morganaticamente<sup>124</sup> com o rei Luís da Baviera e é nomeada condessa de Landsfeld. – 1848, srta. Maria, bailarina, torna-se baronesa de Hermeville. – 1870, Thérèse Hessler, bailarina, casa-se com Dom Fernando, irmão do rei de Portugal...

Richard e Moncharmin escutam a velha, que, à medida que avança na curiosa enumeração dessas gloriosas uniões, anima-se, apruma-se, atreve-se e, finalmente, inspirada como uma sibila sobre sua trípode, lança com uma voz vibrante de orgulho a última frase da carta profética: “1885, *Meg Girý, imperatriz!*”

Esgotada após tal esforço supremo, a lanterninha despenca em sua cadeira e diz:

– Senhores, estava assinado: “O Fantasma da Ópera!” Eu já tinha ouvido falar no Fantasma, mas só acreditava pela metade. A partir do dia em que ele me anunciou que minha pequena Meg, carne da minha carne, fruto das minhas entranhas, seria imperatriz, acreditei completamente.

Na verdade, na verdade, não era preciso estudar muito a fisionomia exaltada de Mame Girý para perceber o que era possível obter daquela inteligência luminosa com as palavras “fantasma” e “imperatriz”.

Mas quem manipulava os cordões daquela extravagante marionete...? Quem?

– A senhora nunca o viu, ele fala com a senhora e a senhora acredita em tudo que ele diz? – perguntou Moncharmin.

– Sim. Em primeiríssimo lugar, é a ele que devo a promoção da minha pequena Meg a primeira bailarina. Eu tinha avisado ao Fantasma: “Para que ela seja imperatriz em 1885, o senhor não tem tempo a perder, é preciso que ela seja primeira bailarina imediatamente.” Ele respondeu: “Negócio fechado.” E foi só ele dar uma palavrinha com o sr. Poligny para a coisa ser feita.

– A senhora então admite que o sr. Poligny o viu!

– Não mais do que eu, mas o ouviu! O Fantasma sussurrou-lhe alguma coisa no ouvido, o senhor sabe!, na noite em que ele saiu branco feito cera do camarote nº5.

Moncharmin dá um suspiro.

– Que história! – geme.

– Ah! – responde Mame Giry. – Sempre achei que havia segredos entre o Fantasma e o sr. Poligny. Tudo que o Fantasma pedia ao sr. Poligny, o sr. Poligny fazia... O sr. Poligny não recusava nada ao Fantasma.

– Está ouvindo, Richard? Poligny não recusava nada ao Fantasma.

– Sim, sim, estou ouvindo! – declarou Richard. – O sr. Poligny é amigo do Fantasma! E, como a sra. Giry é amiga do sr. Poligny, estamos feitos – acrescentou num tom bem rude. – Mas o sr. Poligny não me preocupa... A única pessoa cuja sorte me interessa de verdade, não escondo, é a sra. Giry...! Sra. Giry, sabe o que este envelope contém?

– Por Deus, não! – ela respondeu.

– Pois bem, olhe!

A sra. Giry volta para o envelope um olhar baço, mas que logo recupera seu brilho.

– Notas de mil francos! – exclama.

– Sim, sra. Giry...! Sim, notas de mil...! E a senhora sabia muito bem!

– Eu, sr. diretor...? Eu! Mas eu juro...

– Não jure, sra. Giry...! E agora vou lhe dizer a outra coisa pela qual mandei-a chamar... Sra. Giry, vou mandar prendê-la.

As duas plumas negras do chapéu cor de sebo, que exibiam comumente a forma de dois pontos de interrogação,

metamorfosaram-se imediatamente em pontos de exclamação; quanto ao chapéu em si, vacilou, ameaçando seu coque desmazelado. A surpresa, a indignação, o protesto e o pavor manifestaram-se ainda na mãe da pequena Meg por uma espécie de pirueta extravagante, “*jeté glissade*”<sup>125</sup> da virtude ofendida que a trouxe num salto até debaixo do nariz do sr. diretor, o qual não teve outra coisa a fazer senão recuar sua poltrona.

– Pois mande!

A boca que dizia isso pareceu cuspir no rosto do sr. Richard os três dentes de que ainda dispunha.

O sr. Richard foi heroico. Não recuou mais. Seu indicador ameaçador já apontava para os magistrados ausentes a lanterninha do camarote nº5.

– Vou mandar prendê-la como ladra, sra. Giry!

– Repita o que disse!

E, antes que o sr. diretor Moncharmin tivesse tempo de interpor-se, a sra. Giry desferiu uma sonora bofetada no sr. diretor Richard. Reação de vingança! Mas não foi a mão ressequida da colérica velha que golpeou a face diretorial, e sim o próprio envelope, causa de todo o escândalo, o envelope mágico, que se entreabriu de repente, deixando escapar as cédulas, que voaram num redemoinho fantástico de borboletas gigantes.

Os dois diretores deixaram escapar um grito e o mesmo pensamento os fez atirarem-se de joelhos para recolher freneticamente e juntar às pressas os valiosos papéis.

– *Continuam verdadeiras?* Moncharmin.

– *Continuam verdadeiras?* Richard.

– Continuam verdadeiras!!!

Acima deles, os três dentes da sra. Giry entrechocam-se numa algaravia reverberante, repleta de horríveis interjeições. Mas só se ouviu nitidamente esse “leitmotiv”:

– Eu, uma ladra...! Uma ladra, eu?

Ela sufoca. Exclama:

– Estou destruída!

E, de supetão, pula novamente para debaixo do nariz de Richard.

– Em todo caso – cacareja –, o senhor, sr. Richard, *o senhor deve saber melhor do que eu aonde foram parar os vinte mil francos!*

– Eu? – interroga Richard, estupefato. – E como saberia?

Imediatamente Moncharmin, severo e preocupado, quer que a boa mulher se explique.

– O que significa isso? – interroga. – E por que a sra. Girý afirma que o sr. Richard deve saber “melhor do que ela onde foram parar os vinte mil francos”?

Quanto a Richard, que ruboriza frente ao olhar de Moncharmin, ele pega a mão de Mame Girý e a sacode com violência. Sua voz é um trovão. Ela estrondeia, estruge... fulmina...

– Por que eu saberia melhor do que a senhora onde foram parar os vinte mil francos? Por quê?

– Porque eles foram parar no seu bolso...! – cicia a velha, fitando-o agora como se mirasse o diabo.

É a vez do sr. Richard ser fulminado, primeiro por essa réplica inesperada, depois pelo olhar cada vez mais suspicaz de Moncharmin. Repentinamente falta-lhe a força de que tanto precisaria naquele momento difícil para refutar tão desprezível acusação.

Assim os mais inocentes, surpreendidos na paz de seu coração, parecem subitamente – quando o golpe que os golpeia os faz empalidecer, ruborizar, vacilar, aprumar-se, colapsar, protestar, não dizer nada quando seria preciso falar, falar quando não deveriam dizer nada, permanecer secos quando deveriam se molhar, ou suar quando deveriam permanecer secos –, parecem, ia eu dizendo, subitamente culpados.

Moncharmin deteve o impulso vingador com que Richard, que era inocente, ia precipitar-se sobre a sra. Girý e, encorajador, põe-se a interrogar esta última... com doçura.

– Como pôde suspeitar que o meu colaborador tivesse colocado vinte mil francos em seu bolso?

– Eu nunca disse isso! – declara Mame Girý. – Visto ter sido eu mesma em pessoa que coloquei os vinte mil francos no bolso do sr. Richard.

E acrescentou a meia-voz:

– Paciência! Está feito...! Que o Fantasma me perdoe!

Como Richard começou a berrar, Moncharmin ordena-lhe com autoridade que se cale:

– Calminha aí! Calminha aí! Deixe essa mulher se explicar! Permita-me interrogá-la.

E acrescenta:

– É realmente estranho você se exaltar tanto...! Estamos próximos do momento em que todo esse mistério será esclarecido! E você fica furioso! Está errado... Quanto a mim, estou me divertindo à larga.

Mame Giry, mártir, ergue a cabeça, que irradia a fé em sua própria inocência.

– O senhor afirma que havia vinte mil francos no envelope que eu coloquei no bolso do sr. Richard, mas, repito, eu não sabia nada disso... Tampouco o sr. Richard, aliás!

– Ah, ah! – interveio Richard, afetando subitamente um ar de valentia que desagradou a Moncharmin. – Eu também não sabia de nada! A senhora enfia vinte mil francos no meu bolso e eu não sabia de nada! Isso me deixa completamente à vontade, sra. Giry.

– Sim – aquiesceu a terrível senhora. – É verdade...! Nós não sabíamos de nada, nem um nem outro...! Mas o senhor deve ter acabado percebendo...

Richard com certeza devoraria a sra. Giry se Moncharmin não estivesse ali! Mas Moncharmin a protege. Apressa o interrogatório.

– Que espécie de envelope a senhora colocou então no bolso do sr. Richard? Não era o mesmo que lhe entregamos, o que a senhora levou, na nossa presença, ao camarote nº5. No entanto, somente este continha os vinte mil francos.

– Com licença! Foi de fato aquele que o sr. diretor me entregou que eu enfiei no bolso do sr. diretor. O que deixei no camarote do Fantasma era outro envelope exatamente idêntico, que eu tinha todo preparado na manga, e que o Fantasma tinha me passado!

Dizendo isso, Mame Giry tira da manga um envelope todo preparado, com seu sobrescrito, idêntico ao que contém os vinte mil francos. Os srs. diretores apoderam-se dele. Ao examiná-lo, constataam que lacres com seu próprio sinete diretorial o fecham. Abrem-no...

Contém vinte cédulas falsas, iguais às que os deixaram estupefatos um mês antes.

– Como é simples! – comenta Richard.

– Como é simples! – repete, mais solene, Moncharmin.

– Os truques mais ilustres – responde Richard – sempre foram os mais simples. Basta um comparsa...

– Ou uma comparsa! – acrescenta, num tom neutro, Moncharmin.

E, mantendo os olhos cravados em Mame Giry, como se quisesse hipnotizá-la:

– Era mesmo o Fantasma que fazia esse envelope chegar à senhora e era ele quem lhe dizia para substituir o que nós lhe entregávamos? Era ele que lhe dizia para colocar este último no bolso do sr. Richard?

– Oh, naturalmente que era ele!

– Poderia então nos oferecer, senhora, uma amostra de seus pequenos talentos...? Aqui está o envelope. Faça como se não soubéssemos de nada.

– Às suas ordens, senhores!

Mame Giry pega o envelope carregado com suas vinte cédulas e se dirige à porta. Prepara-se para sair.

Os dois diretores já estão grudados nela.

– Ah, essa não! Não vai nos “driblar” de novo! Estamos cheios! Não vamos recomeçar!

– Perdão, senhores – desculpa-se a velha. – Perdão... Os senhores me pediram para fazer como se não soubessem de nada...! Pois bem, se não soubessem de nada, eu iria embora com o seu envelope!

– E aí como o enfiaria no meu bolso? – argumenta Richard, de quem Moncharmin não desgruda o olho esquerdo, enquanto o direito está concentradíssimo na sra. Giry, posição difícil para o olhar, mas Moncharmin está disposto a tudo para descobrir a verdade.

– Devo insinuá-lo em seu bolso no momento em que o senhor menos espera, sr. diretor. O senhor sabe que, durante a noite, sempre venho dar uma voltinha nas coxias e frequentemente acompanho, como é meu direito de mãe, minha filha ao foyer do balé; levo para ela suas sapatilhas no momento do *divertissement*,<sup>126</sup> e até mesmo seu regadorzinho...<sup>127</sup> Em suma, entro e saio à vontade... Os senhores

assinantes também aparecem... O senhor também, sr. diretor. É muita gente... Passo atrás do senhor e enfio o envelope no bolso traseiro da sua calça... Isso não é bruxaria!

– Isso não é bruxaria – rosna Richard, revolvendo olhos de Júpiter Tonan-te –,<sup>128</sup> isso não é bruxaria! Mas pego-a em flagrante delito de mentira, sua velha bruxa!

O insulto fere menos a honrada senhora do que o golpe que querem desfechar em sua boa-fé. Ela se reergue, desgrenhada, os três dentes de fora.

– Por quê?

– Porque aquela noite eu estava na sala vigiando o camarote nº5 e o falso envelope que a senhora tinha deixado lá. Só desci ao foyer do balé por um segundo...

– Seja como for, sr. diretor, não foi nessa noite que lhe restituí o envelope...! Mas na récita seguinte... Preste atenção, foi na noite em que o sr. subsecretário de Belas-Artes...

A estas palavras, o sr. Richard interrompe bruscamente a sra. Giry...

– Bolas! É verdade – disse, pensativo –, estou me lembrando. Agora me lembro! O sr. subsecretário foi às coxias. Solicitou-me. Eu estava nos degraus do foyer... o sr. subsecretário e seu chefe de gabinete estavam no próprio foyer... Voltei-me de repente... Era a senhora que passava atrás de mim... sra. Giry. Acho que roçou em mim... Só havia a senhora atrás de mim... Oh! Ainda a vejo... Ainda a vejo!

– Exatamente! É isso, sr. diretor! É exatamente isso! Eu acabava de deixar meu negocinho no seu bolso! É um bolso bastante confortável, sr. diretor!

E a sra. Giry mais uma vez alia o gesto à palavra. Passa atrás do sr. Richard – tão velozmente que o próprio Moncharmin, que dessa vez observa com seus dois olhos, fica impressionado – e deixa o envelope no bolso de uma das abas do fraque do sr. diretor.

– Evidentemente! – exclamou Richard, um pouco pálido. – O “F. da Ópera” agora passou dos limites. O problema, para ele, formulava-se assim: suprimir todo intermediário perigoso entre aquele que dá os vinte mil francos e o que os recebe! Não havia solução melhor do que vir pegá-los no meu bolso sem que eu percebesse, uma vez que eu nem

sequer sabia que eles estavam ali... É admirável!

– Oh, admirável, sem dúvida! – reiterou Moncharmin. – Só está se esquecendo de uma coisa, Richard, é que, desses vinte mil francos, dez eram meus e não colocaram nada no meu bolso!

123. O francês Jean-Eugène Robert-Houdin (1805-71), cognominado o “pai da mágica moderna”, é considerado um dos maiores ilusionistas e mágicos de todos os tempos, tendo criado todos os “grandes truques” da mágica atual. Foi igualmente um grande construtor de autômatos. ↵

124. O casamento morganático é aquele entre um nobre (rei/rainha, príncipe/princesa etc.) e alguém de condição inferior. ↵

125. Passos do balé clássico: o *jeté* (francês, literalmente “lançado”, “atirado”) é um salto de uma perna para outra; o *glissade* (francês, literalmente “deslizamento”), iniciado com um *demi-plié*, consiste no deslizamento de um dos pés em determinada direção e, logo em seguida, na junção do outro. ↵

126. Intermédio coreográfico numa ópera ou numa suíte de danças. ↵

127. As bailarinas usavam um regador para aspergir o assoalho, de modo a que não ficasse muito escorregadio. O utensílio pode ser visto como detalhe em diversas telas de Edgar Degas, como *A aula de dança* (1871-74). ↵

128. Uma das personificações de Júpiter, deus maior dos romanos, divindade dos raios e trovões e dos fenômenos atmosféricos de um modo geral. Cultuada em particular no Templo de Júpiter Tonante, construído pelo imperador Augusto em 22 d.C. no monte Capitólio, em Roma. ↵





## SINGULAR ATITUDE DE UM ALFINETE DE FRALDA

(*Continuação*)

A ÚLTIMA FRASE DE MONCHARMIN exprimia a suspeita que agora ele alimentava com relação a seu colaborador de maneira clara o bastante para que disso não resultasse imediatamente uma explicação tempestuosa, no fim da qual ficou acertado que Richard iria curvar-se a todas as vontades de Moncharmin, com o objetivo de ajudá-lo a descobrir o miserável que caçoava deles.

Chegamos assim ao “entreato do jardim”, durante o qual o sr. secretário Rémy, a quem nada escapa, observou com estranheza a curiosa conduta de seus diretores, o que torna ainda mais fácil para nós apontar a razão de atitudes tão excepcionalmente barrocas e, sobretudo, tão pouco conformes à ideia que é mister fazer da dignidade diretorial.

A conduta de Richard e Moncharmin era ditada pela revelação que acabavam de lhes fazer: primeiro, aquela noite, Richard deveria repetir exatamente os gestos que efetuara por ocasião do desaparecimento dos vinte mil francos; segundo, Moncharmin não devia perder de vista nem por um segundo o bolso traseiro de Richard, no qual a sra. Giry teria introduzido os segundos vinte mil.

No lugar exato onde se encontrava ao cumprimentar o sr. subsecretário de Belas-Artes, veio posicionar-se o sr. Richard, tendo a poucos passos de distância, às suas costas, o sr. Moncharmin.

A sra. Giry passa, roça no sr. Richard, livra-se dos vinte mil no bolso de uma das abas do fraque do seu diretor e desaparece... Ou melhor, somem com ela. Executando a ordem que Moncharmin dera-lhe um pouco mais cedo, antes da reconstituição da cena, Mercier tranca a boa senhora no escritório da administração. Assim, será impossível para a velha comunicar-se com seu Fantasma. E ela consente, pois Mame Giry não é mais senão uma pobre figura desplumada, aterrada, abrindo olhos de ave arisca sob uma crista revolta e soltando suspiros de rachar as colunas da grande escadaria.

Nesse intervalo, o sr. Richard se curva, faz a reverência,

cumprimenta e recua, como se tivesse à sua frente aquele funcionário eminente e todo-poderoso que é o sr. subsecretário de Estado de Belas-Artes.

Entretanto tais demonstrações de polidez, mesmo que não suscitassem nenhum espanto, caso diante do sr. diretor estivesse o sr. subsecretário de Estado, causaram aos espectadores dessa cena tão natural porém tão inexplicável uma estupefação bastante compreensível, já que diante do sr. diretor não havia ninguém.

O sr. Richard cumprimentava o vazio... curvava-se diante do vácuo... e recuava, dando marcha a ré, perante o nada...

Como se não bastasse, a poucos passos dele o sr. Moncharmin imitava-o. E empurrando o sr. Rémy, suplicava ao sr. embaixador de La Borderie e ao sr. diretor do Crédit Central que “não tocassem no sr. diretor”.

Moncharmin, que tinha uma ideia na cabeça, não queria que dali a pouco Richard viesse lhe dizer, evaporados os vinte mil francos: “Talvez seja o sr. embaixador ou o sr. diretor do Crédit Central, ou até mesmo o sr. secretário Rémy.”

Ainda mais que, por ocasião da primeira cena, Richard admitira não ter encontrado ninguém naquela parte do teatro, após ser roçado pela sra. Giry... Por que então, eu lhes pergunto, uma vez que eles deviam repetir exatamente os mesmos gestos, encontraria alguém hoje?

Após um pequeno recuo para fazer a saudação, Richard, por prudência, continuou a andar de marcha a ré... até o corredor da administração... Portanto, continuava vigiado na retaguarda por Moncharmin, enquanto ele mesmo vigiava “suas abordagens” de frente.

Mais uma vez, essa maneira absolutamente inédita de passear nas coxias adotada pelos srs. diretores da Academia Nacional de Música não passou despercebida.

Foi notada.

Felizmente para os srs. Richard e Moncharmin, no momento dessa curiosíssima cena, as ratinhas estavam quase todas nos andares superiores. Pois os srs. diretores teriam causado sensação junto às mocinhas.

Mas eles só pensavam nos seus vinte mil francos.

Ao chegarem ao penumbroso corredor da administração, Richard disse em voz baixa a Moncharmin:

– Tenho certeza de que ninguém tocou em mim... agora, afaste-se e me vigie na penumbra até a porta do meu gabinete... não devemos alertar ninguém, logo veremos o que vai acontecer...

Mas o sr. Moncharmin replica:

– Não, Richard, não...! Vá na frente... vou *imediatamente* atrás! Estou a menos de um passo!

– Ora – exclama Richard –, assim nunca poderão nos roubar nossos vinte mil francos!

– Assim espero! – declarou Moncharmin.

– Então o que fazemos é absurdo!

– Estamos fazendo exatamente o que fizemos da última vez... Da última vez, juntei-me a você na saída do palco, no canto desse corredor, e segui-o *atrás de você*.

– É, você está certo! – suspira Richard, balançando a cabeça e obedecendo passivamente a Moncharmin.

Dois minutos mais tarde, os dois diretores trancavam-se no gabinete da direção.

Foi o próprio Moncharmin que colocou a chave em seu bolso.

– Ficamos trancados assim da última vez – observou –, até o momento em que você deixou a Ópera para ir para casa.

– É verdade! E ninguém veio nos perturbar?

– Ninguém.

– Então – deduziu Richard, que se esforçava para juntar suas recordações –, então eu certamente teria sido roubado no trajeto entre a Ópera e a minha residência...

– Não! – disse Moncharmin num tom mais seco do que nunca. – Isso não é possível... Fui eu que o deixei em casa no meu coche. Os vinte mil francos *desapareceram na sua casa*, não tenho mais a menor dúvida quanto a isso.

Era essa a ideia que Moncharmin germinava.

– Isso é inacreditável! – protestou Richard. – Tenho total confiança

nos meus criados...! E, se um deles tivesse dado esse golpe, teria fugido em seguida.

Moncharmin deu de ombros, parecendo indicar que não descia a tais detalhes.

Diante disso, Richard começa a achar que Moncharmin interpela-o num tom além do insuportável.

– Moncharmin, isso já é demais!

– Richard, isso já é demais!

– Ousa suspeitar de mim?

– Sim, uma piada de extremo mau gosto!

– Ninguém faz piada com vinte mil francos!

– É justamente o que penso! – declara Moncharmin, abrindo um jornal, em cuja leitura mergulha ostensivamente.

– O que vai fazer? – pergunta Richard. – Vai ler o jornal agora!

– Sim, Richard, até a hora em que irei acompanhá-lo até sua casa.

– Como da última vez?

– Como da última vez.

Richard arranca o jornal das mãos de Moncharmin. Moncharmin levanta-se, mais irritado do que nunca. Tem diante de si um Richard exasperado que, cruzando os braços no peito – gesto de insolente desafio desde os primórdios do mundo –, lhe diz:

– Eis o que penso. Penso no que poderia pensar se, como da última vez, após passar a noite a sós com você, você me levasse até a minha casa e se, no momento de nos despedirmos, eu constatasse que os vinte mil francos tinham desaparecido do bolso do meu fraque... como da última vez.

– E o que poderia pensar? – exclamou Moncharmin, ruborizado.

– Eu poderia pensar que, uma vez que não se afastou um centímetro de mim e que, em conformidade com seu desejo, você foi o único a se aproximar de mim como da última vez, eu poderia pensar que, se esses vinte mil francos não estão mais no meu bolso, há grande probabilidade de estarem no seu!

Moncharmin dá um pulo ante tal hipótese.

– Oh! – exclamou. – *Um alfinete de fralda!*

– O que pretende fazer com um alfinete de fralda?

– Prender você...! Um alfinete de fralda...! Um alfinete de fralda!

– Quer me prender com um alfinete de fralda?

– Sim, junto com os vinte mil francos...! Assim, seja aqui ou no trajeto daqui até sua residência ou dentro dela, você sentirá claramente a mão que puxará seu bolso... e verá se é a minha, Richard...! Ah, é você que suspeita de mim agora... Um alfinete de fralda!

Foi nesse instante que Moncharmin abriu a porta do corredor, gritando:

– Um alfinete de fralda! Quem tem um alfinete de fralda?

E também sabemos como, nesse mesmo instante, o secretário Rémy, que não tinha um alfinete de fralda, foi recebido pelo diretor Moncharmin, enquanto um contínuo providenciava para este último o tão desejado alfinete.

Eis o que aconteceu.

Moncharmin, após fechar a porta, ajoelhou-se atrás de Richard.

– Espero – disse – que os vinte mil francos continuem aí...

– Eu também – disse Richard.

– Os verdadeiros? – perguntou Moncharmin, dessa vez determinado a não se deixar “engambelar”.

– Olhe! Recuso-me a tocá-los – declarou Richard.

Moncharmin retirou o envelope do bolso de Richard e, tremendo, dele retirou as cédulas, pois, dessa vez, para poderem constatar a presença das cédulas a qualquer momento, não haviam nem lacrado nem mesmo colado o envelope. Tranquilizou-se, ao constatar que estavam todas ali, verdadeiríssimas. Juntou-as no bolso do fraque e espetou-as com grande cuidado.

Depois disso, sentou-se atrás do fraque, do qual não despregou mais o olho, enquanto Richard, sentado à sua mesa, não esboçava qualquer movimento.

– Um pouco de paciência – ordenou Moncharmin –, é questão de minutos. Daqui a pouco o relógio dará as doze badaladas da meia-noite. Foi na décima segunda badalada que partimos da última vez.

– Oh, terei toda a paciência necessária!

O tempo passava, lento, pesado, misterioso, asfixiante. Richard tentou rir.

– Terminarei acreditando – disse – na onipotência do Fantasma. Não acha que, especialmente neste instante, há na atmosfera deste recinto alguma coisa que inquieta, indis põe, apavora?

– É verdade – admitiu Moncharmin, que estava realmente impressionado.

– O Fantasma! – continuou Richard baixinho e como se temesse ser escutado por invisíveis ouvidos. – O Fantasma! E se fosse mesmo um fantasma que deu nesta mesa as três batidas secas que ouvimos perfeitamente... que nela deposita os envelopes mágicos... que fala no camarote nº5, que mata Joseph Buquet... que solta o lustre... e que nos rouba! Afinal! Afinal! Afinal! Estamos só eu e você aqui...! Se as cédulas desaparecerem sem a nossa interferência, minha ou sua... não nos restará senão acreditar no fantasma... no Fantasma...

Nesse momento, o relógio de pêndulo sobre a lareira disparou seu mecanismo e ressoou a primeira pancada da meia-noite.

Os dois diretores sentiram um calafrio. Uma angústia os asfixiava, cujas causas eles não sabiam dizer e que tentavam em vão combater. O suor escorria sobre suas fronteiras. E a décima segunda badalada reverberou singularmente em seus ouvidos.

Quando o pêndulo se calou, eles deram um suspiro e se levantaram.

– Acho que podemos ir – considerou Moncharmin.

– Creio que sim – cedeu Richard.

– Antes de partirmos, permite que eu verifique o seu bolso?

– Como não, Moncharmin! É imperioso!

– E então? – perguntou Richard a Moncharmin, que apalpava.

– E então continuo a sentir o alfinete.

– Evidentemente, como você dizia muito bem, não podem mais nos roubar sem que percebamos.

Mas Moncharmin, cujas mãos continuavam ocupadas com o bolso, berrou:

– *Continuo a sentir o alfinete, mas não sinto mais as cédulas.*

– Não! Não brinque, Moncharmin...! Não é hora para isso.

– Ora, apalpe você mesmo.

Com um gesto, Richard despe sua casaca. Os dois diretores arrancam o bolso...! *O bolso está vazio.*

O mais curioso é que o alfinete continuava espetado no mesmo lugar.

Richard e Moncharmin empalideciam. Não restava mais dúvida quanto ao sortilégio.

– O Fantasma – murmura Moncharmin.

Mas Richard avança bruscamente para o colega.

– Só você tocou no meu bolso...! Devolva meus vinte mil francos...! Devolva meus vinte mil francos...!

– Pela minha alma – suspira Moncharmin, à beira de uma síncope.

– Juro que não estão comigo...

E, como batiam à porta, ele foi abri-la, caminhando num passo quase automático, mal parecendo reconhecer o administrador Mercier, trocando com ele frases disparatadas, não compreendendo nada do que o outro lhe dizia; e depositando, com um gesto inconsciente, na mão desse fiel servidor completamente perplexo o alfinete de fralda, que não lhe era mais de nenhuma serventia...





## O COMISSÁRIO DE POLÍCIA, O VISCONDE E O PERSA

A PRIMEIRA COISA que o sr. comissário de polícia fez ao entrar na sala da direção foi pedir notícias da cantora.

– Christine Daaé não está aqui?

Era seguido, como eu disse, por uma multidão compacta.

– Christine Daaé? Não – respondeu Richard. – Por quê?

Quanto a Moncharmin, não tem mais forças para pronunciar uma palavra... seu estado de espírito é muito mais grave que o de Richard, pois Richard ainda pode suspeitar de Moncharmin, mas Moncharmin acha-se diante do grande mistério... aquele que causa arrepios na humanidade desde o seu nascimento: o Desconhecido.

Richard prossegue, pois a multidão que cerca os diretores e o comissário observa um silêncio impressionante.

– Por que me pergunta, sr. comissário, se Christine Daaé está aqui?

– Porque precisamos encontrá-la, srs. diretores da Academia Nacional de Música – declara solenemente o sr. comissário de polícia.

– Como assim! Precisamos encontrá-la? Ela então desapareceu?

– No meio do espetáculo!

– No meio do espetáculo! Isso é extraordinário!

– Não é mesmo? E tão extraordinário quanto esse desaparecimento é o fato de ser eu a lhe trazer a notícia!

– Com efeito... – aquiesce Richard, que segura a cabeça com as mãos e murmura: – Que história é essa agora? Oh! francamente, quantos motivos para pedir demissão...!

E arranca alguns pelos do bigode sem sequer perceber:

– Quer dizer – ele balbucia como que num sonho – que ela desapareceu no meio do espetáculo.

– Sim, foi raptada no ato da prisão, no momento em que invocava a ajuda dos céus, mas duvido que tenha sido raptada pelos anjos!

– E eu tenho certeza disso!

Todo mundo se volta. Um rapaz, pálido e trêmulo de emoção,

repete:

– Tenho certeza disso!

– Tem certeza de quê? – interroga-o Mifroid.

– De que Christine Daaé foi raptada por um anjo, sr. comissário, e eu poderia lhe dizer seu nome...

– Ah, ah, sr. visconde de Chagny! Está me dizendo que a srta. Christine Daaé foi raptada por um anjo, por um anjo da Ópera, sem dúvida?

Raoul olha à sua volta. Evidentemente, procura alguém. Nesse minuto em que lhe parece tão necessário pedir que a polícia socorra sua noiva, não o aborreceria rever aquele misterioso desconhecido que ainda há pouco lhe recomendava discrição. Mas não o descobre em parte alguma. Vamos! Ele precisa falar...! Não saberia, contudo, explicar-se diante daquela multidão que o mira com uma curiosidade indiscreta.

– Sim, senhor, por um anjo da Ópera – respondeu ao sr. Mifroid –, e eu lhe direi onde ele mora quando estivermos a sós...

– Tem razão, cavalheiro.

E o comissário de polícia, fazendo Raoul sentar-se ao seu lado, bota todo mundo para fora, exceto naturalmente os diretores, que, não obstante, não teriam protestado, de tal forma pareciam acima de todas as contingências.

Então Raoul se decide:

– Sr. comissário, esse anjo chama-se Erik, mora na Ópera e é o *Anjo da Música*!

– “O Anjo da Música”! Sério!! Aí está uma coisa bem curiosa...! O *Anjo da Música*!

E, encarando os diretores, o sr. comissário de polícia Mifroid pergunta:

– Os senhores conservam esse anjo nesta casa?

Os srs. Richard e Moncharmin balançaram a cabeça sem sequer sorrirem.

– Oh! – fez o visconde. – Esses senhores certamente ouviram falar do Fantasma da Ópera, e ele e o Anjo da Música são a mesma coisa. E o seu nome verdadeiro é Erik.

O sr. Mifroid tinha se levantado e observava atentamente Raoul.

– Perdão, cavalheiro, porventura sua intenção é caçar da Justiça?

– Eu! – protestou Raoul, que pensou dolorosamente: “Mais um que não me dará ouvidos.”

– Então que conversa fiada é essa de Fantasma da Ópera?

– Repito que esses senhores ouviram falar a respeito dele.

– Parece que conhecem o Fantasma da Ópera, cavalheiros...

Richard levantou-se, com os últimos fios do bigode na mão.

– Não, sr. comissário, não, não o conhecemos, mas gostaríamos muito de conhecer! Pois, justo esta noite, ele nos roubou vinte mil francos...!

E Richard voltou para Moncharmin um olhar que parecia dizer: “Devolva-me os vinte mil francos ou eu conto tudo.” Moncharmin compreendeu-o, de modo que, fazendo um gesto de desânimo, suspirou:

– Ah, conte tudo! Conte tudo...!

Quanto a Mifroid, observando alternadamente os diretores e Raoul, perguntava-se se não tinha se perdido num hospício. Passou a mão no cabelo:

– Um fantasma – disse – que, na mesma noite, rapta uma cantora e rouba vinte mil francos é um fantasma assoberbado! Se me permitem, vamos ordenar as perguntas. Primeiro a cantora de ópera, depois os vinte mil francos! Vamos, sr. de Chagny, sejamos sérios. O senhor acredita que a srta. Christine Daaé foi sequestrada por um indivíduo chamado Erik. Conhece então esse indivíduo? Viu-o?

– Sim, sr. comissário.

– Onde isto?

– Num cemitério.

O sr. Mifroid sobressaltou-se e, continuando a fitar Raoul, disse:

– É óbvio...! Em geral é lá que encontramos os fantasmas. E o que fazia nesse cemitério?

– Senhor – explicou Raoul –, reconheço plenamente a estranheza das minhas respostas e o efeito que elas produzem em sua pessoa. Mas suplico que acredite que estou de posse de todas as minhas faculdades.

Disso depende a salvação da pessoa que me é mais cara no mundo, ao lado do meu bem-amado irmão Philippe. Gostaria de convencê-lo em poucas palavras, pois a hora urge e os minutos são preciosos. Infelizmente, se eu não contar a história mais estranha do mundo desde o início, o senhor não acreditará. Vou lhe contar, sr. comissário, tudo que sei sobre o Fantasma da Ópera. Ai de mim!, sr. comissário, não sei muita coisa...

– Fale assim mesmo! Fale assim mesmo! – exclamaram Richard e Moncharmin, subitamente muito interessados.

Infelizmente para a fugaz esperança que tinham concebido de virem a saber algum detalhe suscetível de colocá-los no rastro do embusteiro, logo tiveram de se render à triste evidência de que o sr. Raoul de Chagny perdera completamente o juízo. Toda aquela história de Perros-Guirec, caveiras e violino encantado só poderia ter nascido no cérebro desmiolado de um apaixonado.

Era visível, de resto, que o sr. comissário Mifroid partilhava cada vez mais essa maneira de ver e, certamente, o magistrado teria posto fim àquelas declarações sem pé nem cabeça, da qual demos um apanhado na primeira parte desta narrativa, se as circunstâncias por si sós não tivessem se encarregado de interrompê-las.

A porta acabava de se abrir e entrou um indivíduo trajando um amplo e peculiar redingote e tendo na cabeça uma cartola ao mesmo tempo puída e reluzente, que lhe descia até as duas orelhas. Correu até o comissário e confabulou com ele. Era algum agente policial sem dúvida, que vinha cumprir alguma missão urgente.

Durante esse colóquio, o sr. Mifroid não despregava os olhos de Raoul.

Por fim, dirigindo-se a este, disse:

– Cavalheiro, já falamos o suficiente do Fantasma. Agora, se não vê inconveniente, falemos um pouco do senhor. Pretendia raptar a srta. Christine Daaé esta noite?

– Sim, sr. comissário.

– Na saída do teatro?

– Sim, sr. comissário.

– Tomou todas as providências nesse sentido?

– Sim, sr. comissário.

– O coche que o trouxe deveria levar a ambos. O cocheiro estava avisado, seu itinerário traçado com antecedência... Mais que isso! Ele deveria encontrar cavalos descansados em cada escala...

– É verdade, sr. comissário.

– No entanto, seu coche continua aqui, aguardando suas ordens, do lado da Rotunda, certo?

– Sim, sr. comissário.

– Sabia que, ao lado do seu, havia três outros coches?

– Não prestei a menor atenção.

– Eram os da srta. Sorelli, que não encontrou vaga no pátio da administração; da Carlotta; e do seu irmão, o sr. conde de Chagny...

– É possível...

– O que é certo, em contrapartida... é que, se a sua própria equipagem, a da Sorelli e a da Carlotta continuam em seus lugares, no meio-fio da Rotunda... a do sr. conde de Chagny não está mais lá...

– Isso não tem nada a ver, sr. comissário.

– Perdão! O sr. conde não se opunha ao seu casamento com a srta. Daaé?

– Isso diz respeito exclusivamente à família.

– O senhor me respondeu... ele se opunha... eis por que o senhor raptava Christine Daaé para longe das possíveis interferências do senhor seu irmão. Pois bem, sr. de Chagny, permita-me informar-lhe que seu irmão foi mais ágil que o senhor...! Foi ele quem raptou Christine Daaé!

– Oh! – gemeu Raoul, levando a mão ao coração. – Isso não é possível... Tem certeza do que diz?

– Logo após o desaparecimento da artista, que foi arquitetado com cúmplices que ainda estabeleceremos, ele pulou dentro do seu coche e saiu desabalado através de Paris.

– Através de Paris? – rosnou o pobre Raoul. – O que entende por “através de Paris”?

– E para fora de Paris...

– Para fora de Paris... que estrada?

– A estrada de Bruxelas.

Um grito rouco escapa da boca do desditoso rapaz.

– Oh! – ele exclama. – Juro que os alcançarei.

E, em dois pulos, estava fora do gabinete.

– Traga-nos ela de volta – grita alegremente o comissário. – Hein? Eis uma informação que não fica atrás daquela do Anjo da Música!

Com isso, o sr. Mifroid volta-se para sua plateia estupefata e lhe administra essa pequena lição de polícia honesta, mas de forma alguma pueril:

– Não sei se foi realmente o sr. conde de Chagny quem raptou Christine Daaé... mas preciso saber e, no momento, não vejo ninguém melhor do que o visconde seu irmão para querer me informar... Neste exato instante, ele corre, voa! É meu principal auxiliar! Eis, cavalheiros, a arte da polícia, julgada tão complicada, a qual, contudo, parece bem simples ao descobrirmos que deve consistir em fazer essa polícia agir, sobretudo usando pessoas que não pertencem a seus quadros!

Mas o sr. comissário de polícia Mifroid talvez não ficasse tão satisfeito consigo mesmo se soubesse que a carreira de seu veloz mensageiro tinha sido interrompida no primeiro corredor, esvaziado da multidão de curiosos, que fora dispersada. O corredor parecia deserto.

No entanto, Raoul viu seu caminho barrado por uma grande sombra.

– Aonde vai tão depressa, sr. de Chagny? – perguntou a sombra.

Raoul, impaciente, erguera a cabeça e reconhecera o barrete de astracã. Parou.

– O senhor de novo! – gritou, com uma voz febril. – O senhor que conhece os segredos de Erik e não quer que eu os mencione. Afinal, quem é o senhor?

– O senhor sabe muito bem...! Sou o Persa! – respondeu a sombra.





## O VISCONDE E O PERSA

RAOUL LEMBROU-SE então de que, certa noite de espetáculo, seu irmão apontara-lhe aquele vago personagem, a cujo respeito tudo se ignorava, salvo que era um persa e que morava num velho e pequeno apartamento à rua de Rivoli.

O homem da tez de ébano, dos olhos de jade e do barrete de astracã inclinou-se para Raoul.

– Espero, sr. de Chagny, que não tenha traído o segredo de Erik!

– E por que eu hesitaria em trair esse monstro, senhor? – replicou Raoul com altivez, tentando livrar-se do importuno. – Por acaso é seu amigo?

– Espero que não tenha falado nada sobre Erik, cavalheiro, porque o segredo de Erik é o de Christine Daaé! E falar de um é falar da outra!

– Oh, senhor! – exclamou Raoul, cada vez mais impaciente. – O senhor parece estar a par de muitas coisas que me interessam, pena que não tenho tempo de ouvi-lo!

– Mais uma vez, sr. de Chagny, aonde vai com tanta pressa?

– Não adivinha? Socorrer Christine Daaé...

– Então, cavalheiro, fique...! Pois Christine Daaé está aqui...!

– Com Erik?

– Com Erik!

– Como sabe disso?

– Estava assistindo ao espetáculo e só existe um Erik no mundo capaz de maquinar esse rapto... Oh! – suspirou profundamente. – Reconheci a mão do monstro...!

– Então o conhece?

O Persa não respondeu, mas Raoul ouviu um novo suspiro.

– Senhor – disse Raoul –, ignoro quais são suas intenções... mas pode fazer algo por mim...? Isto é, por Christine Daaé?

– Creio que sim, sr. de Chagny, eis por que o abordei.

– O que pode fazer?

– Tentar levá-lo até ela... e até ele!

– Senhor! Esta é uma empreitada que já tentei em vão esta noite... mas, se me fizer esse obséquio, minha vida lhe pertence...! Senhor, mais uma coisa: o comissário acaba de me informar que Christine Daaé foi raptada pelo meu irmão, o conde Philippe...

– Oh, sr. de Chagny, não acredito nada nisso...

– Impossível, não é mesmo?

– Não sei se é impossível, mas há muitas formas de rapto e, ao que eu saiba, o sr. conde Philippe *nunca trabalhou com ilusionismo*.

– Seus argumentos impressionam, cavalheiro, e eu não passo de um louco...! Depressa! Depressa! Entrego-me inteiramente ao senhor...! Como não lhe dar crédito quando mais ninguém acredita em mim? Quando é o único a não sorrir ao escutar o nome de Erik!

Dizendo isso, o rapaz, cujas mãos ardiam em febre, tinha, num gesto espontâneo, tomado as mãos do Persa. Estavam geladas.

– Silêncio! – disse o Persa, parando, à espreita dos rumores distantes do teatro e dos menores estalidos que se produziam nas paredes e corredores adjacentes. – Não enunciemos mais esta palavra aqui. Falemos “*Ele*”; teremos menos chances de atrair sua atenção...

– Julga-o então bem próximo de nós?

– Tudo é possível, cavalheiro... se, neste momento, ele não estiver com sua vítima *na morada do lago*.

– Ah, o senhor também conhece essa tal morada?

– Se não está em sua morada, ele pode estar dentro dessa parede, dentro desse assoalho, dentro desse teto! Como vou saber...? O olho nessa fechadura...! O ouvido nessa viga...!

E o Persa, pedindo-lhe que amortecesse o barulho de seus passos, arrastou Raoul por corredores que o rapaz nunca vira, nem mesmo nos tempos em que Christine guiava-o por aquele labirinto.

– Tomara – disse o Persa –, tomara que Darius tenha chegado!

– Quem é esse Darius? – interrogou novamente o moço, correndo.

– Darius é meu criado...!

Encontravam-se nesse momento no centro de uma verdadeira

praça deserta, salão imenso que um toco de vela mal iluminava. O Persa deteve Raoul e, baixinho, tão baixinho que Raoul tinha dificuldade para ouvi-lo, perguntou-lhe:

– O que o senhor disse ao comissário?

– Disse-lhe que o raptor de Christine Daaé era o Anjo da Música, vulgo Fantasma da Ópera, e que seu verdadeiro nome era...

– Shhh... E o comissário acreditou?

– Não.

– Não deu nenhuma importância ao que o senhor dizia?

– Nenhuma!

– Tomou-o por um louco?

– Sim.

– Melhor assim! – suspirou o Persa.

E seguiram adiante.

Após subirem e descerem várias escadas desconhecidas de Raoul, os dois homens viram-se diante de uma porta, que o Persa abriu com uma pequena gazua que tirou do bolso do colete. O Persa, como Raoul, estava naturalmente de fraque. Só que, enquanto Raoul usava uma cartola, o Persa tinha na cabeça um barrete de astracã, já mencionado por mim. Aquilo era uma excrescência no código de elegância que regia as coxias, onde é exigida a cartola, mas ninguém ignora que na França permite-se tudo aos estrangeiros: o boné de viagem aos ingleses, o barrete de astracã aos persas.

– Cavaleiro – disse o Persa –, sua cartola será um estorvo na expedição que planejamos... Melhor deixá-la no camarim...

– Que camarim? – indagou Raoul.

– Ora, no de Christine Daaé!

E, tendo feito Raoul atravessar a porta que acabava de abrir, o Persa apontou, à sua frente, o camarim da atriz.

Raoul ignorava ser possível chegar ao camarim de Christine por um caminho diferente do que costumava usar. Encontrava-se então na ponta do corredor que ele tinha o hábito de atravessar antes de bater à porta do camarim.

– Oh, o senhor conhece bem a Ópera!

– Não tanto quanto *ele*! – respondeu modestamente o Persa.

E empurrou o rapaz para dentro do camarim de Christine.

O aposento achava-se tal como ele o deixara momentos antes.

Após fechar a porta, o Persa dirigiu-se até o painel bem fino que separava o camarim de uma saleta que o sucedia. Escutou, depois pigarreou bem alto.

Imediatamente ouviram alguma coisa se mexer dentro desse quartinho e, logo em seguida, alguém batia à porta do camarim.

– Entre! – disse o Persa.

Um homem entrou, vestindo igualmente um barrete de astracã e uma comprida opalanda.

Cumprimentou e puxou de sua veste uma caixa ricamente cinzelada. Depositou-a na mesa de toalete, cumprimentou novamente e dirigiu-se à porta.

– Ninguém o viu entrar, Darius?

– Não, patrão.

– Que ninguém o veja sair.

O criado arriscou uma espiada no corredor e, num piscar de olhos, desapareceu.

– Senhor – alertou Raoul –, algo me ocorre. É que podem muito bem nos flagrar aqui, o que evidentemente nos traria aborrecimentos. O comissário faria uma varredura completa neste camarim.

– Bah! Não é o comissário que devemos temer.

O Persa abriu a caixa. Nela, havia um par de longas pistolas com desenhos e ornamentos magníficos.

– Logo após o rapto de Christine Daaé, ordenei ao meu criado que me trouxesse essas armas, cavalheiro. Conheço-as há muito tempo, são da minha confiança.

– Pretende bater-se em duelo? – interrogou o rapaz, surpreso com a chegada daquele arsenal.

– Com efeito, é de um duelo que estamos a caminho, senhor – o outro respondeu, examinando a espoleta de suas pistolas. – E que duelo!

Dizendo isso, estendeu uma pistola a Raoul e continuou a falar:

– Nesse duelo, seremos dois contra um, mas esteja preparado para tudo, cavalheiro, pois não lhe escondo que vamos lidar com o mais terrível adversário que possa imaginar. Mas ama Christine Daaé, estou certo?

– E como, senhor! Mas o senhor, que não a ama, me explique por que o vejo disposto a arriscar sua vida por ela...! O senhor certamente odeia Erik!

– Não, cavalheiro – disse tristemente o Persa –, não o odeio. Se o odiasse, há muito tempo que ele não prejudicaria mais ninguém.

– Ele prejudicou o senhor...?

– O mal que ele me fez eu perdoei.

– É absolutamente extraordinário – continuou o rapaz – ouvi-lo falar desse homem! Chama-o de monstro, menciona seus crimes, ele lhe fez mal e encontro no senhor a mesma e paradoxal piedade que me desesperava na própria Christine...!

O Persa não respondeu. Tinha ido pegar um banquinho alto e foi recostá-lo na parede oposta ao grande espelho que ocupava todo o lance frontal. Em seguida, subira no banquinho e, com o nariz no papel que revestia a parede, parecia procurar alguma coisa.

– E então, cavalheiro! – disse Raoul, que fervilhava de impaciência. – Estou esperando. Vamos!

– Vamos aonde? – perguntou o outro, sem desviar a cabeça.

– Ora, atrás do monstro! Desçamos! Não me disse que tinha meios para isso?

– Estou procurando.

E o nariz do Persa passeou novamente ao longo de toda a parede.

– Ei! – exclamou de repente o homem do barrete. – É aqui!

E seu dedo, acima de sua cabeça, pressionou num canto do desenho do papel.

Em seguida, virou-se e pulou do banquinho.

– Dentro de meio minuto – advertiu – estaremos *no caminho dele*!

E, atravessando todo o camarim, foi apalpar o grande espelho.

– Oh, sairemos pelo espelho...! – exclamou Raoul. – Como Christine!

– Então sabia que Christine Daaé tinha saído por esse espelho?

– Na minha frente, senhor...! Eu estava escondido aqui, atrás da cortina do gabinete de toalete, e a vi desaparecer, não pelo espelho, mas dentro do espelho!

– E o que fez?

– Acreditei, senhor, numa aberração dos meus sentidos! Em loucura! Em sonho!

– Em algum novo capricho do Fantasma... – riu o Persa. – Ah, sr. de Chagny – ele continuou, sempre com a mão no espelho –, quisera o céu que estivéssemos lidando com um fantasma! Poderíamos deixar nosso par de pistolas no estojo...! Deixe a sua cartola aqui, por favor... aqui... e agora feche sua casaca o máximo que puder sobre o peitilho... como eu... abaixe as lapelas... levante a gola... temos que nos fazer tão invisíveis quanto possível...

Acrescentou ainda, após um curto silêncio e pressionando o espelho:

– O disparo do contrapeso, quando acionamos a mola dentro do camarim, demora um pouco a produzir seu efeito. Bem diferente quando estamos atrás da parede e podemos agir diretamente sobre o contrapeso. Então o espelho gira instantaneamente e desliza com uma rapidez vertiginosa...

– Que contrapeso? – perguntou Raoul.

– Ora bolas, o que levanta todo esse lança da parede sobre seu eixo! Achava que ele se deslocasse sozinho, que fosse bruxaria!

E o Persa, puxando Raoul com uma das mãos, continuava a apoiar a outra (a que segurava a pistola) contra o espelho.

– Daqui a pouco, se prestar bem atenção, verá o espelho levantar poucos milímetros e depois se deslocar outros tantos milímetros da esquerda para a direita. Ele então irá encaixar-se sobre um eixo e girar. Impressionante o que se pode fazer com um contrapeso! Uma criança, com o mindinho, pode fazer uma casa girar... quando uma parede, por mais pesada que seja, é levada para o seu eixo pelo contrapeso, bem equilibrado, ela não pesa mais que um pião sobre sua ponteira.

– Não está girando! – constatou Raoul, impaciente.

– Espere um pouco! Tem todo o tempo do mundo para se impacientar, cavalheiro! O mecanismo, evidentemente, está enferrujado ou a mola enguiçou.

A frente do Persa manifestou preocupação.

– E depois, pode haver outra coisa.

– O que seria, cavalheiro?

– Talvez ele tenha simplesmente cortado a corda do contrapeso e travado todo o sistema...

– Por quê? Ele não ignora que vamos descer por aqui?

– Talvez desconfie, pois não ignora que conheço o sistema.

– Foi ele que lhe mostrou?

– Não! Fui atrás dele e, estudando seus desaparecimentos misteriosos, descobri. Oh, é o sistema mais simples das portas secretas! Um mecanismo que data dos palácios sagrados de Tebas das Cem Portas,<sup>129</sup> como a sala do trono de Ecbátana,<sup>130</sup> como a sala da trípole em Delfos.<sup>131</sup>

– Não está girando...! E Christine, senhor...! Christine...!

O Persa disse friamente:

– Faremos tudo que é humanamente possível fazer...! Mas ele pode nos deter nos primeiros passos!

– Ele então é o senhor dessas paredes?

– Ele comanda as paredes, as portas e os alçapões. Em nosso país, chamavam-no com um nome que significa “o mago dos alçapões”.

– Foi assim que Christine falou... com o mesmo mistério e conferindo-lhe o mesmo terrível poder...! Mas tudo isso me parece extraordinário além do limite...! Por que essas paredes só obedecem a ele? Foi ele quem as construiu?

– Sim, senhor!

Como Raoul, pasmo, observava, o Persa fez-lhe sinal para se calar, depois apontou o espelho... Foi como um reflexo trêmulo. A imagem dos dois turvou-se como numa onda encrespada e tudo voltou a ficar imóvel.

– Está vendo, cavalheiro, que isso não funciona! Tomemos outro caminho!

– Esta noite é única! – declarou o Persa, com uma voz singularmente lúgubre. – E agora, atenção! Esteja preparado para atirar!

Ele próprio ergueu sua pistola diante do espelho. Raoul imitou seu gesto. Com o braço que ficara livre, o Persa puxou o rapaz até o seu peito e subitamente, numa fulgurância, num cruzamento de fogos ofuscante, o espelho girou; igual a uma dessas portas giratórias compartimentadas que agora dão acesso aos estabelecimentos públicos... girou, carregando Raoul e o Persa em seu movimento irresistível e lançando-os bruscamente da luz plena na mais profunda escuridão.

129. Tebas: nome grego da antiga cidade egípcia de Uaset, capital do Novo Império (1580-1077 a.C.), famosa por suas cem portas, conquistada por Alexandre no séc.IV a.C. ↩

130. Cidade milenar, conquistada por diversos povos, situada no antigo Irã. ↩

131. A trípole era uma espécie de banquinho de bronze, com três pés, sobre o qual se sentava a Pítia, adivinha do oráculo de Delfos, na Grécia. Ver também nota 105. ↩





## NOS PORÕES DA ÓPERA

– COM A MÃO ERGUIDA, pronta para atirar! – repetiu o companheiro de Raoul.

Atrás deles, a parede, completando uma volta sobre si mesma, se fechara.

Os dois homens permaneceram imóveis por alguns instantes, prendendo a respiração.

Nas trevas, reinava um silêncio que nada vinha perturbar.

Por fim, o Persa resolveu fazer um movimento e Raoul ouviu-o deslizando de joelhos, procurando alguma coisa na noite, às apalpadelas.

Súbito, diante do rapaz, as trevas se dissiparam tenuamente à luz de uma pequena lanterna-lamparina, e Raoul recuou instintivamente, como se escapando à investigação de um inimigo secreto. Mas logo compreendeu que aquele fogo pertencia ao Persa, de quem ele não perdia nenhum gesto. O pequeno facho vermelho passeava pelas paredes, para cima, para baixo, à volta deles, meticulosamente. Aquelas paredes eram formadas, à direita, por um muro, à esquerda, por uma divisória de tábuas, em cima e embaixo, por um forro e um assoalho. Raoul ruminava que Christine passara por ali no dia em que seguira a voz do “Anjo da Música”. Devia ser aquele o caminho costumeiro de Erik quando, através das paredes, vinha iludir a boa-fé e fustigar a inocência de Christine. Lembrando-se das palavras do Persa, Raoul conjecturou que aquele caminho fora misteriosamente idealizado e construído pelo próprio Fantasma. Ora, mais tarde viria a saber que Erik encontrara ali, como que preparado para ele, um corredor secreto, de cuja existência ele continuara a ser o único a saber. Havia sido aberto por ocasião da Comuna de Paris para permitir aos carcereiros conduzirem seus prisioneiros diretamente às masmorras construídas nos porões, pois os federados<sup>132</sup> haviam ocupado o prédio imediatamente depois do 18 de março<sup>133</sup> e transformado seus telhados numa base de partida para os balonistas encarregados de levarem suas proclamações incendiárias aos

departamentos, e seu porão mais subterrâneo numa prisão de Estado.

O Persa pusera-se de joelhos e deixara sua lamparina no chão. Parecia ocupado escarafunchando o assoalho, quando, de repente, velou sua luz.

Raoul ouviu então um débil clique e percebeu um quadrado luminoso bem claro no chão do corredor. Era como se uma janela acabasse de se abrir para os porões ainda iluminados da Ópera. Raoul não via mais o Persa, mas sentiu-o subitamente ao seu lado e ouviu sua respiração.

– Siga-me e faça tudo que eu fizer.

Raoul foi guiado até a claraboia luminosa. Então viu o Persa, que, ainda ajoelhado e pendurando-se na claraboia com as mãos, entranhava-se no subterrâneo. O Persa colocara a pistola entre os dentes.

Coisa curiosa, o visconde tinha plena confiança no Persa. Apesar de ignorar tudo sobre ele, e de a maioria de suas afirmações só ter feito aumentar o caráter obscuro daquela aventura, não hesitava em crer que, naquela hora decisiva, o Persa estava do seu lado contra Erik. Sua emoção lhe parecera sincera quando ele falara do “monstro”; o interesse que demonstrava por ele não parecia nem um pouco suspeito. Por fim, se o Persa tivesse alimentado algum plano sinistro contra Raoul, não teria sido seu artífice. E, para resumir, Raoul não precisava encontrar Christine a todo custo? Não tinha outra escolha. Se tivesse hesitado, mesmo duvidando das intenções do Persa, teria se considerado o último dos covardes.

Foi a vez de Raoul se ajoelhar e se pendurar no alçapão com as duas mãos. “Solte-se!”, ele ouviu. E caiu nos braços do Persa, que lhe ordenou imediatamente que se pusesse de barriga no chão, fechou o alçapão acima de suas cabeças, sem que Raoul atinasse seu estratagema, e foi deitar-se ao lado do visconde. Este quis lhe fazer uma pergunta, mas a mão do Persa tapou-lhe a boca e ele ouviu imediatamente uma voz, que reconheceu como sendo a do comissário de polícia que acabara de interrogá-lo.

Raoul e o Persa encontravam-se então ambos atrás de uma divisória que os dissimulava perfeitamente. Próximo dali, uma escada subia até um pequeno aposento, onde o comissário parecia andar de

um lado para o outro fazendo perguntas, pois ouvia-se o barulho de seus passos junto com sua voz.

Embora a luz sobre os objetos fosse bem tênue, Raoul, saindo da densa escuridão que reinava no corredor secreto superior, não teve dificuldade em distinguir a forma das coisas.

Não pôde reprimir uma surda exclamação, pois havia ali três cadáveres.

O primeiro estava deitado no estreito patamar superior da escadinha que subia até a porta, atrás da qual se ouvia o comissário; os outros dois tinham rolado até o pé da escada, com os braços cruzados. Se passasse os dedos através da divisória que o escondia, Raoul teria conseguido tocar a mão de um daqueles infelizes.

– Silêncio! – disse ainda o Persa num sopro.

Ele também vira os corpos estendidos e com uma palavra explicou tudo:

– *Ele!*

A voz do comissário ressoava com mais nitidez. Exigia explicações sobre o sistema de iluminação, que o contrarregra lhe dava. O comissário devia então estar junto aos tubos do “órgão” ou em suas dependências. Ao contrário do que se poderia crer, sobretudo em se tratando de um teatro de ópera, os tubos do “órgão” não se destinavam a fazer música.

Nessa época, a eletricidade só era empregada para determinados efeitos cênicos bastante restritos e para as campanhas. O imenso prédio e o próprio palco ainda eram iluminados a gás, e era sempre com hidrogênio que se ajustava e alterava a iluminação de um cenário, e isso por meio de um aparelho especial cujos múltiplos tubos fizeram-no ser apelidado de “órgão”.

Um desvão, ao lado do buraco do ponto,<sup>134</sup> era reservado ao diretor de iluminação, que de lá dava ordens a seus auxiliares e verificava sua execução. Era nesse desvão que ficava Mauclair.

Ora, Mauclair não estava em seu cubículo nem os auxiliares em seus postos.

– Mauclair! Mauclair!

A voz do contrarregra repercutia agora feito um tambor nos

porões. Mas Mauclair não respondia.

Dissemos que uma porta dava para uma escadinha que subia do segundo porão. O comissário empurrou-a, mas ela resistiu:

– Estranho, muito estranho! – disse. – Veja, sr. contrarregra, não consigo abrir essa porta... ela é sempre tão difícil assim?

O contrarregra, com uma vigorosa ombrada, empurrou a porta. Percebendo que empurrava ao mesmo tempo um corpo humano, não conseguiu conter uma exclamação – aquele corpo, ele reconheceu imediatamente:

– Mauclair!

Todos os personagens que haviam seguido o comissário naquela visita ao “órgão” avançaram, inquietos.

– Coitado! Está morto – gemeu o contrarregra.

Mas o sr. comissário Mifroid, a quem nada surpreende, já se debruçava sobre aquele corpanzil.

– Não – constatou –, está em coma alcoólico. Não é a mesma coisa.

– Seria a primeira vez – declarou o contrarregra.

– Então deram-lhe um narcótico... É bem possível.

Mifroid levantou-se, desceu ainda alguns degraus e exclamou:

– Vejam!

À luz de um pequeno refletor vermelho, ao pé da escada, havia dois outros corpos estendidos. O contrarregra reconheceu os auxiliares de Mauclair... Mifroid desceu, auscultou-os.

– Dormem profundamente – disse. – Caso dos mais curiosos. Não podemos mais duvidar da intervenção de um desconhecido no setor da iluminação... e esse desconhecido evidentemente trabalhava para o raptor...! Mas que ideia esquisita raptar uma artista em cena...! Isso é que é abusar da dificuldade, ou não me chamo Mifroid! Mandem chamar o médico do teatro.

E o sr. Mifroid repetiu:

– Realmente, caso dos mais curiosos!

Em seguida, voltou-se para o interior do pequeno aposento, dirigindo-se a pessoas que, do lugar onde estavam, nem Raoul nem o Persa podiam perceber.

– O que me dizem de tudo isso, senhores? – perguntou. – Só os senhores não deram sua opinião. Mas devem ter sua opiniãozinha...

Então, no topo da escada, Raoul e o Persa viram os dois semblantes irritados dos srs. diretores avançar – só se viam seus rostos acima do patamar superior da escada – e ouviram a voz transtornada de Moncharmin:

– Estão acontecendo coisas inexplicáveis aqui, sr. comissário.

E os dois rostos desapareceram.

– Obrigado pela informação, senhores – disse Mifroid, irônico.

Mas o contrarregra, cujo queixo repousava então na concha de sua mão direita, gesto da reflexão profunda, enunciou:

– Não é a primeira vez que Mauclair dorme no teatro. Lembro-me de encontrá-lo certa noite roncando em seu cubículo, ao lado de sua caixinha de rapé.

– Faz muito tempo isso? – perguntou Mifroid, limpando com um cuidado meticuloso as lentes de seus óculos, pois o sr. comissário era míope, como acontece com os mais belos olhos do mundo.

– Santo Deus...! – exclamou o contrarregra. – Não, não faz muito tempo... Vejamos...! Era a noite... Sim, claro... a noite em que a Carlotta, como o senhor sabe muito bem, sr. comissário, deu o seu famigerado “croac”!

– Mesmo? A noite em que a Carlotta deu o seu malfadado “croac”?

O sr. Mifroid recolocou no nariz os óculos de lentes translúcidas e fitou atentamente o contrarregra, como se quisesse penetrar seu pensamento.

– Quer dizer que Mauclair gosta de uma *prise*...?<sup>135</sup> – perguntou, num tom negligente.

– Sim, sr. comissário.... Veja, eis aqui sobre essa mesinha sua caixinha de rapé... Oh, era um grande cheirador de rapé!

– E eu também! – disse o sr. Mifroid, e colocou a caixinha em seu bolso.

Raoul e o Persa, sem que ninguém suspeitasse de sua presença, assistiram ao traslado dos três corpos, que maquinistas vieram retirar. O comissário seguiu-os e todos subiram atrás dele novamente. Ouviram-se, ainda por alguns instantes, seus passos ressoando no

palco.

Quando ficaram a sós, o Persa fez um sinal para Raoul levantar-se. Este obedeceu, mas como, ao mesmo tempo, não recolocara a mão erguida na altura dos olhos, pronta para atirar, como o Persa sempre fazia, este ordenou-lhe que adotasse aquela posição e não saísse dela, acontecesse o que acontecesse.

– Mas isso cansa a mão inutilmente! – murmurou Raoul. – Se tiver que atirar, não sentirei firmeza!

– Passe então a arma para a outra mão! – cedeu o Persa.

– Não sei atirar com a canhota!

A que o Persa respondeu com esta declaração bizarra, que, para o cérebro transtornado do rapaz, evidentemente não esclarecia em nada a situação:

*– Não se trata de atirar com a mão esquerda ou a direita; trata-se de ter uma das mãos posicionada como se fosse apertar o gatilho de uma pistola, com o braço flexionado; quanto à pistola em si, no fim das contas, pode guardá-la no bolso.*

E acrescentou:

– Que isto fique entendido, ou não respondo por mais nada! É uma questão de vida ou morte. Agora, silêncio e siga-me!

Estavam então no segundo porão; Raoul enxergava apenas alguns cotos de vela, imóveis, aqui e ali, em suas prisões de vidro, uma ínfima parte daquele abismo extravagante, sublime e infantil, divertido como uma caixa de marionetes, assustador como um abismo, que são os porões da Ópera.

São em número de cinco e são prodigiosos. Reproduzem todos os planos do palco, seus alçapões e escotilhas. Apenas as calhas<sup>136</sup> são substituídas por trilhos. Estruturas transversais suportam alçapões e escotilhas. Colunas, repousando sobre cubos de ferro fundido ou pedra, ampulhetas ou “cartolas”,<sup>137</sup> formam séries de cenários móveis que permitem dar passagem às “glórias”<sup>138</sup> e outras combinações ou truques. A estabilidade desses aparelhos é proporcionada por ganchos de ferro que os ligam uns aos outros e de acordo com as necessidades do momento. Trainéis, tambores e contrapesos são generosamente distribuídos pelos porões. Servem para manobrar os grandes cenários, para operar as mudanças visuais, provocar o desaparecimento súbito

dos personagens mágicos. É a partir dos porões, disseram os srs. X, Y e Z, que consagraram à obra de Garnier um estudo interessante, é a partir dos porões, disseram, que se transformam inválidos em belos cavaleiros, bruxas horríveis em fadas radiantes de juventude. Satanás vem dos porões, assim como nele adentra. Dele escapam as luzes do inferno, nele instalam-se os coros dos demônios.

E os fantasmas circulam ali como se estivessem em casa...

Raoul seguia o Persa, obedecia ao pé da letra às suas recomendações, sem tentar compreender os gestos que ele lhe ordenava... ruminando que ele era sua única esperança.

O que faria sem o seu companheiro naquele dédalo assustador?

Não teria parado a cada passo, no entrecruzamento prodigioso das vigas e das cordas? Não terminaria prisioneiro, incapaz de se desvencilhar daquela gigantesca teia de aranha?

E se tivesse conseguido atravessar aquela rede de cabos e contrapesos que renasciam incessantemente à sua frente, não correria o risco de cair num daqueles buracos que volta e meia se abriam sob seus passos, cujo fundo tenebroso o olho não percebia?

Desciam... Continuavam a descer...

Estavam agora no terceiro porão.

Sua incursão continuava iluminada por algum toco de vela distante.

Quanto mais desciam, mais precauções o Persa parecia tomar... Virava-se o tempo todo para Raoul, indicando-lhe a postura apropriada, a maneira como ele mesmo posicionava o punho, agora desarmado, mas sempre como se estivesse apontando uma pistola, pronto a atirar.

De repente, uma voz tonitruante pregou-os no lugar. Alguém, acima deles, gritava.

– Todos os “fechadores de portas” ao palco! É uma ordem do comissário de polícia.

Ouviram-se passos, sombras deslizarem no escuro. O Persa puxara Raoul para trás de um trainel... Viram passar diante deles, um pouco acima, velhinhos vergados pelos anos e pelo antigo fardo dos cenários de ópera. Alguns mal conseguiam se arrastar... outros, por hábito,



com a espinha curvada e as mãos à frente, procuravam portas para fechar.

Pois eram os “fechadores de portas”... Maquinistas veteranos e esgotados, dos quais uma caridosa direção tivera piedade. Constituíra-os fechadores de portas nos porões e sótãos. Iam e vinham incessantemente para cima e para baixo do palco com a missão de fechar as portas – sendo também chamados naquela época, pois desde então creio que morreram todos, “caçadores de correntes de ar”.

Correntes de ar, venham de onde vierem, são muito ruins para a  
VOZ.139

No fundo, o Persa e Raoul regozijaram-se com aquele incidente, que os desvencilhava de testemunhas incômodas, pois alguns fechadores de portas, inativos e sem domicílio, permaneciam na Ópera, onde passavam a noite por preguiça ou necessidade. Era possível tropeçar neles, acordá-los ou suscitar um pedido de explicações. A convocação do sr. Mifroid preservava nossos dois companheiros desses maus encontros.

Mas não puderam desfrutar daquela solidão por muito tempo... Outras sombras agora desciam pelo mesmo caminho pelo qual os fechadores de portas haviam subido. Cada sombra carregava à sua frente uma pequena lamparina... que balançava energicamente, movendo-as para cima e para baixo... examinando tudo à sua volta e, com toda evidência, parecendo procurar alguma coisa ou alguém.

– Diabos! – murmurou o Persa. – Não sei o que procuram, mas poderiam muito bem nos encontrar... fujamos...! Depressa...! A mão em guarda, senhor, sempre pronta para atirar...! Dobremos o braço, mais, assim...! A mão na altura do olho, como se o senhor fosse se bater em duelo, esperando a ordem de “fogo!”... Deixe a pistola no bolso...! Depressa, desçamos! (Arrastava Raoul para o quarto porão)... na altura do olho, questão de vida ou morte...! Aqui, por aqui, essa escadinha! (Chegavam ao quinto porão)... Ah, que duelo, cavalheiro, que duelo...!

Chegando ao pé do quinto porão, o Persa deu um suspiro... Parecia sentir-se um pouco mais seguro do que demonstrara havia pouco quando os dois tinham parado no terceiro, mas mesmo assim não desfazia a posição da mão...!

Raoul teve tempo de se espantar mais uma vez – sem, de resto, fazer qualquer nova observação, qualquer!, pois na verdade não era o momento –, de se espantar, eu dizia, em silêncio, diante daquela extraordinária concepção de defesa pessoal que consistia em conservar a pistola no bolso enquanto a mão permanecia pronta para servir-se dela como se ela ainda estivesse ali, na altura do olho: posição de espera da ordem “fogo!” no duelo da época.

A esse respeito, Raoul ainda ruminava: “Lembro-me muito bem de ele ter dito: ‘São pistolas da minha confiança.’” Daí parecer-lhe lógico tirar essa conclusão interrogativa: “O que adianta confiar numa pistola que ele próprio julga inútil usar?”

Mas o Persa deteve-o em suas vagas tentativas de elucubração. Fazendo-lhe sinal para não sair do lugar, subiu alguns degraus da escada que acabavam de deixar. Contudo, voltou quase imediatamente para junto de Raoul.

– Como somos estúpidos – sussurrou-lhe –, daqui a pouco estaremos livres das sombras com lamparinas... São os bombeiros fazendo sua ronda.<sup>140</sup>

Os dois homens puseram-se então na defensiva durante pelo menos cinco longos minutos, depois o Persa arrastou novamente Raoul até a escada que acabavam de descer. De repente, porém, um gesto seu impôs-lhe novamente a imobilidade.

Algo na noite mexeu-se à frente deles.

– Barriga no chão! – sussurrou o Persa.

Os dois homens deitaram-se.

Foi por um triz.

Uma sombra, que dessa vez não carregava nenhuma lamparina... uma simples sombra a sombra atravessava.

Passou rente a eles, tocando-os.

Em seus rostos, eles sentiram o bafio quente do seu manto...

Pois puderam distinguir nitidamente a sombra e ver que um manto a envolvia da cabeça aos pés. Na cabeça, um chapéu de feltro mole.

Ela se afastou, raspando o pé nas paredes e, vez por outra, tropeçando nos cantos.

– Ufa! – suspirou o Persa. – Escapamos de boa... Essa sombra me

conhece e já me levou duas vezes de volta à sala da direção.

– É alguém da polícia do teatro? – perguntou Raoul.

– É alguém muito pior! – respondeu o Persa sem outra explicação.<sup>141</sup>

– Não é... *ele*?

– *Ele*...? Se ele não chegar por trás, certamente veremos seus olhos de ouro...! É a nossa vantagem na noite. Mas ele pode chegar por trás... sorrateiramente... e estaremos mortos se não mantivermos nossas mãos como se fossem atirar, na altura do olho, à nossa frente!

O Persa não terminara de reiterar aquela “linha de atitude” quando, diante dos dois homens, surgiu um rosto fantástico.

Um rosto inteiro... um rosto; não só dois olhos de ouro, mas um rosto inteiro luminoso... um rosto inteiro em fogo!

Sim, um rosto em fogo que avançava na altura de um homem, porém *sem corpo*!

Esse rosto expelia fogo.

Parecia, na noite, uma chama com a forma de rosto humano.

– Oh! – o Persa ranguu os dentes. – É a primeira vez que a vejo...! O chefe dos bombeiros não está louco! Ele de fato a viu...! Que chama era aquela? Não é *ele*! Mas talvez tenha sido *ele* que a enviou...! Atenção...! Atenção...! A mão na altura do olho, em nome dos céus... na altura do olho!

O rosto de fogo, que parecia um rosto de inferno, de demônio incandescente, continuava a avançar na altura de um homem, sem corpo, à frente dos dois homens atônitos.

– Talvez *ele* nos envie esse rosto pela frente para nos pegar de surpresa por trás... ou pelos flancos... com ele, nunca se sabe...! Conheço bem seus truques...! Mas este...! Este... eu ainda não conhecia...! Fugamos...! Por prudência, não é mesmo...? Por prudência...! A mão na altura dos olhos.

E ambos fugiram pelo longo corredor subterrâneo que se abria à sua frente.

Ao fim de alguns segundos dessa carreira, que lhes pareceram compridíssimos, eles pararam.

– Noentanto – observou o Persa –, ele raramente vem por aqui!

Esse lado não lhe diz respeito...! Esse lado não conduz ao lago nem à morada do lago...! Mas talvez ele saiba que estamos no *seu encalço*...! Embora eu tenha prometido deixá-lo tranquilo e não dar mais pelota para suas histórias.

Dizendo isso, voltou a cabeça e Raoul também voltou a sua.

Ora, continuavam a ver a cabeça de fogo atrás de suas duas cabeças. Ela os seguira... Devia ter corrido também, e mais rápido do que eles, pois lhes pareceu que se aproximara.

Ao mesmo tempo, começaram a discernir certo rumor cuja natureza era impossível adivinhar; simplesmente deram-se conta de que o rumor parecia deslocar-se e aproximar-se junto com a chama-rostro-de-homem. Eram rangidos, ou melhor, arranhões, como se milhares de unhas raspassem um quadro-negro, barulho terrivelmente insuportável, que às vezes também é produzido por uma pedrinha dentro do pedaço de giz que vem ranger contra o quadro-negro.

Recuaram novamente, mas o rosto-chama avançava, avançava, mais veloz do que eles. Era possível ver claramente suas feições agora. Os olhos eram redondos e estáticos, o nariz, um pouco torto, e a ampla boca, com um lábio inferior em semicírculo, pendente, lembrando os olhos, o nariz e o lábio da lua, quando a lua está vermelha cor de sangue.

Como aquela lua vermelha deslizava nas trevas, na altura de um homem, sem ponto de apoio, sem corpo para ampará-la, ao menos aparentemente? E como ia tão depressa, aprumada, com seus olhos estáticos, completamente estáticos! E todo aquele rangido, estalido, chiado que ela arrastava consigo, de onde vinha?

Em certo momento, o Persa e Raoul não puderam mais recuar e colaram-se à parede, sem saber o que seria deles face àquele incompreensível rosto de fogo e, sobretudo, agora, ao barulho mais intenso, mais fervilhante, mais vivo, muito mais “numeroso”, pois certamente aquele barulho era composto de centenas de barulhinhos que se revolviam nas trevas, sob a cabeça-chama.

A cabeça-chama avança... ei-la! Estrepitosamente...! Ei-la no ar...!

E os dois companheiros, grudados na parede, sentem os cabelos eriçarem de horror sobre suas cabeças, pois agora sabem de onde procedem os mil barulhinhos. Eles vêm em grupo, envoltos na

penumbra por incontáveis e apressadas ondas, mais rápidas que as ondas que espumam na areia, na maré enchente, marolas noturnas que espumam sob a lua, sob a lua-cabeça-chama.

E as ondinhas atravessam suas pernas, sobem por elas, irresistivelmente. Então, Raoul e o Persa não contêm mais seus gritos de horror, pavor e dor. Tampouco conseguem conservar suas mãos na altura do olho – posição de duelo a pistola na época, antes da ordem “fogo!”. Suas mãos descem até suas pernas para repelir as pequenas ilhas reluzentes, que fazem rolar coisinhas pontiagudas, ondas recheadas de patas, unhas, garras e dentes.

Sim, sim, Raoul e o Persa estão prestes a desmaiar como o tenente de bombeiros Papin. Mas a cabeça-chama volta-se para eles após os seus gritos. E interpela-os:

– Não se mexam! Não se mexam...! Sobretudo, não me sigam...! Sou o matador de ratos...! Deixem-me com meus ratos...!

A cabeça-fogo desaparece bruscamente, evanescida nas trevas, enquanto à sua frente o corredor, ao longe, se ilumina, simples resultado da manobra que o matador de ratos acaba de impor à lanterna-lamparina. Um pouco antes, para não assustar os ratos à sua frente, ele voltara a lanterna para si mesmo, iluminando sua própria cabeça; agora para apressar sua fuga, ilumina o espaço negro à sua frente... Em seguida, dá um salto, arrastando consigo todas as ondas de ratos, pegajosos e estridulantes, todos os mil barulhos...

Livres, embora ainda trêmulos, o Persa e Raoul respiram.

– Eu deveria ter me lembrado que Erik mencionou o matador de ratos – disse o Persa –, mas ele não me contou que tinha esse aspecto... e é estranho eu nunca tê-lo encontrado.<sup>142</sup> Ah, acreditei piamente que era outro truque do monstro...! – suspirou. – Mas não, ele nunca vem para esses lados!

– Então estamos muito longe do lago? – interrogou Raoul. – Quando chegaremos, senhor...? Vamos para o lago! Para o lago...! Quando estivermos lá chamaremos, sacudiremos os muros, gritaremos...! Christine nos ouvirá...! E *Ele* também nos ouvirá...! E, uma vez que o senhor o conhece, falaremos com ele!

– Criança! – disse o Persa. – Nunca entraremos na morada do lago pelo lago.

– E por que não?

– Porque foi lá que ele concentrou toda a sua defesa... Eu mesmo nunca consegui chegar lá pela outra margem... pela margem da casa...! É preciso atravessar o lago primeiro... e ele é bem protegido...! Receio que muitos desaparecidos – velhos maquinistas, fechadores de portas – tenham simplesmente tentado atravessar o lago... É terrível... Eu mesmo quase fiquei pelo caminho... Se o monstro não tivesse me reconhecido a tempo...! Um conselho, cavalheiro, nunca se aproxime do lago... E, o principal, tape os ouvidos se ouvir a *Voz submarina*, a voz da Sereia, cantar.

– Mas então – voltou Raoul, numa explosão de febre, impaciência e raiva –, o que fazemos aqui...? Se nada pode fazer por Christine, permita-me ao menos morrer por ela.

O Persa tentou acalmar o rapaz.

– Só temos um meio de salvar Christine Daaé, creia-me, que é entrar em sua morada sem que o monstro perceba.

– Podemos contar com isso, cavalheiro?

– Ora, se eu não alimentasse tal esperança, não teria ido procurá-lo.

– E por onde podemos entrar na morada do lago sem passar pelo lago?

– Pelo terceiro porão, de onde fomos tão estupidamente expulsos... cavalheiro, e para onde retornaremos agora mesmo... Vou lhe dizer uma coisa – falou o Persa, com a voz subitamente alterada –, vou lhe dizer o lugar exato... Fica entre um trainel e um cenário abandonado do *Rei de Lahore*, exatamente, mas exatamente, no lugar onde morreu Joseph Buquet...

– Ah, o maquinista-chefe que encontraram enforcado?

– Sim, senhor – acrescentou o Persa num tom singular –, aquele cuja corda ninguém encontrou...! Vamos! Coragem... e a caminho...! E posicione a mão em guarda, senhor... Mas onde estamos afinal?

O Persa foi obrigado a acender novamente sua lanterna. Dirigiu seu fecho de luz para dois vastos corredores que se cruzavam em ângulo reto e cujas abóbadas perdiam-se no infinito.

– Devemos estar na parte reservada ao serviço das águas... – ele

disse. – Não percebo nenhum fogo vindo dos aquecedores.

À frente de Raoul, ele procurava o caminho, parando bruscamente quando pressentia a passagem de algum bombeiro hidráulico. Avançando, tiveram de se proteger do calor de uma espécie de forja subterrânea que terminavam de apagar e diante da qual Raoul reconheceu os demônios entrevistados por Christine por ocasião de sua primeira viagem, no dia de seu primeiro cativoiro.

Assim, retornavam pouco a pouco, descendo novamente aos prodigiosos porões do palco.

Deviam estar então bem no fundo do tanque, a uma grande profundidade, se pensarmos que a terra foi escavada até *quinze metros abaixo dos aquíferos* que existiam em toda essa parte da capital; e tiveram de drenar toda a água... Tamanho foi o volume retirado que, para se fazer uma ideia da massa de água drenada pelas bombas, seria preciso imaginar em superfície o pátio do Louvre e em altura uma vez e meia as torres de Notre Dame. De toda forma, foram obrigados a conservar um lago.

Nesse momento, o Persa tocou num muro e disse:

– Ou muito me engano ou este muro pertence à morada do lago!

Batia então numa parede do tanque. Talvez não seja inútil o leitor saber como haviam sido construídos o fundo e as paredes do tanque.

A fim de evitar que as águas que cercam a construção ficassem em contato direto com os muros que sustentam toda a estrutura da maquinaria teatral, cujo conjunto de andaimes, marcenaria, serralheria e telas pintadas a têmpera deve ser especialmente preservado da umidade, *o arquiteto viu-se na necessidade de proteger tudo com um duplo cinturão.*

O trabalho para construir esse duplo cinturão exigiu um ano inteiro. Era no muro do primeiro cinturão interno que o Persa batia, conversando com Raoul sobre a morada do lago. Para alguém que conheceu a arquitetura do monumento, a manobra do Persa parecia indicar que a misteriosa morada de Erik havia sido construída dentro do duplo cinturão, formado por um espesso muro construído em dique, depois por um muro de tijolos, uma formidável camada de cimento e outro muro com vários metros de espessura.

Às palavras do Persa, Raoul se lançara contra o muro e escutara

avidamente.

Mas não ouviu nada... nada senão passos distantes ressoando no assoalho nas partes altas do teatro.

O Persa apagara novamente sua lanterna.

– Atenção! – alertou. – Atenção à mão! E agora silêncio, pois vamos tentar entrar em sua morada.

E arrastou-o até a escadinha que haviam descido pouco antes.

Subiram novamente, parando em cada degrau, espreitando a sombra e o silêncio...

Chegaram assim ao terceiro porão...

O Persa fez então sinal para Raoul pôr-se de joelhos, e foi dessa forma, arrastando-se com os joelhos e uma das mãos, a outra continuando na posição indicada, que chegaram ao muro do fundo.

Recostada nesse muro estava uma ampla lona abandonada do cenário do *Rei de Lahore*.

Perto desse cenário, um trainel...

Entre cenário e trainel havia o espaço justo para um corpo.

Um corpo, que um dia fora encontrado enforcado... o cadáver de Joseph Buquet.

O Persa, sempre de gatinhas, estacara. Espreitou.

Por um momento pareceu hesitar e olhou para Raoul, depois seus olhos voltaram-se para cima, para o segundo porão, que lhes enviava a débil luminosidade de uma lamparina pela fresta entre duas tábuas.

Manifestamente, essa luz incomodava o Persa.

Por fim, ele balançou a cabeça e se decidiu. Esgueirou-se entre o trainel e o cenário do *Rei de Lahore*.

Raoul seguiu-o.

A mão livre do Persa tateava a parede; Raoul viu-o por um instante pressioná-la fortemente, como pressionara a parede do camarim de Christine. E uma pedra se moveu...

Havia agora uma abertura na parede...

Dessa vez o Persa sacou sua pistola do bolso e sinalizou para Raoul imitá-lo. Armou a pistola.

Resolutamente, sempre de joelhos, adentrou a passagem que a



pedra abri-la ao se mover.

Raoul, que fez menção de passar na frente, teve que se contentar em segui-lo.

O buraco era muito estreito. O Persa parou quase imediatamente. Raoul ouvia-o apalpar a pedra à sua volta. Em seguida, sacou novamente sua lanterna-lamparina, avançou, examinou alguma coisa mais abaixo e apagou bruscamente a lanterna. Raoul ouviu-o dizer num fio de voz:

– Teremos que descer alguns metros, sem barulho; tire as botinas.

O Persa já procedia a essa operação. Passou seus calçados para Raoul.

– Deixe-os do outro lado da parede... – ele disse. – Pegaremos na volta.<sup>143</sup>

Nisso, o Persa avançou um pouco. Em seguida, voltou-se completamente, sempre de joelhos, vendo-se assim cara a cara com Raoul. Disse-lhe:

– Vou me pendurar pelas mãos na extremidade da pedra, me soltar e cair *na casa dele*. Em seguida, o senhor fará exatamente como eu. Não tenha medo: cairá nos meus braços.

O Persa fez como dizia; abaixo dele, Raoul logo ouviu um barulho surdo, certamente produzido pela queda do Persa. O rapaz estremeceu, receando que o barulho revelasse sua presença.

Entretanto, mais que esse barulho, a ausência de qualquer outro ruído era um terrível motivo de angústia para Raoul. Como! Segundo o Persa, acabavam de penetrar nos muros da morada do lago e não se ouvia Christine...! Nenhum grito...! Nenhum chamado...! Nenhum gemido...! Teriam chegado tarde demais?

Resvalando os joelhos no muro, agarrando-se à pedra com seus dedos nervosos, Raoul, por sua vez, soltou-se.

Quase imediatamente sentiu um abraço.

– Sou eu! – disse o Persa. – Silêncio!

E permaneceram imóveis, escutando...

Nunca a noite fora mais opaca à sua volta...

Nunca o silêncio mais opressivo nem mais terrível...

Raoul cravava as unhas nos lábios para não gritar: “Christine! Sou eu...! Diga que não está morta, Christine...!”

Por fim, o jogo da lanterna recomeçou. O Persa dirigiu os raios de luz para cima de suas cabeças, contra a parede, procurando a passagem pela qual tinham vindo, sem tornar a encontrá-la...

– Oh! – exclamou. – A pedra voltou a se fechar por si só!

E o facho luminoso da lanterna desceu ao longo da parede, depois até o assoalho.

O Persa se abaixou e recolheu alguma coisa, uma espécie de cordão que ele examinou por um segundo e largou horrorizado.

– *O cordão do Pendjab!*<sup>144</sup> – murmurou.

– O que é isso? – perguntou Raoul.

– Isso – respondeu o Persa, num calafrio –, isso poderia muito bem ser a tão procurada corda do enforcado...!

E, subitamente invadido por uma angústia inédita, passeou o pequeno halo vermelho de sua lanterna pelas paredes... Assim, iluminou, fato bizarro, um tronco de árvore que parecia ainda vivo com suas folhas... e os galhos dessa árvore subiam ao longo da parede e iam perder-se no teto.

Devido à exiguidade do halo de luz, era difícil delinear as coisas prontamente... via-se um canto de galhos... depois uma folha... e outra... e ao lado não se via absolutamente nada... nada senão o halo que parecia refletir a si mesmo... Raoul esgueirou sua mão naquele absolutamente nada, naquele reflexo...

– Veja! – exclamou. – A parede é um espelho!

– Sim! Um espelho! – confirmou o Persa, manifestando a mais profunda emoção.

E acrescentou, passando na testa suada a mão que empunhava a pistola:

– Caímos no quarto dos suplícios!

132. Isto é, os combatentes da Comuna, ou *communards*. ↵

133. O levante de 18 de março de 1871 é a reação dos revolucionários parisienses à

decisão do governo Thiers de lhes retirar suas armas e seus canhões. Em 24 horas, governo e as tropas regulares refugiam-se em Versalhes, deixando a capital à mercê dos rebeldes. É o começo da Comuna de Paris. ↔

134. Compartimento abaixo do nível do palco onde se posicionava o “ponto”, isto é, o encarregado de lembrar aos atores alguma réplica porventura esquecida. ↔

135. Termo usado para designar uma “pitada” no rapé. ↔

136. Fenda aberta disfarçadamente no assoalho do palco, em toda a largura da cena, por onde cenários podem ser baixados ao porão. Também chamada de carreira ou fileira. ↔

137. Suportes ou trainéis que ficam no porão do palco e sustentam cenários. ↔

138. Efeitos de luz. ↔

139. O sr. Pedro Gailhard me contou que ainda chegou a criar postos de fechadores de portas para velhos maquinistas que ele não queria demitir. (Nota do autor) ↔

140. Nessa época, os bombeiros ainda tinham a missão, fora das representações, de zelar pela segurança da Ópera; mas esse serviço veio a ser suprimido. Quando perguntei a razão disso ao sr. Pedro Gailhard, ele me respondeu que “havia temido que, em sua total inexperiência dos porões do teatro, *eles lhes ateassem fogo*”. (Nota do autor) ↔

141. O autor, assim como o Persa, não dará mais explicações sobre a aparição dessa sombra. Embora todos os acontecimentos aparentemente anormais terminem explicados nessa história histórica, o autor não revelará ao leitor o que o Persa sugeriu com as palavras “É alguém muito pior!” (do que alguém da polícia do teatro). O leitor terá de adivinhar, pois o autor prometeu ao ex-diretor da Ópera, o sr. Pedro Gailhard, guardar segredo sobre a personalidade extremamente interessante e útil da sombra errante de manto, que, além de condenada a viver nos porões do teatro, prestou tão prodigiosos serviços àqueles que, nas noites de gala, por exemplo, ousavam se arriscar nos andares superiores. Toco aqui em questões de Estado e não posso me estender mais, dei minha palavra. (Nota do autor) ↔

142. Um dia, em Cap d’Ail, na casa da sra. Pierre Wolff, o ex-diretor da Ópera, sr. Pedro Gailhard, me descreveu a imensa depredação subterrânea produzida pelos ratos, até o dia em que a administração contratou, por um preço exorbitante, um indivíduo que se dizia capaz de debelar o flagelo por meio de uma vistoria quinzenal nos porões. Desde então, não há mais ratos na Ópera, à exceção das admitidas no foyer do balé [as ratinhas]. O sr. Gailhard acredita que esse homem tinha descoberto um perfume secreto que atraía os ratos para si, semelhante à substância com que certos pescadores besuntam as pernas para atrair o peixe. Enquanto andava, ele os arrastava até uma vala qualquer, onde os ratos, embriagados, se afogavam. Vimos o pavor que a aparição dessa figura já causara no tenente dos bombeiros, pavor que culminara no desmaio – conversa com o sr. Gailhard –, e para mim não resta dúvida de que a “cabeça-chama” encontrada por aquele bombeiro é a mesma que assustou o Persa e o visconde de Chagny (papéis do Persa). (Nota do autor) ↔

143. Nunca encontraram esse par de botinas, que haviam sido deixadas, segundo os papéis do Persa, exatamente entre o trainel e o cenário do *Rei de Lahore*, no lugar

onde haviam encontrado Joseph Buquet enforcado. Devem ter sido aproveitadas por algum maquinista ou “fechador de portas”. (Nota do autor) ↔

144. Pendjab (em persa, “país dos cinco rios”): região do subcontinente indiano, compreendendo grande parte do leste do Paquistão e do noroeste da Índia. ↔



INTERESSANTES E INSTRUTIVAS TRIBULAÇÕES DE UM PERSA NOS  
PORÕES DA ÓPERA  
(*Relato do Persa*)

O PRÓPRIO PERSA CONTOU como tentara, em vão até aquela noite, penetrar na morada do lago pelo próprio lago; como descobrira a entrada do terceiro porão e como, finalmente, o visconde de Chagny e ele viram-se às voltas com a infernal imaginação do Fantasma no “quarto dos suplícios”. Eis o relato que ele nos deixou por escrito (em condições que serão esclarecidas mais tarde), do qual não mudei uma palavra. Forneço-o tal qual, pois julguei não dever silenciar sobre as aventuras pessoais do daroga no entorno da morada do lago antes que ele caísse dentro dela na companhia de Raoul. Se esse começo deveras interessante parece nos afastar um pouco do quarto dos suplícios por alguns segundos, é tão somente para nos levar até lá num piscar de olhos, após explicar ao leitor coisas importantes e certas decisões e atitudes do Persa, que devem ter lhe parecido inusitadas. Eis o que escreve o Persa.

ERA A PRIMEIRA VEZ que eu entrava na morada do lago. Em vão pedira ao “mago dos alçapões” – era assim que, em nosso país, a Pérsia, chamávamos Erik – que abrisse suas misteriosas portas para mim. Ele sempre se recusara. Eu, que era pago para conhecer muitos de seus segredos e truques, em vão tentara, matreiramente, infringir a norma. Desde que conhecera Erik na Ópera, local onde parecia morar, eu frequentemente o espionara, ora nos corredores dos sótãos, ora nos dos porões, ora na margem mesma do lago, quando ele se julgava sozinho, subia na pequena barca e atracava diretamente no muro frontal. Mas a sombra que o cercava continuava opaca demais para me permitir ver o ponto exato em que ele acionava a porta no paredão. A curiosidade, além de uma ideia terrível que me ocorrera ao refletir sobre algumas palavras que o monstro me dissera, levou-me, um dia em que eu me julgava sozinho, a entrar na barquinha e dirigi-la até aquela parte do muro onde eu vira Erik desaparecer. Foi então que

deparei com a Sereia que protegia as imediações daquele local e cujo sortilégio quase me foi fatal, nas condições precisas que seguem. Assim que deixei a margem, o silêncio em que eu navegava foi imperceptivelmente perturbado por uma espécie de bafejo cantante que me circundou. Era ao mesmo tempo uma respiração e uma música; emanava suavemente das águas do lago e me envolvia sem que eu pudesse descobrir por qual artifício. Seguia-me, deslocava-se comigo e era tão suave que não me causava medo. Ao contrário, querendo me aproximar da fonte daquela doce e sedutora harmonia, debrucei-me por cima da amurada da barca, pois não restava dúvida para mim que aquele canto vinha diretamente das águas. Eu já estava no meio do lago e não havia ninguém na barca a não ser eu mesmo; a voz – pois agora era distintamente uma voz – estava ao meu lado, sobre as águas. Debrucei-me... Debrucei-me mais um pouco... O lago estava perfeitamente calmo e o luar, que, depois de atravessar o respiradouro da rua Scribe, vinha iluminá-lo, não me revelou absolutamente nada em sua superfície lisa e escura como tinta. Sacudi um pouco a cabeça, a fim de me livrar de um possível zumbido nos ouvidos, mas tive de me render à evidência de que não existe zumbido tão harmonioso quanto o bafejo que me seguia e agora atraía.

Se eu tivesse um espírito supersticioso ou suscetível a fábulas, decerto suporia estar lidando com alguma sereia encarregada de perturbar o viajante suficientemente temerário para navegar nas águas da morada do lago, mas, graças a Deus!, sou de um país em que o fantástico é tão apreciado que eu mesmo o conhecia a fundo e estudara em outros tempos: com os truques mais simples, qualquer conhecedor do ofício é capaz de infernizar a mísera imaginação humana.

Eu não duvidava, portanto, estar às voltas com uma nova invenção de Erik, porém mais uma vez essa invenção era tão perfeita que, debruçando-me na barca, sentia-me menos impelido pelo desejo de descobrir sua trapaça do que pelo de gozar de seus encantos.

E debrucei-me, debrucei-me... até cair.

De repente, dois braços monstruosos saíram das águas e me agarraram o pescoço, arrastando-me para o sorvedouro com uma força irresistível. Decerto eu estaria perdido, se não tivesse tido tempo de lançar um grito, logo reconhecido por Erik.

Pois foi ele que, em vez de me afogar como certamente tivera a intenção, nadou e me depositou suavemente na margem.

– Veja como é imprudente – censurou-me, erguendo-se à minha frente e gotejando aquelas águas infernais. – Por que tentar invadir minha morada? Não o convidei. Não quero você nem ninguém no mundo! Salvou a minha vida só para torná-la insuportável? Por maior que seja o serviço prestado, Erik talvez termine por esquecê-lo, e você sabe que nada pode conter Erik, nem sequer o próprio Erik.

Enquanto ele falava, eu só pensava em descobrir como funcionava o que já denominava “o truque da sereia”. Ele até se dispôs a saciar minha curiosidade, pois Erik, que é um verdadeiro monstro – é assim que o julgo, tendo tido, ai de mim!, na Pérsia, oportunidade de vê-lo em ação –, continua sob certos aspectos uma verdadeira criança presunçosa e vaidosa, e nada lhe dá mais prazer, após assombrar sua gente, do que provar toda a engenhosidade verdadeiramente miraculosa do seu espírito.

Pôs-se a rir e apontou para um bambu comprido.

– É simplérrimo! – disse. – Mas muito cômodo para respirar e cantar na água! É um artifício que aprendi com os piratas do Tonkin,<sup>145</sup> que assim podem permanecer horas a fio escondidos no fundo dos rios.<sup>146</sup>

Repreendi-o severamente.

– Um artifício que quase me matou! E talvez tenha sido fatal para outros!

Ele não me respondeu, mas levantou-se à minha frente com aquele ar de ameaça infantil que eu tão bem conhecia.

Não me “deixei levar”. Disse-lhe claramente:

– Você sabe o que me prometeu, Erik! Chega de crimes!

– Será que realmente cometi crimes? – ele perguntou, assumindo um ar amável.

– Infeliz...! – exclamei. – Então se esqueceu das *Horas cor-de-rosa de Mazanderan*?

– Sim – ele respondeu, subitamente triste –, preferia tê-las esquecido, mas terminei fazendo a pequena sultana rir.

– Tudo isso – declarei – é passado... Mas há o presente... e você



me deve contas do presente, uma vez que, se assim eu desejasse, ele não existiria para você...! Lembre-se disso, Erik: salvei sua vida!

Aproveitei o rumo que a conversa tomara para tocar num assunto que não me saía da cabeça.

– Erik – pedi –, Erik, jure...

– O quê? – ele replicou. – Sabe muito bem que não cumpro meus juramentos. Juramentos foram feitos para enganar os trouxas.

– Me conte uma coisa... Pode me contar?

– O quê, diabos?

– Pois bem...! O lustre... O lustre? Erik...

– O que é que tem o lustre?

– Sabe perfeitamente o que quero dizer.

– Ah! – ele riu. – Aquilo, o lustre... É uma satisfação lhe contar...! *O lustre não fui eu...!* Aquele lustre estava em pandarecos...

Quando ria, Erik era ainda mais assustador. Pulou na barca, gargalhando de uma maneira tão sinistra que não pude deixar de estremecer.

– Em pandarecos, caro daroga!<sup>147</sup> Em petição de miséria, o lustre... Caiu sozinho...! Fez “bum”! E agora um conselho, daroga, vá se secar, se não quiser pegar um resfriado...! E nunca utilize a minha barca... e não tente entrar na minha casa, pois nem sempre estou aqui... daroga! Eu ficaria pesaroso se tivesse de lhe dedicar *minha missa dos mortos*!

Dizendo isso, e gargalhando, ele seguia em pé na popa da barca e remava com um requebro simiesco. Tinha claramente agora o aspecto do fatal rochedo, e acrescido de seus olhos de ouro. Dali a pouco eu não via mais senão seus olhos e ele terminou desaparecendo na noite do lago.

Foi depois desse dia que desisti de entrar em sua morada pelo caminho do lago! Evidentemente, aquela entrada era muito bem vigiada, sobretudo agora que ele sabia que eu a conhecia. Mas eu achava que deveria existir outra, porque, mais de uma vez, tinha visto Erik desaparecer no terceiro porão, enquanto o vigiava, sem atinar como ele o fazia. Nunca é demais repetir: depois que encontrei Erik instalado na Ópera, eu vivia no perpétuo terror de seus horríveis caprichos, não por mim, decerto, mas pelos outros.<sup>148</sup> E quando

ocorria algum acidente, algum acontecimento fatal, eu me dizia sem rodeios “Talvez seja o Erik...!”, como outros diziam à minha volta: “É o Fantasma...”. Quantas vezes não ouvi essa frase ser pronunciada por pessoas risonhas! Infelizes! Se elas soubessem que aquele fantasma existia em carne e osso e era muito mais terrível do que a sombra vã que evocavam, juro que teriam parado de escarnecer...! Se pelo menos soubessem do que Erik era capaz, mormente num campo de manobras como a Ópera...! E se conhecessem o âmago do meu terrível pensamento...!

Eu não vivia mais...! Embora Erik houvesse me anunciado com toda a solenidade que tinha de fato mudado e se tornado o mais virtuoso dos homens, “agora que era amado pelo que era”, frase que me deixou prodigiosamente perplexo, eu não podia me abster de estremecer pensando no monstro. Sua medonha, singular e repulsiva fealdade relegava-o à margem da humanidade, e muitas vezes achei que, justamente por isso, ele julgava não ter mais nenhum dever para com a raça humana. A maneira como se referia a seus amores só fizera aumentar minha inquietude, pois eu previa naquele acontecimento, a que ele aludia num tom de bravata que eu lhe conhecia, a causa de dramas inéditos e mais hediondos do que todo o resto. Eu sabia o grau de sublime e desastroso desespero que a dor de Erik podia alcançar, e as declarações que ele fizera – vagos prenúncios da catástrofe mais terrível – me fustigavam com um pensamento terrível.

Por outro lado, eu descobrira a bizarra relação moral que se estabelecera entre o monstro e Christine Daaé. Escondido na saleta contígua ao camarim da jovem diva, eu assistira a admiráveis sessões de música, que mergulhavam Christine num êxtase maravilhoso, mas ainda assim não imaginara que a voz de Erik – que, à sua vontade, era tonitruante feito o raio ou delicada como a dos anjos – pudesse fazer esquecer sua feiura. Compreendi tudo quando descobri que Christine ainda não o tinha visto! Tive a oportunidade de penetrar no camarim e, lembrando-me das aulas que ele me dera em outros tempos, não tive dificuldade em descobrir o truque que fazia girar a parede revestida pelo espelho, e constatei o método de tijolos ocultos, tijolos “megafones”, pelo qual ele se comunicava com Christine como se estivesse ao seu lado. Descobri igualmente o caminho que leva à fonte e à masmorra – à masmorra dos *communards* – e o alçapão que

permitia a Erik introduzir-se diretamente no porão do palco.

Alguns dias mais tarde, qual não foi minha estupefação ao constatar, com meus próprios olhos e ouvidos, que Erik e Christine Daaé se encontravam, e ao flagrar o monstro debruçado sobre a pequena fonte que chora, no caminho dos *communnards* (no fundo na terra), a refrescar a testa de Christine Daaé desmaiada. O cavalo branco, o cavalo do *Profeta*, que desaparecera das estrebarias dos porões da Ópera, estava tranquilamente ao seu lado. Mostrei-me. Foi terrível. Vi faíscas saírem dos dois olhos de ouro e, antes que eu pudesse dizer qualquer palavra, fui golpeado no meio da testa por uma estocada que me deixou zonzo. Quando voltei a mim, Erik, Christine e o cavalo branco tinham sumido. Eu não duvidava que a infeliz estivesse prisioneira na morada do lago. Sem hesitação, decidi retornar pela margem, apesar do perigo que tal iniciativa representava. Durante vinte e quatro horas, fiquei de tocaia, escondido junto ao barranco escuro, esperando a aparição do monstro, pois achava que, obrigado a providenciar víveres, ele seria forçado a sair. A propósito, devo dizer que, quando saía por Paris ou ousava se mostrar em público, ele colocava no horrível buraco no meio do seu rosto um nariz de papelão guarnecido com um bigode, o que o deixava mais ou menos – repito, mais ou menos – suportável à visão, embora não lhe tirasse totalmente o ar macabro, uma vez que, quando passava, diziam às suas costas: “É o Engana-a-Morte<sup>149</sup> passando.”

Eu estava então de atalaia na beira do lago – do lago Averno, como, na minha frente e rindo, ele chamara seu lago –, e, cansado da longa espera, ainda ruminava que ele passara por outra porta, a do “terceiro porão”, quando ouvi um tênue chapinhar no escuro e vi dois olhos brilharem como faróis. Dali a pouco a barca atracava. Erik saltou na praia e veio em minha direção.

– Já faz vinte e quatro horas que você está aí – ele me disse. – Está me incomodando! Comunico-lhe que isso vai terminar muito mal! E foi você quem quis assim! Pois a minha paciência com você é prodigiosa...! Você julga me seguir, imenso ingênuo – (textual) –, mas sou eu que o sigo e sei tudo o que sabe de mim aqui. Poupei-o ontem, no *meu caminho dos communards*; mas lhe digo: não quero mais vê-lo ali! Tudo isso é muito imprudente, muito imprudente!, e me pergunto se ainda sabe o que significa falar!

Ele estava tão colérico que, na hora, evitei interrompê-lo. Após grunhir feito um elefante, ele esclareceu suas horríveis ideias – que correspondiam ao meu pensamento terrível.

– Sim, é preciso, de uma vez por todas, de uma vez por todas, repito, saber o que significa falar! Digo-lhe que, com suas imprudências (já foi detido duas vezes pela sombra com chapéu de feltro, que não sabia o que você fazia nos porões e o levou aos diretores, os quais o tomaram por um rocambolesco persa aficionado por truques de mágica e coxias de teatro; eu estava lá... sim, eu estava no escritório; sabe perfeitamente que estou em toda parte), como eu ia dizendo, com suas imprudências, terminarão intrigados com o que você anda bisbilhotando aqui... e terminarão sabendo que está atrás de Erik... e, como você, vão querer procurar Erik... e descobrirão a morada do lago... Então, pior para você, meu velho! Pior para você...! Não respondo por mais nada!

Grunhiu novamente como um elefante.

– Por nada...! Se os segredos de Erik deixarem de ser os segredos de Erik, coitados de *muitos da raça humana*! Isso é tudo o que eu tinha a lhe dizer e, a menos que você seja um imenso ingênuo – (textual) – deve lhe bastar; a menos que saiba o que significa falar...!

Ele estava sentado na proa da barca e martelava a madeira da pequena embarcação com seus calcanhares, esperando pela minha resposta; eu lhe disse simplesmente:

– Não é Erik que venho procurar aqui...!

– E quem é então?

– Você sabe muito bem: Christine Daaé!

Ele replicou:

– Tenho todo o direito de marcar um encontro com ela na minha casa. Sou amado pelo que sou.

– Isso não é verdade – respondi. – Você a raptou e a mantém prisioneira!

– Escute – ele perguntou –, prometo não se meter mais nos meus assuntos se eu lhe provar que sou amado pelo que sou?

– Sim, prometo – respondi, sem hesitação, pensando que aquele monstro jamais obteria tal prova.

– Muito bem, ótimo! É muito simples...! Christine Daaé sairá daqui quando lhe aprouver e voltará...! Sim, voltará! Porque vai gostar... e voltará espontaneamente, pois ela me ama pelo que sou...!

– Oh, duvido que ela volte...! Mas é seu dever deixá-la partir.

– Meu dever, imenso ingênuo! – (textual). – É minha vontade... minha vontade deixá-la partir, e ela voltará... pois me ama...! Tudo isso, fique sabendo, terminará num casamento... um casamento na Madeleine,<sup>150</sup> imenso ingênuo! – (textual). – Acredita em mim, afinal? Quando lhe digo que minha missa de casamento já está escrita... você verá esse *Kyrie*...

Bateu com os calcanhares na madeira da barca, numa espécie de percussão que ele acompanhava a meia-voz, cantando: “*Kyrie...! Kyrie...! Kyrie Eleison...!*”<sup>151</sup> Você verá essa missa!”

– Escute – concluí –, acreditarei em você se vir Christine Daaé sair da morada do lago e voltar para lá espontaneamente!

– E não se meterá mais nos meus assuntos? Pois bem, verá isso hoje à noite... Vá ao baile de máscaras. Christine e eu daremos uma voltinha por lá... Depois, esconda-se na saleta e verá que a única vontade de Christine, que estará de volta ao seu camarim, é seguir novamente o caminho dos *communards*!

– Fechado!

Com efeito, se eu visse tal cena, só me restaria curvar-me, pois uma beldade tem sempre o direito de amar o monstro mais horrível, sobretudo este, que detém a sedução da música quando essa beldade é justamente uma distintíssima cantora.

– Agora vá! Pois tenho de partir para fazer a aparição...!

Fui embora então, ainda preocupado com Christine Daaé, mas, no fundo de mim mesmo, cultivando um pensamento terrível, depois que ele o despertara tão abruptamente ao referir-se às minhas imprudências.

Eu dizia comigo: “Como tudo isso vai terminar?” E, embora fatalista por temperamento, não conseguia me livrar de uma indefinível angústia em virtude da enorme responsabilidade que um dia eu assumira, deixando viver o monstro que hoje ameaçava “muitos da raça humana”.

Para meu inexprimível espanto, as coisas aconteceram como ele anunciara. Christine Daaé saiu da morada do lago e para lá retornou diversas vezes, sem que, aparentemente, fosse obrigada a isso. Minha vontade então foi largar aquele mistério amoroso, mas era muito difícil, sobretudo para mim – por causa do pensamento terrível –, não recordar Erik. Todavia, resignado a uma extrema prudência, não cometi o erro de voltar às margens do lago nem de frequentar o caminho dos *communards*. Entretanto, como a obsessão da porta secreta do terceiro porão me perseguia, fui, mais de uma vez, diretamente ao local, que eu sabia quase sempre deserto durante o dia. Ali, deixava-me ficar sem fazer nada, escondido por um cenário do *Rei de Lahore* que haviam largado por ali, não sei por quê, pois não se costumava montar muito o *Rei de Lahore*. Tanta paciência merecia ser recompensada. Um dia, vi, vindo em minha direção, de joelhos, o monstro. Eu tinha certeza de que ele não me via. Passou entre o cenário que estava ali e um trainel, foi até a parede e acionou, num lugar que discerni à distância, uma mola que, movendo uma pedra, abriu uma passagem. Ele desapareceu por essa passagem e a pedra voltou a se fechar atrás dele. Eu detinha o segredo do monstro, segredo que, quando precisasse, podia me dar acesso à morada do lago.

Para me certificar disso, esperei pelo menos meia hora e então acionei a mola. Aconteceu tudo igual ao que acontecera com Erik. Contudo, sabendo Erik em casa, não me apeteceu passar pela abertura. Por outro lado, a ideia de ser surpreendido ali por ele lembrou-me subitamente a morte de Joseph Buquet e, não querendo comprometer aquela descoberta, que poderia ser útil a muita gente, a “muitos da raça humana”, deixei os porões do teatro, após tornar a colocar a pedra cuidadosamente no lugar, segundo um sistema que não se modificara desde a Pérsia.

O leitor pensou certo: eu continuava muito interessado no imbróglio de Erik e Christine Daaé; não que na circunstância eu obedecesse a uma doentia curiosidade, mas sim, como já disse, por causa do pensamento terrível que não me largava: “Se Erik descobrir que não é amado pelo que é”, eu pensava, “podemos esperar por tudo.” E, continuando a circular, prudentemente, pela Ópera, logo vim a saber da verdade sobre os tristes amores do monstro. Ele ocupava o

espírito de Christine mediante o terror, mas o coração da doce criança pertencia por inteiro ao visconde Raoul de Chagny. Enquanto estes brincavam, como dois inocentes noivos, nos porões da Ópera, fugindo do monstro, não desconfiavam de que alguém velava por eles. Eu estava decidido a tudo: a matar o monstro se fosse preciso e a me explicar em seguida à Justiça. Mas Erik não apareceu; e nem por isso eu estava mais tranquilo.

Convém dizer o que eu ruminava... Eu pensava que, expulso de sua morada pelo ciúme, o monstro me permitiria penetrar sem correr riscos na morada do lago pela passagem do terceiro porão. Eu tinha todo o interesse do mundo em saber o que havia lá dentro! Um dia, cansado de esperar uma oportunidade, movi a pedra e ouvi imediatamente uma música assombrosa; o monstro trabalhava, com todas as portas de sua casa abertas, em seu *Don Juan triunfante*. Eu sabia que aquela era a obra de sua vida. Eu não tinha a intenção de me mexer e permaneci prudentemente no meu buraco escuro. Ele parou um momento de tocar e, como um louco, começou a vagar pela casa... Falava alto, com uma voz tonitruante: “É preciso que tudo isso acabe *antes!* Acabe de vez!” Essas palavras tampouco me tranquilizavam, e, como a música recomeçava, silenciosamente fechei a pedra. Ora, apesar de fechada, eu ainda ouvia um canto difuso e longínquo, longínquo, que subia do fundo da terra, como ouvira o canto da sereia subir do fundo das águas. E lembrei-me das palavras de alguns maquinistas, a respeito das quais sorrimos no momento da morte de Joseph Buquet: “Havia em torno do corpo do enforcado uma espécie de ruído que parecia o canto dos mortos.”

No dia do rapto de Christine Daaé, temendo receber más notícias, só cheguei ao teatro muito tarde. Passara um dia atroz, pois, desde a leitura de um jornal matutino anunciando o casamento de Christine e do visconde de Chagny, não parei de me perguntar se, afinal de contas, *o melhor não seria eu denunciar o monstro*. Mas recuperei a razão e me persuadi de que tal atitude só poderia precipitar a possível catástrofe.

Quando meu coche me deixou em frente à Ópera, olhei aquele monumento como se me espantasse, na verdade, *de vê-lo ainda de pé!* Mas, como todo bom oriental, sou um pouco fatalista e, *preparado para tudo*, entrei!

O rapto de Christine Daaé durante o ato da prisão, que naturalmente surpreendeu a todos, me encontrou preparado. Não restava dúvida de que Erik, como o rei dos mágicos que efetivamente é, a tinha escamoteado. E ruminei que daquela vez era o fim para Christine *e talvez para todos*.

De modo que, em certo momento, perguntei-me se não deveria aconselhar todas aquelas pessoas, que se demoravam no teatro, a fugir. Mas voltei a reprimir aquela ideia de denúncia, certo de que iriam me tomar por um louco. Por fim, eu não ignorava que se eu gritasse, por exemplo, “Fogo!”, para dispersar todas aquelas pessoas, poderia ser a causa de uma catástrofe (sufocamento na fuga, pisoteio, luta selvagem) pior do que a própria catástrofe.

Mesmo assim, resolvi agir sem mais delonga, pessoalmente. O momento, de resto, me parecia propício. Havia grande probabilidade de que, naquele mesmo momento, Erik só pensasse em sua cativa. Convinha aproveitar esse detalhe para penetrar em sua morada pelo terceiro porão. E, para tal empreitada, pensei em levar comigo o pobre coitado do visconde, que à primeira palavra aceitou, depositando uma confiança em mim que me tocou profundamente; mandei meu criado pegar minhas pistolas. Darius veio nos encontrar com o estojo no camarim de Christine. Entreguei uma pistola ao visconde e disse-lhe para estar preparado para atirar, assim como eu, pois, afinal de contas, Erik poderia estar nos esperando atrás da parede. Precisávamos passar pelo caminho dos *communards* e pelo alçapão.

Ao ver minhas pistolas, o coitado do visconde me perguntou se íamos nos bater em duelo! E eu respondo: “Que duelo!” Mas, naturalmente, não tive tempo de lhe explicar nada. O visconde é corajoso, mas ignorava praticamente tudo sobre o rival. E era melhor assim!

O que é um duelo contra o mais terrível dos contendores ao lado de um combate contra o mais genial dos mágicos? Eu mesmo tinha dificuldade para pensar que ia entrar em luta contra um homem que, no fundo, só é visível quando quer e que, em contrapartida, vê tudo à sua volta, quando todas as coisas continuam obscuras para você...! Contra um homem cuja ciência bizarra, sutileza, imaginação e habilidade permitem-lhe dispor de todas as forças naturais combinadas para criar, para nossos olhos e ouvidos, a ilusão que nos



destrói...! E isso nos porões da Ópera, isto é, no reino da fantasmagoria! Podemos imaginar isso sem fremir? Podemos sequer fazer uma ideia do que poderia acontecer aos olhos e ouvidos de um habitante da Ópera se houvessem trancado lá dentro, em seus cinco porões e vinte e cinco sótãos, um Robert-Houdin feroz e “gozador”, que ora escarnece, ora mata?! Ora esvazia os bolsos, ora mata...! Pense nisto: lutar contra o mago dos alçapões... Meu Deus! Em nosso país, ele criou, em todos os nossos palácios, esses espantosos alçapões rotatórios que são os melhores! Lutar contra o mago dos alçapões no reino dos alçapões...!

Enquanto minha esperança era que ele não tivesse abandonado Christine na morada do lago, para onde devia tê-la transportado novamente, sem sentidos, meu medo era que ele já estivesse nos rondando, preparando o *laço do Pendjab*.

Ninguém melhor do que ele sabe arremessar o laço do Pendjab, ele é o príncipe dos estranguladores, assim como é o rei dos mágicos. Quando ele terminou de fazer rir a pequena sultana, na época das *Horas cor-de-rosa de Mazanderan*, esta se perguntava como ele podia divertir-se causando-lhe calafrios... E ele não encontrara nada melhor do que o jogo do laço do Pendjab. Erik, que já passara uma temporada na Índia, voltara de lá com uma habilidade incrível de estrangular. Trancava-se num pátio, para o qual traziam um guerreiro – geralmente um condenado à morte – armado com uma lança comprida e um espadão. Erik, por sua vez, dispunha apenas de um laço, e era sempre no momento que o guerreiro julgava abater Erik com um golpe formidável que se ouvia o laço assobiar. Com a munheca Erik apertava o tênue laço no pescoço do inimigo e o arrastava prontamente até os pés da pequena sultana e suas acompanhantes, que, de uma janela, assistiam e aplaudiam. A pequena sultana também aprendeu a arremessar o laço do Pendjab e, assim, matou várias de suas acompanhantes e até mesmo algumas amigas em visita. Mas prefiro deixar de lado esse assunto terrível das *Horas cor-de-rosa de Mazanderan*. Se toquei nisso foi porque, tendo chegado aos porões da Ópera com o visconde de Chagny, tive que precaver meu companheiro contra a possibilidade, sempre ameaçadora à nossa volta, de estrangulamento. Claro! Uma vez nos porões, minhas pistolas não tinham mais serventia, pois eu tinha certeza absoluta de que, a partir

do momento em que não se opusera sumariamente à nossa entrada no caminho dos *communards*, Erik não apareceria mais. Mas continuava a poder nos estrangular. Não tive tempo de explicar tudo isso ao visconde e inclusive não sei se, dispondo desse tempo, eu o teria usado para lhe contar que, em algum lugar, na sombra, havia um laço do Pendjab pronto para assobiar. Era completamente desnecessário complicar a situação e limitei-me a aconselhar o sr. de Chagny a manter sempre a mão na altura do olho e o braço dobrado na posição do atirador que espera a ordem “fogo”. Nessa posição é impossível, mesmo ao mais habilidoso estrangulador, lançar o laço do Pendjab com sucesso: além do pescoço, ele prenderia também seu braço ou sua mão, e dessa forma o laço, que é fácil de desfazer, torna-se inofensivo.

Após evitar o comissário de polícia e alguns fechadores de portas, bem como os bombeiros, e tendo encontrado pela primeira vez o matador de ratos e passado despercebidos aos olhos do homem do chapéu de feltro, o visconde e eu alcançamos sem dificuldade o terceiro porão, entre o trainel e o cenário do *Rei de Lahore*. Fiz a pedra mover-se e saltamos para dentro da morada que Erik construíra para si no interior do duplo cinturão dos muros de fundação da Ópera (*e isso com a maior tranquilidade do mundo, uma vez que Erik foi um dos primeiros mestres de obras de Philippe Garnier, o arquiteto da Ópera, e continuara a trabalhar misteriosamente, sozinho, quando as obras foram oficialmente interrompidas, durante a guerra, o cerco de Paris<sup>152</sup> e a Comuna*).

Eu conhecia suficientemente o meu Erik para acariciar a presunção de chegar a descobrir todos os truques que ele pudera forjar nesse período; ainda assim, não estava em absoluto sossegado ao saltar para dentro de sua casa. Eu sabia o que ele fizera com certo palácio de Mazanderan. A mais honesta construção do mundo ele não demorara a transformar na morada do diabo, onde não se podia mais pronunciar uma palavra sem que esta fosse espionada ou reverberada pelo eco. Quantos dramas de família! Quantas tragédias sangrentas o monstro provocava com seus alçapões! Sem falar que, nos palácios que ele “trucara”, nunca era possível saber exatamente o lugar onde se estava. Eram invenções mirabolantes. A mais curiosa, horrível e perigosa de todas era certamente o *quarto dos suplícios*. À exceção de um ou outro caso, quando a pequena sultana se divertia fazendo o burguês sofrer,

ali só entravam os condenados à morte. Era, na minha opinião, a mais atroz criação das *Horas cor-de-rosa de Mazanderan*. Assim, quando o visitante que entrara no quarto dos suplícios “já recebera o suficiente”, era-lhe sempre permitido terminar com aquilo com um laço do Pendjab que deixavam à sua disposição ao pé da árvore-de-ferro!<sup>153</sup>

Ora, qual não foi minha perplexidade, logo após penetrar na morada do monstro, ao perceber que o recinto no qual acabávamos de cair, o sr. visconde de Chagny e eu, era a reconstituição exata do quarto dos suplícios das *Horas cor-de-rosa de Mazanderan*.

Aos nossos pés encontrei o laço do Pendjab, que eu tanto temera durante a noite. Estava convencido de que aquele cordão fora usado em Joseph Buquet. O maquinista-chefe, assim como eu, decerto surpreendera Erik uma noite, no momento em que ele movia a pedra do terceiro porão. Curioso, ele usara a passagem antes que a pedra se fechasse, caíra no quarto dos suplícios e só saíra de lá enforcado. Imaginei claramente Erik arrastando o corpo, do qual pretendia se livrar, até o cenário do *Rei de Lahore* e nele o pendurando, para servir de exemplo ou aumentar o *terror supersticioso que devia ajudá-lo a salvar os arredores da caverna!*

Após refletir, contudo, Erik voltara para recolher o laço do Pendjab, que é feito, singularmente, de tripa de gato e poderia despertar a curiosidade da Justiça. Assim se explicava o desaparecimento da corda do enforcado.

E eis que eu o descobria aos nossos pés, o laço, no quarto dos suplícios...! Não sou pusilânime, mas um suor frio inundou meu rosto. A lanterna, cujo pequeno halo vermelho eu passeava nas paredes do famigerado quarto, tremia em minhas mãos.

O sr. de Chagny percebeu e indagou:

– O que está acontecendo, cavalheiro?

Fiz-lhe um sinal veemente para que se calasse, pois eu ainda alimentava a suprema esperança de que estivéssemos no quarto dos suplícios sem que o monstro soubesse!

Aliás, essa esperança não era a salvação, já que eu podia imaginar muito bem que, junto com o terceiro porão, o quarto dos suplícios destinava-se a proteger a *morada do lago*, e isso, talvez, automaticamente.

Sim, os suplícios talvez pudessem começar *automaticamente*.

Quem poderia dizer quais gestos de nossa parte eles aguardavam para isso?

Recomendei a imobilidade mais absoluta ao meu companheiro.

Um silêncio opressivo abatia-se sobre nós.

Minha lanterna vermelha continuava a percorrer o quarto dos suplícios... eu já o conhecia... Sim, já o conhecia...

145. Região correspondente ao noroeste do atual Vietnã. ↔

146. Um relatório administrativo, procedente do Tonkin e tendo chegado a Paris no fim de julho de 1900, conta como o célebre chefe do bando De Tham, encurralado com seus piratas pelos nossos soldados, conseguiu escapar deles, bem como todos os seus, graças ao truque dos bambus. (Nota do autor) ↔

147. *Daroga*, em persa, é o comandante-geral da polícia do governo. (Nota do autor) ↔

148. Aqui, o Persa poderia ter confessado que a sorte de Erik o interessava na mesma medida, pois ele não ignorava que, se o governo de Teerã soubesse que Erik continuava vivo, teria retirado a modesta pensão do antigo daroga. De resto, é correto acrescentar que o Persa tinha um coração nobre e generoso, e duvidamos que as catástrofes que ele temia para os outros não o preocupassem muito. Sua conduta em todo esse episódio, aliás, prova isso suficientemente e está acima de qualquer elogio. (Nota do autor) ↔

149. No original, *Trompe-la-Mort*: apelido idêntico ao do sinistro personagem balzaquiano Vautrin (Jacques Collin), na *Comédia humana*. ↔

150. Construída no fim do séc.XVIII, a igreja da Madeleine, localizada perto da Place de la Concorde, em Paris, e dedicada a Santa Madalena, é uma igreja em estilo clássico, lembrando um templo grego. O músico Camille Saint-Saëns foi seu organista entre 1858 e 1877. ↔

151. *Kyrie Eleison*, fórmula cristã (em grego) que significa: “Senhor, tende piedade de nós.” ↔

152. Episódio da guerra franco-alemã de 1870, quando a capital é rapidamente cercada pelas tropas alemãs, que a resistência francesa não consegue impedir de avançar em direção ao Loire. ↔

153. Possível referência à espécie *Parrotia persica*. ↔



## NO QUARTO DOS SUPLÍCIOS

(*Continuação do relato do Persa*)

ESTÁVAMOS NO CENTRO de uma pequena sala perfeitamente hexagonal e cujas seis paredes eram revestidas de espelhos... de cima a baixo... Nos cantos, distinguiam-se muito bem os “acréscimos” de espelho... os pequenos trechos destinados a girar sobre seus tambores... sim, sim, reconheço-os... e reconheço a árvore-de-ferro num canto, ao fundo de um desses pequenos trechos... a árvore-de-ferro, com seu galho de ferro... para os enforcados.

Agarrei o braço do meu companheiro. O visconde de Chagny tremia, na iminência de gritar e anunciar à sua noiva o socorro que lhe trazia... Meu medo era que ele não se contivesse.

De repente ouvimos um rumor à nossa esquerda.

Primeiro foi como uma porta se abrindo e fechando, no recinto ao lado; depois, um gemido abafado. Apertei um pouco mais o braço do sr. de Chagny, quando ouvimos distintamente estas palavras:

– É pegar ou largar! A *missa de casamento* ou a *missa dos mortos*.

Reconheci a voz do monstro.

Ouvimos outro gemido.

Em seguida, um longo silêncio.

Agora eu estava convencido de que o monstro ignorava nossa presença em sua morada, pois, caso contrário, teria se precavido para que não o ouvíssemos. Para isso, bastaria tornar hermética a janelinha invisível pela qual os amantes de suplícios espiam esse quarto.

Eu tinha certeza de que se *ele* tivesse conhecimento da nossa presença ali os suplícios teriam começado imediatamente.

Tínhamos, assim, uma grande vantagem sobre Erik: estávamos ao seu lado e ele não sabia de nada.

O importante era não acusar nossa presença e meu maior medo era a ansiedade do visconde de Chagny, que fazia menção de investir contra as paredes para juntar-se a Christine Daaé, cujo gemido ouvíamos de maneira intermitente.

– A missa dos mortos não é alegre! – continuou a voz de Erik. – Ao passo que a missa de casamento, cá entre nós, é magnífica! Convém tomar uma decisão, saber o que se quer! Da minha parte, impossível continuar a viver assim, no fundo da terra, num buraco, feito uma toupeira! *Don Juan triunfante* está concluído, agora quero viver como todo mundo. Quero ter uma esposa como todo mundo, iremos passear aos domingos. E inventei uma máscara que me dá um rosto como os de todo mundo. Ninguém sequer voltará os olhos. Você será a mais feliz das mulheres. E cantaremos só para nós dois, até morrermos disso. Está chorando! Tem medo de mim! Mas no fundo não sou mau! Me ame e verá! *Só me faltou ser amado para ser bom!* Se me amasse, eu ficaria manso feito um cordeiro e você faria de mim o que bem entendesse.

Logo em seguida, o gemido que acompanhava essa espécie de ladainha de amor foi aumentando, aumentando. Nunca ouvi nada mais angustiante, e o sr. de Chagny e eu reconhecemos que aquele lamento aterrador era do próprio Erik. Quanto a Christine, em algum lugar, talvez do outro lado da parede que tínhamos à nossa frente, decerto resistia, muda de horror, sem forças para gritar, com o monstro a seus pés.

Era um lamento sonoro e cavernoso, estertorante como o lamento de um oceano. Por três vezes Erik o extraiu do rochedo de sua garganta.

– Você não me ama! Você não me ama! Você não me ama!

Então acalmou-se:

– Por que chora? Sabe que assim me faz sofrer.

Silêncio.

Cada silêncio era uma esperança para nós. Ruminávamos: “Talvez ele tenha deixado Christine sozinha do outro lado da parede.”

Tudo o que queríamos era avisá-la da nossa presença sem que o monstro desconfiasse.

Agora só poderíamos sair do quarto dos suplícios se Christine abrisse a porta para nós; e esta era uma condição incontornável para podermos ajudá-la, pois ignorávamos até mesmo em que ponto à nossa volta a porta se localizava.

De repente, o silêncio contíguo foi perturbado pelo ruído de uma

campainha elétrica.

Houve um movimento do outro lado da parede e a voz de trovão de Erik:

– Alguém está tocando! Dê-se então ao trabalho de entrar!

Uma gargalhada lúgubre.

– Quem virá nos perturbar agora? Espere um pouco aqui... *vou dizer à sereia para abrir.*

Passos se afastaram, uma porta se fechou. Não tive tempo de pensar no novo horror que se preparava; esqueci que talvez o monstro estivesse saindo para um novo crime; só compreendi uma coisa: Christine estava sozinha atrás da parede!

O visconde de Chagny já a chamava:

– Christine! Christine!

Considerando que ouvíamos o que se falava no recinto ao lado, não havia nenhuma razão para que meu companheiro não fosse ouvido também. Mesmo assim, o visconde teve de repetir seu chamado várias vezes.

Finalmente uma débil voz nos alcançou:

– Estou sonhando – ela disse.

– Christine! Christine! Sou eu, Raoul!

Silêncio.

– Vamos, responda, Christine...! Se está sozinha, em nome dos céus, responda.

Então a voz de Christine murmurou o nome de Raoul.

– Sim! Sim! Sou eu! Não é um sonho...! Christine, confie...! Estamos aqui para salvá-la... mas sem imprudências...! Quando ouvir o monstro, avise-nos.

– Raoul...! Raoul...!

Ela pediu para que repetíssemos que não estava sonhando e que Raoul de Chagny conseguira chegar até ela, conduzido por um companheiro devotado que conhecia o segredo da morada de Erik.

Mas, imediatamente após a fugaz alegria que lhe trazíamos, sucedeu um terror ainda maior. Ela queria que Raoul se afastasse imediatamente. Morria de medo que Erik descobrisse seu esconderijo,



pois não hesitaria em matar o rapaz. Informou-nos, em poucas e rápidas palavras, que Erik se apaixonara loucamente e estava decidido a *matar todo mundo, e também a si próprio*, se ela não consentisse em tornar-se sua mulher perante o prefeito e o pároco, o pároco da Madeleine. Ele lhe dera até a noite seguinte às onze horas para refletir. Era o prazo final. Ela então teria de escolher, como ele dizia, entre a missa de casamento e a missa dos mortos!

E Erik pronunciara esta frase que Christine não compreendera plenamente: “Sim ou não; se for não, todos serão mortos e *enterrados*!”

Mas eu compreendia plenamente aquela frase, pois ela correspondeu de maneira atroz ao meu pensamento terrível.

– Pode nos dizer onde está Erik? – perguntei.

Ela respondeu que ele devia ter saído da morada.

– Pode certificar-se disso?

– Não...! Estou amarrada... não posso fazer qualquer movimento.

O sr. de Chagny e eu não reprimimos um grito de raiva. Nossa salvação, a de nós três, dependia da liberdade de movimentos da moça.

– Oh, libertá-la! Chegar até ela!

– Mas onde você está, afinal? – perguntou ainda Christine. – Há apenas duas portas no meu quarto; o quarto Luís Filipe, sobre o qual lhe falei, Raoul...! Uma porta pela qual Erik entra e sai, e outra que nunca foi aberta na minha frente e que ele me proibiu de cruzar, porque, segundo ele, é a porta mais perigosa... a porta dos suplícios...!

– Christine, estamos atrás dessa porta...!

– Vocês estão no quarto dos suplícios?

– Sim, mas não vemos a porta.

– Ah, se pelo menos eu pudesse me arrastar até aí...! Eu bateria na porta e você perceberia o lugar onde ela fica.

– É uma porta com fechadura? – perguntei.

– Sim, com uma fechadura.

Pensei: do outro lado, ela abre com uma chave, como todas as portas, mas do nosso lado, abre com a mola e o contrapeso, o que não

será fácil descobrir.

– Christine! – eu disse. – Preciso, definitivamente, que abra essa porta para nós!

– Mas como? – respondeu a voz aflita da infeliz.

Ouvimos um corpo se contorcendo, tentando claramente libertar-se das amarras que o prendiam...

– Só com muita astúcia nos safaremos – eu disse. – Precisamos da chave dessa porta...

– Sei onde ela está – respondeu Christine, que parecia esgotada em virtude do esforço que acabava de fazer. – Mas estou muito bem amarrada...! Miserável...!

E ouviu-se um soluço.

– Onde está a chave? – perguntei, ordenando ao sr. de Chagny que se calasse e me deixasse conduzir o assunto, pois não tínhamos um minuto a perder.

– No quarto dele, ao lado do órgão, junto com outra chavinha de bronze, na qual ele também me proibiu de tocar. Estão ambas numa bolsinha de couro que ele chama de “a bolsinha da vida e da morte”... Raoul! Raoul...! Fuja...! Tudo aqui é misterioso e terrível... e Erik vai ficar completamente transtornado... E você está no quarto dos suplícios...! Saiam por onde entraram! Deve haver uma razão para esse aposento se chamar assim!

– Christine! – exclamou o rapaz. – Ou sairemos juntos ou morreremos juntos!

– Só depende de nós sairmos daqui sãos e salvos – sussurrei –, mas precisamos conservar o sangue-frio. Por que ele a amarrou? Seja como for, é impossível fugir de sua morada! Ele sabe perfeitamente disso!

– Eu quis me matar! Esta noite, após ter me transportado desmaiada para cá, seminarcotizada, o monstro saiu. Tinha ido, parece (foram suas palavras), “até o seu banqueiro”...! Quando voltou, me encontrou com o rosto todo ensanguentado... Eu tinha tentado me matar! Tentei arrebentar a cabeça contra as paredes.

– Christine! – gemeu Raoul, e pôs-se a soluçar.

– Então ele me amarrou... não tenho o direito de morrer até amanhã à noite às onze horas...!

Toda essa conversa através da parede era muito mais “picotada” e cautelosa do que eu poderia dar a impressão transcrevendo-a aqui. Parávamos no meio das frases, porque nos parecia ouvir um estalido, um passo, um movimento estranho... Ela avisava:

– Não! Não! Não é ele...! Ele saiu! Saiu mesmo! Reconheci o barulho que a parede do lago faz ao se fechar.

– Senhorita! – declarei. – Foi o próprio monstro que a amarrou... É ele que irá desamarrá-la... Tem apenas de representar a cena necessária para isso...! Não esqueça que ele a ama!

– Oh! – ouvimos. – Como eu poderia esquecê-lo?

– Lembre-se disso para sorrir para ele... suplique... diga-lhe que as cordas estão machucando.

Christine Daaé respondeu:

– Shhh...! Ouço alguma coisa na parede do lago...! É ele...! Vão embora! Vão! Vão!

– Não iríamos nem se quiséssemos! – afirmei, de modo a impressionar a moça. – Não podemos mais partir! E estamos no quarto dos suplícios!

– Silêncio! – Christine ainda sussurrou.

Calamo-nos os três.

Passos pesados arrastavam-se lentamente atrás da parede, paravam e voltavam a fazer o assoalho gemer.

Em seguida, após um suspiro prodigioso, seguido de um grito de pavor de Christine, ouvimos a voz de Erik:

– Perdoe-me por lhe mostrar um rosto assim! Que belezura, não é mesmo? Foi culpa do *outro*! Por que ele tocou a campainha? Porventura pergunto as horas a quem está passando? Ele não perguntará mais a hora a ninguém. Foi culpa da sereia...

Outro suspiro, mais profundo e sonoro, vindo do abismo de uma alma.

– Por que gritou, Christine?

– Porque estou sofrendo, Erik.

– Achei que era medo de mim...

– Erik, solte-me... não sou sua prisioneira?

– Você tentará se matar novamente...

– Você me deu até amanhã à noite, Erik, às onze horas...

Os passos continuam se arrastando no assoalho.

– Enfim, uma vez que devemos morrer juntos... e que tenho tanta pressa para morrer quanto você... sim, também estou enfastiado dessa vida, você entende...! Espere, não se mexa, vou soltá-la... Basta dizer uma palavra, “não!”, e tudo estará imediatamente terminado *para todos*... Tem razão... tem razão! Por que esperar até amanhã às onze da noite? Ah, sim, porque teria sido muito mais bonito...! Sempre tive a mania do ornamento... do grandioso... é infantil...! Na vida, devemos pensar apenas em nós...! Na nossa própria morte... o resto é perfumaria... *Está vendo como estou molhado*...? Ah, minha querida, é porque fiz mal em sair... Está fazendo um tempo do cão...! A propósito, Christine, acho que estou sendo vítima de alucinações... Sabe aquele que, não faz muito tempo, tocou a campainha na casa da sereia (duvido que continue tocando...)? Pois bem, ele parecia... Aqui, vire-se... está contente? Pronto, está livre... Meu Deus! Seus pulsos, Christine! Machuquei-os, seja sincera...? Só isso já merece a morte... Por falar no defunto, *preciso cantar-lhe sua missa*!

Ouvindo essas terríveis declarações, não pude me impedir de ter um horrível pressentimento... Uma vez eu também tocara a campainha à porta do monstro... e, sem o saber, claro...!, devo ter disparado alguma corrente de alarme... E me lembrava dos dois braços saídos das águas escuras como tinta... Quem era o outro infeliz perdido naquelas margens?

Pensar nesse infeliz quase me impedia de me alegrar com o estratagema de Christine, e, contudo, o visconde de Chagny murmurava ao meu ouvido esta palavra mágica: “Livre...!” Quem, então? Quem então era o *outro*? Aquele cuja missa dos mortos ouvíamos naquele momento?

Ah, canto sublime e furioso! Toda a morada do lago reverberava-o... todas as entranhas da terra se arrepiavam... havíamos encostado nossos ouvidos na parede espelhada para ouvir melhor a manobra de Christine Daaé, manobra que ela executava para nossa libertação, mas ouvíamos apenas a execução da missa dos mortos. Era na verdade uma missa dos malditos... que, no fundo da terra, formava uma roda de demônios.

Lembro que o *Dies irae* que ele cantou nos envolveu como uma tempestade. Sim, tínhamos à nossa volta raios e relâmpagos... Claro! Eu o ouvira cantar anteriormente... *Ele* conseguia fazer com que as goelas de pedra de meus touros androcéfalos<sup>154</sup> cantassem nas paredes do palácio de Mazanderan... Mas cantar daquele jeito, jamais! Jamais! Ele cantava como o deus do trovão...

De repente, a voz e o órgão pararam de modo tão brusco que, completamente zonzos, o sr. de Chagny e eu recuamos atrás da parede... E a voz, de súbito alterada, transformada, rangeu distintamente cada sílaba metálica:

– *O que fez com a minha bolsa?*

154. Isto é, touros com cabeça de homem. ↔



## COMEÇAM OS SUPLÍCIOS

(*Continuação do relato do Persa*)

A VOZ REPETIU furiosamente:

– O que fez com a minha bolsa?

Christine Daaé decerto tremia tanto quanto nós.

– Então foi para roubar minha bolsa que me pediu para soltá-la?

Ouvimos passos precipitados, a corrida de Christine voltando para o quarto Luís Filipe como se a procurar um abrigo diante da nossa parede.

– Por que foge? – persistia a voz raivosa, que a seguira. – Quer por favor devolver minha bolsa! Então não sabe que é a bolsa da vida e da morte?

– Escute, Erik – suspirou a moça. – Uma vez que agora está combinado que viveremos juntos... o que lhe importa isso...? Tudo que é seu também é meu...!

Isso foi dito de uma maneira tão vacilante que dava pena. A infeliz devia estar empregando tudo que lhe restava de energia para vencer seu terror... Mas não seria com mentiras tão infantis, ditas com os dentes batendo, que conseguiria surpreender o monstro.

– Sabe muito bem que dentro dela há apenas duas chaves... O que pretendia fazer com elas? – ele perguntou.

– Eu queria – ela respondeu – visitar aquele quarto que não conheço e que você sempre me escondeu... Curiosidade feminina! – acrescentou, num tom que se pretendia animado e que só serviu para aumentar a desconfiança de Erik, de tal forma soava falso...

– Não gosto das mulheres curiosas! – rebateu Erik. – Você deveria desconfiar disso depois da história do Barba Azul...<sup>155</sup> Vamos! Devolva minha bolsa...! Devolva minha bolsa...! E deixe a chave lá, por favor...! Bisbilhoteira!

Riu, enquanto Christine emitia um grito de dor... Erik acabava de lhe tomar sua bolsa.

Foi nesse momento que o visconde, sem mais se conter, lançou um grito de fúria e impotência, que com muita dificuldade consegui abafar em seus lábios...

– Ah, ah! – reagiu o monstro. – O que é isso...? Não ouviu, Christine?

– Não, não! – respondeu a infeliz. – Não ouvi nada!

– Pareceu-me ouvir um grito!

– Um grito...! Por acaso enlouqueceu, Erik...? Quem pode estar gritando no fundo desta morada...? Fui eu que gritei, pois você me machucava...! Mas não ouvi nada...!

– Como pode dizer uma coisa dessas...! Está tremendo...! Está completamente transtornada...! Está mentindo...! Alguém gritou! Alguém gritou...! Há alguém no quarto dos suplícios...! Ah, agora eu compreendo...!

– Não há ninguém lá, Erik!

– Compreendo...!

– Ninguém...!

– Seu noivo... talvez...!

– Imagine só! Eu não tenho noivo...! Sabe muito bem disso...!

Outra risada sinistra.

– Aliás, é muito fácil saber... Minha pequena Christine, meu amor... não há necessidade de abrir a porta para ver o que se passa no quarto dos suplícios... quer ver? Quer ver...? Ora, ora...! Se houver alguém, se realmente houver alguém, você verá iluminar-se lá no alto, próximo ao teto, a janela invisível... Basta puxar a cortina preta e depois apagar aqui... Pronto, está feito... Apaguemos! Não precisa temer a noite na companhia do seu maridinho...!

Ouvimos então a voz agoniada de Christine.

– Não...! Tenho medo...! Tenho medo da noite...! Não quero mais saber desse quarto...! É você que me amedronta o tempo todo, como a uma criança, com esse quarto dos suplícios... Então fiquei curiosa, é verdade...! Mas ele não me interessa mais nem um pouco... Que ideia...!

E, o que eu mais temia, começou *automaticamente*... Fomos instantaneamente inundados de luz...! Sim, atrás da nossa parede,



parecia uma fornalha. O visconde de Chagny, que não esperava por aquilo, ficou tão surpreso que vacilou. E a voz colérica explodiu do outro lado:

– Eu disse que havia alguém... Está vendo, agora, a janela...? A janela luminosa...! Lá no alto...! Quem está atrás desta parede não a vê...! Mas você vai subir na escada. Ela está aqui para isso...! Cansou de perguntar para que ela servia... Pois bem, agora já sabe...! Serve para espiar pela janela do quarto dos suplícios... Bisbilhoteira...!

– Que suplícios...? Que suplícios há aí dentro...? Erik! Erik! Diga que foi só para me assustar...! Se me ama, diga isso para mim, Erik...! Não é verdade que não há suplícios? São histórias da carochinha...!

– Olhe, minha querida, na janelinha...!

Não sei se o visconde, ao meu lado, ouvia agora a voz debilitada da moça, tão ocupado estava com o espetáculo insólito que acabava de surgir diante do seu olhar esgazeado... Quanto a mim, que já assistira diversas vezes àquele espetáculo, pela janelinha das *Horas cor-de-rosa de Mazanderan*, só prestava atenção ao que falavam do outro lado, procurando nisso uma razão para agir, uma resolução a tomar.

– Vá olhar na janelinha...! Você me dirá...! Você me dirá depois a *forma do nariz dele*!

Ouvimos a escada ser arrastada e apoiada na parede...

– Suba então...! Não...! Não, subo eu... eu, minha querida...!

– Está bem, pode deixar... vou dar uma espiada... solte-me!

– Ah, queridíssima...! Queridíssima...! Que bonitinha você é... Muita bondade sua me poupar esse trabalho, árduo na minha idade...! Diga-me então a forma do nariz dele... Se as pessoas soubessem a felicidade que há em ter um nariz... um nariz bem seu... nunca viriam passear no quarto dos suplícios...!

Nesse momento, ouvimos distintamente acima de nossas cabeças as seguintes palavras:

– Meu amigo, não há ninguém...!

– Ninguém...? Tem certeza de que não há ninguém...?

– Juro que não... Não há ninguém...

– Melhor assim...! O que há com você, Christine? Afinal de contas,

não precisa se preocupar...! Uma vez que não há ninguém...! Aqui...! Desça...! Pronto... relaxe! Uma vez que não há ninguém... *Mas o que achou da paisagem...?*

– Oh, muito interessante...!

– Vamos! Melhor assim...! Não é mesmo, melhor assim...! Tanto melhor assim...! Sem emoções...! Que casa extravagante, não é, onde podemos ver paisagens desse tipo...!

– Sim, parece até que estamos no museu Grévin...!<sup>156</sup> Mas repita para mim, Erik... que não há suplícios lá dentro...! Sabe que me deixou com medo...?

– Por quê? Uma vez que não há ninguém...!

– Foi você que construiu esse quarto, Erik...? É muito bonito! Não há como negar, você é um grande artista, Erik...

– Sim, um grande artista “no meu gênero”.

– Mas me conte uma coisa, Erik, por que chamou esse cômodo de quarto dos suplícios...?

– Oh, é muito simples. Em primeiro lugar, o que você viu nele?

– Vi uma floresta...!

– E o que há numa floresta?

– Árvores...!

– E o que há numa árvore?

– Pássaros...

– Você viu pássaros...

– Não, não vi pássaros.

– Então o que viu? Faça um esforço...! Viu galhos! E o que há num galho? – disse a voz terrível. – Há um cadafalso! Eis por que chamo minha floresta de quarto dos suplícios...! Vê, é apenas uma maneira de falar! Tudo para rir...! Eu nunca me explico como os outros...! Não faço nada como os outros...! Mas estou cansado...! Exausto...! Veja bem, estou cheio de ter uma floresta na minha casa, bem como um quarto dos suplícios...! E de morar como um charlatão no fundo de uma caixa com fundo falso...! Estou cheio...! Cheio...! Quero ter um apartamento tranquilo, com portas e janelas comuns e dentro dele uma mulher honesta, como todo mundo...! Sei que você compreende,

Christine, eu não deveria ter necessidade de ficar repisando isso a todo momento...! Uma mulher, como todo mundo...! Uma mulher que eu amaria, levaria para passear aos domingos e a quem faria rir a semana inteira! Ah! Não se entediaria comigo! Tenho mais de um truque na manga, sem falar nos truques com baralho...! Ei! Quer que eu lhe mostre um truque com as cartas? Isso nos fará passar alguns minutos, enquanto esperamos amanhã às onze da noite...! Amada Christine...! Amada Christine...! Está me escutando...? Não me rejeita mais...? Fale...! Você me ama...! Não, não me ama...! Mas não importa! Me amará! Antes, você não conseguia olhar para a minha máscara porque sabia o que há atrás dela... E agora quer contemplá-la e se esquece do que há atrás, já não me rejeita mais...! A gente se acostuma com tudo, basta querer... ter boa vontade...! Quantas pessoas que não se amavam antes do casamento vieram a se adorar depois! Ah, não sei mais o que digo... Mas irá divertir-se muito comigo...! Por exemplo, não existe, isso eu juro perante o bom Deus que nos casará se você for razoável, não existe ventríloquo igual a mim! Sou o primeiro ventríloquo do mundo...! Está rindo...! Talvez não acredite...! Escute!

O miserável (que era, com efeito, o primeiro ventríloquo do mundo) atordoava a pequena (eu me dava conta disso) para desviar sua atenção do quarto dos suplícios...! Manobra estúpida...! Christine só pensava em nós...! Por diversas vezes, no tom mais doce que pôde encontrar, ela repetiu a súplica mais ardorosa:

– Apague a janelinha...! Erik! Apague a janelinha...!

Pois decerto pensava que aquela luz, que brotara subitamente na janelinha, e a cujo respeito o monstro falara de forma tão ameaçadora, tinha sua terrível razão de ser... Uma coisa, entretanto, devia tranquilizá-la agora: ela nos vira a ambos, atrás da parede, no centro da magnífica irradiação, de pé e em boas condições...! Mas teria ficado mais tranquila, com certeza!, se a luz fosse apagada...

O outro já começara sua exibição de ventríloquo. Dizia:

– Pronto, levanto um pouco a minha máscara! Oh, só um pouquinho... Está vendo meus lábios? O que tenho nos lábios? Eles não se mexem...! Minha boca está fechada... meu arremedo de boca... e mesmo assim você ouve a minha voz...! Estou falando com meu ventre... É absolutamente natural... chama-se a isso ser ventríloquo...! É bastante conhecido: escute minha voz... aonde quer que ela vá? Ao

seu ouvido esquerdo? Ao seu ouvido direito...? À mesa...? Aos pequenos baús de ébano da lareira...? Ah, isso a surpreende? Minha voz está nos pequenos baús da lareira! Quer que vá mais longe...? Mais perto...? Sonora...? Aguda...? Roufenha...? Minha voz passeia por toda parte...! Por toda parte...! Preste atenção, minha querida, no pequeno baú à direita da lareira, e escute o que ela diz: *Devo girar o escorpião...*? E agora, crac...! Escute agora o que ela diz no pequeno baú da esquerda: *Devo girar o gafanhoto...*? E agora, crac! Ei-la aqui na bolsinha de couro... O que ela diz? “Sou a *bolsa da vida e da morte!*” E agora, crac... Ei-la na garganta da Carlotta, no fundo da garganta dourada, da garganta de cristal da Carlotta, puxa vida...! O que ela diz? Ela diz: “Sou eu, sr. sapo! Sou eu que canto: *Escuto essa voz solitária... croac...! que canta no meu croac...!*” Ah! Ah! Ah! Ah...! Cadê a voz de Erik...? Escute, Christine, minha querida...! Escute... Ela está atrás da porta do quarto dos suplícios...! Escute-me...! Sou eu que estou no quarto dos suplícios... E o que eu digo? Eu digo: “Malditos os que têm a felicidade de ter um nariz, um nariz verdadeiro e exclusivo, e vêm passear no quarto dos suplícios...! Ah! Ah! Ah!”

Maldita voz do formidável ventríloquo! Estava em toda parte... passava pela janelinha invisível... através das paredes... corria à nossa volta... entre nós... Erik estava ali...! Falava conosco...! Fizemos menção de nos atirar sobre ele... contudo, no mesmo instante, mais rápida e intangível do que a voz sonora do eco, a voz de Erik reverberara atrás da parede...!

Logo não conseguimos ouvir mais absolutamente nada, pois eis o que se passou:

– Erik! Erik...! Você está me cansando com a sua voz... Cale-se, Erik... Não acha muito quente aqui...? – a voz de Christine.

– Oh, sim! – responde a voz de Erik. – O calor está ficando insuportável...!

De novo a voz rouca de angústia de Christine:

– Mas o que é isso...! A parede está quente...! O muro está pelando...!

– Vou lhe explicar, Christine, minha querida, é por causa da “floresta adjacente”...!

– Muito bem... o que significa isso...! A floresta...?

– *Então não percebeu que era uma floresta do Congo?*

E a risada do monstro ressoou tão terrível que não distinguíamos mais os clamores suplicantes de Christine...! O visconde de Chagny gritava e batia nas paredes feito um louco... Eu não conseguia mais contê-lo... Mas ouvíamos apenas a risada do monstro... e o próprio monstro decerto só ouvia sua risada. Em seguida, ouvimos os rumores de uma breve luta, de um corpo caindo no assoalho e sendo arrastado... e o estrépito de uma porta batida com violência... e depois mais nada, mais nada à nossa volta senão o silêncio tórrido do meio-dia... no coração de uma floresta da África...!

.....

155. Conto de fadas do escritor francês Charles Perrault (1628-1703) sobre um aristocrata violento (que matara suas primeiras seis esposas) e sua mulher curiosa.  
↩

156. Ver nota 13. ↩



“BARRIS! BARRIS! ALGUÉM TEM BARRIS PARA VENDER?”

(*Continuação do relato do Persa*)

EU DISSE QUE o quarto onde o visconde de Chagny e eu estávamos era rigorosamente hexagonal e inteiramente revestido de espelhos. Mais tarde, tornou-se comum, especialmente em determinadas exposições, esse tipo de aposentos assim dispostos, denominados “casa das miragens” ou “palácio das ilusões”. Mas essa invenção é da lavra de Erik, que, na minha presença, construiu a primeira sala desse gênero na época das *Horas cor-de-rosa de Mazanderan*. Bastava instalar nos cantos algum motivo decorativo, uma coluna, por exemplo, para obter instantaneamente um palácio com mil colunas, pois, mediante o efeito dos espelhos, a sala real expandia-se em seis salas hexagonais, cada uma delas multiplicando-se ao infinito. Antigamente, para divertir “a pequena sultana”, ele instalara, por exemplo, um cenário que se transformava no “templo incomensurável”, mas a sultana logo se cansou de ilusão tão infantil, e então Erik transformou sua invenção em quarto dos suplícios. Em vez do motivo arquitetônico instalado nos cantos, ele colocou no primeiro quadro uma árvore-de-ferro. Por que essa árvore, que imitava perfeitamente a vida com suas folhas pintadas, era de ferro? Porque precisava ser suficientemente sólida para resistir a todos os ataques do “paciente” trancado no quarto dos suplícios. Veremos como, por duas vezes, o cenário assim obtido transformava-se instantaneamente em outros dois cenários sucessivos, graças à rotação automática dos tambores situados nos cantos e divididos em três, esposando os ângulos dos espelhos e comportando um padrão decorativo que aparecia alternadamente.

As paredes dessa estranha sala não ofereciam nenhum ponto a que o paciente pudesse se agarrar, uma vez que, afora o motivo decorativo, de uma solidez a toda prova, eram revestidas exclusivamente de espelhos, e espelhos bem grossos, para nada temerem da fúria do miserável jogado ali, a propósito com as mãos desprotegidas e os pés descalços.

Nenhum móvel. O teto era luminoso. Um engenhoso sistema de calefação elétrico, imitado depois disso, permitia regular a

temperatura das paredes à vontade, dando assim a atmosfera desejada à sala... Faço questão de enumerar com precisão todos os detalhes dessa invenção (que, embora absolutamente natural, dava a ilusão sobrenatural, com alguns galhos pintados, de uma floresta equatorial inflamada pelo sol do meio-dia) para que ninguém possa colocar em dúvida a atual harmonia do meu cérebro, para que ninguém tenha o direito de dizer: “Esse homem ficou louco” ou “Esse homem está mentindo” ou “Esse homem nos toma por imbecis”.<sup>157</sup>

Se eu tivesse contado as coisas simplesmente assim: “Tendo descido ao fundo de um porão, encontramos uma floresta equatorial inflamada pelo sol do meio-dia”, teria obtido um belo efeito de espanto aparvalhado, mas não busco nenhum efeito; meu objetivo, escrevendo estas linhas, é contar fielmente o que aconteceu ao sr. visconde de Chagny e a mim durante uma aventura terrível que, durante certo período, foi objeto da Justiça deste país.

Retomo agora os fatos onde os deixei.

Quando o teto se acendeu e, à nossa volta, a floresta se iluminou, a estupefação do visconde superou tudo que podemos imaginar. A aparição daquela floresta impenetrável, cujos troncos e galhos inumeráveis nos enlaçavam *até o infinito*, mergulhou-o numa consternação pavorosa. Passou as mãos na testa como se expulsando uma visão de sonho e seus olhos piscaram como olhos que, ao despertar, pelejam para recobrar o senso da realidade das coisas. Por um instante, ele se esqueceu *de escutar!*

Eu disse que a aparição da floresta não me surpreendeu em nada. Portanto, eu escutava por nós dois o que se passava na sala contígua. No fim, minha atenção viu-se singularmente atraída menos pelo cenário, do qual meu pensamento se desvencilhava, do que pelo próprio espelho que o produzia. Esse espelho, em alguns pontos, *estava rachado*.

Sim, tinha arranhões; haviam conseguido “trincá-lo”, apesar de sua solidez, e isso me provava, de maneira indubitável, que o quarto dos suplícios onde nos encontrávamos *já fora utilizado!*

Um infeliz, cujos pés e mãos estavam menos nus que os condenados das *Horas cor-de-rosa de Mazanderan*, caíra certamente naquela “ilusão mortal” e, louco de raiva, investira contra aqueles espelhos que, apesar dos ferimentos leves, nem por isso deixavam de



continuar a refletir sua agonia! E o galho da árvore no qual terminara seu suplício estava disposto de tal maneira que, antes de morrer, ele pudera ver estremecer junto com ele – suprema consolação – mil enforcados.

Sim! Sim! Joseph Buquet passara por ali...!

Morreríamos como ele?

Eu não pensava assim, pois sabia que tínhamos algumas horas pela frente e que poderia empregá-las com mais proveito do que Joseph Buquet fora capaz de fazê-lo.

Não tinha eu um conhecimento aprofundado da maioria dos “truques” de Erik? Era agora, ou nunca, o momento de fazer uso dele.

Primeiramente, abandonei a ideia de voltar pela passagem que nos conduzira àquele quarto maldito, nem cogitei mover novamente a pedra interna que a fechava. A razão disso era simples: eu não tinha meios para tal...! Havíamos saltado de muito alto no quarto dos suplícios e nenhum móvel nos permitia agora alcançar essa passagem, nem sequer o galho da árvore-de-ferro, nem sequer os ombros de um de nós à guisa de estribo.

Não havia senão uma única saída possível: a que dava para o quarto Luís Filipe, onde estavam Erik e Christine Daaé. Mas, embora se apresentasse como uma simples porta do lado de Christine, essa saída era absolutamente invisível para nós dois... Precisávamos, portanto, tentar abri-la sem nem mesmo sabermos onde ela se situava, o que não era de forma alguma tarefa trivial.

Quando tive absoluta certeza de que não havia mais qualquer esperança para nós, do lado de Christine Daaé, quando ouvi o monstro puxar, ou melhor, arrastar a infeliz para fora do quarto Luís Filipe *para que ela não atrapalhasse o nosso suplício*, resolvi botar mãos à obra imediatamente, isto é, descobrir o truque da porta.

Mas primeiramente tive que acalmar o sr. de Chagny, que já zanzava feito um alucinado, emitindo clamores incoerentes. Os fiapos de conversa que, apesar do seu desvario, ele conseguira surpreender entre Christine e o monstro, contribuíram para deixá-lo fora de si; se você acrescentar a isso o truque da floresta mágica e o calor inclemente, que começava a fazer as têmporas gotejarem de suor, não terá dificuldade para compreender o frenesi que começava a tomar

conta do sr. de Chagny. Apesar de todas as minhas recomendações, meu companheiro não mostrava mais nenhuma prudência.

Ia e vinha a esmo, precipitando-se em direção a um espaço inexistente, julgando entrar numa aleia que o conduzia ao horizonte e dando com a testa, após alguns passos, no próprio reflexo de sua ilusão de floresta!

Gritava “Christine! Christine...!” e agitava sua pistola, chamando também com todas as suas forças o monstro, desafiando o Anjo da Música para um duelo de morte e xingando igualmente sua floresta ilusória. Era o suplício produzindo seu efeito num espírito desavisado. Tentei, na medida do possível, combatê-lo, induzindo o pobre visconde a raciocinar com frieza, fazendo-o tocar com o dedo os espelhos e a árvore-de-ferro, os galhos sobre os tambores, e explicando, segundo as leis da óptica, toda a imagética luminosa na qual estávamos imersos e da qual não podíamos, como vulgares ignorantes, ser as vítimas!

– Estamos num quarto, num simples quarto, eis o que tem de repetir o tempo todo... E sairemos desse quarto quando encontrarmos a porta. Muito bem, procuremos!

Prometi-lhe que, se ele me deixasse agir, sem me atordoar com seus gritos e deslocamentos insanos, eu descobriria o truque da porta antes de uma hora.

Então ele se deitou no assoalho, como fazemos nos bosques, e declarou que esperaria até eu encontrar a porta da floresta, uma vez que não tinha nada melhor para fazer! E julgou dever acrescentar que, do lugar onde estava, “a vista era esplêndida” (o suplício, apesar de tudo que eu dissera, agia).

Quanto a mim, “esquecendo-me da floresta”, escolhi um painel de espelhos e pus-me a Tateá-lo em todas as direções, *procurando o ponto fraco* que eu devia pressionar para fazer as portas rotacionarem segundo o sistema das portas e alçapões giratórios de Erik. Às vezes esse ponto fraco podia ser uma simples mancha no espelho, do tamanho de uma ervilha, sob a qual se encontrava a mola a ser acionada. Procurei! Procurei! Apalpei tão alto quanto minhas mãos podiam alcançar. Erik era mais ou menos da minha altura e eu achava que ele não instalara a mola mais alta do que ele – era apenas uma hipótese, mas minha única esperança. Decidi assim, sem esmorecer,

inspecionar minuciosamente os seis painéis de espelhos e, em seguida, examinar com a mesma minúcia o assoalho.

Ao mesmo tempo que tateava os painéis meticulosamente, eu procurava não perder um minuto, pois o calor era cada vez mais insuportável e literalmente fritávamos naquela floresta escaldante.

Eu trabalhava assim havia meia hora e já perscrutara três painéis quando uma surda exclamação emitida pelo visconde fez com que eu me voltasse:

– Estou sufocando! Todos esses espelhos projetam um calor infernal...! Será que vai encontrar logo essa mola...? Se demorar mais um pouco, assaremos aqui!

Não fiquei descontente de ouvi-lo falar assim. Ele não dissera uma palavra sobre a floresta e eu esperava que a razão do meu companheiro ainda resistisse bastante tempo contra o suplício. Mas ele acrescentou:

– O que me consola é que o monstro deu um prazo até amanhã às onze horas para Christine: se não conseguirmos sair daqui e socorrê-la, ao menos estaremos mortos antes dela! A missa de Erik poderá servir para todo mundo!

E aspirou uma lufada de ar quente que quase o fez desmaiar...

Como eu não tinha as mesmas e desesperadas razões que o sr. visconde de Chagny para aceitar a morte, voltei-me, após algumas palavras de encorajamento, para o meu painel, mas enquanto falava eu errara ao dar alguns passos; de modo que, no emaranhado prodigioso da floresta ilusória, não encontrei mais meu painel! Via-me obrigado a recomeçar tudo do zero, aleatoriamente... Assim, não pude me impedir de manifestar minha contrariedade, e o visconde compreendeu que tudo deveria ser refeito. Isso foi um novo golpe para ele.

– Jamais sairemos desse mato! – ele gemeu.

Seu desespero só fez aumentar. E, aumentando, fazia-o cada vez mais esquecer que estava lidando com simples espelhos e acreditar estar às voltas com uma floresta de verdade.

Quanto a mim, recomecei a procurar... a tatear... O nervosismo, por sua vez, me invadia... pois eu não encontrava nada... Absolutamente nada... No quarto ao lado, sempre o mesmo silêncio.

Estávamos realmente perdidos na floresta... sem saída... sem bússola... sem guia... sem nada. Oh, eu sabia o que nos esperava se ninguém viesse em nosso socorro... ou se eu não descobrisse a mola... Mas era em vão que eu procurava, só encontrava galhos... admiráveis galhos que se erguiam em riste diante de mim ou vergavam sutilmente acima da minha cabeça... Mas eles não faziam sombra! Aliás, isso era mais do que natural, uma vez que estávamos numa floresta equatorial com o sol a pino... uma floresta do Congo...

Por várias vezes o sr. de Chagny e eu tiramos e colocamos nossos fraques, julgando ora que nos esquentava, ora que, ao contrário, nos protegia daquele calor.

Eu ainda resistia moralmente, mas o sr. de Chagny parecia-me completamente “arrebentado”. Afirmava estar há três dias e três noites caminhando sem parar naquela floresta à procura de Christine Daaé. De tempos em tempos, julgava percebê-la atrás de um tronco ou esgueirando-se através dos galhos e chamava-a com palavras súplices que me faziam vir lágrimas aos olhos. “Christine! Christine!”, dizia. “Por que foge de mim? Não me ama...? Não somos noivos...? Christine, pare...! Veja, estou esgotado...! Christine, tenha piedade...! Vou morrer na floresta... longe de você...!”

– Estou com sede! – disse finalmente, num tom delirante.

Eu também estava com sede... minha garganta ardia...

No entanto, agora de cócoras no assoalho, isso não me impedia de procurar... procurar... procurar a mola da porta invisível... ainda mais que nossa permanência na floresta ia ficando perigosa à medida que a noite se aproximava... A sombra da noite já começava a nos envolver... viera muito rápido, como anoitece nos países equatoriais... de chofre, praticamente sem crepúsculo...

Ora, a noite nas florestas equatoriais é sempre perigosa, sobretudo quando não se tem, como nós, algo com que fazer fogo para afastar as feras. Eu bem que tentara, abandonando por um instante a procura da mola, quebrar alguns galhos, que teria acendido com minha lanterna-lamparina, mas também colidira com os famigerados espelhos, o que me lembrara a tempo de que estávamos lidando com meras imagens de galhos...

O dia não levaria o calor embora, ao contrário... Agora estava

ainda mais quente sob o luar azul. Recomendiei ao visconde manter nossas armas preparadas para abrir fogo e não se afastar do local do nosso acampamento, enquanto eu continuava a procurar a mola.

De repente, a poucos passos de onde estávamos, um rugido de leão ressoou, quase arrebatando com os nossos tímpanos.

– Oh! – disse o visconde em voz baixa. – Ele não está longe...! Não o vê...? Ali... através das árvores! Naquele arbusto... Se ele rugir de novo, eu atiro...!

O rugido começou, ainda mais impressionante. O visconde então atirou, mas não penso que tenha acertado o leão: quebrou, porém, um espelho, como pude constatar na manhã seguinte, ao alvorecer. Durante a noite, devemos ter percorrido um bom pedaço, pois nos vimos subitamente na orla do deserto, de um imenso deserto de areia, pedras e rochedos. Francamente, não valia a pena sair da floresta para cair no deserto. Exaurido, eu me estendera ao lado do visconde, esgotado da busca inútil pela tal mola.

Causava-me espécie (e eu disse isso ao visconde) não termos tido outros encontros desagradáveis durante a noite. Geralmente, depois do leão vinham o leopardo e, depois, às vezes, o zumbido da mosca tsé-tsé.<sup>158</sup> Eram efeitos fáceis de obter, e, enquanto descansávamos antes de atravessar o deserto, expliquei ao sr. de Chagny que Erik extraía o rugido do leão de um tantã com membrana de pele de burro. Sobre essa pele é esticada uma corda de tripa presa em seu centro a outra corda do mesmo gênero que atravessa o tambor em toda a sua altura. Erik só precisa então esfregar essa corda com uma luva besuntada com breu e, pela maneira como fricciona, imita fidedignamente a voz do leão ou do leopardo, e até mesmo o zumbido da tsé-tsé.

Pensar que Erik poderia estar no quarto ao lado, com seus truques, fez-me tomar a súbita resolução de entrar em negociação com ele, pois evidentemente cumpria desistir da ideia de surpreendê-lo. E, agora, ele devia saber como agir com os ocupantes do quarto dos suplícios. Chamei-o: “Erik! Erik...” Gritei o mais alto que pude através do deserto, mas ninguém respondeu à minha voz... Em toda parte à nossa volta, o silêncio e a imensidão nua daquele deserto *granítico*... O que seria de nós em meio àquela terrível solidão...?

Começávamos, literalmente, a morrer de calor, fome e sede... de sede principalmente... Por fim, vi o sr. de Chagny soerguer-se em seu

cotovelo e designar um ponto no horizonte... Acabava de descobrir o oásis...!

Sim, lá longe, o deserto dava lugar a um oásis... um oásis com água... água límpida feito um espelho... água que refletia a árvore-de-ferro...! Ah... aquilo era o quadro da *miragem*... reconheci-o imediatamente... o mais terrível... Ninguém conseguira resistir... ninguém... Eu procurava conservar toda a minha razão... *e não esperar por água*, porque sabia que se esperássemos por água, a água que refletia a árvore-de-ferro, e déssemos de cara com o espelho, só nos restava uma coisa a fazer: nos enforcarmos na árvore-de-ferro...!

Gritei então para sr. de Chagny:

– É a miragem...! É a miragem..! Não acredite na água...! É mais um truque do espelho...!

Então ele, como se diz, me mandou simplesmente passear, com meu truque do espelho, minhas molas, minhas portas giratórias e meu palácio das miragens...! Declarou, furioso, que eu estava louco ou cego para imaginar que toda aquela água que corria ali, entre tão belas e incontáveis árvores, não era água verdadeira...! E o deserto era verdadeiro! E a floresta também...! Não era a ele que convinha querer “enganar”... tinha viajado muito... por todos os países...

E se arrastou, dizendo:

– Água! Água...!

Tinha a boca aberta como se bebesse...

Eu também tinha a boca aberta como se bebesse...

Pois não somente víamos a água como *a ouvíamos*...! Nós a ouvíamos rumorejar... rumorejar...! Compreende essa palavra “rumorejar”...? *É uma palavra que ouvimos com a língua*...! A língua sai da boca para escutá-la melhor...!

Por fim, suplício mais intolerável do mundo, ouvimos a chuva e não chovia! Era uma invenção demoníaca... Oh, eu também sabia como Erik a obtinha! Enchia com pedrinhas uma caixa bem estreita e comprida, dividida por comportas de madeira e metal. Caindo, as pedrinhas encontravam essas comportas e ricocheteavam uma na outra, produzindo sons intermitentes que lembravam perfeitamente a crepitação de um temporal.

Assim, eu e o sr. de Chagny botávamos a língua para fora, arrastando-nos em direção à margem borbulhante... *nossos olhos e ouvidos estavam cheios d'água, mas nossa língua continuava seca...*!

Chegando ao espelho, o sr. de Chagny lambeu-o... E eu também... lambi o espelho...

Queimava...!

Então rolamos pelo chão, com um rugido de desespero. O sr. de Chagny aproximou de sua têmpora a última pistola que continuava carregada e eu olhei, aos meus pés, para o laço do Pendjab.

Eu sabia por que, naquele terceiro cenário, a árvore-de-ferro voltara...!

A árvore-de-ferro me esperava...!

Mas, olhando para o laço do Pendjab, vi uma coisa que me fez estremecer tão violentamente que o sr. de Chagny deteve-se em seu impulso suicida... Ele já murmurava: “Adeus, Christine...!”

Agarrei-lhe o braço. Peguei sua pistola... em seguida me arrastei de joelhos até o que eu vira.

Acabava de descobrir, junto ao laço do Pendjab, na ranhura do assoalho, um prego com cabeça preta cuja utilidade eu não ignorava...

Finalmente! Tinha encontrado a mola...! A mola que acionaria a porta...! que nos daria a liberdade...! Que nos entregaria Erik.

Apalpei o prego... Olhei radiante para o sr. de Chagny...! O prego de cabeça preta cedia à pressão...

Então...

Então não foi uma porta que se abriu na parede, mas um alçapão que se moveu no assoalho.

Imediatamente, desse buraco negro, recebemos uma lufada de ar fresco. Nos debruçamos sobre aquele quadrado de sombra como sobre uma fonte límpida. Com o queixo na sombra fresca, bebíamos.

E nos curvávamos cada vez mais sobre o alçapão. O que poderia haver naquele buraco, naquele porão que acabava de abrir misteriosamente sua porta no assoalho...?

Haveria água ali dentro...?

Água de beber...

Estendi os braços nas trevas e encontrei uma pedra, depois outra... uma escada... uma escada escura descia ao porão.

O visconde já estava pronto para se atirar no buraco...!

Dentro dele, mesmo que não encontrássemos água, poderíamos escapar das garras reluzentes daqueles abomináveis espelhos.

Mas detive o visconde, pois temia um novo truque do monstro, e acendendo minha lamparina desci na frente...

A escada espiralava nas trevas mais profundas. Ah, o adorável frescor da escada e das trevas...!

Aquele frescor provinha menos do sistema de ventilação, instalado necessariamente por Erik, do que do próprio frescor da terra, que devia estar toda saturada de água no nível em que nos encontrávamos... Além disso, o lago não devia estar longe...!

Logo chegamos ao pé da escada... Nossos olhos começavam a se acostumar à penumbra, a distinguir formas à nossa volta... formas redondas... para as quais eu dirigia o halo da minha lamparina...

Barris...!

Estávamos na adega de Erik!

Era ali que ele devia guardar seu vinho e talvez sua água potável...

Eu sabia que Erik era um amante de bons *crus*...<sup>159</sup>

Ah, bebida era o que não faltava ali...!

O sr. de Chagny acariciava as formas redondas e repetia incansavelmente:

– Barris! Barris...! Quantos barris...!

De fato, havia uma certa quantidade deles alinhada simetricamente em duas fileiras, entre as quais nos encontrávamos...

Eram barris pequenos e imaginei que Erik os escolhera daquele tamanho para facilitar seu transporte até a morada do lago...!

Examinávamos uns depois dos outros, verificando se em algum deles não havia um funil nos indicando, justamente, que teriam se abastecido nele de quando em quando.

Mas todos os barris estavam perfeitamente fechados.

Então, após erguer um deles para constatar que estava cheio, pusemo-nos de joelhos e, com a lâmina de uma pequena faca que eu



levava comigo, preparei-me para levantar a tampa.

Nesse momento, pareceu-me ouvir, como se vindo de muito longe, uma espécie de canto monótono, cuja cadência eu conhecia, pois ouvira-o muitas vezes nas ruas de Paris:

“Barris...! Barris...! Alguém tem barris... para vender...?”

Minha mão ficou imobilizada sobre a tampa... O sr. de Chagny também ouvira. Ele me disse:

– Estranho...! Parece ser o barril que canta...!

O canto recomeçou mais distante...

“Barris...! Barris...! Alguém tem barris para vender...?”

– Oh, oh! Juro – disse o visconde – que o canto está saindo de *dentro* do barril...!

Levantamo-nos e fomos olhar atrás do barril...

– É dentro! – dizia o sr. de Chagny. – É dentro...!

Mas não ouvíamos mais nada... e fomos obrigados a acusar o mau estado, a perturbação real de nossos sentidos...

Voltamos à tampa. O sr. de Chagny uniu as duas mãos e, num último esforço, arrebentei a tampa.

– O que é isso? – exclamou imediatamente o visconde. – Água não é!

O visconde aproximara da lamparina suas duas mãos cheias... Debrucei-me sobre as mãos do visconde... e num reflexo arremessei minha lamparina bruscamente tão longe de nós que ela quebrou e se apagou... e a perdemos...

O que eu acabava de ver nas mãos do sr. de Chagny... era pólvora!

157. Compreende-se que, na época em que escrevia, o Persa tivesse tomado tantas precauções contra o espírito de incredulidade; hoje, quando todo mundo já viu esse tipo de cômodo, elas seriam supérfluas. (Nota do autor) ↔

158. A mosca tsé-tsé, encontrada na região do rio Congo, é responsável pela transmissão do protozoário tripanossoma causador da doença do sono. ↔

159. O termo francês *cru* indica um vinhedo de reputação reconhecida, bem como o vinho aí produzido. ↔



## O QUE GIRAR: O ESCORPIÃO OU O GAFANHOTO?

(Fim do relato do Persa)

ASSIM, descendo ao fundo da adega, eu havia tocado o fundo do meu pensamento terrível! O miserável não me enganara com suas vagas ameaças dirigidas a muitos da raça humana! Fora da humanidade, longe dos homens, ele construía um covil de animal subterrâneo, determinado a explodir tudo junto com ele numa éclatante catástrofe se aqueles da superfície da terra viessem acuá-lo no antro onde refugiara sua monstruosa fealdade.

Aquela descoberta nos lançou numa perturbação que nos fez esquecer todas as nossas aflições anteriores e todos os nossos sofrimentos presentes... Nossa situação excepcional, quando justamente acabávamos de nos ver à beira do suicídio, ainda não se delineara para nós com pavor mais preciso. Agora compreendíamos tudo o que monstro quisera dizer, tudo o que ele dissera a Christine Daaé e tudo o que significava a abominável frase: *“Sim ou não...! Se for ‘não’, todos serão mortos e enterrados...”* Sim, enterrados sob as ruínas do que havia sido a grande Ópera de Paris...! Podia-se imaginar crime mais terrível para lançar o mundo numa apoteose de horror? Planejada para a tranquilidade de sua aposentadoria, a catástrofe ia servir para vingar os amores do monstro mais horrível que já se moveu sob os céus...! “Amanhã à noite, às onze horas, prazo final...” Ah, escolhera muito bem sua hora...! Haveria muita gente na festa...! Muitos da raça humana... lá em cima, no topo flamejante da casa de música...! Com que cortejo melhor ele poderia sonhar para morrer...? Desceria ao túmulo com os mais belos do mundo, adornados com todas as joias... Amanhã à noite, às onze...! Deveríamos ir pelos ares no meio do espetáculo... se Christine Daaé dissesse “Não...!”. Amanhã, às onze horas...! E como Christine Daaé não diria “Não”? Porventura não preferia esposar a própria morte a unir-se àquele cadáver vivo? Porventura não ignorava que de sua recusa dependia o destino terrível de muitos daqueles da raça humana...? Amanhã à noite, onze horas...!

E, nos arrastando nas trevas, fugindo da pólvora, tentando

descobrir os degraus de pedra (pois lá no alto, acima de nossas cabeças... o alçapão que conduz ao quarto dos espelhos, por sua vez, está apagado...) nós nos repetíamos: amanhã à noite, onze horas...!

Encontro afinal a escada... mas estaco imediatamente no primeiro degrau, pois um pensamento terrível incendeia meu cérebro: “Que horas são?”

Sim! Que horas são? Que horas...! Pois, afinal, amanhã à noite, onze horas, talvez seja hoje, talvez imediatamente...! Quem pode nos dizer as horas...! Parece-me que estamos fechados nesse inferno há dias e dias... há anos... desde o começo do mundo... Talvez tudo isso vá explodir agora mesmo...! Ah, um barulho...! Um estalido...! Ouviu, cavalheiro...? Ali...! ali, naquele canto... grandes deuses...! Uma espécie de ruído mecânico...! De novo...! Ah, luz...! Talvez seja o mecanismo que vai mandar tudo pelos ares...! Repito: um estalido... porventura está surdo?

O sr. de Chagny e eu pusemo-nos a gritar feito loucos... com o medo nos nossos calcanhares... subimos a escada atropeladamente... O alçapão talvez esteja fechado lá em cima! Talvez seja essa porta fechada a causa da escuridão... Ah! Sair do escuro! Sair do escuro...! Reencontrar a claridade mortal do quarto dos espelhos...!

Chegamos ao topo da escada... não, o alçapão não está fechado, mas a escuridão que faz agora no quarto dos espelhos é igual à da adega de onde saímos...! Saímos completamente da adega... arrastamo-nos pelo assoalho do quarto dos suplícios... o assoalho que nos separa do paiol... que horas são...? Gritamos, chamamos...! O sr. de Chagny clama, com as forças revigoradas: “Christine...! Christine...!” E eu chamo Erik...! Lembro que lhe salvei a vida...! Mas nada nos responde...! Nada exceto nosso próprio desespero... exceto nossa própria loucura... que horas são...? “Amanhã à noite, onze horas...” Conversamos... buscamos calcular o tempo que passamos aqui... Mas somos incapazes de raciocinar... Se pelo menos conseguíssemos enxergar o mostrador de um relógio, com ponteiros que andassem...! Meu relógio está parado faz tempo... Mas o do sr. de Chagny ainda funciona... Ele me disse que deu corda nele, ao fazer sua toalete para a noite, antes de vir para a Ópera... Buscamos deduzir desse fato alguma conclusão que nos dê uma esperança de que ainda não chegamos ao minuto fatal...

O mais ínfimo rumor que chega pelo alçapão, o qual tentei em vão fechar, nos lança novamente na angústia mais atroz... Que horas são...! Não temos mais nenhum fósforo... No entanto, precisaríamos saber... O sr. de Chagny propõe quebrar o vidro do seu relógio e tatear os dois ponteiros... Fazemos silêncio enquanto ele age, interrogando os ponteiros com a ponta dos dedos. O aro do relógio serve-lhe de ponto de referência...! Pela distância entre os ponteiros, pode estimar serem onze em ponto...

Mas as onze horas que nos fazem estremecer já passaram, não é mesmo...! Talvez sejam onze e dez... assim teríamos pelo menos doze horas pela frente.

De repente, eu grito:

– Silêncio!

Pareceu-me ouvir passos nos aposentos ao lado.

Não me enganei! Era um rumor de portas, seguido por passos precipitados. Estão batendo na parede. A voz de Christine Daaé:

– Raoul! Raoul!

Ah, agora gritamos ao mesmo tempo, de ambos os lados da parede. Christine soluça, não sabia se encontraria o sr. de Chagny vivo...! Tudo indica que o monstro foi terrível... Delirou o tempo todo, esperando que ela se dispusesse a pronunciar o “sim”, e ela lhe recusava... Não obstante, prometia-lhe aquele “sim” se ele aceitasse conduzi-la ao quarto dos suplícios...! Mas ele se opusera obstinadamente a isso, com ameaças atrozmente dirigidas a todos os da raça humana... No fim, após horas e horas daquele inferno, ele acabava de sair... deixando-a sozinha para refletir pela última vez...

Horas e horas...!

– Que horas são? Que horas são, Christine...?

– São onze horas...! Faltam cinco minutos para as onze...

– Mas quais onze horas...?

– As onze horas que devem decidir sobre a vida ou a morte...! – continua a voz cava de Christine. – Ele acaba de repetir isso para mim, antes de sair... Ele é repulsivo...! Delira, arrancou a máscara e seus olhos de ouro expelem chamas! E ele simplesmente ri...! Disse-me, rindo, como um demônio bêbado: “Cinco minutos! Deixo-a sozinha em

respeito ao seu bem conhecido pudor... Não quero que ruborize na minha frente quando disser ‘sim’, como todas as noivas tímidas...! Que diabos! Conhecemos seu mundo!” Repito que ele estava igual a um demônio bêbado...! “Veja!” (vasculhou na bolsa da vida e da morte). “Veja”, ele me disse, “eis a chavinha de bronze que abre os baús de ébano que estão junto à lareira do quarto Luís Filipe... Num desses baús, você encontrará um escorpião e, no outro, um gafanhoto, animais fielmente reproduzidos em bronze do Japão; são animais que dizem sim e não! Isto é, você só precisa girar o escorpião sobre seu eixo, para a posição contrária àquela em que o encontrar... isso significará, para mim, quando voltar ao quarto Luís Filipe, ao quarto do noivado: *sim!* Se girar o gafanhoto, por sua vez, significará: *não!* para mim, quando eu retornar ao quarto Luís Filipe, ao quarto da morte...” E ele ria como um demônio bêbado. De joelhos, eu me limitava a lhe pedir a chave do quarto dos suplícios, prometendo-lhe ser sua mulher para sempre se ele me concedesse isso... Mas ele respondeu que não precisaríamos nunca mais daquela chave e que ele iria atirá-la no fundo do lago...! Depois, rindo, louco, deixou-me a sós, dizendo que só voltaria dali a cinco minutos, porque sabia tudo que se deve saber, quando se é um homem galante, sobre o pudor das mulheres...! Ah, sim, ainda gritou: “O gafanhoto...! Cuidado com o gafanhoto...! O gafanhoto não só gira, ele salta pelos ares...! Salta pelos ares...! *Salta terrivelmente...!*”

Tento aqui reproduzir com frases, palavras entrecortadas, exclamações, o sentido das palavras delirantes de Christine...! Pois ela também, durante essas vinte e quatro horas, deve ter tocado o fundo da dor humana... e talvez sofrido mais do que nós...! A todo instante, Christine se interrompia e nos interrompia para exclamar: “Raoul! Está sofrendo...?” E apalpava as paredes, que agora estavam frias, e perguntava por que razão estavam tão quentes...! Os cinco minutos se escoaram e, no meu pobre cérebro, escorpião e gafanhoto esfregavam todas as suas patas...!

Ainda assim, eu conservara suficiente lucidez para compreender que, se girássemos o gafanhoto, o gafanhoto saltava pelos ares... e junto com ele muitos da raça humana! Não restava dúvida de que o gafanhoto comandava alguma corrente elétrica destinada a fazer o paiol explodir...! Apressadamente, o sr. de Chagny, que agora, depois

de ouvir a voz de Christine, parecia ter recuperado toda a sua força moral, explicava à moça a situação prodigiosa em que nos encontrávamos, nós e toda a Ópera... *Era imperativo girar o escorpião*, imediatamente...

Aquele escorpião, que correspondia ao “sim” tão desejado por Erik, devia ser alguma coisa que talvez impedisse a catástrofe.

– Vá...! Vá então, Christine, minha bem-amada...! – ordenou Raoul.

Houve um silêncio.

– Christine – exclamei –, onde você está?

– Ao lado do escorpião!

– Não toque nele!

Ocorrera-me a ideia – pois eu conhecia o meu Erik – de que o monstro enganara novamente a jovem. Talvez fosse o escorpião que fizesse tudo explodir. Pois, afinal, por que ele, *ele*, não estava ali? Já havia transcorrido bastante tempo após os cinco minutos... e ele não voltara... Sem dúvida, pusera-se a salvo...! Talvez esperasse a tremenda explosão... Só esperava isso...! Afinal, não devia alimentar esperanças: Christine jamais consentiria ser sua presa voluntária...! Por que ele não voltara...? Não toque no escorpião...!

– Ele...! – exclamou Christine. – Estou ouvindo...! Ei-lo...!

.....

Com efeito, era ele quem chegava. Ouvimos seus passos se aproximando do quarto Luís Filipe. Havia se juntado a Christine. Não pronunciara uma palavra...

Então, ergui a voz:

– Erik! Sou eu! Está me reconhecendo?

A esse chamado, ele respondeu *incontinenti*, num tom extraordinariamente pacífico:

– *Então vocês não morreram lá dentro...?* Está bem, procurem ficar tranquilos.

Eu quis interrompê-lo, mas ele falou tão friamente que congelei atrás da minha parede:

– Nem mais uma palavra, daroga, ou faço tudo saltar pelos ares!

E acrescentou imediatamente:

– Essa honra deve caber à senhorita...! A senhorita não tocou no escorpião (como falava serenamente!), a senhorita não tocou no gafanhoto (com que espantoso sangue-frio!), mas nunca é tarde demais para agir corretamente. Veja, abro sem chave, eu, pois sou o mago dos alçapões, e abro e fecho tudo que desejo, ao meu bel-prazer... Abro os pequenos baús de ébano... que bichinhos lindos... Muito bem imitados... e como parecem inofensivos... Mas o hábito não faz o monge! (Tudo isso com uma voz neutra, uniforme...) Se girarmos o gafanhoto, saltamos todos pelos ares, senhorita... Sob nossos pés, há pólvora suficiente para explodir um bairro inteiro de Paris... se girarmos o escorpião, toda essa pólvora será inundada...! Por ocasião de nossas bodas, a senhorita dará um belíssimo presente a algumas centenas de parisienses, que neste momento aplaudem uma indigente obra de Meyerbeer... Vai dar-lhes a vida de presente... pois a senhorita, com suas belas mãos – que voz cansada, essa voz –, vai girar o escorpião...! E alegres e felizes, nos casaremos!

Um silêncio, então:

– Se, em dois minutos, a senhorita não girar o escorpião, tenho um relógio – acrescentou a voz de Erik –, um relógio que funciona maravilhosamente, então eu giro o gafanhoto... *e o gafanhoto salta lindamente pelos ares...!*

O silêncio voltou ainda mais assustador do que todos os outros silêncios assustadores. Eu sabia que, quando Erik assumia aquele tom pacífico e tranquilo, era porque estava esgotado, capaz do crime mais titânico ou do devotamento mais delirante, e uma sílaba desagradável aos seus ouvidos poderia deflagrar o furacão... O sr. de Chagny, por sua vez, compreendera que só lhe restava rezar e, de joelhos, rezava... Quanto a mim, meu sangue pulsava tão forte que tive que levar a mão ao coração, com medo que este arrebentasse... É que pressentíamos horripelantemente o que acontecia no pensamento desatinado de Christine Daaé durante aqueles segundos supremos... compreendíamos sua hesitação em girar o escorpião... Repito: e se fosse o escorpião que explodiria tudo...? E se Erik tivesse resolvido carregar todo mundo junto com ele?

Finalmente, a voz de Erik, mansa dessa vez, de uma mansidão angelical...



– Os dois minutos já se foram... Adeus, senhorita...! Salte pelos ares, gafanhoto...!

– Erik – exclamou Christine, que deve ter se precipitado sobre a mão do monstro –, jure pelo seu amor infernal que é o escorpião que devo girar...

– Sim, para saltarmos em nosso casamento...

– Ah, está vendo, vamos saltar!

– No nosso casamento, inocente criança...! O escorpião abre o baile...! Mas já chega...! Não quer escorpião? Venha então, gafanhoto!

– Erik...!

– Chega...!

Eu juntara meus gritos aos de Christine. O sr. de Chagny, sempre de joelhos, continuava a rezar...

– Erik! Girei o escorpião...!!

Ah, o segundo que então vivemos!

Esperando!

Esperando sermos reduzidos a pó, em meio ao trovão e às ruínas...

Sentindo estalar sob nossos pés, no abismo aberto... coisas... coisas que podiam ser o começo da apoteose de horror... pois, pelo alçapão aberto para as trevas, goela negra na noite negra, ressoava um silvo inquietante, como o primeiro chiado de um rojão...

A princípio, bem tênue... depois mais denso... mais alto...

Mas escute! Escute! E segure com as duas mãos o seu coração, preste a explodir junto com muitos da raça humana.

Não tem nada a ver com o chiado do fogo.

Não seria antes um rojão de água...?

Ao alçapão! Ao alçapão!

Escute! Escute!

Agora está fazendo glur-glur... glur-glur...

Ao alçapão...! Ao alçapão...! Ao alçapão...!

Que frescor!

Água fresca! Água fresca! Toda a nossa sede, que se extinguiu quando o pavor chegara, volta mais forte com o barulho da água.

Água! Água! A água subindo...!

Subindo na adega, por cima dos barris, todos os barris de pólvora (“Barris! Barris...! Alguém tem barris para vender?”) Água...! Água em cuja direção descemos com as gargantas em brasa... Água que sobe até nossos queixos, até nossas bocas...

E bebemos... No fundo da adega, bebemos, diretamente da adega...

E, na noite negra, junto com a água, subimos novamente, degrau a degrau, a escada que havíamos descido ao encontro da água.

Nossa, quanta pólvora perdida e encharcada! É muita água...! Uma faxina completa! Ninguém poupa água na morada do lago! Se continuar assim, o lago inteiro invadirá o porão...

Pois na verdade agora não sabemos onde ela vai parar...

Já saímos da adega e a água continua a subir...

A água sai da adega, cobre o assoalho... se continuar assim, toda a morada do lago será inundada. O assoalho do quarto dos espelhos é igualmente uma verdadeira lagoa, na qual nossos pés afundam. É muita água! Erik precisa fechar a torneira: “Erik! Erik! Já é água suficiente para a pólvora! Feche a torneira! Gire o escorpião!”

Mas Erik não responde... Não se ouve mais nada a não ser a água subindo... bate agora em nossas canelas...!

– Christine! Christine! A água está subindo! Está batendo em nossos joelhos! – grita o sr. de Chagny.

Mas Christine não responde... Não se ouve mais nada a não ser a água subindo.

Nada! Nada! No quarto ao lado... mais ninguém! Ninguém para fechar a torneira! Ninguém para girar o escorpião!

Estamos sozinhos, no escuro, com a água escura nos asfixiando, subindo, congelando! Erik! Erik! Christine! Christine!

Agora não dá mais pé e rodopiamos na água, carregados num movimento de rotação irresistível, pois a água turbilhona à nossa volta e abalroamos os espelhos escuros, que nos rechaçam... nossas gargantas projetadas acima do redemoinho berram...

Será que vamos morrer aqui? Afogados no quarto dos suplícios...? Nunca vi coisa igual! Erik, no tempo das *Horas cor-de-rosa de*

*Mazanderan*, nunca me mostrou isto pela janelinha invisível...! Erik!  
Erik! Salvei sua vida! Lembre-se...! Você estava condenado...! Você ia  
morrer...! Abri-lhe as portas da vida...! Erik...!

Ah, rodopiamos na água feito destroços...!

Mas agarrei bruscamente com minhas mãos trêmulas o tronco da  
árvore-de-ferro...! E chamo o sr. de Chagny... E cá estamos  
pendurados no galho da árvore-de-ferro...

E a água continua subindo!

Ei, procure se lembrar! Quanto de espaço há entre o galho da  
árvore de ferro e o teto abobadado do quarto dos espelhos? Faça um  
esforço...! Afinal de contas, talvez a água pare... ela certamente  
terminará se detendo num certo nível... Acho que está parando...!  
Não, não, horror! Nademos! Nademos...! nossos braços se entrelaçam;  
estamos sem ar...! Colidimos na água escura...! Já temos dificuldade  
para respirar o ar negro acima da água negra... o ar que foge... que  
ouvimos fugir acima de nossas cabeças sei lá por qual aparelho de  
ventilação... Ah, giremos, giremos até encontrarmos o respiradouro...  
colaremos nossas bocas no respiradouro... Mas as forças me  
abandonam, tento me agarrar nas paredes! Ah, como as paredes de  
gelo são escorregadias para meus dedos, que procuram... Continuamos  
a girar...! Afundamos... Um último esforço...! Um último grito...!  
Erik...! Christine...! Glur, glur, glur...! Nos ouvidos...! Glur, glur, glur,  
glur...! No fundo da água escura, nossos ouvidos fazem “glur, glur”...  
E, antes de perder completamente os sentidos, ainda julgo ouvir:  
“Barris...! Barris...! Alguém tem barris para vender?”



É NESTE PONTO que termina o registro *por escrito* que o Persa passou às minhas mãos.

Apesar do horror de uma situação que parecia condená-los à morte, o sr. de Chagny e seu companheiro foram salvos pelo devotamento sublime de Christine Daaé. Colhi o resto da aventura da boca do próprio daroga.

Quando fui visitá-lo, ele continuava a morar em seu pequeno apartamento da rua de Rivoli, de frente para as Tulherias. Estava bastante doente e foi preciso todo o meu ardor de repórter-historiador a serviço da verdade para convencê-lo a reviver comigo o inacreditável drama. Era ainda seu velho e fiel criado Darius que o servia e me conduziu até ele. O daroga recebeu-me no canto da janela que dá para o jardim, sentado numa ampla poltrona, na qual tentava apumar um torso que não deveria ter sido sem beleza. Nosso Persa conservava seus olhos magníficos, mas o semblante não escondia o cansaço. Raspara inteiramente a cabeça, que em geral cobria com um barrete de astracã; envergava uma opalanda muito simples, e dentro de suas mangas divertia-se distraído rodando os polegares, mas seu espírito permanecera lúcido.

Impossível para ele lembrar-se das velhas angústias sem ser novamente invadido por certa exaltação, e foi em fragmentos que lhe arranquei o surpreendente fim desta história inusitada. Às vezes, fazia-se de rogado para responder às minhas perguntas, às vezes, arrebatado pelas lembranças, evocava espontaneamente, com um vigor impressionante, a horrível imagem de Erik e as horas pavorosas que o sr. de Chagny e ele tinham vivido na morada do lago.

Era de se ver o frêmito que o agitava quando me descrevia seu despertar na penumbra inquietante do quarto Luís Filipe... após o drama das águas... E eis o fim desta história terrível, tal como me foi contado de maneira a complementar o manuscrito que ele houvera por bem me confiar:

Ao abrir os olhos, o daroga constatou estar deitado numa cama...

O sr. de Chagny jazia estendido num sofá, ao lado do armário espelhado. Um anjo e um demônio velavam por eles...

Após as miragens e ilusões do quarto dos suplícios, a precisão dos detalhes burgueses daquele cômodo exíguo e sossegado parecia ter sido criada também com o desígnio de desorientar o espírito do mortal suficientemente temerário para perder-se naquele domínio do pesadelo vivo. A cama de cabeceira e pés altos, as cadeiras de mogno encerado, aquela cômoda e os acessórios de cobre, o esmero com que os paninhos de crochê cobriam o encosto das poltronas, o relógio de parede e, de cada lado da lareira, os baús de aparência completamente inofensiva... uma prateleira cheia de conchinhas, almofadinhas vermelhas para alfinetes, barquinhos de madrepérola e um enorme ovo de avestruz... o conjunto discretamente iluminado por um abajur instalado numa mesinha... toda essa mobília, que era de uma cafonice doméstica comovedora, tão pacata e razoável *no fundo dos porões da Ópera*, desconcertava a imaginação mais do que todas as fantasmagorias anteriores.

E a sombra do homem da máscara, naquela moldura singela e vetusta, precisa e asseada, era ainda mais portentosa. Curvou-se até o ouvido do Persa e disse-lhe baixinho:

– Está melhor assim, daroga...? Admira minha mobília...? É tudo que me resta da minha miserável mãezinha...

Disse-lhe ainda coisas de que ele não se lembrava mais. Contudo, e isso parecia bastante singular, o Persa tinha clara a lembrança de que, durante essa visão remota do quarto Luís Filipe, Erik era o único a falar. Christine Daaé não dizia uma palavra; deslocava-se sem rumor, como uma irmã de caridade que tivesse feito voto de silêncio... Trazia numa xícara um cordial...<sup>160</sup> ou chá fumegante... O homem da máscara pegou-a de suas mãos e estendeu-a ao Persa.

Quanto ao sr. de Chagny, dormia...

Despejando um pouco de rum na xícara do daroga e apontando para o visconde deitado, Erik falou:

– Ele voltou a si muito antes de sabermos *se você ainda vivia*, daroga. Ele passa bem... Está dormindo... Não devemos despertá-lo.

Erik deixou o quarto momentaneamente e, soerguendo-se num cotovelo, o Persa olhou à sua volta... Percebeu, sentada no canto da

lareira, a silhueta branca de Christine Daaé. Dirigiu-lhe a palavra... chamou-a... mas ainda estava muito fraco e caiu novamente sobre o travesseiro... Christine foi até ele, pôs a mão em sua testa, depois afastou-se... E o Persa lembrou-se então de que, nisso, ela não teve um olhar para o sr. de Chagny, que, ao lado, é verdade, dormia pacificamente... tornando a sentar-se em sua poltrona, no canto da lareira, silenciosa como uma irmã de caridade que fez voto de silêncio...

Erik voltou com pequenos frascos, que depositou sobre a lareira. E ainda baixinho, para não acordar o sr. de Chagny, disse ao Persa, após sentar-se à sua cabeceira e tomar-lhe o pulso:

– Agora vocês dois estão salvos. Daqui a pouco vou reconduzi-los à superfície da terra, *para agradar minha mulher*.

Em seguida, sem outra explicação, levantou-se e voltou a desaparecer.

O Persa agora observava o perfil tranquilo de Christine Daaé sob a lamparina. Lia um livrinho com as bordas das páginas douradas, como vemos nos livros religiosos. A *Imitação*<sup>161</sup> tem edições assim. E não saía dos ouvidos do Persa o tom natural com que o outro dissera “para agradar minha mulher”.

Bem baixinho, o daroga chamou de novo, mas Christine devia *estar lendo bem longe*, pois não ouviu...

Erik voltou... fez o daroga beber uma poção, após recomendar-lhe não dirigir mais uma palavra à “sua mulher” nem a ninguém, porque *aquilo podia ser muito perigoso para a saúde de todos*.

A partir desse momento, o Persa ainda se lembra da sombra escura de Erik e do vulto branco de Christine, deslizando sempre em silêncio através do quarto, debruçando-se sobre o sr. de Chagny. O Persa ainda estava muito fraco e qualquer ruído, por exemplo a porta do armário de espelho que se abria rangendo, dava-lhe dor de cabeça... e adormeceu como o sr. de Chagny.

Dessa vez, só viria a despertar em sua casa, sob os cuidados do seu fiel Darius, que lhe contou que, na noite da véspera, haviam-no encontrado junto à porta de seu apartamento, provavelmente trazido por um desconhecido, o qual fizera a cortesia de tocar antes de partir.

Assim que recobrou suas forças e sua responsabilidade, o daroga

mandou pedir notícias do visconde no domicílio do conde Philippe.

Responderam-lhe que o rapaz não reaparecera e que o conde Philippe morrera. Seu cadáver fora encontrado nas margens do lago da Ópera, para os lados da rua Scribe. O Persa lembrou-se da missa fúnebre que ouvira através da parede do quarto dos espelhos e não duvidou mais do crime nem do criminoso. Sem dificuldade, conhecendo Erik, desgraçadamente reconstituiu o drama: julgando que seu irmão raptara Christine Daaé, Philippe pusera-se em seu encalço naquela estrada de Bruxelas, onde sabia tudo preparado para a aventura. Não havendo encontrado os jovens, voltara à Ópera, lembrara-se das estranhas confidências de Raoul sobre seu fantástico rival, soubera que o visconde tentara de tudo para penetrar nos porões do teatro e, por fim, que ele desaparecera, deixando o chapéu no camarim da diva, ao lado de uma caixa de pistolas. E, sem mais duvidar da loucura de seu irmão, o conde lançara-se por sua vez naquele infernal labirinto subterrâneo. Precisava mais do que isso, perguntava-se o Persa, para que o cadáver do conde fosse encontrado nas margens do lago, onde o canto da sereia vigiava, a sereia de Erik, guardiã do lago dos Mortos?

O Persa não hesitou mais. Horrorizado com aquele novo crime, não podendo ficar na incerteza em que se encontrava quanto à sorte definitiva do visconde e de Christine Daaé, resolveu contar tudo à Justiça.

Ora, o inquérito ficara a cargo do juiz Faure, e foi à sua casa que ele foi bater. Desnecessário descrever a maneira como um espírito cético, chão, superficial (digo o que penso) e completamente despreparado para aquela confidência, recebeu o depoimento do daroga. Este foi tratado como louco.

Desesperançado, o Persa pusera-se então a escrever. Se a Justiça não queria seu testemunho, a imprensa talvez se interessasse por ele. Acabava de traçar a última linha do relato que reproduzi aqui fielmente, quando seu criado Darius lhe anunciou um estrangeiro que não dissera o nome, cujo rosto ele não conseguira ver e que, com impertinência, comunicou que só iria embora após falar com o daroga.

O Persa, pressentindo imediatamente a personalidade daquela visita singular, ordenou que o introduzissem prontamente.

O daroga não se enganara.



Era o Fantasma! Era Erik!

Parecia muito debilitado, amparando-se na parede como se temesse cair... Ao tirar o chapéu, exibiu uma testa branca feito cera. O restante da face estava ocultado pela máscara.

O Persa pusera-se de pé, encarando-o.

– Assassino do conde Philippe, o que fez com o irmão dele e com Christine Daaé?

Diante de acusação tão direta, Erik vacilou e permaneceu calado por um instante. Em seguida, arrastando-se, deixou-se cair numa poltrona, dando um profundo suspiro. Com frases e palavras breves, arfante, tentou explicar:

– Daroga, não me fale no conde Philippe... Ele já estava morto... Quando saí da minha casa... ele já estava morto... quando... a sereia cantou... foi um acidente... um triste... um... lamentavelmente triste... acidente... Ele caiu no lago por descuido...!

– Está mentindo! – exclamou o Persa.

Então Erik abaixou a cabeça e disse:

– Não vim aqui... para lhe falar do conde Philippe... mas para lhe dizer que... vou morrer...

– Onde estão Raoul de Chagny e Christine Daaé?

– Vou morrer...

– Raoul de Chagny e Christine Daaé?

– ...de amor... daroga... vou morrer de amor... é assim... amava-a tanto...! E amo ainda, daroga, uma vez que morro de amor, repito... Se você soubesse como ela estava linda quando me permitiu beijá-la viva, pela sua salvação eterna... Era a primeira vez, daroga, a primeira vez, está ouvindo, que eu beijava uma mulher... Sim, viva, beijei-a viva e ela estava bela como uma defunta...!

O Persa levantara-se e ousara tocar em Erik. Sacudiu seu braço.

– Vai me dizer ou não se ela está morta ou viva?

– Por que me sacode assim? – respondeu Erik com esforço. – Estou dizendo que sou eu quem vai morrer... sim, beijei-a viva...

– E agora ela está morta?

– Como eu dizia, beijei-a assim, na testa... e ela não afastou a testa

da minha boca...! Ah, é uma moça honesta! Quanto a estar morta, penso que não, embora isso não me diga mais respeito... Não, não, não está morta! E é bom que eu saiba que ninguém tocou num só fio de seu cabelo! É uma moça boa e honesta que, a propósito, salvou-lhe a vida, daroga, num momento em que eu não dava um tostão pela sua pele de persa. No fundo, ninguém liga para você. Por que estava lá com aquele rapazola? Ia morrer, ainda por cima! Diabos, ela me suplicava pelo seu mancebo, mas respondi-lhe que, uma vez que ela tinha girado o escorpião, eu me tornara, justamente por isso, e graças à sua boa vontade, seu noivo, e que ela não precisava de dois noivos, o que era bastante justo; quanto a você, você não existia, já não existia mais, repito, e ia morrer junto com o outro noivo!

“Contudo, escute bem, daroga, como vocês gritavam feito possessos por causa da água, Christine veio a mim, com seus belos olhos azuis abertos, e me jurou, por sua salvação eterna, que consentia *em ser minha mulher viva*! Até então, no fundo dos olhos dela, daroga, eu sempre vira minha mulher morta; era a primeira vez que via *minha mulher viva*. Estava sendo sincera, pela sua salvação eterna. Não se mataria. Negócio fechado. Meio minuto mais tarde, todas as águas haviam retornado ao lago, e eu o deitei, daroga, pois, juro, acreditei piamente que você ficaria ali... Enfim...! Pronto! Negócio fechado! Eu o transportaria para sua morada na superfície da terra. Quando você desobstruiu o assoalho do quarto Luís Filipe, voltei lá, eu, sozinho.”

– O que fez com o visconde de Chagny? – interrompeu o Persa.

– Ah, compreenda, daroga... esse aí eu não ia transportar imediatamente para a superfície da terra... Era um refém... Mas tampouco podia conservá-lo na morada do lago, por causa de Christine; então confinei-o bastante confortavelmente e acorrentei-o adequadamente (o perfume de Mazanderan o deixara grogue) na catacumba dos *communards*, que fica na parte mais deserta do porão mais fundo da Ópera, abaixo do quinto porão, aonde ninguém nunca vai e de onde é impossível qualquer tipo de comunicação. Fiquei sossegado e voltei para junto de Christine. Ela me esperava...

Nesse ponto do seu relato, parece que o Fantasma se levantou tão solenemente que o Persa, que voltara a ocupar sua poltrona, foi obrigado a se levantar também, como que obedecendo ao mesmo movimento, e, constatando ser impossível permanecer sentado em

momento tão solene, chegou a tirar (segundo o próprio Persa), seu barrete de astracã, mesmo de cabelos raspados.

– Sim! Ela me esperava! – continuou Erik, que se pôs a tremer feito vara verde, mas de uma emoção verdadeira e solene. – Ela me esperava toda empertigada, viva, como uma verdadeira noiva viva, pela sua salvação eterna... E quando avancei, mais tímido que uma criancinha, ela não fugiu... não, não... ela ficou... me esperou... creio inclusive, daroga, que ela... oh, não muito... só um pouco, como uma noiva viva, me estendeu sua fronte... E... e... eu... a beijei...! Eu...! eu...! eu...! E ela não está morta...! E ela permaneceu, com toda a naturalidade, ao meu lado, depois que a beijei, assim... na testa... Ah, como é bom, daroga, beijar alguém...! Você não pode saber...! Mas eu, eu...! Minha mãe, daroga, minha pobre mãezinha nunca permitiu que eu lhe desse um beijo... Fugia... lançando a máscara para mim...! Nem mulher nenhuma...! Nunca...! Nunca...! Ah, ah, ah! Então... não é mesmo...? de tamanha felicidade, juro, eu chorei. E caí chorando aos seus pés... e beijei seus pés, seus pezinhos, chorando... Você também está chorando, daroga; e ela também chorava... o anjo chorou...

Enquanto contava essas coisas, Erik soluçava e, com efeito, o Persa não pudera conter suas lágrimas diante daquele homem mascarado que, sacudindo os ombros e com as mãos no peito, arquejava ora de dor, ora de ternura.

– Oh, daroga, senti as lágrimas dela espargirem-se sobre a minha fronte! A minha! A minha! Eram quentes... eram doces! Espalhavam-se sob a minha máscara, suas lágrimas! Misturavam-se às minhas lágrimas nos meus olhos...! corriam até minha boca... ah, suas lágrimas sobre mim! Escute, daroga, escute o que fiz... Arranquei minha máscara para não perder nenhuma lágrima sua... E ela não fugiu...! E ela não morreu! Permaneceu viva, chorando... sobre mim... comigo... Choramos juntos...! Senhor do céu! Deste-me toda a felicidade do mundo...

E, estertorante, Erik desmoronou na poltrona.

– Ah, ainda não vou morrer... não imediatamente... mas deixe-me chorar! – disse ao Persa.

Ao fim de um instante, o Homem da Máscara continuou:

– Escute, daroga... escute bemisso... quando eu estava aos pés dela... ouvi o que ela dizia: *“Pobre e infeliz Erik!”* e ela pegou minha mão...! Não passo, compreenda, de um cão sarnento disposto a morrer por ela... creia-me, daroga! Imagine que eu tinha na mão um anel, um anel de ouro que eu havia lhe dado... que ela perdera... e que encontrei... uma aliança, só isso...! Esgueirei-a em sua mãozinha e disse: *“Veja...! Tome...! Tome para você... e para ele... Será meu presente de núpcias... o presente do pobre e infeliz Erik... Sei que ama o mancebo... não chore mais...!”* Com uma voz muito meiga, ela me perguntou o que eu queria dizer com aquilo; expliquei-lhe então, e ela compreendeu imediatamente, que eu não passara para ela de um cão sarnento disposto a morrer... mas que ela, ela poderia se casar com o rapaz quando quisesse, porque tinha chorado comigo... Ah, daroga...! Você pensa... quando eu lhe dizia isso, era como se eu esquartejasse tranquilamente o meu coração, mas ela tinha chorado comigo... e dissera: *“Pobre e infeliz Erik...!”*

A emoção de Erik era tão profunda que ele foi obrigado a proibir o Persa de olhar para ele, pois o ar lhe faltava e ele precisava tirar a máscara. A esse propósito, o daroga me contou que ele próprio fora até a janela e, com o coração contrito de piedade, a abria, mas procurando olhar para as frondes das árvores do jardim das Tulherias a fim de não deparar com o rosto do monstro.

– Fui libertar o rapaz – Erik prosseguiu – e ordenei que me seguisse até Christine... Eles se beijaram na minha frente no quarto Luís Filipe... Christine estava com o meu anel... Fiz Christine jurar que, quando eu morresse, ela viria uma noite, passando pelo lago da rua Scribe, me enterrar secretamente junto com o anel de ouro, que ela usaria até aquele minuto... expliquei como encontrar meu corpo e como lidar com ele. Christine então me beijou pela primeira vez, aqui, na testa... Não olhe, daroga! Aqui, na testa... na minha testa...! Não olhe, daroga! E ambos partiram... Christine não chorava mais... só eu chorava... daroga, daroga... Se Christine cumprir seu juramento, voltará daqui a pouco...!

Erik se calou. O Persa não lhe fizera mais nenhuma pergunta. Estava completamente sossegado quanto à sorte de Raoul de Chagny e de Christine Daaé, e nenhum indivíduo da raça humana seria capaz, após ouvi-lo aquela noite, de duvidar da palavra de Erik, que chorava.

O monstro recolocou sua máscara e juntou forças para se despedir do daroga. Anunciou-lhe que, quando sentisse o fim bem próximo, em gratidão pelo bem que lhe quisera no passado, lhe enviaria o que havia de mais precioso no mundo: todos os papéis de Christine Daaé – os quais, pensando em Raoul, ela escrevera justamente durante esta aventura e deixara com Erik –, bem como alguns pertences seus: dois lenços, um par de luvas e uma fivela de sapato. A uma pergunta do Persa, Erik respondeu que, assim que se viram livres, os dois jovens resolveram procurar um padre no ermo de alguma solidão, onde esconderiam sua felicidade, e, com esse fim, encaminharam-se para a “estação do Norte do Mundo”. E, concluindo, Erik contava com o Persa para, assim que este recebesse as relíquias e papéis prometidos, anunciar sua morte aos dois jovens. Para isso, deveria pagar uma linha nos obituários do jornal *L'Époque*.

E só.

O Persa levava Erik até a porta do seu apartamento e Darius o acompanhou até a calçada, amparando-o. Um coche de aluguel aguardava-o. Erik entrou nele. O Persa, que voltara à janela, ouviu-o dizer ao cocheiro: “Esplanada da Ópera.”

E então o coche embrenhou-se na noite. O Persa viu o pobre e infeliz Erik pela última vez.

Três semanas mais tarde, o jornal *L'Époque* publicava este anúncio fúnebre:

“ERIK MORREU.”

160. Medicamento ou poção que ativa a circulação sanguínea; revigorante. ↵

161. Obra devocional publicada no séc.XV atribuída ao alemão Thomas de Kempis. Há quem a considere um dos maiores tratados de moral cristã. ↵

## EPÍLOGO

ESTA É A VERDADEIRA HISTÓRIA do Fantasma da Ópera. Como anunciei no começo deste opúsculo, ninguém mais pode duvidar de que Erik viveu realmente. Uma série de provas de sua existência encontra-se hoje disponível e ao alcance de todos para que possam acompanhar, *racionalmente*, os passos de Erik através de todo o drama dos Chagny.

Desnecessário repetir aqui o quanto essa aventura mobilizou a capital. A artista raptada, o conde de Chagny morto em condições tão excepcionais, seu irmão desaparecido e o sono pesado dos funcionários da iluminação da Ópera...! Quantos dramas! Quantas paixões! Quantos crimes vivenciados em torno do idílio de Raoul e da meiga Christine...! Onde fora parar aquela misteriosa cantora, da qual a terra jamais, jamais voltaria a ouvir falar...? Considerada uma vítima da rivalidade dos dois irmãos, ninguém imaginou o que aconteceu; ninguém compreendeu que, uma vez que haviam desaparecido juntos, os dois noivos haviam se retirado para longe do mundo, a fim de gozar de uma felicidade que, após a inexplicável morte do conde Philippe, não quiseram tornar pública... Um dia, pegaram um trem na estação do Norte do Mundo... Eu também, quem sabe?, um dia pego o trem nessa estação e vou procurar nos arredores de seus lagos, ó Noruega!, ó silenciosa Escandinávia!, os rastros talvez ainda vivos de Raoul e Christine, e talvez também da mamãe Valérius, que desapareceu no mesmo período...! Talvez um dia eu ouça com meus ouvidos o Eco solitário do Norte do Mundo repetir o canto daquela que conheceu o Anjo da Música...

Muito depois de o caso ser arquivado pelas disposições nada inteligentes do sr. juiz Faure, a imprensa, de tempos em tempos, ainda escarafunchava o mistério... e continuava a se perguntar onde estava a mão monstruosa que preparara e executara tantas insólitas catástrofes! (Crime e desaparecimento.)

Um jornal de boulevard, por dentro de todas as fofocas de bastidores, tinha sido o único a escrever: “Essa mão é a do Fantasma da Ópera.”

Naturalmente o fizera de maneira irônica.

Só o Persa, a quem ninguém dera ouvidos e que, após a visita de Erik, não desistira de apelar à justiça, detinha toda a verdade.

E detinha as provas principais, que haviam chegado às suas mãos com as relíquias sentimentais anunciadas pelo Fantasma...

Cabia a mim complementar essas provas, com a ajuda do próprio daroga. Dia após dia, eu o informava sobre minhas buscas e ele as orientava. Durante anos a fio ele não retornara à Ópera, mas conservara uma recordação vívida do monumento e não existia guia melhor para me revelar seus recantos mais ocultos. Era igualmente ele que me indicava as fontes nas quais eu podia beber, os personagens que podia interrogar; foi ele quem me estimulou a bater à porta do sr. Poligny, num momento em que o pobre homem quase agonizava. Eu ignorava que ele estava tão mal e nunca esquecerei o efeito que minhas perguntas relativas ao Fantasma produziram sobre ele. Ele me olhou como se olhasse o diabo e não me respondeu senão com algumas frases sem nexos, mas que atestavam (eis o essencial) o quanto o F. da Ópera tinha, em sua época, semeado o caos naquela vida já bastante agitada (o sr. Poligny era o que se convencionou chamar um sibarita<sup>162</sup>).

Quando contei ao Persa o magro resultado da minha visita ao sr. Poligny, o daroga abriu um vago sorriso e opinou:

– Poligny nunca imaginou o quanto esse extraordinário crápula do Erik (o Persa falava de Erik ora como de um deus, ora como de uma vil canalha) o fez “dançar”. Poligny era supersticioso e Erik sabia disso. Erik também sabia muita coisa sobre os assuntos públicos e privados da Ópera. Quando o sr. Poligny ouviu uma voz misteriosa lhe contar, no camarote nº5, como ele empregava seu tempo e a confiança do seu sócio, rendeu-se. Impressionado a princípio como se diante de uma voz do céu, julgou-se amaldiçoado, mas, como a voz lhe pedia dinheiro, terminou por constatar que estava sendo extorquido por um achacador, do qual o próprio Debienne fora vítima. Ambos, já cansados da direção por inúmeras razões, demitiram-se, sem buscar conhecer mais a fundo a personalidade do estranho F. da Ópera, que havia feito chegar às suas mãos aquele singularíssimo caderno de encargos. Legaram todo o mistério à direção seguinte, dando um grande suspiro de satisfação ao se verem livres de uma história que muito os intriguara sem fazê-los rir nem um pouco.

Assim se exprimiu o Persa a respeito dos srs. Debiennie e Poligny. A propósito, mencionei seus sucessores e surpreendeu-me o fato de que, nas *Memórias de um diretor*, do sr. Moncharmin, se falasse de maneira tão completa das atitudes do F. da Ópera na primeira parte, para terminar não falando nada, ou quase nada, na segunda. Ao que o Persa, que conhecia essas *Memórias* como se as houvera escrito, replicou que, se eu me desse ao trabalho de refletir sobre as poucas linhas que, precisamente na segunda parte dessas *Memórias*, Moncharmin houve por bem consagrar ao Fantasma, eu encontraria a explicação de todo o caso. Eis estas linhas, que, de resto, nos interessam muito especialmente, uma vez que nelas encontramos narrado o desfecho trivialíssimo que coroou a famigerada história dos vinte mil francos:

“A respeito do F. da Ópera” (é Moncharmin que fala), “de quem descrevi aqui mesmo, no começo de minhas *Memórias*, alguns singulares caprichos, quero declarar apenas mais uma coisa: que ele redimiu com um belo gesto todas as atribulações que causara ao meu caro colaborador e, devo admitir, a mim mesmo. Sem dúvida julgou que toda brincadeira tinha limites, sobretudo quando custa tão caro e quando o comissário de polícia ‘entra na história’, pois exatamente na mesma hora em que havíamos marcado com o sr. Mifroid em nosso gabinete, para lhe contar toda a história, alguns dias após o desaparecimento de Christine Daaé, encontramos na mesa de Richard, num bonito envelope no qual se lia em tinta vermelha: *Da parte do F. da Ópera*, as vultosas somas que ele conseguira subtrair momentaneamente, numa forma de jogo, do caixa da direção. Richard opinou desde logo que devíamos parar por aí e não levar o caso adiante. Consenti em ser da opinião de Richard. E tudo está bem quando termina bem. Não é mesmo, meu caro F. da Ópera?”

Evidentemente, Moncharmin, sobretudo após essa restituição, continuava a crer ter sido um joguete para a imaginação farsesca de Richard, assim como, de sua parte, Richard não deixou de crer que, para vingar-se de alguns trotes de sua parte, Moncharmin divertira-se inventando todo o caso do F. da Ópera.

Não era chegado o momento de pedir ao Persa que me contasse o artifício pelo qual o Fantasma fez desaparecer vinte mil francos do bolso de Richard, a despeito do alfinete de fralda? Ele me respondeu



que não aprofundara esse mero detalhe, mas que, se eu me dispusesse a “trabalhar” *in loco* e lembrasse que o cognome de Erik era “o mago dos alçapões”, certamente encontraria a chave do enigma no próprio gabinete da direção. Prometi ao Persa, tão logo tivesse tempo, dedicar-me a proveitosas investigações desse lado. Direi desde logo ao leitor que os resultados de tais investigações foram plenamente satisfatórios. Em verdade, eu não imaginava descobrir tantas provas incontestáveis da autenticidade dos fenômenos atribuídos ao Fantasma.

É bom que se saiba que os papéis do Persa, de Christine Daaé, os depoimentos que colhi dos antigos colaboradores dos srs. Richard e Moncharmin e da pequena Meg (aquela excelente Mame Girý, coitada!, tendo falecido), bem como da Sorelli, que agora está aposentada em Louveciennes,<sup>163</sup> é bom, dizia eu, que se saiba que tudo isso, que constitui as provas documentais da existência do Fantasma, provas que depositarei nos arquivos da Ópera, acha-se corroborado por diversas descobertas importantes, das quais posso extrair certo orgulho.

Se não consegui encontrar a morada do lago, Erik tendo inutilizado definitivamente todas as entradas secretas (mesmo assim tenho a convicção de que seria fácil chegar lá, se procedêssemos à drenagem do lago, como já pedi várias vezes à administração das Belas-Artes),<sup>164</sup> ao menos consegui descobrir o corredor secreto dos *communards*, cuja parede de tábuas está em ruínas em diversos lugares; da mesma forma, encontrei o alçapão pelo qual o Persa e Raoul desceram aos porões do teatro. Identifiquei, na masmorra dos *communards*, inúmeras iniciais desenhadas nas paredes pelos desgraçados ali confinados e, entre essas iniciais, um r e um r... rc? Não é significativo? Raoul de Chagny! As letras continuam visíveis ainda hoje. Não fiquei nisso, naturalmente. No primeiro e terceiro porões, acionei dois alçapões de um sistema giratório, totalmente desconhecidos dos maquinistas, que não usam senão alçapões corrediços horizontais.

Por fim, com pleno conhecimento de causa, posso dizer ao leitor: visite um dia a Ópera, peça para fazer um tour tranquilo, sem guias estúpidos, entre no camarote nº5 e bata na enorme coluna que separa esse camarote do proscênio: bata com a bengala ou o punho e escute... até a altura das cabeças, *a coluna soa oca!* Depois disso, o leitor não estranhará mais ela ter sido habitada pela voz do Fantasma:

nessa coluna, há espaço para dois homens. Se acha estranho que, por ocasião dos fenômenos do camarote nº5, ninguém tenha se voltado para ela, não se esqueçam de que a coluna aparenta ser de mármore maciço e que a voz ali confinada parecia vir antes do lado oposto (pois a voz do Fantasma ventríloquo saía de onde ele queria). A coluna é trabalhada, esculpida, cavada e escavada pelo cinzel do artista. Não perco a esperança de um dia descobrir o pedaço da escultura que devia se abaixar e levantar com facilidade, abrindo uma passagem livre e misteriosa à correspondência do Fantasma com Mame Giry e às suas generosidades. Claro, tudo isso, que vi, senti e apalpei, não é nada ao lado do que uma criatura prodigiosa e fabulosa como Erik deve ter criado no recôndito de um monumento como a Ópera, mas não troco nenhuma dessas descobertas pela que me foi dado fazer, na presença do próprio administrador, no escritório do diretor, a poucos centímetros da poltrona: um alçapão, do tamanho de um taco do assoalho, de um antebraço, não mais que isso... um alçapão que se fecha como a tampa de um baú, um alçapão por onde vejo sair uma mão que trabalha com destreza na aba de uma comprida casaca “rabo-de-bacalhau”...

Foi por ali que os quarenta mil francos bateram asas...! Foi igualmente por ali que, graças a algum intermediário, eles retornaram...

Quando, com uma emoção bastante compreensível, comentei isso com o Persa, dizendo:

– Erik então simplesmente se divertia (uma vez que os quarenta mil francos foram devolvidos), bancando o engraçadinho com seu caderno de encargos...?

Ele me respondeu:

– Não creia nisso...! Erik precisava de dinheiro... Julgando-se fora da humanidade, não se sentia constrangido pelo escrúpulo e fazia uso dos extraordinários dons de habilidade e imaginação que recebera da natureza, como contrapartida à atroz fealdade com que fora por ela dotado, para explorar os humanos, e isso às vezes da maneira mais artística do mundo, pois o truque costumava valer seu peso em ouro. Se devolveu os quarenta mil francos, espontaneamente, aos srs. Richard e Moncharmin, foi porque, no momento da restituição, *não precisava mais deles!* Desistira de seu casamento com Christine Daaé.

Renunciara a todas as coisas terrenas.

Segundo o Persa, Erik era originário de uma cidadezinha nas cercanias de Rouen. Filho de um mestre de obras, fugira cedo da casa paterna, onde sua aparência era objeto de horror e pavor para seus pais. Por algum tempo exibira-se em feiras, onde seu empresário apresentava-o como “morto-vivo”. Atravessara a Europa de feira em feira e completara sua estranha educação de artista e mágico na própria fonte da arte e da magia: entre os ciganos. Um grande período da vida de Erik era bastante obscuro. Podemos vê-lo na feira da cidade de Níjni Novgorod, onde então se exibia em toda a sua horrível glória. Já cantava como ninguém no mundo cantara; praticava ventriloquismo e se dedicava a malabarismos extraordinários, a cujo respeito as caravanas continuavam a falar ao longo de todo o caminho de retorno da Ásia. Foi assim que sua reputação atravessou os muros do palácio de Mazanderan, onde a pequena sultana, favorita do xainxá,<sup>165</sup> entediava-se. Um mercador de peles, a caminho de Samarcanda, e que retornava de Níjni Novgorod, contou os milagres a que assistira sob a tenda de Erik. Convocaram o mercador ao Palácio, e o daroga de Mazanderan o interrogou. Em seguida, o daroga foi encarregado de ir atrás de Erik. Trouxe-o à Pérsia, onde, durante alguns meses, como se diz por aí, ele mandou e desmandou. Cometeu assim incontáveis horrores, pois parecia não conhecer nem o bem nem o mal, e cooperou com alguns assassinatos políticos tão tranquilamente quanto combateu, com invenções diabólicas, o emir do Afeganistão, em guerra com o Império. O xainxá tornou-se seu amigo. É nesse momento que se encaixam as *Horas cor-de-rosa de Mazanderan*, cujo resumo o relato do Persa nos forneceu. Como Erik tinha ideias personalíssimas em arquitetura e concebia um palácio como um mágico imagina um cofre de combinações, o xainxá encomendou-lhe uma construção desse tipo, que ele levou a cabo e que, parece, era tão engenhosa que Sua Majestade podia passear em toda parte sem que fosse percebido e desaparecer sem que fosse possível descobrir por qual artifício. Quando o xainxá viu-se senhor daquela joia, ordenou, assim como fizera certo czar<sup>166</sup> com o genial arquiteto de uma igreja da praça Vermelha, em Moscou, que furassem os olhos de ouro de Erik. Mas refletiu que, mesmo cego, Erik ainda poderia construir, para outro soberano, uma morada igualmente única, e portanto, em suma, que com Erik vivo alguém deteria o segredo do maravilhoso palácio. A

morte de Erik foi decidida, bem como a de todos os operários que haviam trabalhado sob suas ordens. O daroga de Mazanderan foi encarregado da execução daquela ordem abominável. Erik prestara-lhe alguns serviços e o fizera rir bastante. Salvou-o, proporcionando-lhe os meios de fuga. Mas quase pagou com a cabeça essa fraqueza generosa. Para a sorte do daroga, encontraram, nas margens do mar Cáspio, um cadáver semidevorado pelas aves marinhas, o qual foi considerado como de Erik, pois amigos do daroga haviam vestido aqueles restos mortais com trajes pertencentes ao próprio Erik. O daroga julgou-se quite pela perda de seu cargo e de seus bens e pelo exílio. O Tesouro persa, contudo, sendo o daroga oriundo de linhagem real, continuou a lhe conceder uma pequena renda de algumas centenas de francos por mês, o que lhe permitiu refugiar-se em Paris.

Quanto a Erik, fora para a Ásia Menor,<sup>167</sup> depois para Constantinopla, onde entrara no serviço do sultão. Explico os serviços que ele pôde prestar a um soberano obcecado por todos os terrores revelando que foi Erik quem construiu os misteriosos e famigerados alçapões, quartos secretos e cofres-fortes encontrados em Yildiz Kiosk,<sup>168</sup> após a última revolução turca. Foi igualmente ele<sup>169</sup> que teve a ideia de fabricar autômatos vestidos como o príncipe e iguaizinhos ao próprio príncipe, autômatos que faziam crer que o chefe dos islamitas estava acordado num lugar, quando repousava em outro.

Naturalmente, foi obrigado a deixar o serviço do sultão pelas mesmas razões que tivera para fugir da Pérsia. Sabia coisas demais. Então, cansado de sua aventureira, prodigiosa e monstruosa vida, quis ser alguém *como todo mundo*. E tornou-se empreiteiro, como um empreiteiro comum que constrói casas para todo mundo, com tijolos comuns. Ganhou a concorrência para executar algumas obras de fundação na Ópera. Quando se viu nos porões de tão vasto teatro, sua índole de artista, ilusionista e *mágico* prevaleceu. E não continuava tão feio quanto antes? Sonhou criar para si uma morada desconhecida do resto da terra, que o escondesse para sempre do olhar dos homens.

Conhecemos e vislumbramos a continuação da história. Ela se espalha ao longo dessa incrível, e não obstante verídica, aventura. Pobre e infeliz Erik? Devemos lastimá-lo? Amaldiçoá-lo? Ele só pedia para ser alguém como todo mundo! Mas era demasiado feio! E foi obrigado a esconder seu gênio ou usá-lo para executar truques, ao

passo que, com um rosto comum, teria sido um dos mais nobres da raça humana! Possuía um coração no qual cabia o império do mundo e no fim viu-se obrigado a se contentar com um porão. Com efeito, é digno de pena o Fantasma da Ópera!

Rezei, a despeito de seus crimes, sobre seus despojos, e que Deus tenha piedade dele! Por que Deus fez um homem tão feio assim?

Tenho certeza, claro, de ter rezado sobre seu cadáver, outro dia, quando o exumaram, no exato lugar onde as vozes vivas foram enterradas;<sup>170</sup> era seu esqueleto. Não foi pela hediondez da cabeça que o reconheci, pois quando estão mortos há muito tempo todos os homens são hediondos, mas pelo anel de ouro que ele usava e que Christine Daaé certamente colocara em seu dedo antes de sepultá-lo, como lhe prometera.

O esqueleto achava-se junto à pequena fonte, local onde, pela primeira vez, quando a arrastou para os porões do teatro, o Anjo da Música tivera Christine Daaé desmaiada em seus braços trêmulos.

E agora o que farão com esse esqueleto? Não vão jogá-lo na vala comum! Eis a minha opinião: o lugar do esqueleto do Fantasma da Ópera é nos arquivos da Academia Nacional de Música; não é um esqueleto comum.

162. Propenso aos prazeres do corpo, à voluptuosidade e à indolência, comportamento atribuído aos ricos habitantes da cidade de Síbaris, na Grécia. ↵

163. Logradouro sossegado, a 10km de Paris, conhecido por seus parques públicos, castelos e belezas naturais. Contíguo ao palácio de Versalhes. ↵

164. Quarenta e oito horas antes da publicação deste livro, eu conversava com o sr. Dujardin-Beaumetz, nosso simpaticíssimo subsecretário de Estado de Belas-Artes, que me deixou esperançoso, e lhe dizia ser dever do Estado acabar com a lenda do Fantasma, a fim de restabelecer, sobre bases indiscutíveis, a curiosíssima história de Erik. Para isso, é necessário, e seria o coroamento de meus trabalhos pessoais, descobrir a morada do lago, que talvez ainda encerre tesouros da arte musical. Ninguém mais duvida de que Erik foi um artista incomparável. Quem sabe não encontraríamos na morada do lago a famosa partitura do seu *Don Juan triunfante*? (Nota do autor) ↵

165. Em persa, significa “xá dos xás”. ↵

166. Trata-se de Ivan IV da Rússia (1530-84), cognominado Ivan o Terrível. ↵

167. Região correspondente à atual Turquia. ↵

168. Complexo de palácios e jardins construído no séc.XIX em Constantinopla (atual Istambul). ↩

169. Entrevista de Mohamed-Ali bei, no dia seguinte à entrada das tropas de Tessalônica em Constantinopla, ao enviado especial do *Matin*. (Nota do autor) ↩

170. Ver nota 8. ↩

## CRONOLOGIA

### VIDA E OBRA DE GASTON LEROUX

1868 | 6 mai: Nasce em Paris, Gaston Louis Alfred Leroux, o primogênito de Dominique Alfred Leroux e Marie Bidault. | 13 jun: Dominique e Marie casam-se em Rouen, na Normandia, onde passam a viver. O casal teria ainda outros três filhos: Joseph, Henri e Hélène.

1880 | Out: Gaston torna-se aluno interno do Collège d'Eu, conceituada instituição particular de ensino na Normandia.

1886 | Jul: Conclui os estudos secundários, em Caen. | Out: Instala-se em Paris, para estudar Direito. Publica seu primeiro artigo, no semanário *Lutèce*, que teve como colaboradores nomes como Paul Verlaine e Jules Laforgue.

1887: Seu primeiro texto de ficção, a novela *Le petit marchand de pommes de terre frites*, é publicado no jornal *La République Française*. Colabora também com *La Lyre Universelle*.

1889 | 30 out: Forma-se em Direito, área em que atuará somente até 1893: fará carreira, em vez disso, como jornalista e escritor, com vasta produção de romances e novelas – quase cinquenta, lançados primeiramente em folhetim –, e também peças de teatro e roteiros para o cinema.

1891-92: Publica notas no jornal *L'Echo de Paris*.

1894: Cobre para o jornal *Le Paris* o processo do anarquista Auguste Vaillant, condenado à morte por um atentado à Câmara dos Deputados, e a reportagem lhe rende um convite para colaborar com o prestigioso *Le Matin*. Viria a cobrir outros processos, como o do assassino do presidente Sadi Carnot e o caso Dreyfus. Tendo assistido à execução de diversos condenados, Leroux se tornaria um adversário da pena de morte.

1897 | 17 ago: É um dos seis jornalistas a acompanhar o presidente Félix Faure em visita à Rússia.

1899 | 10 mai: Casa-se com Marie Lefranc.

1900: Viagem à Suécia.

1901: Torna-se repórter sênior do *Le Matin*. Publica seu primeiro livro, *Sur mon chemin*, seleta de crônicas para o *L'Écho de Paris* e o *Le Matin*.

1902 | 26 jan: É feito Cavaleiro da Legião de Honra. | Mar: Viajando a serviço do *Le Matin*, em um hotel na Suíça conhece Jeanne Cayatte, com quem passará a viver em

concubinato, uma vez que Marie Lefranc recusa-lhe o divórcio.

1903 | Out-nov: Publica no *Le Matin* a primeiro das quinze obras em folhetim que sairão por esse jornal: *Le chercheur de trésors (La Double Vie de Théophraste Longuet)*. Trata-se de um “romance-concurso”, oferecendo uma recompensa em dinheiro a quem descobrir o tesouro.

1904: Viagens a Itália, Rússia e Marrocos.

1905 | Fev: Com Jeanne Cayatte, parte novamente para a Rússia, percorrendo o país durante um ano e publicando no *Le Matin* uma série de artigos, posteriormente reunidos sob o título *L'Agonie de la Russie Blanche*. | 31 jul: Nasce, em São Petersburgo, André-Gaston, primeiro filho de Gaston e Jeanne.

1906 | Mar: Retorna da Rússia. | Abr: Temporada em Roma.

1907 | 26 jan: Estreia *La maison des juges*, peça de teatro inspirada por sua convivência com o universo judiciário. | Set-nov: Publica, no *L'Illustration*, *O mistério do quarto amarelo*, primeira aventura de Joseph Rouletabille (de início chamado Joseph Boitabille), repórter e detetive amador. O sucesso faria com que o personagem protagonizasse outras seis histórias.

1908 | Jan: *O mistério do quarto amarelo* sai em livro pelas Éditions Pierre Lafitte, que seria a editora de Leroux por dezesseis anos. | 15 mar: Publica *L'Homme qui a vu le diable*, na revista *Je Sais Tout*. | 30 jun: Nasce Madeleine, sua filha com Jeanne Cayatte.

1908-09: Publicação dos romances *Le Parfum de la dame de noir* (no *L'Illustration*), novo caso de Rouletabille, e *Le roi Mystère* (no *Le Matin*).

1909: Instala-se em Nice.

1910: Publica *O Fantasma da Ópera*, seu mais famoso romance, como folhetim no *Le Gaulois*; em junho a obra é editada em livro, por Pierre Lafitte. No mesmo ano, publica ainda os folhetins de dois outros romances: *Un homme dans la nuit* e *La reine du Sabbat*.

1911 | Jan-fev: Publica a novela *Une histoire épouvantable, ou Le dîner des bustes*, no jornal *Excelsior*. | Out-dez: Publica o romance *Balao*, no *Le Matin*. | 17 dez: *L'Homme qui a vu le diable* estreia no teatro.

1912 | 14 fev: *O mistério do quarto amarelo* estreia nos palcos, em adaptação do próprio Leroux.

1913 | 7 mar: Estreia de *Balao*, de Victorin Jasset, o primeiro de dezenas de filmes inspirados nas obras de Leroux. | Abr-ago: Publica *Premières aventures de Chéri-Bibi* no *Le Matin*. O personagem, um preso condenado por um crime que não cometeu, faz sucesso e protagonizará outras histórias.



1914 | Mar-out: Publica, de forma intermitente, *Rouletabille a la guerre*. | Jul: Começa a desenvolver para o *L'Illustration* mais uma aventura de Rouletabille, em torno de uma civilização subaquática, mas a eclosão da Primeira Guerra faz com que o projeto seja abandonado (Leroux aproveitará parcialmente a ideia em *Le capitaine Hux*).

1916: Publica *Confitou*, *La colonne infernale* e *L'Homme qui revient de loin*, sempre de forma seriada. | 9 nov: *L'Homme qui revient de loin* estreia no cinema.

1917: Gaston Leroux e Jeanne Cayatte enfim se casam.

1919: Participa da fundação da Société des Cinéromans (depois comprada pela Pathé), dedicada a desenvolver cinesseriados, “folhetins cinematográficos” cujas narrativas eram publicadas nos jornais simultaneamente à exibição de cada episódio nas salas de cinema. Gaston Leroux contribuirá para a criação de quatro dessas produções.

1920: Publica os folhetins *Le coeur cambriolé* e *Tue-la-mort*. | 11 jul: Assina, no jornal *Le Petit Niçois*, uma defesa do romance policial, criticado pelo escritor Marcel Prévost, membro da Académie Française.

1922 | Mar: Lançamento de *Il était deux petits enfants*, longa-metragem com roteiro de Leroux e estrelado por sua filha. | Out-dez: Publica *Rouletabille chez les bohémiens*, último dos cinesseriados com participação de Leroux, e o primeiro sob a Pathé.

1923 | Dez: A publicação de *Tue-la-mort* e *Le sept de trèfle* marca o fim da parceria com o editor Pierre Lafitte.

1924: Publica três novelas e dois romances, entre eles *La Farouche Aventure*, primeiro de cinco folhetins que sairão pelo *Le Journal*.

1925 | Abr: Lançamento da primeira versão cinematográfica de *O Fantasma da Ópera*, em filme mudo homônimo com direção de Rupert Julian e Lon Chaney no papel-título. O romance inspiraria diversos outros filmes, menos ou mais fiéis, dirigidos por nomes como Terence Fischer, Brian De Palma e Dario Argento.

1927 | 20 jan: Sai no *Le Journal des Voyages* o primeiro fascículo do último e inacabado romance de Leroux, *Les Chasseurs de Danses* (que viria a ser concluído por Charles de Richter). | 15 abr: Morte de Gaston Leroux, em Nice, após uma intervenção cirúrgica para tratar uma uremia.

1928 | Abr: A Editions Jeanne Gaston-Leroux dá início à reedição das obras esgotadas do autor.

1965 | Nov-dez: *O mistério do quarto amarelo* é exibido em telefilme, a primeira de diversas obras de Leroux adaptadas para a televisão.

1980: *O Fantasma da Ópera* estreia como balé na Ópera de Paris, com coreografia de Roland Petit e música de Marcel Landowski.

1986: *O Fantasma da Ópera* estreia na Broadway, como comédia musical de Andrew Lloyd Weber. Viria a ser o maior musical de todos os tempos, em cartaz há mais de trinta anos. A versão de Lloyd Weber seria também levada às telas, dirigida por Joel Schumacher.

1990: Publicação de *Pouloulou*, romance inédito de Gaston Leroux encontrado por seus netos.

Jane Eyre

*Charlotte Brontë*

O morro dos ventos uivantes\*

*Emily Brontë*

Alice\*

*Lewis Carroll*

Sherlock Holmes (9 vols.)\*

A terra da bruma

*Arthur Conan Doyle*

O conde de Monte Cristo\*

A mulher da gargantilha de veludo e outras histórias de terror

As aventuras de Robin Hood\*

Os três mosqueteiros\*

*Alexandre Dumas*

O melhor do teatro grego

*Ésquilo, Sófocles, Eurípides e Aristófanes*

O corcunda de Notre Dame\*

*Victor Hugo*

Carmen e outras histórias

*Prosper Mérimée*

Frankenstein

*Mary Shelley*

Drácula\*

*Bram Stoker*

O Homem Invisível

A máquina do tempo

*H.G. Wells*

A besta humana

*Émile Zola*

\* Disponível também em Edição Bolso de Luxo

Veja a lista completa da coleção no site [zahar.com.br/classicoszahar](http://zahar.com.br/classicoszahar)

Copyright da tradução © 2018, André Telles

Copyright desta edição © 2019:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Capa: Rafael Nobre Rodrigues Assad

Produção do arquivo ePub: Booknando Livros

Edição digital: maio de 2019

ISBN: 978-85-378-1841-1

CIP-Brasil. Catalogação na publicação

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

---

L626f

Leroux, Gaston, 1868-1927

O Fantasma da Ópera [recurso eletrônico]/Gaston Leroux; tradução André Telles; apresentação Rodrigo Casarin. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

(Clássicos Zahar)

recurso digital; 2 MB

Tradução de: Le Fantôme de l'Opéra

“Edição comentada”

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

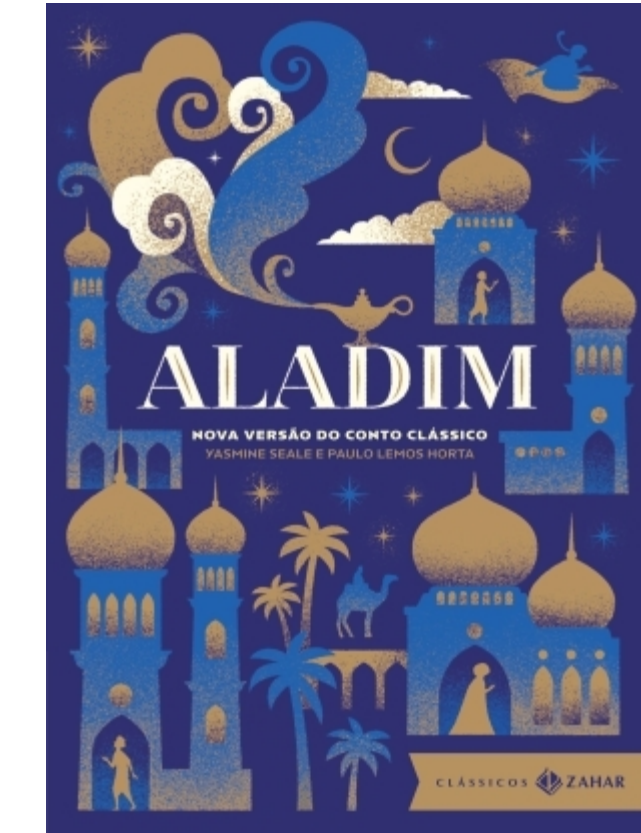
ISBN 978-85-378-1841-1 (recurso eletrônico)

1. Romance francês. 2. Livros eletrônicos. I. Telles, André. II. Casarin, Rodrigo. III. Título. IV. Série.

19-56944

CDD: 843

Leandra Felix da Cruz – Bibliotecária – CRB-7/6135



# ALADIM

NOVA VERSÃO DO CONTO CLÁSSICO  
YASMINE SEALE E PAULO LEMOS HORTA

CLÁSSICOS  ZAHAR

# Aladim: edição bolso de luxo

Horta, Paulo Lemos

9788537818367

144 páginas

[Compre agora e leia](#)

A história que inspirou o novo filme da Disney agora na coleção Clássicos Zahar Aladim finalmente ganha uma merecida edição individual que oferece ao leitor toda a riqueza deste conto de As mil e uma noites, como narrado por Sherazade. Habitualmente retratada como simples aventura infantil, a história do adolescente rebelde que luta pelo amor da princesa e pela lâmpada mágica mostra-se aqui muito mais rica e complexa. Esta nova versão, organizada pelo estudioso Paulo Lemos Horta e traduzida para o português a partir da aclamada versão inglesa de Yasmine Seale, recupera detalhes, sutilezas e a força narrativa do original. Podemos ouvir a voz feminina e única de Sherazade hipnotizando o Sultão que ameaça matá-la quando a história acabar – mantendo-o assim à espera do episódio seguinte, tal como nós. A versão impressa apresenta ainda capa dura e acabamento de luxo.

[Compre agora e leia](#)



# O CORCUNDA DE NOTRE DAME

VICTOR HUGO



CLÁSSICOS  ZAHAR

# O corcunda de Notre Dame

Hugo, Victor

9788537813980

624 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um clássico do romantismo francês que vai muito além da história de um amor impossível. Na Paris do século XV, a cigana Esmeralda dança em frente à catedral de Notre Dame. Diante da sua beleza, curvam-se o poeta Pierre Gringoire, o arqui-diácono Claude Frollo, o disforme sineiro Quasímodo e o capitão Phoebus de Châteaupers. O corcunda de Notre Dame, de Victor Hugo, retrata uma Paris ainda gótica que testemunha o fim de uma época e o início de outra. Essa edição traz texto integral e cerca de 30 ilustrações da época. Em sua versão impressa apresenta capa dura e acabamento de luxo.

[Compre agora e leia](#)

The background of the book cover is a complex fractal pattern, likely a Mandelbrot set, rendered in vibrant colors of orange, red, and blue. Overlaid on this is a grid of black lines that divide the cover into several rectangular sections. The text is placed within these sections.

IAN STEWART

*Autor de 17 espaços que mudaram o mundo*

# DESBRAVADORES DA MATEMÁTICA

Da alavanca de Arquimedes  
aos fractais de Mandelbrot

 ZAHAR

# Desbravadores da matemática

Stewart, Ian

9788537818497

328 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma história fascinante da matemática através das biografias de 25 grandes pioneiros. Apesar das origens aparentemente místicas de seus elementos, a matemática não surge num vácuo: ela é criada por pessoas. Algumas delas com impressionante originalidade e clareza mental, responsáveis por descobertas revolucionárias. São matemáticos pioneiros, desbravadores, visionários e altamente significativos. Ian Stewart nos apresenta a vida e a obra de 25 deles – homens e mulheres, antigos e modernos, de todas as partes do mundo – começando na Grécia Antiga de Arquimedes e chegando aos dias de hoje, com representantes de tendências novas como a geometria fractal de Mandelbrot. Indivíduos inspiradores, todos eles fizeram contribuições cruciais para seu campo, abrindo caminho para o conhecimento científico. São gigantes como Isaac Newton, com as leis do movimento e da gravidade, e Muhammad al-Khwarizmi, cujo trabalho nos deu o algoritmo e a álgebra. Também estão presentes gênios subestimados como Emmy Noether e Srinivasa Ramanujan e as figuras imensas de Pierre de Fermat, Carl Friedrich Gauss, Henri Poincaré, Ada Lovelace, Alan Turing, entre outros. Com seu estilo característico e mundialmente reconhecido de tornar a matemática acessível, Stewart dedica um capítulo a cada personagem. São relatos vívidos e fascinantes de trajetórias incríveis, que, lado a lado, formam uma história consistente do desenvolvimento da área.

[Compre agora e leia](#)

BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

STEVEN LEVITSKY & DANIEL ZIBLATT

# COMO AS DEMOCRACIAS MORREM

"Um livro perspicaz e muito bem fundamentado sobre  
como a democracia está sendo enfraquecida em  
dezenas de países - e de modo perfeitamente legal."

Fareed Zakaria, CNN



# Como as democracias morrem

Levitsky, Steven

9788537818053

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma análise crua e perturbadora do fim das democracias em todo o mundo Democracias tradicionais entram em colapso? Essa é a questão que Steven Levitsky e Daniel Ziblatt – dois conceituados professores de Harvard – respondem ao discutir o modo como a eleição de Donald Trump se tornou possível. Para isso comparam o caso de Trump com exemplos históricos de rompimento da democracia nos últimos cem anos: da ascensão de Hitler e Mussolini nos anos 1930 à atual onda populista de extrema-direita na Europa, passando pelas ditaduras militares da América Latina dos anos 1970. E alertam: a democracia atualmente não termina com uma ruptura violenta nos moldes de uma revolução ou de um golpe militar; agora, a escalada do autoritarismo se dá com o enfraquecimento lento e constante de instituições críticas – como o judiciário e a imprensa – e a erosão gradual de normas políticas de longa data. Sucesso de público e de crítica nos Estados Unidos e na Europa, esta é uma obra fundamental para o momento conturbado que vivemos no Brasil e em boa parte do mundo e um guia indispensável para manter e recuperar democracias ameaçadas. \*\*\* "Talvez o livro mais valioso para a compreensão do fenômeno do ressurgimento do autoritarismo ... Essencial para entender a política atual, e alerta os brasileiros sobre os perigos para a nossa democracia." Estadão "Abrangente, esclarecedor e assustadoramente oportuno." The New York Times Book Review "Livrão ... A melhor análise até agora sobre o risco que a eleição de Donald Trump representa para a democracia norte-americana ... [Para o leitor brasileiro] a história parece muito mais familiar do que seria desejável." Celso Rocha de Barros, Folha de S.

Paulo "Levitsky e Ziblatt mostram como as democracias podem entrar em colapso em qualquer lugar – não apenas por meio de golpes violentos, mas, de modo mais comum (e insidioso), através de um deslizamento gradual para o autoritarismo. Um guia lúcido e essencial." The New York Times "O grande livro político de 2018 até agora." The Philadelphia Inquirer

[Compre agora e leia](#)

J.-D. Nasio

# Sim, A PSICANÁLISE cura!

*“O paciente curado recupera-se mais facilmente dos transtornos provocados pelos acontecimentos perturbadores da vida.*

*Aprende que nenhuma dor é definitiva, nem absoluta...*

*Estar curado é poder reagir ao inesperado e reencontrar a capacidade de amar e de atuar.”*





# Sim, a psicanálise cura!

Nasio, J.-D.

9788537818480

112 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um livro que mostra através de casos clínicos comoventes como um psicanalista acompanha seus pacientes até a cura J.-D. Nasio expõe de modo original a sua concepção e a sua prática de como conduzir uma análise. O livro foi construído em torno de 8 exemplos de seu consultório – como o Homem de Negro; Amália, a mãe violenta; e Clara, a bebê que se deixava morrer. Autor de uma obra já consagrada e numerosa, Nasio explica em cinco etapas como a tarefa analítica se desdobra: da observação à interpretação, quando o analista "diz com clareza ao paciente o que este já sabia, embora confusamente". Apresenta ainda quatro variantes inéditas da interpretação do psicanalista, que leva à cura. E conclui que ao fim de cada análise "o advento da cura continua a ser um enigma". "Nasio escreve e trabalha com uma inventividade que evoca a recomendação de Lacan de que cada analista deve reinventar a psicanálise. Não teme parecer simplista, e pede aos psicanalistas que se concentrem no essencial: não percam de vista a finalidade do tratamento e seus pontos fortes. Através de formulações ricas e quase sempre surpreendentes, comunica-se com os leitores de modo simples e direto – como se também aí exercesse sua escuta –, deixando neles uma forte marca de como a psicanálise é bela e profunda." Marco Antonio Coutinho Jorge (PGPSA/UERJ)

[Compre agora e leia](#)